Telephones: (212) 737-0222
737-0223
Visits by appointment only

Cable: LIVRORARO NEW YORK

OFFER SUBJECT TO PRIOR SALE

RICHARD C. RAMER

OLD and RARE BOOKS
225 East 70th Street
New York, N. Y. 10021

DIAS DE CARVALHO, Henrique Augusto. A Lunda, ou os estados do Muatiânvua . . . Lisbon: Adolpho, Modesto, & Ca., 1890. 8vo, half morocco with original printed wrappers (dampstained) bound in. (4 l.), 422 p., some browning. $175.00

Dias de Carvalho (1843-1909) was in charge of the Portuguese expedition that traversed Angola in 1884-1888, with the aim of re-establishing trade through Angola and Katanga and reaffirming Portuguese rights to the area. The eight-volume report on that expedition (Expediçao portugueza ao Muatiânvua) was published from 1889-94, and is an important source for the history of Angola, since it includes information gathered from observation and primary sources on the culture and historical traditions of that area. A Lunda has a much narrower aim: to counter the claims of other European powers to Portuguese possessions by relating the agreements Dias de Carvalho made in the course of his expedition.

* Not in Martins de Carvalho; on the author, see I, 308-9.
NUC: DLC, CtY, NN, PPAN, MH, MiEM, WU.

MEMORIA

A LUNDA

OU

OS ESTADOS DO MUATIÂNVUA

DOMINIOS DA SOBERANIA DE PORTUGAL

Comprovados pela antiga expansão e influencia dos Portuguezes,
Convenções com as Nações Estrangeiras
e Estado Livre do Congo sobre a divisão politica do Continente Africano;
tratados, declarações e convenções com os diversos potentados
dos Estados indigenas,
embaixadas que teem vindo a Loanda e ainda pela correspondencia official
trocada entre o Chefe da Expedição Portugueza
ao Muatiânvua de 1884-1888 com as diversas auctoridades
portuguezas e indigenas.

POR

HENRIQUE AUGUSTO DIAS DE CARVALHO

LISBOA
Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43
1890

A LUNDA

TERRITORIO PORTUGUEZ

MEMORIA

A LUNDA

OU

OS ESTADOS DO MUATIÂNVUA

DOMINIOS DA SOBERANIA DE PORTUGAL

Comprovados pela antiga expansão e influencia dos Portuguezes,
Convenções com as Nações Estrangeiras
e Estado Livre do Congo sobre a divisão politica do Continente Africano;
tratados, declarações e convenções com os diversos potentados
dos Estados indigenas,
embaixadas que teem vindo a Loanda e ainda pela correspondencia official
trocada entre o Chefe da Expedição Portugueza
ao Muatiânvua de 1884-1888 com as diversas auctoridades
portuguezas e indigenas.

POR

HENRIQUE AUGUSTO DIAS DE CARVALHO

LISBOA
Adolpho, Modesto & C.ª — Imprèssores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43
1890

Ao Governo de Sua Magestade

A insistencia com que os interessados na Administração do Estado Livre do Congo, depois de ser do dominio publico o Tratado de Portugal com a Grã-Bretanha de que a região da Lunda ou os Dominios do Muatiânvua estão encorporados na possessão d'aquelle Estado e constituem o seu 12.º districto sob o nome do CUANGO-ORIENTAL, — *primeiro surprehendeu-me e depois incitou-me a extrahir com toda a brevidade dos trabalhos da minha Expedição ao Muatiânvua 1884-1888 em via de publicação e a colligir nesta Memoria todos os documentos que melhor compro-*

vem a minha asserção de que a Lunda é territorio portuguez e para onde ha muitos annos se faz a expansão dos Portuguezes europeus e africanos que habitam na provincia de Angola.

Na intenção de que ao Governo de Sua Magestade Fidelissima possa eu, no cumprimento de um dever, esclarece-lo devidamente na pendencia que parece vai suscitar-se perante o Conselho Federal da Suissa, na rectificação de limites entre Portugal e o Estado Livre sobre as suas possessões confinantes; é justo que me sejam relevadas quaesquer faltas que não poderão deixar de existir nesta rapida publicação.

Henrique Augusto Dias de Carvalho.

Lisboa, 31 de Agosto de 1890.
R. de S. José, 57.

Nobre Duque de Palmella

Dedicar a V. Ex.ª um trabalho desta ordem, se representa para o paiz, o tributo dum obscuro soldado, a um marinheiro distincto da Real Armada—que nos é exemplo no acrysolado amor pela Patria;—para mim particularmente significa ainda muito mais: quanto sou grato e reconhecido por V. Ex.ª vir expressamente do seu palacio a esta modesta casa de trabalho apertar a mão dum africanista que tambem sente o amor pela sua Patria.

O AUCTOR.

A LUNDA

Surprehendidos com o artigo que transcrevemos de *L'Indépendence Belge de Bruxelles n.º 221* de Domingo 10 do corrente, edição da noite:

Affaires du Congo

«*Le Siècle* a publié hier un entrefilet disant: qu'il serait question d'attribuer à l'Etat du Congo toute la région du Haut Kassai connue sous les noms de Lunda ou Muta-Yamvo, qui figure sur les cartes portugaises comme appartenant à la colonie portugaise de Lianda.

Suivant nos renseignements, la constatation du *Siècle* ne révèle, à proprement dire, rien de nouveau et il est inexact de présenter comme un «agrandissement de l'Etat du Congo», l'état de choses comprenant le territoire de Lunda, autrement dit le royaume de Mouata Yamvo, dans le territoire de l'Etat libre.

Le traité du 14 février 1885, entre le Portugal et l'Association internationale africaine, ayant désigné le cours du Kouango comme frontière respective du Portugal et de l'État li-

bre du Congo, l'Etat libre a toujours considéré la région indiquée par le *Siècle* comme comprise dans sa spèhre d'activité. Et en fait, déjà organisée administrativement, cette région est devenue, sous le nom de «Kouango oriental», le douzième district de l'Etat libre. Le district en question s'étend entre le Kouango et les districts du Kassai et de Loualaba. Le lieutenant Dhanis, qui avait déjà rempli plusieurs missions au Congo, en est nommé commissaire.»

— entendemos ser um dever da nossa parte, tornando-nos o mais laconico possivel, mas o bastante preciso, immediatamente nos dirigir-mos ao Redactor em chefe d'esta folha de modo a provar-lhe que nos encontrava dispostos a manter até á ultima em bem fundados argumentos os direitos de Portugal á região da Lunda de cuja occupação definitiva tenho tratado desde Janeiro de 1885 que assumi as funcções de *Residente politico* na propria região em todo o tempo que ali estive; e nesta cidade de Lisboa, desde que a ella regressei, 11 de Maio de 1888.

Apesar da nossa Imprensa periodica ter tido a condescendencia de dar publicidade á traducção da carta a que me reporto, fazendo-a acompanhar de considerações que muito me lisongeiam e acceito para o nosso paiz; parece-me conveniente para os leitores, collocal-a n'este logar:

«Sr. redactor da *Independencia Belga*: — No n.º 221 da vossa edição da noite de domingo 10 do corrente, sob o titulo *Negocios do Congo*, a proposito d'uma noticia duvidosa do jornal francez *Le Siècle*, causou-me admiração que v. affirme que a Lunda ou os dominios do Muatiânvua constituem o 12.º districto do Estado Livre sob o nome de *Cuango Oriental*, e que desse districto, é chefe o tenente Dhanis.

Permita v. lhe diga que a sua asserção não póde ser tomada a sério entre nós em Portugal, porquanto desde o dia 24 de março de 1884, muito antes da conferencia de Berlim, fui eu nomeado para todos os effeitos representante do governo de Sua Magestade Fidelissima n'aquella região portugueza, e pelas Instrucções que me foram confiadas em 28 de abril do mesmo anno, artigo 8.º e 18.º, assumi o cargo de «Residente politico» e tratei de tomar posse de todos os territorios que voluntariamente seus potentados collocaram sob o protectorado de Portugal.

Em 12 de novembro de 1887 meus collegas retiraram por doentes e eu, um anno depois, tive de regressar a Malanje para acompanhar uma embaixada do Muatiânvua que se dirigia a Portugal.

Aqui recebi um telegramma do Ministro dos Negocios da Marinha e Ultramar neste sentido: —*Major Carvalho, Lisboa. Relações com a embaixada do Muatiânvua por intermedio governador geral.*»

Cheguei a Lisboa em 11 de maio de 1888 e até agora ainda não fui exonerado da minha missão, tendo estado occupado com a publicação de todos os trabalhos durante os annos de 1884-1888.

Como não pude voltar em novembro do anno passado, que assim o queria o sr. Ministro de então, Ressano Garcia, apresentei para seguir em meu logar, na commissão de que prompto era necessario desempenhar, o tenente Simão Candido Sarmento, que para lá partiu.

Com respeito aos limites a que vos referis, marcados na Conferencia de Berlim, deveis lembrar-vos que os signatarios do Acto da Conferencia por parte de Portugal, vendo que o Estado Livre tomára a latitude do 6.º grau ao sul do Equador para limite sul d'aquelle Estado, entre o rio Cuango e o me-

rediano 24.º a leste de Green, admittiram, como os das outras potencias, que o rio Cuango fôsse o limite da provincia de Angola, com os territorios do Estado entre os dois parallelos que vinham tocar n'esse rio, e, portanto, dizendo-se no artigo 3.º da Convenção que o Cuango é o limite para sul com a nossa provincia, ficava subentendido até ao 6.º grau de latitude a sul do Equador.

E que assim o entendeu o proprio Estado Livre, nos prova o sr. Emilio Banning na sua *Divisão politica da Africa*, depois das transacções internacionaes mais recentes de 1885 a 1888 com a carta que lhe junta.

Como é, pois, que se imagina n'esta occasião que os territorios do Muatiânvua, de que eu tomei posse em nome do governo do meu paiz, constituem agora o 12.º districto do Estado Livre do Congo?

Em breves dias vos enviarei publicados todos os tratados e nomeações que fiz durante os annos de 1884-1888, periodo em que ainda se não falava em tal districto.

Sou, de v., um assignante do seu acreditado jornal, *H. de Carvalho*. — Lisboa, 15-8-90.

Na noite de 16, lia-se no bem redigido jornal *O Dia*, transcripto da *Gazeta de Portugal*, o seguinte artigo com que nos conformamos, mas ainda temos mais a accrescentar com respeito aos limites em que se deve conter o Estado Livre.

Diz elle:

«E' menos exacto que o Estado Livre considerasse sempre a região indicada pelo *Siècle* como comprehendida na sua esphera.

Tem sido simplesmente, ou podia ter sido, quando muito, uma pretensão, uma aspiração, á qual se contrapunha manifesta e invencivelmente o seguinte:

1.º Portugal nunca reconheceu, directa ou indirectamente, esta pretensão do Estado Livre do Congo a uma região que, bem pelo contrario, sempre reputou como dependencia da corôa portugueza, e que como tal figura, no proprio dizer do *Siècle*, e sempre figurou, nas cartas portuguezas.

2.º E' certo que o artigo 3.º da convenção entre Portugal e a Associação Internacional do Congo ao apontar as fronteiras que as duas partes contratantes adoptam nas suas possessões da Africa, diz:

«O parallelo de Noqui até a sua intersecção com o rio «Cuango;

«A partir d'este ponto, na direcção do sul, o curso do Cuango.»

E' evidente que se não diz que a linha de demarcação remonte o curso inteiro do Cuango até ás suas origens.

Importa saber até que ponto na intenção das partes contratantes, a qual expressamente se não declara n'este artigo, deve a linha seguir tal curso.

Declara-o expressamente o artigo 6.º da convenção da Associação com a Allemanha, e no mappa annexo que faz parte integrante inseparavel d'elle.

Diz, com effeito o artigo 6.º da convenção entre o imperio da Allemanha e a Associação Internacional:

«O imperio da Allemanha está disposto a reconhecer pela «sua parte as fronteiras do territorio da Associação, e do futuro «Estado, *taes quaes se acham na carta annexa.*»

O italico é nosso.

Ora no mappa que *se acha annexo* á convenção e faz parte integrante do artigo 6.º, a linha de demarcação segue o curso do

Cuango até proximamente o grau de latitude austral, o qual fórma o limite sul do Estado Independente até á margem do rio Subilach ou Sulona, cujo curso até á origem fórma a fronteira occidental do mesmo Estado.

E' esta, para assim dizer, a interpretação official do artigo 8.º da convenção de Portugal com o Estado Livre do Congo.

Portugal tambem sempre o entendeu assim. Essa interpretação é já do dominio publico. Todos a conhecem e a acceitam.

Poderamos citar muitos outros nomes auctorisados, muitos livros conhecidos.

Bastará apontar os seguintes: Banning, *Partage de l'Afrique;* Réclus, *Geographie Universelle;* Drogmans, *Notice sur l'Etat indèpendant do Congo.*

Finalmente, o *Atlas*, de Justus Perthers, cuja auctoridade scientifica é absolutamente indiscutivel.

Ninguem nos contradirá decerto.

Mas para a Belgica e para o Estado Livre do Congo, pelo menos, ha uma auctoridade mais importante, mais discutivel, uma auctoridade decisiva e ultima.

E' o proprio Estado Livre do Congo, que está n'este ponto absolutamente de accordo com Portugal e com as auctoridades especiaes que ahi ficam rapidamente apontadas.

E' ver o Boletim official do Estado Independente do anno de 1888, pag. 237 a 246.

É ver tambem a *Declaração,* de 1 de agosto de 1885, assignada pelo sr. Edm. Van Etvelde, e dirigida, em nome do Rei Soberano Belga e do Congo aos ministros dos negocios estrangeiros dos diversos estados representados na conferencia de Berlim.

N'essa *Declaração*, ao fixarem-se os limites do novo Estado, diz-se:

«O sexto parallelo de latitude sul até o ponto de intersec-
«ção do Cuango;

«O curso do Cuango até ao encontro do parallelo de No-
«qui.»

Nos proprios livros recentes *Le Chemin de fer du Congo*, da Administração do Estado Livre, e na ultima obra de H. Stanley, o verdadeiro Senhor do Estado, *Dans les Tenèbres d'Afrique, Recherche, Délivrance et Retraite d'Emin Pachá*, um e outro de 1890, actual anno; nas cartas que os acompanham, vê-se que o Estado Livre continua mantendo perante o mundo civilisado para limite S entre o rio Cuango e o merediano 24° a leste do merediano de Greenwich, a linha que passa pelo 6° grau lat. a S. do Eqr.

Com respeito ao citado merediano 24° é no que differem algumas cartas do proprio Estado ou dos que se interessam por esse Estado, havendo sempre a intenção que entre o 6° e 12° graus de lat. S do Eqr. seja o rio Lubilachi ou Rubirachi ou Rubiransi, isto é, o limite que se tem supposto ser os dos Estados do Muatianvua a leste, o do oeste, da parte do Estado Livre que se prolongou para sul até o 12° grau lat. S do Eqr., seguindo depois d'ahi pelas cristas das aguas dos affluentes do Zambeze para ir unir-se á ponta mais meridional do lago Bangueolo.

Para o lado oriental tambem todas as cartas, com respeito ao limite, estão de accordo com o que ficou assente na conferencia de Berlim, é ligada a referida ponta mais meridional do lago Bangueolo com a do Moero e contornando este pelo lado occidental segue depois da sua ponta mais ao norte directamente ao Tanganica e continua pela margem esquerda d'este para o norte.

Quer isto pois dizer, que o Estado Livre, no Acto da confe-

rencia de Berlim e até este anno, obteve que as potencias signatarias d'aquelle Acto e das Convenções que se lhe succederam lhes reconhecessem os limites que para si adoptou, sem o mais pequeno protesto, e note-se que Portugal, como já o disse no meu livro sobre o *Lubuco*, tinha todo o direito a fazer reclamações sobre este paiz, em que a capital Muquengue fica demais fóra do limite, isto é, a sul do 6° grau.

O proprio Estado n'essa época considerou e bem que não podia levar a sua exigencia de expansão além do 6° entre Cuango e Lubilachi, nem tão pouco mais a leste das linhas que unem os lagos pelos seus lados orientaes por reconhecer que Portugal tinha direitos incontestaveis a todos os estados que constituiam o reconhecido Estado do Muatiânvua.

Ainda assim com o meridiano 24.° cortou parte do paiz Samba (Ussamba de Cameron) que o proprio explorador inglez Cameron confessa que pagava tributos ao Muatiânvua, mas no entanto respeitou a Lunda do Muata Cazembe os Babissas e todos os Muatas e Muenes dependentes do Muatiânvua alguns visitados por Levingstone junto aos affluentes do grande Zambeze e confessado por este explorador, em constantes relações com os Portuguezes de Benguella.

Em 1885 foi quando se instituiu o Estado Livre do Congo e em janeiro de 1884 partia de Lisboa a expedição dos benemeritos exploradores Capello e Ivens com o fim de tratarem da occupação onde exerciamos influencia a leste dos districtos de Benguella e Mossamedes, isto é, na região do alto Zambeze septentrional e em maio, partiamos nós com o mesmo fim para os Estados do Muatiânvua, região da Lunda.

Quer isto dizer, ainda não existia o Estado Livre, tratava-se na Europa, a Gran-Bretanha e Portugal de chegarem a um accordo sobre um tratado com respeito ao Zaire, quando Portugal entendeu não demorar para mais tempo o que já em 1880

fôra planeado occupar os territorios no Centro do Continente entre as nossas provincias de Angola e Moçambique por meio de Estações Civilisadoras, imitação das Patrulhas que ha seculos se instituiram na provincia de Angola e ainda hoje existem de Loanda a Cassanje, onde por vezes e em epochas muito distantes tiveram hospedagem Levingstone e todos os exploradores estrangeiros que tem atravessado a nossa provincia n'aquelle sentido.

Em julho de 1884 encontramo-nos em Malanje com uma pleiade de exploradores allemães de que era chefe o sympathico e jovem official de infanteria W. Wissmann que por conta da Sociedade Africana de Berlim que trabalhava de accordo com a Associação Internacional fundada pelo Rei dos Belgas se dirigia ao Lubuco onde o dr. Paul Pogge pouco tempo antes, por doente, deixára a sua residencia na margem do Lulua sendo o fim daquelles procurarem uma linha fluvial de facil navegação para o grande Zaire.

Até esse tempo longe estava Portugal de pensar que auxiliando os exploradores allemães nos seus intentos estava cooperando para a empreza de H. Stanley que só principiou a manifestar-se seis mezes depois.

A Expedição Portugueza que eu dirigi tinha o encargo de estabelecer Estações a partir de Malanje e luctando com a falta de carregadores, por isso que a grande expedição allemã e a maior de Machados & Carvalho que sete mezes antes d'esta tambem fôra para o Lubuco, tinham apurado todos os homens acostumados áquelle serviço nos sobados do grande concelho de Malanje, teve de marchar por secções e não obstante isso em 31 de outubro do mesmo anno, 1884, a primeira estabelecia-se definitivamente alem Cuango.

A este tempo os nossos benemeritos exploradores Capello e Ivens estavam no Alto Zambeze, notando-se que seu pri-

meiro accampamento junto ao grande rio fôra em 11 de setembro.

Portanto as duas expedições portuguezas que partiram de Lisboa no primeiro semestre de 1884 quando ainda se não pensava na Europa na creação do Estado Livre do Congo, já estavam por ordem do seu governo nas regiões centraes do Continente onde ha seculos chegava a influencia da esphera de sua actividade e no desempenho das Instrucções que lhe foram confiadas.

*

* *

Em 14 de fevereiro de 1885 fez-se em Berlim a Convenção entre Portugal e a Associação Internacional do Congo fundada pelo Rei dos Belgas no desejo de regular as relações da Monarchia portugueza com a Associação e ao mesmo tempo fixar os limites das suas possessões respectivas na Africa Occidental no que interveio como medianeira amigavel a Republica Franceza.

Qual foi a fixação d'esses limites? Dil-o o art. 3.º d'essa convenção:

Partindo da embocadura do rio Zaire até ao Noqui seguindo os pontos indicados sobre que não tem havido contestação, o parallelo d'este até á sua intersecção com o rio Cuango, a partir d'este ponto na direcção do sul o curso do Cuango.

E porque se não definiram os limites a leste da nossa provincia de Angola com as possessões da Associação Internacional? porque a Convenção em Portugal foi feita em virtude das Convenções já feitas por aquella Associação com os Estados Unidos da America, Imperio da Allemanha, Inglaterra, Italia, Austria-Hungria, Paizes-Baixos, Hespanha, França e Reinos Unidos da Suecia e Noruega nas datas de 22 de abril, 8 de

novembro, 16, 19, 24 e 29 de dezembro de 1884, 7 de janeiro, 5 e 10 de fevereiro de 1885 e tres d'estas com um caracter especial conteem determinação de limites, sendo a pri meira a de Allemanha de 8 de novembro de 1884 que no seu art. 6.º reconheceu as fronteiras do territorio da Associação, o do *novo Estado a crear*, taes como foram indicadas na carta junta á mesma Convenção; e lá está entre o Cuango e o Lubilachi ou antes o meridiano 24.º a leste de Graeenwich, o parallelo 6.º a sul do Equador como seu limite.

E depois d'isto, e depois de assignado o Tratado da Gran-Bretanha com Portugal sobre a antiga questão do Zaire que por opposição da Allemanha e da França não chegou a ser ratificado; é que se preparou a conferencia de Berlim cujo Acto geral foi assignado aos 26 dias do mez de fevereira de 1885 e é d'esta conferencia que sahio o novo Estado devido á iniciativa do Rei dos Belgas que passou a denominar-se Estado Livre do Congo, *territorialement constitué aujourd'hui dans des limites precises*, que eram os limites reconhecidos pela Allemanha e todas as demais potencias que haviam concluido Convenções com a Associação Internacianal do Congo.

O Estado do Congo diz E. Banning, sahiu da conferencia de Berlim, reconhecido, *delimitado*, neutralisado em principio, cercado de apoio e saudado pelas acclamações de toda Europa.

No 1.º de agosto de 1885 o Rei-Soberano do novo Estado a todas as potencias fez declaração em respeito á neutralidade, mostrando quaes os limites d'esse Estado, resultado dos tratados successivamente concluidos pela Associação Internacional com a Allemanha, a França e Portugal, trabalhos notificados na conferencia de Berlim e annexos aos seus processos e são os seguintes:

Au nord:

Une ligne droite partant de l'océan Atlantique et joignant l'embouchure de la rivière qui se jette dans la mer au sud de la baie de Cabinda, près de Ponta Vermelha, à Cabo-Lombo;

Le parallèle de ce dernier point prolongué jusqu'à son intersection avec le méridien du confluent du Culacalla avec le Luculla;

Le méridien ainsi déterminé jusqu'à sa recontre avec la rivière Luculla;

Le cours du Luculla jusqu'à son confluent avec le Chiloango (Luango-Luce);

La rivière Chiloango depuis l'embouchure du Luculla jusqu'à sa source la plus septentrionale;

La crête de partage des eaux du Niadi-Quillou et du Congo jusqu'au delà du méridien de Manyanga;

Une ligne à déterminer et qui, suivant autant que possible une division naturelle du terrain, aboutisse entre la station de Manyanga et la cataracte de Ntombo-Mataka, en un point situé sur la partie navigable du fleuve;

Le Congo jusqu'au Stanley-Pool;

La ligne médiane du Stanley-Pool;

Le Congo jusqu'à un point à determiner en amont de la rivière Licona-Nkundja;

Une ligne à déterminer depuis ce point jusqu'au 17e degré de longitude est de Greenwich, en suivant autant que possible la ligne de partage d'eaux du bassin de la Licona-Nkundja;

Le 17e degré de longitude est de Greenwich jusqu'à sa jonction avec le 4e parallèle de latitude nord;

Le 4e parallèle de latitude nord jusqu'à sa jonction avec le 30e degré de longitude est de Greenwich.

A l'est:

Le 30e degré de longitude est de Greenwich jusqu'à la hauteur de 1° 20′ de latitude sud;

Une ligne droite menée de l'intersection du 30′ degré de longitude est avec le parallèle de 1° 20′ de latitude sud jusqu'à l'extrémité septentrionale du lac Tanganyka;

La ligne médiane du lac Tanganyka;

Une ligne droite menée du lac Tanganyka au lac Moero par 8° 30′ de latitude sud;

La ligne médiane du lac Moero;

Le cours d'eau qui unit le lac Moero au lac Bangweolo;

La rive occidentale du lac Bangweolo.

Au sud:

Une ligne menée de l'extrémité méridionale du lac Bangweolo jusqu'à la rencontre du 24e degré de longitude est de Greenwich et suivant la crête de partage entre les eaux du Congo et celles du Zambèse;

La crête de partage des eaux qui appartiennent au bassin du Kassai entre le 12e et le 6e parallèle de latitude sud;

Le 6e parallèle de latitude sud jusqu'au point de intersection du Quango;

Le cours du Quango jusqu'à la rencontre du parallèle de Nokki;

Le parallèle de Nokki jusqu'à la rencontre du méridien qui passe par l'embouchure de la rivière de Uango-Uango;

Le cours du Congo depuis le confluent de la rivière Uango-Uango jusqu'à la mer.

A l'ouest:

L'océan Atlantique, entre l'embouchure du Congo et la rivière qui débouche au sud de la baie de Cabinda, près de Ponta Vermelha.

Observação—É o normando nosso, para que o leitor conheça

que a grandeza do Cuango que limita a nossa possessão de Angola com a do Estado Livre ficou bem determinada pelo Soberano do Estado na sua declaração ás potencias signatarias do Acto da Conferencia de Berlim.

Depois do que fica exposto, vê-se bem que sendo tão insignificante, em relação á grandeza territorial das possessões da provincia de Angola e á que pertencia a Associação Internacional,—a parte do rio Cuango que as delimitava; que se não distinguiu esse limite que era o de leste da provincia com a possessão da Associação; e bastou dizer que depois da intersecção do parallelo do Noqui, o resto era o curso do Cuango para o sul; e comprehendia-se até ao encontro do outro parallelo que seguia pelo 6° grau S do Equador do Cuango até ao meridianno 24° a leste do de Greenwich.

Está, pois, bem demonstrado que nunca o novo Estado, nem antes a Associação Internacional, pensaram de se apossar da Lunda ou dos territorios do Estado de Muatiânvua.

Vejamos agora se Portugal pela sua parte desistiu dos seus direitos de seculos sobre esta região?

De modo algum. No acto da conferencia de Berlim considerado o territorio do Muatiânvua delimitado a norte e leste pelo Estado Livre do Congo, a oeste pelo Cuango e a sul por uma linha tortuosa passando entre as nascentes dos affluentes do Zambeze e as dos affluentes do Zaire, ou melhor as cristas divisorias d'aquellas aguas;—apenas se considerou esse territorio, como se consideraram: o Estado Livre e uma parte a norte da nossa provincia e outras regiões, dentro dos limites do commercio livre; e por esse facto Portugal, não desistiu continuar a exercer direitos de soberania ou de protectorado, não só sobre esse como sobre outros territorios mais a sul e a leste, porque tinha a seu favor os tres artigos 10.°, 11.° e 12.° do capitulo III—Declaração relativa á neutralidade dos

territorios comprehendidos na bacia convencional do Congo, do Acto Geral da Conferencia de Berlim.

Portugal n'essa conferencia não tratou de fixar os limites das suas possessões no Continente, nem dos terrenos que estavam na esphera de sua influencia; apresentou-se apenas com a Convenção que fizera com a Associação Internacional que passou para o Estado Livre, o mesmo que se deu com as outras potencias.

Além d'isso, não se ignorava no mundo civilisado que Portugal em março de 1884 organisava em Lisboa uma Expedição de que eu era chefe para ir ao Estado do Muatiânvua reatar as antigas relações com o seu potentado e outros fins, sendo o primeiro jornal estrangeiro a dar noticia da organisação d'essa expedição, o *Times* de Londres.

*

* *

Sem querermos remontar ao que passou á historia e tão desprezado tem sido pelas nações estrangeiras á falta de argumentos para nos contestarem os nossos valiosos direitos de conquista, de descobertas e de explorações; recorrendo apenas ao que é dos nossos dias e bem presente ainda entre os actuaes indigenas da região a que me reporto, principio por lembrar uma affirmação do serio explorador dr. Mrx Buchner, n'uma conferencia em Loanda, na noite de 1 de setembro de 1881, depois do seu regresso da Mussumba:

«Estou convencido que, depois de *Rodrigues Graça*, foi a minha, a comitiva mais rica que ali appareceu.»

Não fui eu, foi o meu estimado amigo o dr. Buchner, quem

primeiro nos apresentou este respeitavel e lembrado nome para Portugal porque d'elle ouviu fallar muitas vezes no transito para a Mussumba de Cauenda e n'esta Mussumba onde esteve seis mezes.

O velho portuguez europeu, negociante sertanejo, deixou a sua moradia no Bango Aquitamba no Golungo-Alto em 24 de abril de 1843, para passar ao interior do Continente n'uma exploração commercial, tendo recebido antes, 18 de março, instrucções especiaes sobre fins politicos do governador de Angola, José Xavier Bressane Leite.

A exploração commercial era de sociedade com D. Anna Joaquina dos Santos Silva, já muito conhecida nos sertões de além Cuango, onde mantinha relações, e era conhecida por Dembo e Alala, senhora dos mattos de Angola, titulo que os indigenas julgavam devido á protecção de Sua Magestade Fidelissima.

Dirigiu-se Graça primeiro ao Bié, aonde chegou em 6 de junho do mesmo anno. Aqui demorou-se até 6 de maio de 1846, de onde partiu, por entre o 12° e 10° graus a S. do Equador, para a Mussumba do Muatiânvua então em Cabebe, tendo passado o Cassai e seguindo rumo do norte marginando o Lulua e a certa altura dirigiu-se directamente a Cabebe, onde chegou em 3 de setembro d'esse anno e ahi se estabeleceu até novembro de 1847.

Antes d'elle, já tinha estado n'aquella Mussumba o europeu Romão, tambem negociante, que falleceu nas terras da Lunda.

Não fôra possivel a Rodrigues Graça demorar-se por mais tempo na Mussumba esperando ordens do governador de Angola para fazer occupar as capitaes dos Regulos mais importantes com quem havia tratado sobre essas occupações, nem tão pouco poude satisfazer aos pedidos do Muatiânvua que queria uma auctoridade e forças militares de Sua Magestade Fi-

delissima na Mussumba e fossem na sua companhia no regresso a Loanda seu tio Quiota e outros fidalgos para receberem ordens do governador de Angola.

Em principios de 1848 estava em jornada de retirada, com destino a Loanda, Joaquím Rodrigues Graça; e estabelecia-se em terras do grande potentado Xa Cambunje, na margem direita do Cassai, no 10°, 30′ lat. S. do Eqr., outro negociante sertanejo portuguez, Lourenço Bezerra Correia Pinto, a quem o Muatiânvua mandou chamar de 1849 para 1850 para ir estabelecer-se na Mussumba (Cabebe).

Em 1850, pouco mais ou menos, estabeleceu-se em Quimbundo o portuguez Carneiro com uma feitoria commercial, que depois se desenvolveu e tornou-se commercial e agricola, associando-se mais tarde a Carneiro, seu empregado Saturnino de Sousa Machado, sob a firma Carneiro & Machado, e por ultimo se mantem ainda hoje só sob a firma de Machado; da qual varios portuguezes e entre outros João de Carvalho (vulgo da Catepa), Antonio Lopes de Carvalho e tambem me lembra José do Telhado foram seus aviados no commercio e percorreram em diversos sentidos todo o interior da Lunda e permaneceram em algumas das suas melhores localidades.

E' depois d'esta data que Gonçalves e João Baptista, de Benguella, commerciantes portuguezes europeus, se teem internado pelos sertões da Lunda, chegando este ultimo, por mais de uma vez, a estar estabelecido e por bastante tempo no Cassongo de Cameron no Niiangue.

Lourenço Bezerra estabelece-se definitivamente na Mussumba, dirigindo então uma colonia agricola importante de Ambaquistas, com o auxilio de braços lundas em 1860, e retira pouco antes da chegada do explorador dr. Buchner em dezembro de 1879, por estar bastante mal da vista, doença de que morreu, depois de ter cegado em meados do anno de 1885, em Loanda.

Saturnino Machado, constituindo uma sociedade, foi com um dos associados, Antonio Lopes de Carvalho, em novembro de 1883 para Cabau no Lubuco do Muquengue, deixando a sua feitoria no Quimbundo entregue aos seus empregados portuguezes. [1]

Em Mona Samba Mabango, tribu de Xinjes, deixamos estabelecidos, entre outros portuguezes, José Antonio do Vasconcellos, Fragoso Garcia, Braga e seu irmão.

No Capenda Camulemba, chefe principal dos Xinjes, Diogo Fernandes de Sousa e Silva e outros.

Junto de Mona Muchico (Quiniama) na margem direita da Luchico mantem-se ha muitos annos Correia da Gama e outros.

No Cabango está ha 15 annos residindo com uma colonia de Ambaquistas, Caetano Xavier da Silva.

Na margem esquerda do Chiumbue, em povoações de Quiocos, estão residindo desde 1877 diversos Ambaquistas, dois dos quaes conheci: um, João da Silva, e outro, Manuel Cuquemba.

Tudo isto prova, emfim, que depois de 1845 até esta data sem interrupções, teem residido em diversas localidades da Lunda e na propria Mussumba do Muatiânvua, Portuguezes, europeus e africanos; que tanto estes como os indigenas manteem constantemente relações commerciaes a região a norte do parallelo 10° a S do Eqr., com os diversos conselhos do districto de Loanda; e a região a sul com as do districto de Benguella.

A maior parte dos Ambaquistas, sobretudo os cabeças de

---

[1] A leitura do meu livro — *O Lubuco* — escripto o anno passado, muito esclarece sobre os estabelecimentos portuguezes que de 1857 para cá tem havido na região da Lunda e sobre muitos viajantes que por lá transitaram.

nucleos de colonisação, pelo facto de saberem ler e escrever, coser e alguns trabalhar de sapateiro, ferreiro, etc., são muito estimados dos potentados indigenas, são seus secretarios e a maior parte seus parentes, porque vivem maritalmente ou com uma sua filha, ou sua sobrinha, ou sua prima, ou, emfim, com uma parenta qualquer, concessão que é feita pelo potentado ao Ambaquista como prova que o distingue por ser Portuguez da sua amisade e muita confiança; e assim se contam muitas mulheres lundas com filhos portuguezes que os paes educam como os seus os educaram.

E' rara a povoação, em territorio da Lunda, onde se não topa com um portuguez filho de Angola, e tambem podemos dizer nos concelhos do districto de Loanda que visitámos, raro é aquelle onde se não encontra homens, mulheres e filhos de Angolenses e mulheres da Lunda completamente modificadas nos seus usos e costumes.

Tenho a consciencia de haver explicado bem este facto, não só no citado livro — *O Lubuco* — mas ainda na Carta que, sob o titulo — *L'influence de la civilisation latine et surtout portugaise en Afrique*, que no 1.º de agosto de 1880 tomei a liberdade de dirigir a Sua Magestade o Rei dos Belgas, para esclarecimento na Conferencia de Bruxellas, sobre a magna questão da escravatura e da escravidão no centro d'Africa; por isso direi agora apenas, se na Europa a emigração dos povos é um facto natural, se as correntes de emigração se dão muitas vezes em sentidos oppostos entre os mesmos paizes; se onde se dá a colonisação nos paizes para que se migra, se nota tambem o facto das reversões; porque não encontraremos natural a expansão expontanea dos Portuguezes naturaes ou europeus da provincia de Angola para além Cuango?

Se a area territorial, tanto da provincia de Angola como aquella, a da Lunda, para onde ha mais de um seculo tende

constantemente a fazer-se a expansão dos seus habitantes fossem de menores grandezas, tornar-se-hia muito mais palpavel as correntes que em sentido contrario migram e se fixam pelo menos por alguns annos; se houvesse mesmo um cadastro dos nascimentos, de obitos e de entradas e de sahidas de Portuguezes europeus e africanos em qualquer das tribus ou estados que constituem a Lunda; e semelhantemente na nossa provincia com respeito aos individuos oriundos da Lunda; ver-se-hia que nas totalidades já não eram indifferentes os numeros, quer tratando da emigração, quer da colonisação, quer das modificações de usos e costumes.

A expansão de Ambaquistas, para além do seu recinto, já deu na provincia de Angola desenvolvimento ás populações indigenas de Pungo, Andongo, Duque de Bragança, Malanje e Cassanje e territorios para norte d'estes dois ultimos concelhos.

Mais tarde, não só os Ambaquistas, mas os transformados por elles e todos debaixo da denominação de *quimbares*, continuaram a expandir-se para além do Cuango até aos confins a leste do Muatiânvua.

Esta expansão, que tem sido expontanea e feita a pouco e pouco sem que o tenham percebido as auctoridades portuguezas, comsigo arrastou a educação da infancia dos emigrantes e o mais é, a lingua, um dialecto de ambundo e portuguez póde dizer-se um creoulo que tambem se fala entre os diversos povos que hoje habitam a Lunda.

Se isto não é uma occupação effectiva, mantida ha muitos annos por portuguezes nos Estados do Mnatiânvua, por faltar as auctoridades constituidas por parte do Governo de Portugal, o que se não póde negar é que entre a nossa possessão de Angola e aquelles Estados nunca houveram limites que nos separassem; era tudo como se fosse uma, unica possessão,

para onde reciproca e voluntariamente migravam os indigenas de um e do outro lado do rio Cuango.

E quando se trata do alargamento de espheras de influencia de qualquer potencia sobre territorios visinhos, decerto que as melhores bases são as intimas relações que se manteem pela expontaneidade dos povos e começadas de ha seculos.

Mas estas relações não são d'aquellas que na actualidade se attribuem ao dominio que pretendem exercer os povos civilisados sobre os não civilisados, isto é, de um lado a humilhação, do outro a força, cercada de todos os instrumentos aprefeiçoados, — de modo que só com estes, um pequeno numero seja bastante para impôr-se a numero muito maior, mas indefeso.

Não, senhor. Estas relações são, além de commerciaes, de amisade, familiares, e os emigrantes civilisados, ou antes, pois me parece mais adequado, os ex-patriados voluntarios civilisados, sujeitam-se sem repugnancia ás auctoridades constituidas entre os indigenas e se algumas pendencias teem com os habitantes da povoação em que vive ou com estranhos, submettem as decisões de suas querellas ao chefe da povoação ou da tribu ou do Estado e acceitam bem as decisões.

E não se pense ainda, como é vulgar querer fazer suppôr, que o fim principal de manter estas relações por parte dos indigenas é a da permutação de gente que lhes não serve por artigos de commercio europeu. Já Joaquim Rodrigues Graça (note-se), em 1846, ouviu ao Muatianvua Noeji:

«Tenho ouvido dizer que já (referia-se aos negociantes de Angola) não compram tantos escravos e que mais procuram cera e marfim; e a prohibição d'elles tem causado a falta de fazendas e mais generos do nosso consumo, motivo porque os negociantes teem soffrido prejuizos; além de que, está em pra-

tica escravisar os que commettem crimes de assassinio, roubo, adulterio, desobedientes, feiteiceiros, e não havendo quem os compre, somos obrigados a mandal-os matar para exemplo dos mais, e se o Muene Puto prohibir a venda d'elles, outro meio não me resta para punil-os.

«Foram mais felizes os meus antecessores, porque commerciaram em escravos: elles eram procurados n'estas terras; havia abundancia de fazendas, agora faltam. Estou prompto a cumprir as ordens de Muene Puto, [1] mas ha de elle conceder a compra dos meus escravos para o Calunga (para embarque, destino ao Brazil) e que seja o commercio como no tempo dos meus antecessores.»

A resposta de Rodrigues Graça foi, como não podia deixar de ser:

«O que a lei ordena, Muene Puto não desfaz e achando-se abolido o trafico de escravos, não se póde conceder a sua exportação. Podeis vendel-os em vossas terras, mas elles serão empregados na lavoura, pesca, caça e em outros officios, que nos são uteis; empregae-os tambem na agricultura e na caça de que tanto abundam as vossas mattas. Se annuirdes, o Governo fará em vosso beneficio o que puder e se não acceitaes os meus conselhos, não vos deveis queixar do resultado.»

E' de crer que fosse de facto a abolição do trafico, isto é, quando os indigenas começaram a comprehender que era uma realidade, por parte das auctoridades portuguezas, essa abo-

---

[1] O Muene Puto n'este caso era o governador Bressane Leite que R. Graça representava; as ordens, era não vender gente aos negociantes de Angola.

lição, e que medidas repressivas se adoptaram contra os infractores da lei; que principiaram a affluir as terras da Lunda expatriados voluntarios dos concelhos mais a leste do districto de Loanda; não direi que estes fossem colonos, mas sim aventureiros que ali encontravam onde exercer com mais vantagem os conhecimentos adquiridos pela sua educação, sendo certo que, passados alguns annos, tinham constituido familia, e todos procuravam adquirir meios para regressarem á provincia e estabelecerem-se nas localidades que mais lhes convinha, sendo raro o que voltava á terra da sua naturalidade; e é Ambaca quem mais se sente d'esse facto, pois póde dizer-se que nem lenha possue.

Depois de Joaquim Rodrigues Graça, havendo nos concelhos mais a leste da provincia de Angola, continuadamente noticias da região da Lunda pelas comitivas do commercio indigena da provincia de Angola que todos os annos atravessavam em diversos sentidos essa região em procura de borracha e de marfim; é certo que, essas noticias não chegavam á Europa, onde ainda em 1874 o Muatiânvua era o tal potentado famigerado que se sentava em um throno constituido de grandes dentes de marfim e não se sentava ou levantava do throno sem se apoiar com as pontas das duas lanças, que por distincção usava uma em cada mão para sondar o terreno que pisava, sobre o peito ou sobre as costas dos escravos que humilhantemente se prostravam em torno d'esse throno.

Grande foi, pois, o pasmo dos exploradores allemães, dr. Paul Pogge e tenente A. Lux, quando, no anno de 1875, em Malanje, reconheceram que, na capital, todos os portuguezes europeus estavam em directas relações com os principaes potentados de toda a Lunda e com o proprio Muatiânvua e tinham de aprender a lingua portugueza para se poderem fazer comprehender n'aquella região.

Chegando a Quimbumdo, de onde regressou Lux, maior foi o seu espanto quando foram recebidos principescamente na feitoria de Saturnino Machado e este lhes provou que em todos os estados e tribus que constituem os dominios do Muatiânvua, encontrariam Portuguezes promptos a darem-lhes a costumada hospitalidade, principalmente continuando a trilhar o caminho em que iam, aberto pelos Portuguezes para a Mussumba e que toda essa vastissima região até ao Luallaba entre o 6° e 12° graus de lat. a S do Eqr. estava explorada e muito conhecida dos Portuguezes; e se d'ella não havia publicidade na Europa era isso devido aos Portuguezes estarem tão familiarisados nessa região como se fosse sua propria, e na maior parte andarem por ali não como simples amadores de viagens e de curiosidades e sim tratando de seus interesses, de alcançarem recursos que melhor lhes proporcionasse a lucta pela vida.

Retirou o dr. Pogge em 1876 e nunca se publicou o relatorio dessa sua viagem e o que d'ella conheço escripto ultimamente por E. Réclus, não é só deficiente relativamente ao que J. Rodrigues Graça relatou em 1847, mas muito imperfeito, não obstante a maior parte das informações lhe serem fornecidas por escripto por Lourenço Bezerra Correia Pinto.

Seguiu-se ao dr. P. Pogge, Otto Shütt em 1877, que, com Portuguezes, foi amparado de povoação em povoação depois das difficuldades com que luctaram outros Portuguezes para lhe alcançar passagem no rio Cuango e ainda assim tendo chegado ás terras de Maii Munene, na margem direita do rio Luachimo, viu-se forçado a retirar.

O modesto dr. Max Buchner preparou-se em Malanje com o indispensavel estudo da lingua portugueza e conhecendo que a região da Lunda estava muito conhecida dos Portuguezes pelas explorações commerciaes que todos os annos ha muito tempo para ahi se dirigiam, suppoz tirar partido para a sciencia

e intentava proseguir no projecto de travessia de seu antecessor Pogge pela Mussumba do Muatiânvua e elle que por vezes eu tenho manifestado suas superiores qualidades é quem nos diz:

«Não me é dado fazer uma narração de successos que possam comparar-se com as dos grandes viajantes africanos, porque nem percorri territorios desconhecidos, nem os caminhos por onde transitei me offereceram ensejos para novas descobertas para a sciencia.»

Era o principal intento do nosso amigo Buchner faser a travessia para Zamzibar, o que não poude infelizmente conseguir por imperiosas circumstancias.

É depois delle, que voltou em 1881 o dr. Pogge com Wissmann que então por conselhos de Saturnino Machado com guias que lhes forneceu, bons empregados portuguezes que este e seu irmão lhes proporcionaram e ainda com o auxilio do Quiõco Mona Congolo e seu sequito seguiram para o Lubuco de que era chefe Muquengue que já estava relacionado com Portuguezes.

São pois os illustrados exploradores allemães, os ultimos e outros que se lhe seguiram depois em 1884 que trabalharam para a constituição do Estado Livre do Congo, bons testemunhos do que temos asseverado com respeito ás intimas relações de Portuguezes com os povos da Lunda.

*

* *

A area territorial da Lunda, isto é os dominios conhecidos do Estado do Muatiânvua são ainda pelos homens mais velhos das tribus considerados, terminando a norte no 6.° grau lat. S do Eqr., a Oeste o Cuango até ás nascentes, a sul se-

guindo as cristas das divisorias de aguas que correm para o Zaire e Zambeze e a leste na parte mais a sul estendendo-se até ao Cazembe e ao norte do parallelo 10.º confinando com as terras do Samba, Rua e Cassongo.

Já se vê que estas delimitações são as reconhecidas pelos indigenas porque embora povos extranhos tenham vindo estabelecer-se e crear povoações dentro dellas e não paguem tributos aos Muatas da Lunda; é certo que estes mesmo dizem sem o pensamento reservado de humilhação ou obdiencia ao Muatiânvua que as terras onde estão pertencem ao Muatiânvua e d'estes ha mesmo potentados que asseveram que aquellas terras lhes foram dadas pelo Muatiânvua.— É uma lênda que passa e se mantem, sem que possam dizer que Muatiânvua as deu e qual dos seus ascendentes, o que as recebeu.

Costumaram-se estes povos a considerar os das tribus a norte do 8.º os mais selvagens com excepção de entre o Luangue e o Cassai que os contam para o norte do 7.º e por isso foi para elles de grande surpreza ha 20 annos que junto ao 6.º entre o Cassai e o Lulua se tivesse encontrado um povo que se destinguia dos visinhos e tão promptamente se disposesse a modificar seus costumes barbaros do que tiraram proveito os Portuguezes de Angola — refiro-me ao Lubuco do Muquengue de que já dei conhecimento; povo este que ainda hoje não me posso conformar faça parte do Estado Livre.

E a proposito direi que na Conferencia de Berlim, as potencias signatarias do Acto geral corroborando as convenções especiaes de cada uma, com Associação Internacional fundada pelo Rei dos Belgas, deviam resalvar o que não foi resalvo na demarcação de limites da area territorial da Associação que eram os direitos de terceiros.

A convenção com a Allemanha que teve lugar, sem que Portugal o soubesse em 8 de novembro de 1884, a primeira

que teve o caracter especial de limites, admittindo-os, teria evitado complicações futuras, se como na Convenção que mais tarde fez com Portugal respeitasse as reclamações de terceiros.

O grau 6.º foi considerado limite sul entre os rios Cuango e Lubilachi para o territorio da Associação e Portugal quando se viu forçado a fazer a Convenção com a Associação no que respeitava ao limite da sua provincia de Angola, tendo de acceitar o que existia para leste e o parallelo que passa pelo Noqui até ao Cuango, já não podia salvar dos limites do novo Estado uma colonia importante de Portuguezes, estabelecida havia annos no Muquengue e nos povoados importantes Cabau, nas margens do Moanzangoma e outras localidades; notando-se que a este tempo já n'esse paiz tinha estado o fallecido sertanejo Silva Porto e lá estavam estabelecidos um em Cabau e o outro em Loebo os dois europeus Saturnino Machado e Antonio Lopes de Carvalho.

Como se fez a constituição do Estado do Muatiânvua e como estão distribuidos os povos, dil-o o meu livro especial.— *Ethnographia e historia tradicional dos povos da Lunda*, Cap. I o que respeita mais particularmente ao paiz Lubuco, além da memoria ja citada — muitos esclarecimentos se encontram em outro meu livro — *Viagem da minha Expedição, de Loanda ao Cuango*, Cap. II, III e IV; — e para todos estes trabalhos chamo a attenção do leitor e dos que mais se interessam pela nossa causa em Africa.

Com o que fica exposto e com o que se lê nos trabalhos para que chamei a attenção dos leitores, parece que Portugal tem argumentos sufficientes para continuar a manter de preferencia a qualquer outra Nação a influencia que sempre tem exercido sobre os povos da Lunda ou dominios do Muatiânvua e não ha o mais pequeno motivo para que a administração do Estado Livre do Congo possa actualmente basear as suas pre-

tenções a ultrapassar os limites que a si mesmo marcou perante as potencias signatarias do Acto geral da Conferencia de Berlim e o soberano desse Estado ratificou pela sua declaração no 1.º de Agosto de 1885 que publiquei textualmente e na propria liguagem em que foi escripta.

Mas ha mais do que isto, pelos poderes que me foram confiados nas Instrucções que recebi do governo de Sua Magestade Fidelissima em 28 de Abril de 1884 a Lunda que se até esse anno de 1884 se podia considerar portugueza pela affeição dos seus povos com os filhos da Monarchia portugueza e das intimas relações de uns com os outros; tornou-se de facto região portugueza, a continuação para leste da nossa provincia de Angola, pela firmação de tratados de vassallagem, de reconhecimentos da Soberania de Portugal, nomeações de auctoridades entre os indigenas independentes das que lhes eram proprias, autos de declarações, embaixadas que vieram a Loanda, para ratificar tratados e declarações, correspondencia trocada por escripto com os principaes potentados e outros documentos que tudo extractei dos trabalhos da minha missão politica nos Estados do Muatiânvua e á pressa coordenei para lhe dar publicidade nesta occasião em que a imprensa estrangeira nos annuncia as pretenções do Estado Livre.

Sigo n'esta coordenação a ordem de precedencia de datas por ser esta exactamente a ordem do nosso itinerario para a Mussumba, terminus, que foi designado para a nossa viagem.

*

* *

No dia 9 de Janeiro de 1885, toda a minha Expedição estava reunida na Estação — Costa e Silva situada n'um planalto pouco affastada das povoações de Mona Samba, de Mona Mu-

tumbo e de Mona Candala, margem direita do rio Cuango, jurisdicção de Mahango, dominios de Capenda Camulemba tributario do Muatiânvua, lat. S. do Eqr. 8.° 27′; long. E. de Green. 17° 33′ e na altitude 765 metros acima do nivel do mar.

O actual Capenda é o sobrinho e successor do Pire que por ter auxillado as forças portuguezas do commando do fallecido major Francisco de Salles Ferreira, contra o rebelde Ambumba jaga de Cassanje, — em 28 de Março de 1851 recebeu do referido major, em attenção aos bons serviços que havia prestado na captura do jaga e por haver encontrado as insignias do jagado: uma espada, uma banda, uma bandeira nacional e a nomeação, que elle havia solicitado, de capitão dos portos do Cuango.

N'esta Estação nos demoramos até 8 de Março e durante este tempo, de tal modo se estreitaram as relações, entre o pessoal da Expedição e os potentados e seus povos que logo em 20 de janeiro por pedido de Mona Samba ao negociante portuguez José Antonio de Vasconcellos, lhe concedêmos uma bandeira nacional com a auctorisação por escripto para a usar, concebida n'estes termos:

AUCTORISAÇÃO

Henrique Augusto Dias de Carvalho, major do exercito, chefe da Expedição portugueza ao Muatiânvua por Sua Magestade Fidelissima, etc.

Attendendo ao pedido feito por Mona Samba Mahango, primeiro potentado, subdito de Capenda Camulemba e aos bons desejos que tanto esta soberana como seu povo demonstram para que seus dominios sejam comprehendidos nos de Sua Magestade Fidellissima, El-Rei de Portugal, em nome do governo

do mesmo Augusto Senhor; por esta lhe concedi a permissão de içar todos os dias junto da sua residencia a bandeira nacional, unica que reconhece como a da nação protectora dos seus Estados — Estação portugueza Costa e Silva em Mahango, margem direita do Cuango 20 de Janeiro de 1885 (ass.) Henrique Augusto de Carvalho, chefe da expedição portugueza ao Muatiânvua. Recebeu d'esta uma copia Mona Samba Mahango, da qual fomos nós portadores: Antonio José de Vasconcellos negociante na povoação de Mona Quinonga, Manuel Rodrigues da Cruz, escrivão de Mona Samba, residente na sua povoação.

*

* *

Depois d'esta auctorisação tratou-se, de discutir as bases para um tratado d'amisade e de commercio que por algum tempo suppuz, por circumstancias imprevistas que não era dado a mim conseguir fazer firmar como o communiquei ao governador geral de Angola e de que havia encarregado alcançal-o ao negociante José Antonio de Vasconcellos que nomeei delegado d'aquelle Governador n'esta jurisdicção Mahango dos Xinjes; mas porque a Expedição teve de se demorar mais algum tempo do que eu calculára, consegui se firmasse e com toda a pompa.

Copia. — Estação Costa e Silva. — Territorio de Capênda Camelênba. — Jurisdicção de Mahango, em Mona Samba. — Lat. sul, Eqr. 8.°, 27′ e long. Green. 17°, 33′ alt. 765^{m}. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Como V. Ex.^{a} não ignora, toda a Expedição a meu cargo acha-se reunida n'esta Estação desde 9 de janeiro ultimo, havendo passado a ultima divisão o rio Cuango, servindo-se

unicamente da nossa canôa *Nossa Senhora dos Martyres* no dia e noite de 28 de dezembro.

Os dias decorridos desde essa data até aquella, empreguei-os em fazer enviar cargas do sitio de Mona Quinonga para aqui, sitio em que está a casa do negociante C. Machado e onde estive hospedado — 13 kilometros a N.-E. do porto em que se effectuou a passagem (Molumbo); e tambem com vagar em fazer a minha ultima communicação official ao Governo.

O que se passou até então, sabe V. Ex.ª por essa correspondencia, o que se ha succedido de então para cá terá V. Ex.ª occasião de conhecer pela inclusa que sollicito como de costume as ordens de V. Ex.ª para ser enviada na mala do Governo Geral ao seu destino.

A V. Ex.ª vou pois agora dirigir-me sobre um assumpto muito especial ao engrandecimento da provincia, cuja administração mui acertadamente e com satisfação geral de todos que prezam nossa Patria está confiada a V. Ex.ª Durante a minha longa estada aqui, tenho observado a boa disposição d'estes povos para comnosco, *filhos do Muene Puto*, e quanto estão satisfeitos e mesmo contentes por termos vindo aqui estabelecer uma Estação, pois dizem elles nunca em suas terras se viu tanta riqueza como agora; e é certo Ex.ᵐᵒ Sr. que todos se vêem mais ou menos cobertos, quanto mais não seja, com pedaços de nossas fazendas e ornados de um ou mais fios de missangas ou de contas.

Aos potentados (Muananganas) Mona Samba, seus filhos, herdeira (sobrinha) e aos mais velhos Conselheiros de Estado, correspondeu a Expedição aos seus presentes: — bois, cabras, farinhas, milhos, mandioca, ginguba, etc., com outros em riscados, algodões, chitas, zuartes, polvora, bonets, chapeus, missanga, etc., em valores sempre superiores áquelles.

Aos seus povos tem a Expedição beneficiado, pagando já

perto de 200 carregadores para o transporte das suas cargas até proximo das margens do Cuêngo, Mona Quimica, fronteira leste dos Xinjes, onde vai acampar por alguns dias a organisar pessoal que a hade transportar ao *Bungulo* — Muata, Quilolo do Muatiânvua, e finalmente a estes mesmos povos tem comprado os productos de suas terras a ponto de se reconhecer já differença sensivel para menos junto ás Senzallas, onde entre as cubatas, ha um mez, se viam canteiros sobrepujados de plantações diversas.

Sendo um dos artigos das Instrucções d'esta Expedição fazer tratados de amisade e commercio com os potentados por onde transitar e sendo o sitio em que está estabelecida esta Estação ate agora o mais importante que conheço e julgo conveniente assegurar, quer por estar proximo ao Cuango, mais a leste 6 milhas, quer porque seu povo é dos que tenho visto mais se presta ao trabalho e apresenta indicios de querer civilisar-se pois um ou outro, embora de riscado, se vê de calças e jalecos; e tambem de chapeus e sapatos de ourellos; quer porque n'elles se encontra o espirito mercantil, assim vão ao Lui buscar sal para irem ao *Peinde* trocar por borracha e lèvam-no a Cassanje ou esperam os Bangalas para obterem fazendas, missangas, polvora, etc., ainda que em pequena quantidade; quer finalmente porque não muito distante de Cassanje e independente d'elle, garantiria mais a segurança d'aquelle concelho da provincia e por estar internado além d'elle, permittiria estreitarem-se mais as nossas relações com a Lunda ao mesmo tempo que facilitará e auxiliará e mesmo activará communicações reciprocas entre nós e aquelles povos; por todos estes motivos, pareceu-me acertado aproveitar da nossa influencia já adquirida, preparando a pouco e pouco o animo dos potentados, suas familias e macotas que fazem parte do Conselho do Estado para se fazer esse tratado.

Era de toda a conveniencia, pensei, que se não limitasse este apenas aos territorios em que só domina Mona Samba, conhecidos por Mahango, e sim a todos os de Capenda Camulemba — *Estado* — de que hade tomar o governo Mona Mucanzo, filho de Mona Samba, logo que façam aqui as cerimonias do enterro do cadaver do irmão Mona Mucamba, ha tempo fallecido e ainda hoje o seu corpo depositado na Senzalla, o qual devia herdar a successão do Capenda Mona Pire, seu tio avô, tambem ha pouco fallecido.

Achando-se Mona Mucanzo ainda nestas terras de sua mãe dispuz este em primeiro logar a favor da causa que tinha em vista, pois conseguindo seu voto no Conselho que para tal fim tem de se reunir, corresponde a abranger o tratado, todo o territorio de Camulemba, pois estes já consideram aquelle como seu Capenda.

Não obstante isto, lembrei-me que sendo este territorio dividido em duas grandes divisões Mahango, dominada por Mona Samba e Cafunfo por sua irmã Mona Buizo, esta mais ao norte e com portos no Cuango fronteiros a Cassanje; tambem não deixaria de ser conveniente dispôr aquella senhora (Muanangana) a dar o seu voto favoravel quando se lhe pedisse; e por isso a mandei cumprimentar e presentear em nome de *Muéne Puto*, mandando-lhe dizer que em suas terras se ia fazer uma casa para negocio e que para lá iria um empregado de José Antonio de Vasconcellos e de tempos a tempos este mesmo iria ahi residir.

Foi a resposta, como esperava, muito agradavel, agradecendo-me a dadiva que lhe mandara de *Muéne Puto* e dizendo estimar muito que naquellas terras fossem seus filhos estabelecer-se, asseverando que seriam tratados com a mesma attenção e amisade como se fossem d'ella e desejando muito que sua irmã e mais pessoas do Estado Mahango chegassem a um

accordo comigo sobre as bases do tratado e podiam contar com o seu voto no que respeitava ás suas terras e povo.

Já consultada toda a familia Camulemba, esbocei as bases do tratado em que havia accordo, deixando a sua ratificação dependente das alterações que V. Ex.ª julgar conveniente se façam para poder ser approvado.

Para a reunião do tal Conselho, esperava-se que Mona Mucanzo viesse da sua povoação; Mona Buizo (Cafunfo) mandasse um seu representante; e, finalmente, melhorasse Mona Candala, o mais antigo Conselheiro que acompanhou para estas terras Mona Samba Mahango ainda muito joven; porém, infelizmente este morreu e agora o seu obito leva dias e dias a chorar; por tal motivo grande demora para a resolução de um negocio, que sinto bastante, não ser esta Expedição que a possa obter.

Estou convencido que em execução este tratado não tardará muito que o Capenda Malundo e os seus tambem procurem fazer um analogo e assim terêmos por nós, todo o Xinje que certamente mais tarde e quem sabe se V. Ex.ª mesmo, conseguirá o que me não atrevi a propôr por emquanto, a vassalagem destes vastos dominios.

Na supposição que V. Ex.ª querendo ratificar este tratado, mandará aqui, uma embaixada para tal fim e com ella a missão para a Estação, lembra-me enviar a V. Ex.ª a planta e alçado d'esta e uma nota separada das dimensões das portas de dentro das janellas e das exteriores sobre a varanda que julgo indispensaveis e podem dahi ser mandadas, parecendo conveniente que as das janellas sejam presas superiormente ao aro e divididas no sentido do cumprimento a seu meio; porque virada a frente da casa para o *Oeste*, das 2 horas em deante, os quartos da frente são muito castigados pelo sol e aquellas servem de resguardo como as nossas antigas taboi-

nhas em Lisboa, podendo graduar-se sua abertura com uns paus de proposito feitos para apoios.

A divisão no sentido do cumprimento em 2 partes, torna-as mais portateis para transportes e menos pesadas aos apoios, quando fixadas como digo, suas dimensões são:—1 porta larga a centro sobre a varanda 1,85^{m}, × 0^{m}, 80; — 2 lateraes na mesma 1^{m}, 9 × 0^{m}, 70;— 4 janellas 1^{m}, 25 × 0^{m}, 65;—2 ainda na varanda 1^{m}, 2 × 0^{m}, 70 — Os aros não comprehendidos nas dimensões indicadas.

Para esta Estação, seria de toda a conveniencia um bom sacerdote, officiaes d'alfayate, serralheiro, carpinteiro embora africanos e um bom chefe de muita prudencia e alguns conhecimentos agricolas.

A questão do chefe, creia V. Ex.ª, foi o que suscitou algumas duvidas entre os maiores e os do povo por elles consultados. Receiam, venha para tal cargo, individuo que os não trate bem e seja motivo a haver *quizilias* com os filhos da terra.

Lembram-se das guerras de Cassanje e attribue-nas aos maus chefes que ali houve.

Sobre este ponto desejavam se consignasse a clausula de que seriam attendidas suas reclamações para mudança de chefe, quando o Governador Geral, achasse que elles tinham rasão em as fazerem.

V. Ex.ª sobre este ponto, resolverá o que julgue conveniente.

Se a missão pudesse ser acompanhada logo de principio com alguns empregados de casas commerciaes que quizessem aqui e em Cafunfo estabelecer algumas agencias, seria d'uma grande vantagem.

Tambem lembro que a missão ou embaixada, caso V. Ex.ª a mande, venha ou regresse por Cassanje e pelas terras de Muéne Canje ou vice-versa. Poucas difficuldades poderá en-

contrar hoje por qualquer d'estes caminhos. O menos conhecido sendo o nosso, offerece já as Estações para descanço e devidamente acompanhada por força militar, será muito respeitada.

A Estação Ferreira do Amaral, está ha pouco dum mez occupada por um sobrinho de C. Machado, que com satisfação tenho sabido ter feito ahi algum negocio, sendo as ultimas noticias ter já em deposito 100 arrobas de borracha e 600 de cêra.

Na de Paiva d'Andrada mesmo, demorando-se apenas o necessario para descanço será bem recebida a embaixada pelos povos das immediações e dahi até Muéne Canje procurando este e sem necessidade dangariar carregadores, o que muito recommendo a V. Ex.ª, sobretudo quando a Muéne Canje se prometta lá estabelecer uma Estação.

Entre 16 a 20 dias pode calcular-se á vontade o itinerario para essa expedição de Malanje até aqui; e ainda lembro a V. Ex.ª a grande vantagem economica que haverá em se fornecer a expedição de gado que julgo indispensavel para rações; poupa-se muitos carregadores e com a carne se compra os necessarios alimentos alem d'ella. Emquanto a fazendas que devem trazer é assumpto que V. Ex.ª conhece tão bem como eu e onde adquiril-as; e por isso me julgo dispensado de fallar em tal.

Havendo cessado os motivos da minha demora aqui, o que V. Ex.ª conhece pela leitura da correspondencia a S. Ex.ª o Ministro; e tendo os carregadores indispensaveis para seguir viagem, entreguei esta Estação a José de Vasconcellos e nomeei-o interinamente delegado do Governo Geral d'Angola, até que V. Ex.ª resolva o que achar mais conveniente sobre tudo o que deixo exposto. Este delegado pelas suas boas relações com este povo, pode ainda na minha ausencia prestar bons

serviços a esta causa que me custa deixar pendente e tambem a V. Ex.ª quaesquer esclarecimentos e informações sobre estes e outros assumptos que V. Ex.ª entenda ainda ser preciso obter e occupal-o para esse fim antes de tomar qualquer resolução definitiva sobre o que proponho.— Deus guarde a V. Ex.ª Estação Civilisadora Portugueza Costa e Silva, 15 de fevereiro de 1885. Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr. Cons. Governador Geral da Provincia de Angola—(ass.) o Chefe da Expedição *Henrique Augusto Dias de Carvalho,* major do ex.^{to}

José Antonio de Vasconcellos

Delegado do governo geral de Angola na região dos Capendas

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr. — Recebi o officio de V. Ex.ª datado de 19 e com elle as bases para o tratado de amizade e commercio com Mona Samba e Mona Buizo e no fim das quaes V. Ex.ª me auctorisa para interinamente funccionar n'estas terras como delegado do governo geral da provincia de Angola até que S. Ex.ª o Sr. Governador Geral determine o que julgar conveniente a tal respeito.

Cumpre-me dizer a V. Ex.ª que assumo tal cargo com muita satisfação e que farei quanto em mim caiba não só para o desempenhar o melhor possivel como ainda por obter a realisação do tratado como V. Ex.ª deseja e por satisfazer a qualquer informação ou esclarecimentos ao meu alcance quando por S. Ex.ª o Sr. Governador de Angola me forem exigidos.

Deus Guarde a V. Ex.ª, Margem do Cuango sitio de Mona Quinonga 20 de fevereiro de 1885. — Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr. Major Chefe da Expedição Portugueza na Africa Central. — *José Antonio de Vasconcellos.*

AUTO

Aos 23 dias do mez de fevereiro de 1885, na ambanza de Mona Samba ou Senhora de Mahango, estando presentes esta, Mona Mucanzo, Mona Candala, Mona Piri, Mona Palanga, primeiro macota Camba Angunza, segundo macota, Mona Cacimba e Quicanua Gamba Muzumbo, macota do Mona Mucanzo Xá Muncunguile Camba Tandala, Quicola Sonhi, a Expedição portugueza na Africa central, composta do chefe Henrique Augusto Dias de Carvalho, sub-chefe Agostinho Sisenando Marques, do ajudante Manoel Sertorio de Almeida Aguiar, e o delegado interino do governo geral de Angola, José Antonio de Vasconcellos e os residentes portuguezes Manoel Rodrigues da Cruz, empregado de Mona Samba, e os negociantes Manoel João Soares Braga, Cunha João Soares, Antonio Gonçalves Gomes, Joaquim Domingues Gomes, Manoel Francisco Mucangui; e os empregados da referida Expedição, Antonio Bezerra de Lisboa, Augusto Jayme, irmão do soba Ambango de Malanje, José Faustino Samuel, e de mim Garcia Fragoso dos Santos, tambem negociante, servindo de secretario, foram apresentadas e lidas as bases juntas para um tratado de amisade e commercio, entre Portugal e os dominios de Mona Samba e Mona Cafunfo, pela citada Expedição, no que accordaram todas as pessoas presentes, ficando a sua approvação dependente de S. Ex.ª o Governador Geral; pedindo unicamente a Sua Magestade Mona Samba, e todos seus filhos, que haja por bem enviar para estas terras um seu delegado, serio e prudente, para que sejam mantidas sempre boas relações entre os povos sob os seus dominios e os de Sua Magestade, que muito respeitam. E não havendo mais nada a tratar, se deu por findo este auto, para constar a verdade do que

se passou, e vai ser assignado pelos que sabem escrever, e a rogo pelos que não sabem, e comigo secretario Garcia Fragoso dos Santos.—A rogo de Mona Samba ou Mona Mahango, Manoel Rodrigues da Cruz—A rogo de Mona Palanga, Camba Gunza, Cacimba, Quicannua, Camba Muzumbo, Xá Muncunguile, Camba Tandala e Quicola Sonhi, Antonio Bezerra de Lisboa—Henrique Augusto Dias de Carvalho—Agostinho Sizenando Marques—Manoel Sertorio de Almeida Aguiar—Manoel Rodrigues da Cruz—Manoel João Soares Braga—Manoel Francisco Marques—A rogo de Antonio Gonçalves Gomes, Joaquim Domingos Tambor—Garcia Fragoso dos Santos—José Antonio de Vasconcellos, delegado interino do governo geral de Angola—A rogo de Augusto Jayme, Antonio Bezerra de Lisboa—José Faustino Samuel.

TRATADO

Havendo a Expedição portugueza que em missão especial do Governo de Sua Magestade se dirige ao Muatiânvua, com o consentimento de Mona Mahango (Mona Samba), seus filhos e mais pessoas de familia, feito construir proximo á sua ambanza, na lat. sul 8.° 27′ e long. E de Green. 17.° 33′ uma casa de paredes barradas, da qual planta e alçado se enviam copias ao Governo de Sua Magestade e a S. Ex.ª o Conselheiro Governador Geral da provincia de Angola; consentimento que importou em 50 peças de fazenda, fica sendo esta casa propriedade do Estado portuguez, conhecida pelo nome de Estação Civilisadora Portugueza Costa e Silva, podendo n'ella estabelecer-se a todo o tempo, sem outros encargos, a missão que o governo de Sua Magestade Fidelissima haja por bem para esse fim nomear.

Para todos os effeitos o chefe d'esta missão será considera-

do por Mona Samba, por Mona Buizo (Mona Cafunfo) por seus filhos, mais pessoas de familia e povos, delegado do governo geral de Angola, n'esta região, e será elle que de accordo com os dois potentados Mona Samba ou Mona Buizo, resolverá todas as pendencias que possam suscitar-se entre Portuguezes e os povos sob seus dominios, e quem fará cumprir áquelles o que fica estipulado n'este tratado.

O delegado do governo geral de Angola, quando julgue necessario para mais desenvolvimento da missão ou para o estabelecimento de novas, n'esta ou em outra localidade nos dominios de Mona Mahango (Samba) ou de Mona Cafunfo (Buizo) fará construir casas, templos religiosos, armazens, officinas e quaesquer outras dependencias sem que para isso tenha a pagar mais do que o valor de uma jarda de fazenda por cada dez metros quadrados de terreno occupado pelas referidas edificações, sendo as medições feitas pelo chefe da povoação mais proxima com a assistencia do delegado do governo geral de Angola, e um impunga (representante) de Mona Mahango ou de Mona Cafunfo.

Os filhos dos subditos portuguezes nascidos nesta região, seja qual fôr a nacionalidade da mãe, assim como os escravos resgatados por aquelles e pela missão, serão para todos os effeitos considerados Portuguezes e como taes baptisados e educados nas escolas das missões.

Os subditos de Mona Mahango e de Mona Cafunfo, quando estiverem em terras portuguezas, serão considerados subditos de Sua Magestade Fidelissima, e gozam dos mesmos direitos e regalias que os seus desfructam.

As transgressões, delictos ou crimes praticados por subditos portuguezes nesta região, serão punidos na conformidade dos codigos do seu paiz, e quando lhes correspondam punições fora da alçada do delegado do governo geral de Angola,

este remetterá o delinquente debaixo de prisão, acompanhado do competente auto, á primeira auctoridade portugueza a quem será dado julgal-o, como se o crime fosse praticado em terras portuguezas.

O delegado do governo geral de Angola, terá á sua disposição a força necessaria para manter a sua auctoridade, garantir a segurança de pessoas e bens da colonia e estações portuguezas, prestar a Mona Mahango, Mona Cafunfo, chefes de povoações e aos seus povos, todo o auxilio indispensavel no cumprimento das clausulas que neste se consignam, e ainda contra os malfeitores, quando esses soccorros sejam pedidos por qualquer daquelles dois potentados e quando taes soccorros não arrastem comsigo compromissos á colonia e estações portuguezas.

Junto ás estações ou em qualquer localidade dos dominios considerados podem estabelecer-se feitorias portuguezas, commerciaes ou agricolas, adquirindo para isso os pretendentes as devidas licenças por intermedio do delegado do governo geral de Angola.

O subdito portuguez que só queira transitar pelas terras de Mona Mahango ou Mona Cafunfo, fazendo-se acompanhar de cargas de commercio, terá de pagar quatro peças de fazenda a quem pertençam essas terras: mas se o seu fim, fôr negociar pelo transito, então obterá uma licença especial para commercio, pela qual paga duas peças e em qualquer dos casos, nas povoações em que tenha de acampar pagará uma peça ao chefe d'essa povoação.

Se o subdito portuguez pretender estabelecer-se temporariamente (até 2 mezes) em qualquer localidade, em logar duma terá a pagar ao chefe da localidade, duas peças, por seis mezes ou por um anno, e para esse fim obter uma licença de Mona Samba ou Mona Buizo, a qual no primeiro caso, importará em

quatro peças de fazenda e no segundo caso, em seis peças, além das duas que já tem de pagar ao chefe da povoação.

Quando o residente construir casa barrada para si e sua feitoria, qualquer que seja a grandeza, não o poderá fazer sem licença de Mona Mahango ou de Mona Cafunfo, e esta importará em doze peças de fazenda, para qualquer destes potentados e tres para o chefe da povoação mais proxima.

As terras para lavras serão concedidas gratuitamente, mas as occupadas por quaesquer edificações nellas comprehendidas, ficam sujeitas ao que já fica classificado.

As licenças são obtidas como fica dito, por intervenção do delegado do governo geral de Angola, e os que no prazo de quinze dias as não tenham pago, procedente aviso do mesmo delegado, serão multados no tripulo do valor das licenças, ficando $^1/_3$ na delegacia para as despezas que ha a fazer e $^2/_3$ entregues a Mona Mahango ou a Mona Cafunfo, a quem pertençam.

As peças de fazenda correspondem a (0,^{m}90 é a unidade equivalente á jarda do indigena) quatro beirames (2^{m}70) e podem ser pagas em quaesquer artigos de valores equivalentes, quando nisso concordem as partes interessadas.

Emquanto, S. Ex.ª, o Conselheiro Governador Geral de Angola, não tomar qualquer resolução, sobre o que se deixa consignado e a quem deva ser entregue esta Estação, fica ella sob a vigilancia do negociante, José Antonio de Vasconcellos, a quem por este facto nomeio interinamente chefe da Estação Civilisadora Portugueza Costa e Silva, e como tal fica tambem exercendo as funcções de delegado do governo geral de Angola, o que já communiquei ao mesmo Ex.^{mo} senhor.

Estação Civilisadora Portugueza Costa e Silva, 18 de fevereiro de 1885.

Extrahido do livro do expediente da Expedição portugueza ao Muatiânvua n.º 2, que foi presente á votação de Mona

Samba, Senhora de Mahango e todos os do seu conselho na sua ambanza em 23 de fevereiro de 1885 e á qual assistiram os Portuguezes residentes no auto que se fez levantar.

A rogo de Mona Samba, Mona Cafunfo, Mona Mucanzo, Mona Candala e Mona Piri.—Manoel Rodrigues da Cruz.—José Antonio de Vasconcellos, delegado interino do governo geral de Angola.—Manoel João Soares Braga.—A rogo de Mona Palanga, Camba Gunza, Cademba, Camba Muzumbo, Xá Muncunguile, Camba Tendala e Quicora Sonhi, Garcia Fragoso dos Santos.—A rogo de Antonio Gonçalves Gomes, Joaquim Domingos Tambor.—G. F. Santos.—Garcia Fragoso dos Santos.—Manoel Rodrigues da Cruz.—Manoel Francisco Melanguni.—Henrique Augusto Dias de Carvalho, chefe da Expedição.—Agostinho Sisenando Marques.—Manoel Sertorio de Almeida Aguiar.—A rogo de Augusto Jayme, Antonio Bezerra de Lisboa.—José Faustino Samuel.

N. B.—Foi publicado no *Boletim Official* da Provincia de Angola n.º 35—de 31 de Agosto de 1885.

*

*　　*

A Expedição partiu para leste e passando na povoação do Mona Mucanzo, filho mais velho de Mona Samba, a seu pedido lhe foi concedida uma bandeira nacional e entregue uma auctorisação identica á que deixei á mãe, de cuja copia foram portadores Antonio Beserra de Lisboa e Augusto Jayme.

Do valle de Camau, onde tivemos de ficar acampados durante o tempo das chuvas, seguimos para Angunza Muquingi e deste acampamento disse eu a S. Ex.ª o Sr. Ministro dos Negocios de Marinha e Ultramar, em 2 de Julho de 1885:

A S. Ex.ª o Sr. Ministro

. . . .

Os meus 75 dias de residencia no valle de Caman deram-me occasião já pelo que ouvi e vi, a encontral-o bom para uma Estação commercial e hospitaleira e se eu podesse suppor que ali teria de me demorar tanto tempo eu teria preparado as cousas devidamente para a realisação do meu plano de que dei conhecimento a C. Machado mas a quem certamente lhe falta um bom empregado europeu que o comprehenda e saiba levar á execução como seria para desejar.

É aquelle valle um ponto obrigado aos viajantes e negociantes que vêem de Muene Puto Cassongo, todo o Cassanje (os Bangalas), Xinjes, Ambaquistas e Malanjes, ou isolados ou em comitivas ou na companhia daquelles que se dirigem ao Lubuco, Casséle (todo o Peinde) povoações de Quiocos e de Lundas para suas transacções.

Pouco antes de terminadas as chuvas, pode dizer-se de 10 dabril até agora a media do movimento de carregadores não tem deixado de regular por dia, de 25 a 30, isto em 80 dias. Pode considerar-se movimento superior a 2:500 e é ali a pousada que todos procuram.

Que o local é salubre prova-o a nossa Expedição que em numero de 80 pessoas, ali estiveram acampadas e não muito commodamente na peior quadra, na despedida das chuvas, acompanhadas como já disse em outra communicação a V. Ex.ª de grandes e rapidas variantes de temperatura no mesmo dia. A agua é excellente, talvez a melhor que temos bebido em toda a viagem, o riacho traz algum peixe e as terras são magnificas para cultura.

Isolado de povoações (a mais proxima a 3 horas de marcha),

por isso mesmo bom logar para se formar uma nova, com gente nossa.

Na aba da serra que domina o caminho (a que olha a oeste), lembra-me conveniente levantar-se um reducto de grande area (uma fortificação passageira, o que era mui facil e que demanda pouco tempo e pessoal), e dentro a Estação e mais abarracamentos para armazens, residencias de guardas, etc.

Dominado por este e no logar em que acampam hoje as caravanas em extensa area e isoladas umas das outras se construiriam boas cubatas, alinhadas devidamente e limpo o solo por causa dos fogos.

Estas habitações que mais tarde poderiam ser fornecidas de lenha a quem a pagasse, seriam para as caravanas e pequenos negociantes a sua pousada, o que sei estimam encontrar porque de marchas successivas apenas apuram num dia, o muito 15 a 20 kilometros pela necessidade que teem em construir abrigos para descanço e dormirem.

Ao lado do reducto e tambem por elle protegido se construiria a nossa povoação com extensos terrenos marginados pelo rio para as lavras que seriam ao nosso e uso d'elles, creações de gados, etc., etc., d'onde se forneceriam as caravanas na vinda para o interior a troco de sal, e no regresso por borracha, ou outro genero de conveniencia como azeite, etc., etc.

A Estação fornecida de fazendas e de varios artigos de commercio e ainda com depositos de sal, poderia resgatar os escravos que as caravanas levam, e formar uma povoação livre, portugueza e trabalhadora.

Xá Mujinga a quem communiquei este projecto, disse-me na volta do Caianvo que este me mandava pedir não desistisse de o executar porque ia fazer a felicidade do seu povo e estado e uns Bangalas mais bem trajados a quem tambem, n'elle fallei, retorquiram-me: isso era uma grande fortuna que Muene

Puto nos trazia, porquanto os negociantes que vão ao Casséle e Lubuco, tendo aqui uma feitoria, não retirariam para a sua terra sem irem lá 2 e 3 vezes, porque vinham aqui das primeiras vezes fazer novos reviros. E eu assim creio.

Estas comitivas ou vêem por conta propria, reunindo-se uns poucos ou por conta do Soba ou Ambanza a que pertencem e em qualquer dos casos, era interesse individual o trocarem naquelle ponto o negocio que traziam por outro para voltarem com maior fornecimento.

O projecto bem comprehendido daria muitos lucros a quem o tentasse e não ha a receiar a falta de carregadores porque os iria obtendo na sua nova povoação que decerto estimularia os de Uhamba, Caianvo, Xá Mujinga e Xa Iasso a tambem os fornecerem.

Seria um nucleo de civilisação para estes povos que se iriam modificando a pouco e pouco nos seus habitos selvagens.

Como disse escrevi a C. Machado a animal-o para levar por deante este plano, mas elle decerto vacilla em inicial-o porque é indispensavel um bom empregado não só para dirigir a Estação como para conseguir o que se deseja. É preciso além de conhecimentos uma grande resignação e paciencia em principio, da parte de quem o pretende tentar. Umas vezes as cousas a caminho a manutenção não é difficil.

Estou na minha, só havendo estes apoios, Estações, se devem emprehender com esperança dexito feliz as grandes explorações do que ainda resta de bom nesta parte do Continente e se não fôr assim, creio e o paiz pode crer, que esse mesmo pouco, em breves dias nos fugirá para mãos de estrangeiros.

Ha proximamente 20 dias estiveram comigo uns rapazes do Congo chegados da Mussumba e constituem a guarda avançada duma expedição que o rei ali mandára ha tempos acompa-

nhada de gente da Lunda que o Muatiânvua mandou apresentar a seu irmão com escravos para elle, 68 e (se me recordo bem) 30 pontas de marfim de differentes tamanhos.

Disseram elles, ha proximamente 4 annos (note V. Ex.ª a epocha) o rei do Congo mandou-nos e mais alguns, ao Muatiânvua Xanama, com alguma fazenda, missanga, polvora e armas, como signal de amisade e pedindo-lhe para entabolar relações commerciaes com o seu paiz, onde havia muito daquelle negocio que sabia elle precisava, mas que lhe mandasse muito marfim e escravos. Xanama retribuiu apenas com 2 pontas e uns 10 ou 12 escravos que fez acompanhar por 2 Cacuatas.

Entendeu o rei que era pouco e que seu amigo suppunha ser elle algum pobretão e fez demorar os Cacuatas.

Organisou uma expedição com 200 homens carregados de fazendas, armas, etc., e alguma aguardente e recommendou aos Cacuatas que dissessem ao Muatiânvua que elle os fizera demorar para acompanharem aquelle presente que lhe enviava para conhecer da sua grandeza e ficar sabedor que todo o marfim e escravos que lhe mandasse eram bem pagos.

Diz um dos nossos interpretes que acompanhou Saturnino Machado ao Cuango que no seu regresso (dezembro de 1884) encontrara em Catála (divisão de Malanje) essa expedição que era composta de muitos carregadores mas não affirma quantos eram, devendo acreditar-se serem mais de cem.

Volta agora e pelo mesmo caminho pelo leste da nossa provincia, Malanje, Lombe, Lucala, Encoje, etc.

A expedição allemã commandada pelo tenente Vissmann de bom accordo com Muquengue, tem tratado de seguir a politica prussiana unir os pequenos estados independentes a formarem um só, sob o dominio de Muquengue e á força os tem feito tributar e prestar obediencia a este potentado.

Neste firme proposito fizeram dos Chilangues bons soldados

que armaram com suas 500 carabinas que levavam, de que fallei em tempo a V. Ex.ª e por lá andam de povoação em povoação, recolhendo marfim e escravos, queimando algumas cubatas e matando creações, tudo a pretexto de tributos para o Muquengue a [quem pagam em fazendas e missangas, com o que elle fica muito satisfeito chamando-lhes os seus bons filhos e a felicidade do seu estado.

Os escravos permittem os allemães que as familias os resgatem por marfim.

Estabeleceram 3 mercados vigiados pelos soldados Chilangues; teem feito uma villa, com boas casas que dizem ser para colonos que devem chegar da Allemanha; e teem lavrado as terras.

O terror dos inguêrezes é tal, dizem os informadores,—que já os potentados distantes, vêem á residencia fazer actos de obediencia e trazer bons tributos que elle diz serem para os seus filhos brancos que precisam de comer para felicidade do estado porque repartem o que teem com elle.

Está este potentado já dominado pelos allemães e as ultimas informações são que tendo aquelles feito grandes canoas lá seguem com o Muquengue, escravos, marfim e soldados armados, o Lulua abaixo em direcção ao Zaire onde esperam encontrar uma outra expedição para com o Muquengue seguirem para a villa deste.

Na estação apenas ficou um allemão e o Germano que acompanhou o dr. Pogge até Malanje.

O tenente Vissmann é bastante intelligente e conheceu bem o partido que poderia tirar do Muquengue e seu primitivo povo e era de esperar porque este e os Chilangues de ha muito procuram entabolar relações com Europeus.

Passo agora a dar conhecimento a V. Ex.ª doutras informações de diversas caravanas e ainda de Ambaquistas e Malanjes

que veem regressando do Casséle e do Muata Cumbana (seu sul e leste) e mesmo do Caungula quasi unanimes com respeito ao negocio que ahi se faz e como se faz, e pelo que muito descreio por emquanto no commercio no centro d'Africa; e que ao mesmo tempo, desgraçadamente, vão confirmar asserções de estrangeiros, que já de ha muito por vontade e determinação dos nossos governos, não mais voltariam á discussão.

Casséle é um logar, umas 18 leguas o nosso NE que toma o nome de um riacho afluente do Cuílu dependencia de Muata Cumbana e governado por uma auctoridade de nomeação d'aquelle segundo as suas conveniencias; é actualmante o Cahima (segundo outros Caxima).

Não permitte tal auctoridade que se passe para o norte e se alguns negociantes conseguem chegar ao Muata para além d'este com certeza não passam.

Estas difficuldades justificam-se pela ambição do sal do Lui, o unico que conhecem e portanto só querem; e de que aquellas terras são completamente desprovidas e desconhecem os processos de obtel-o dos recursos que a natureza lhe possa ter proporcionado.

No logar a que me refiro existem grande numero de cubatas para receberem os negociantes que ahi vão permanecer emquanto realisam a permutação de todo o sal que trazem, pois logo que a auctoridade sabe que o negociante não tem mais sal—deita bando:—que retirem e deixem logar para outros que estão a chegar com negocio e isto corresponde a auctorisar seu povo a roubar os que não obedecerem.

Este bando é muito respeitado e o negociante que tem algum impedimento de doenças na sua comitiva para poder retirar antes que o tal bando tenha referencia á sua pessoa, trata de ir procurar a auctoridade e dar-lhe conhecimento do que o impede retirar e ao mesmo tempo, pagar mais alguns

medicamentos (emolumentos) que podem ser muitos pois são estipulados pelos dias de demora.

O logar é rendoso e por isso mesmo muito invejado.

A unica moeda para as transações naquellas terras de Cumbana é o sal como já disse — o do Lui que vem empacotado em folhas d'arvores a formar um rolo que terá o muito uma jarda de extensão e 1/10, de diametro a que chamam muxa; e 3 d'estas é o equivalente a 1 jarda de fazenda, aqui pode dizer-se equivalente a 160 réis.

Sobre o sal estipulado em muxas completas para preço da troca de qualquer genero, tem o negociador de collocar a quizeza (o que os Ambaquistas traduzem por traquinadas) que consiste em algumas das cousas, missangas, polvora, guizos, taxas etc. e ainda 2 jardas de fazenda que será, chita ou riscado ou xadrez e nunca algodão por muito bom que seja.

Não querem algodão por que elles fabricam um tecido muito apertado e bom de fibras textis de que já tenho visto Ambaquistas vestirem em camizolas, casacos etc.

Armas não apreciam e vendem mesmo algumas que teem, por 2 e 3 jardas de fazenda ou seu equivalente. Espelhos nem vêl-os querem, pois é feitiço verem a sua cara.

Offerecem em troca do sal—borracha, marfim e escravos de differentes edades e sexos!

Presentemente é pouca a borracha, disse-nos um dos informadores, para satisfazer a procura, pois somos muitos os negociantes que temos apparecido; ao marfim ninguem chega, porque tambem só o vendem por sal e ha dentes porque pedem de 200 a 300 muxas, isto é os de cem libras de pezo para cima; portanto o que nós compramos, para não perder o nosso reviro e não nos demorarmos muito tempo, é a pouca borracha que apparece e escravos.

Todas as caravanas tem levado escravos, porém a que se

nos tornou mais saliente por pertencer a um velho ambaquista Antonio Francisco, que se fazia entender bem em portuguez, deu-nos informações que entendo do meu dever não occultar a V. Ex.ª; e com tanta franqueza elle mas deu como tão natural o que contava, que da mesma forma o fazia a um estrangeiro que encontrasse na sua viagem; — e ahi teriamos de certo novos Camerons e com os seus portuguezes *Coimbras* (!) a fazer escravos para terras portuguezas e ás rebanhadas prezos uns aos outros.

Antonio Francisco em 1842 era alferes dos *Moveis* e commandante da divisão de Caluia do districto de Malanje. Exonerado continuou a viver no Caluia como negociante, porém agora diz que vai residir no Lombe com os seus rapazes, uma data de sobrinhos e pessoas que o acompanham e mais os escravos. Havia ali umas casinholas diz elle, que lhe pertenciam e onde vae estabelecer-se com o producto da venda da borracha que leva, vindo os seus filhos novamente ao reviro de sal por sua conta.

«O pequeno negociante como nós, falla Antonio Francisco, não pode comprar marfim porque não podemos fazer transportar o sal preciso para isso; portanto como ha pouca borracha para não ser perdido tudo, compramos escravos, que na verdade não estão nada baratos, pois estes me custaram de 20 a 26 muxas fóra as traquinadas (quizéza) e ainda os medicamentos (emolumentos) para o Cahima e para elle enviar ao Muata».

Regula o escravo por 1:000 a 1:200 réis! e tanto este como todos os que teem passado ultimamente vão queixosos porque o negocio está mau!

Uma creança, dizia este, vale tanto como um homem e sabe porque? porque o gentio entende ter mais valor uma creança.

Esta vae acostumar-se aos usos do seu novo dono e fazer-se um bom escravo com garantia de que não fugirá; emquanto que o homem com difficuldade se acostuma e mais facilmente lhe foge, sendo o maior perigo e no que o negociante tem de ter muito cuidado o precaver-se nas proximidades do logar da compra».

E esta foi a razão porque o Antonio Francisco ao sol posto teve cuidado de os ir amarrar e fazel-os entrar todos numa cubata sob a vigilancia de dois parentes.

É preciso fazer isto, disse-nos elle, sempre até passar o Cuango; mas para lá já não ha perigo. Agora se foge por estes sitios accrescenta, é contar que volta para o vendedor, e adeus nosso negocio.

Então acha muito caro a compra d'um homem por 1:200 réis ?! Muito mais que isso teria o sr. Antonio a pagar a quem lhe transportasse a carga que elle trouxe do Casséle até aqui ! Mas este é um escravo e V... vae saber quanto elle custa a quem os traz á venda em Casséle.

Os escravos veem dos Muquilengues para baixo do Muata. Ahi só podem ir os individuos que o Muata consente ou algum soba ou filho que lhe dá bons mussápos; e estes são os que tem boas quipangas (serralhos). Mulher de quem já tenha dois filhos, é o terceiro para o Muata e os outros para o sal.

Estes quando chegam a edade de andarem são vendidos na razão mais ou menos de 2 muxas por anno, assim: um rapaz ou rapariga de 7 annos vende-se lá nas terras do Muata aos negociantes de sal por 14 muxas e este capital torna-o negociante, indo primeiro ao Muata dar-lhe 2 muxas e com o resto vae aos Muquilengues, comprar homens por 3 e 4 muxas sem traquinadas e vão ao Casséle venderem-nos por 20 e 25 com traquinadas e por causa deste interesse é que elles não consentem que nós lá vamos.

Mas tambem diz elle em seguida, para nós é um descanço, porque pagamos os medicamentos e emquanto temos sal para vender não nos fazem mal algum e estamos ahi seguros.

Vende-se um homem por 160 réis!!!

Em Malanje disse-me o tenente Wissmann, que no Lubuco uma mulher bem formada se obtinha por uma arma; admirei-me, mas agora vejo que nos taes Muquilengues a carne humana está cotada em muito menos preço; nem sei mesmo onde se possa encontrar por menos. Mas note-se que tudo isto é pela ambição ou necessidade do sal. O sal ali é ouro, mas é condição ser do Lui, pois não acceitam outro com receio de que lhes faça mal.

Como não dão valor á fazenda, difficilmente encontram quem lhes tome o marfim e então o que se tem feito com os maiores negociantes, diz ainda Antonio Francisco, é o seguinte: o negociante de fazendas permuta-as por escravos em terras da Lunda e dos Maquiócos e depois vai trocar estes ás terras do Cumbana e tambem a Casséle pelo marfim; é pois ainda o escravo o agente da troca. Isto já eu o sabia pelo tenente Wissmann; troca-se o marfim em fracções de outro genero pelos equivalentes — escravos — e então estes são trocados aos Bangalas, quimbares e outros negociantes pequenos, pelo sal.

Pode continuar tal systema de commercio? E para onde vão todos estes escravos? Justiça a quem a ella tem direito.

Não passam de Cassanje e divisões de Malanje, vão engrossar as phalanges dos sobas, sobetas, jagas, etc. que se dizem nossos avassallados e sujeitam-se ahi a servil-os e a fazerem parte das suas comitivas no transporte de cargas e eis a razão porque os povos que marginam o Cuango (falo destes por ser o maior numero Bangalas) se tornaram negociantes e fazem entrar a borracha e algum marfim nos Con-

celhos a leste da nossa provincia, chegando alguns a irem até ao Dondo e já mesmo a Loanda.

Esta é a verdade e se não fossem elles ha muito tempo que pela alfandega de Loanda nem borracha se exportaria.

Hoje já nem aviados podem ter as casas de commercio da provincia que possam internar-se como outrora em busca de productos do centro do continente porque não tem os carregadores precisos, nem tão pouco podem sustentar o risco de pagar aos poucos que podiam arranjar; fizeram-no quando tinham escravos.

Se aos sobas ou melhor direi ás tribus gentilicas que se dizem ao acolhimento da nossa bandeira lhe prohibirmos a entrada dessa gente, ou a faremos levantar para além do Cuango ou os inhabilitaremos a servirem o commercio, apresentando-lhes os carregadores que necessitam para o transporte das cargas dentro da nossa provincia, o que já hoje é um grande empecilho.

E de mais devemos ser francos: o levar estes homens, estes desgraçados, esfomeados, nùs e entristecidos para a nossa provincia é um beneficio. Os Loandas, soldados e carregadores que tenho a meu serviço foram todos escravos e por muito maus que sejam, destacam-se de todos estes povos como gente civilisada, tal é o contacto comnosco (refiro-me a portuguezes que teem vindo para a provincia de Angola).

Desculpe V. Ex.ª estas considerações filhas da boa vontade de esclarecer e cumprir meus deveres e vou terminar porque desejo aproveitar o portador que segue de madrugada para Malanje e não sei quando possa ter nova occasião em que se me proporcione dar noticias d'esta Expedição porque na direcção em que seguimos aproximadamente o mesmo meridiano com difficuldade apparecerão negociantes ou mesmo portadores em direcção a Malanje ou Cassanje.

Por noticias que me dá uma comitiva dirigida pelo filho de Cambolo Cangonga, que se diz nosso alliado e pernoita n'este acampamento, devem estar a chegar os recursos que mandei pedir a C. Machado em Malanje de carregadores e de fazendas pois o meu fornecimento está a findar, o que não é para surprehender attendendo ao tempo em que estamos em viagem e ao que se ha feito. E estas noticias parecem ser verdadeiras porque elle viu meu empregado estar amarrando as cargas para seguir.

Em 30 do mez findo fiz seguir d'aqui 3 bons escoteiros com um officio meu ao Muata Bungulo no Chicapa mandando-o prevenir da demora da Expedição no Cassássa e pedindo-lhe que me enviasse 60 carregadores pelos menos para transportarem á Mussumba os presentes para o seu Muatiânvua bem como mais cargas. E assim procedi porque vou vendo haverá grande demora da parte de Chibunza Ianvo em seguir, pois quer grande acompanhamento por causa dos Quiocos de quem diz recear e por eu ainda me não convencer que seja realmente verdadeiro que os quilolos de Mussumba o fizessem chamar; e por aquelles escoteiros poderei saber melhor o que ha de verdade sobre as informações que tenho tido.

Tambem officiei ao Cuangula grande quilolo que está já a meu NE$^{1}/_{4}$ E, que eu estava de viagem para a Massumba em direcção ao Cassassa e só poderia alterar o meu itenerario indo visital-o enviando-me elle os carregadores precisos para eu lá ir e seguir depois para o Bungulo,

As respostas devem demorar-se o mais tardar até ao dia 15 e a esse tempo devem ter chegado de Malanje os recursos e eu espero estar no Cassassa e então já mais sciente no modo porque devo tratar o alto personagem que se aponta como Muatiânvua e que se diz só seguirá na minha companhia para a Mussumba por ser um filho grande e representante de seu amigo e protector Muene Puto.

Bastante fatigado desculpe V. Ex.ª não ser mais extenso e a pressa com que esta communicação é feita.

Deus Guarde a V. Ex.ª—Acampamento Francisco Maria da Cunha 2 de julho de 1885 — 2 horas da noute temperatura 3.º cs — Ill.mo Ex.mo Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios de Marinha e Ultramar — O Chefe da Expedição—(a) *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

*

* *

A solidão em que estivemos de maio a agosto, desde de Camau ao Cuengo, e sobretudo no acampamento na margem direita d'este rio, forçou-nos a reflectir já, sobre os nossos trabalhos de um anno e naturalmente estudar os meios praticos para não se inutilisarem os sacrificios feitos e esforços empregados no que supponho melhor desempenho da missão que nos foi confiada.

Custava-me que, tendo nós o encargo de construir Estações e de nos demorarmos nestas, pelo menos o tempo indispensavel, para serem apreciadas como vantajosas para os povos da sua visinhança; as tivessemos depois de as abandonar ao tempo por falta de quem as fosse occupar. Occorreu-me por vezes lançar mão dos Ambaquistas que encontrámos em Mahango; mas para que elles acceitassem o encargo de ficar nas Estações aguardando que o Governador Geral de Angola a tal respeito providenciasse, era-me necessario dispôr de recursos para lhe deixar fornecida a Estação que lhe confiasse e auctorisal-o a negociar por sua conta.

Mas esta providencia daria logar a um augmento de despeza importante e quem a não reconhecesse de necessidade nella encontraria motivo para me censurar como esbanjador dos di-

nheiros publicos. Já em Mona Mucanzo, propozemos ao ajudante para ficar na Mussumba junto do Muatiânvua como delegado do Governo de Sua Magestade aguardando pelo menos a pessoa que o fosse render e as condições para assumir esse encargo.

Assustou-me, porém, não só a responsabilidade que ia tomar como tambem os sacrificios de vida a que tinha de o impôr, visto que decerto o deixaria ficar pelo menos sete mezes sem recursos alguns para resistir na lucta pela vida num meio que lhe era inteiramente extranho.

Tão acanhada como era a latitude da minha auctoridade no que respeitava a finanças e desejando pôr em pratica todos os meios ao meu alcance para serem aproveitados os resultados que a Expedição fosse alcançando, deliberei-me então a participar a S. Ex.ª o Sr. Ministro do Ultramar a resolução em que estava de ficar eu na Mussumba como delegado do Governo de Sua Magestade aguardando que pessoa de sua confiança fosse render-me e lembrando-lhe os recursos de que essa auctoridade se devia fazer acompanhar e fil-o no ácampamento do Cuengo em 6 de agosto, n'estes termos:

A S. Ex.ª o Sr. Ministro

Ill.mo e Ex.mo Sr. — Felizmente a Expedição a meu cargo, continua logrando saude e até hoje não tem soffrido privações. Os meus collegas acham-se na Estação Cidade do Porto margem esquerda do Cuílu.

O Sub-chefe tem mantido ali as melhores relações possiveis com Chibunza Ianvo o Muatiânvua que o Estado da Lunda (quilolos da Mussumba) mandou chamar; e elle diz: que não espera já pelos grandes fidalgos para o acompanharem, e que visto o seu bom amigo e bemfeitor Muene Puto, mandar uma

embaixada a visital-o me aguarda para partir-mos juntos, levando elle como comitiva só os representantes dos quilolos e povo que até então ahi estejam.

Eu devia ter seguido hontem com 40 cargas que ainda aqui estão, porém noticias que tive, de ter passado o Cuango, a caravana que partiu de Malanje, devido ás boas diligencias e prestantes serviços de Custodio José de Souza Machado para que chamo mais uma veź a attenção de V. Ex.ª como dignos de recompensa, — os supprimentos indispensaveis para seguir no cumprimento das minhas instrucções — obrigou-me a addiar a partida e hoje ás 10 horas da manhã, um escoteiro ambaquista, Fructuoso Garcia, residente junto á Estação Costa e Silva, me trouxe cartas do empregado, que em 30 do mez passado pernoitou na povoação de Mucanzo e me diz ser a marcha vagarosa por causa do pezo das cargas.

Estas cartas forçam-me pois a demorar-me mais 5 ou 6 dias que tantos serão os precisos para elles vencerem os 50 ou 60 kilometros que calculo estarão hoje distantes deste acampamento e portanto só em 11 ou 12 poderei seguir para a Estação Cidade do Porto onde toda a Expedição ficará reunida em numero de mais de 400 pessoas, em 15 ou 16 de agosto.

Aqui demorar-me-hei apenas o tempo indispensavel a reorganizar o serviço das secções e marcharemos então com o Ianvo para a Mussumba, viagem que se poderia fazer em 80 dias, mas que conto com o dobro.

Pelo escoteiro sou informado que por toda a parte foi muito bem recebido, teve agasalho nas povoações onde lhe fallaram desta Expedição de Muene Puto com muito respeito e como benefica.

Este homem, residente como disse junto á Estação Costa e Silva diz: tiveram as povoações visinhas conhecimento que para lá ia uma missão do nosso Governo, como lhes fizera

ver o Augana Major; e todos estão muito satisfeitos por Muene Puto a mandar; diz ainda que fôra á Estação Paiva de Andrade a chamado de José de Vasconcellos, que lá estava tratando a companheira de doença de que morreu e onde residiram tres mezes; e que nunca conhecera os caminhos tão francos entre os povos Holos, Coxis, Haris, e Iongos.

Todos fallam com saudades da Expedição de Augana Major e estão desejosos que volte por lá; Muene Canje diz que o Augana Major promettera que Muene Puto mandaria na sua terra fazer uma Estação e esperava que se não esqueceria delle, pois tambem fizera acto de obediencia a Muene Puto.

Narro a V. Ex.ª estas minudencias para se conhecer da influencia desta Expedição e que nada se ha perdido com o retardamento da nossa marcha; nós não só tinhamos de invernar como ainda de esperar noticias sobre a causa do filho do Muatiânvua que nos quer acompanhar, no que se me affigura muito ha a lucrar aos fins que temos em vista.

Muito é, o que eu desejava ponderar a V. Ex.ª sobre o que a minha experiencia me ha feito conhecer nesta viagem, mas nem tempo tenho sequer para copiar os meus diarios, pois o portador pede para não o demorar e por isto limito-me apenas a dizer a V. Ex.ª: já fez um anno que nos internámos apóz Malanje e não só a nossa iniciação entre estes povos no serviço de transportes de cargas, o que se não fazia, como as necessidades que lhe havemos creado, espalhando fazendas e diversos outros artigos de commercio, embora só em troca de alimentos; e sobre tudo as nossas permanencias em pontos proximos, tratando os povos com modos affaveis e conciliadores, são de certo elementos que em muito pouco tempo hão de ir beneficiar o commercio da provincia de Angola.

E ainda mais, Ex.mo Sr., eu tenho muita esperança que o proseguimento da nossa viagem na companhia do novo Mua-

tiânvua ha de acarretar resultados muito vantajosos não só para aquelle como tambem para a provincia de Angola.

Das circumstancias depende eu despachar da Mussumba os meus collegas por caminhos diversos, tendo eu de me demorar junto de Muatiânvua, até que V. Ex.ª se digne mandar-me render, se nisso houver, como supponho haverá vantagens, ou então mandar retirar-me.

No primeiro caso, eu não posso deixar de sollicitar desde já a V. Ex.ª, se digne ter em attenção que o sacrificio é grande e eu desejando prestar serviços ao meu paiz, não devo olvidar o futuro da minha numerosa e estimada familia e V. Ex.ª sabe não pedi garantias futuras nem sequer posto de accesso.

E creia V. Ex.ª, que dignando-se ter em attenção o que sollicito, desde a data em que meus collegas se retirarem, eu assumo o cargo de delegado do governo de Sua Magestade nos Estados do Muatiânvua e tomo a direcção das colonias portuguezas que ali quizerem estabelecer-se, mas não será tão convidativa qualquer recompensa pelo facto de me demorar, que eu não peça já a V. Ex.ª se digne pensar em quem me deva substituir porque, álem de cançado e velho, deveres domesticos me reclamam.

Mais detalhadamente fallarei sobre este assumpto a V. Ex.ª da Mussumba e então direi tambem o que deve trazer essa missão para ahi poder permanecer 2 a 3 annos.

Não tem esta Expedição, descurado os trabalhos propriamente de exploração como são: os de sciencias naturaes, historia, geographia, lingua e usos d'estes povos, mas por inopportuno na occasião nem d'elles posso fallar.

Que sejam do agrado de V. Ex.ª, do Governo e do paiz os nossos trabalhos e serviços e nós confiamos que a Divina Providencia continuará a proteger-nos e a proporcionar-nos que os avolumemos. — Deus Guarde a V. Ex.ª — Acampamento

Solidão de Julia, margem direita do Cuêngo, 6 de agosto de 1885. — Ill.mo e Ex.mo Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar. — O chefe da expedição, major *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

*

* *

Quando celebrei o tratado nos Xinjes de Capênda Camulemba com Mona Samba, Mona Cafunfo e seus filhos, bem previa eu que o proprio Capênda, o actual Quilelo estaria disposto a seguir a politica de seu antecessor e tio, o fallecido Mona Pire, reconhecer a soberania de Portugal, prestar acto de vassallagem e submetter-se a auctoridades portuguezas.

Corrobora o que então pensavamos, os tres officios que seguidamente recebemos de Capenda, o primeiro em Malanje depois do nosso regresso e os ultimos dois já depois de estarmos em Lisboa.

OFFICIOS DE CAPENDA CAMULEMBA

Ill.mo Ex.mo Sr. Embaixador ao Muatiânvua. Encarrega-me Capenda Camulemba vassallo da Corôa portugueza de dizer a V. que no regresso da viagem da Mussumba do seu amigo Muatiânvua esperava ser avisado como prevenira ao seu subordinado Caianvo para ir encontrar-se com V. com quem muito queria falar.

O Capenda Camulemba soube que V. fabricou uma boa casa nas terras de sua filha Mona Mahango (Samba) e com esta e seus filhos e tambem com a irmã Cafunfo e filhos que são

subditos delle Capenda, fez um tratado de amizade em que estes reconhecem a soberania de Portugal.

Mas meu senhor, diz Capenda que onde vive o gallo não cantam as galinhas e sendo certo que no Estado dos Capendas estas teem muita importancia porque dão os filhos para a successão dos Capendas, em quanto estes existem são elles que são senhores das insignies e teem a força do poder.

Fizeram bem Mona Samba e Mona Cafunfo em entregar as terras em que dominam ao protectorado de Sua Magestade Fidelissima o nosso Rei porquanto já o seu antecessor e tio o Capenda Pire entregara todos os seus dominios que chegam ao rio Cuengo a Portugal e depois do seu juramento de vassallagem á corôa portugueza foi nomeado pelo fallecido major Francisco Salles Ferreira chefe da Expedição portugueza contra o jaga Ambumba de Cassanje, em 28 de Março de 1851, Capitão dos portos do Cuango.

O potentado Camulemba que é o mais graduado de todos os Capendas queria ir encontrar-se com V. ao caminho para prestar em suas mãos o juramento de vassallagem á corôa de Sua Magestade Nosso Augusto Monarcha e pedir a banda para ser confirmado no logar de seu tio, Capitão dos portos do Cuango, e a occupação das suas terras pelas auctoridades portuguezas porque demais aqui na sua capital estão estabelecidos muitos Portuguezes com as suas feitorias de commercio e que mandam aviados aos confins dos seus limites e precisam de ser protegidos pelas suas auctoridades porquanto as terras dos Capendas estão sujeitas ás invasões de inimigos visinhos Bangalas e Quiocos.

V. como embaixador do governo, o primeiro europeu que estudou devidamente estes povos gentios e conhece dos seus usos, sabe muito bem que os Bangalas de Quinguri não são os mesmos que os do Cuango e se estes se conservam

fieis á bandeira portugueza aquelles teem passado para as terras dos Xinjes e já usurparam por relações com mulheres o terceiro Estado dos Capendas, o do Cassongo que hoje é uma mistura de Xinjes e Bangalas e são estes que juntos com os contrarios aos subditos do jaga, veem aqui roubar mulheres do Camulemba e fazer expoliações ao commercio.

Elles estão muito anchos sempre que regressam de Angola com commercio dizendo que Muene Puto não tem soldados para lhes fazer mal, nem tão pouco quer saber dos povos gentios para cá do Cuango e se mandou agora um embaixador ao Muatiânvua foi para conhecer do valor dos Quiocos e fazer as pazes destes com os Lundas, que elle bem conhece.

V. como um bom branco e um grande de Muene Puto que sabe endireitar os caminhos e resolver os quituches e mostrou sempre ser amigo dos Bangalas e lhes deu razão obrigando o gentio a pagar-lhes os roubos que lhes queriam fazer.

Capenda muito desejava fallar com V, mas passou tão depressa que julga que V. estava enfastiado de andar tanto tempo no matto, e não continuou em seu seguimento, lembrando-se que escrevendo-lhe pode V. junto do nosso Augusto Rei fazer muito em seu beneficio e eu peço a V. a bondade de dar publicidade no Boletim do Governo a este officio do Capenda para que todos saibam que elle se considera vassallo e subdito de Sua Magestade.

Sua Magestade não manda conquistar terras, nem precisa que seus soldados façam fogo para occupar estas terras que lhe pertencem e elle Capenda e todos os da sua côrte o Malungo, o Caianvo e Mona Samba e Mona Cafunfo e Mona Buiza dizem que se tiver grande demora a resposta de Sua Magestade a esse seu pedido, não se admire de vir encontrar depois roubadas e occupadas algumas partes das suas terras

pelos maus Quiocos que são uma peste, pois elle Capenda está sem polvora para os repellir.

Se os Bangalas sempre são descendentes do barbaro Quinguri que espetava as zagaias nos peitos dos seus rapazes para se sentar ou levantar nas audiencias para mostrar a sua grandeza ao povo; ainda peores são os malvados dos Quiocos que se viraram contra o poder do seu amo o maior potentado d'estes reinos o poderoso Muatiânvua, que era o terror de todo o gentio.

Espera Capenda que V. embaixador, logo que esta receba o avisará e dará as suas providencias para que um seu delegado venha receber o juramento de vassallagem do Capenda e todos os seus subditos que elle fará reunir na sua ambanza e sollicitará do nosso Governo para que venha para junto delle um chefe e soldados, asseverando que nas suas terras não lhes faltará de comer e elle ordenará ao seu povo para fazerem as moradias para os soldados onde o chefe entenda — Deus Guarde a V.— Banza do Capenda Camulemba 7 de outubro de 1887 — Ill.mo Ex.mo Sr. major Dias de Carvalho emembaixador Portuguez ao Muatiânvua — (a) Diogo Fernandes de Souza e Silva.

Copia. — Officio n.º 2. — Ill.mo e Ex.mo Sr. — Em 7 de outubro officiei a V. a pedido de Capenda Camulemba, mas receando que esse meu officio não chegasse ás mãos de V. aproveito a occasião da retirada do meu amigo José Antonio de Vasconcellos que vae a Malanje, para fazer chegar ás mãos de V. este em que Capenda Camulemba repete o pedido que fez ao nosso Governo de Angola e quando este não possa attendel-o ao Governo de Sua Magestade Nosso Bom Rei a quem V. decerto vae dar conta da sua missão nas terras do Muatiânvua.

Tanto o Capenda como nós Portuguezes que vivemos com elle estamos num continuado perigo. Os Bangalas já depois do meu officio passado atacaram a povoação de Mona Samba e obrigaram-na a fugir para as terras do Cambondo e isto só porque teem a barriga cheia do quero, posso e mando; estão muito atrevidos com o muito negocio que fizeram á custa de V. , dizem que teem muita polvora e armas e hão-de ir com uma guerra contra os Maquiocos e estes pela sua parte tambem atacaram os Lundas do Bungulo e do Cassassa e dizem que se preparam para ir deitar fóra o Caungula. O pobre Muatiânvua que lá está á espera da volta de V. já está com medo que V. chegue tarde para lhe defender a vida e a todo o momento está esperando que o atoucinhem.

Sua Magestade que olhe com bons olhos para estas terras que são suas e para nós seus filhos, e se estamos brutos é porque Sua Magestade nos tem desprezado e não tem querido saber de nós. — Os Xinjes do Capenda Camulemba não são como os Cassanjes, traiçoeiros e infieis, são todos muito dedicados aos Portuguezes e consideram-se irmãos e é por isso mesmo que os Cassanjes lhes teem odio e os ameaçam dizendo-lhes que nada lhes vale o conservarem-se fieis a Muene Puto e não quererem unir-se a elles para roubarem as comitivas do commercio de Angola e darem uma boa lição aos quimbares para não terem vontade de querer passar o Cuango.

O Capenda e potentados seus subditos ouvem os insultos dos Bangalas esperando sempre que o Governo de Sua Magestade os attenderá fazendo occupar os dominios que são de Portugal depois de 1850 e não permittirá que outros povos os vão desalojar das povoações que estão occupando. Não mandam uma embaixada a Loanda porque estão esperando saber o que alcançou a do Muatiânvua que foi com V.

O Capenda não me deixa e está suppondo que eu não man-

dei o primeiro officio a V. e quer que eu diga agora que se elle não fez tratado com V. foi por V. da primeira vez ter passado de largo e no regresso ter marchado de corrida.

Eu peço o favor de fazer publicar no Boletim, que o Capenda é vassallo de Sua Magestade e pede a sua valiosa protecção para terem socego as suas terras.

Se V. estiver em Malanje peço a V. me diga alguma cousa sobre este officio e o passado para o Capenda saber que eu não o engano. — Deus Guarde a V. — Ambanza do Capenda Camulemba, 25 de junho de 1888. — (a) Capenda Camulemba, Malundo, Caianvo, Mona Mahango e Mona Cafunfo. — E por todos, Diogo Fernandes de Sousa e Silva.

Sr. Henrique Augusto Dias de Carvalho. — Pungo Andongo (sitio de Quiongoa), 30 de novembro de 1888.

Embora de que não tenho pleno conhecimento com V. , durante o tempo que andou no interior da Lunda, em consequencia de me ter apanhado ausencia na occasião quando V. tinha atravessado o rio Quango, onde me achava collocado a meus negocios, porque no mesmo tempo fui chamado pelo Capenda Camulemba (do Xinge) para com fins de principiar o negocio que elle tem representado a V. , já duas vezes; que aos 25 de junho dirigiu-lhe mais o officio n.º 2 que foi remettido por minha intervenção e pedi ao cuidado do meu amigo José Antonio de Vasconcellos, quem o remetteu para o correio de Malanje, que o meu portador lh'o tinha entregue na presença do sr. C. J. de Sousa Machado.

Comtudo já poderá fazer idéa de mim, por meus escriptos que tenho dirigido a V. , por pedido do mesmo Potentado, como verá no mesmo officio n.º 2, auctorisação que me deu para que suas respostas que venham remettidas sempre por

minha intervenção, antes que não tenham algum impedimento, e no caso de não haver por emquanto tempo, comtudo terá a bondade de mandar publicar segunda vez para que chegue ao conhecimento de todos os que até aqui ainda V. não cumpriu aquillo.

No mesmo officio n.º 2, fiz annunciado o sitio por aqui aonde resido e do tempo de que teria de me retirar lá do Xinge, que seria aos fins de julho, o que antes de chegar o tempo assignalado, arrebentou logo lá no interior guerras dos Maquiocos contra o Muata Cumbana e o Cuangula, que obrigou o Muata Cumbana abandonar a Cuipanga (cerco, fortaleza) e foi sonegar-se em Cazele onde elle tem reunido guerras; e o Cuangula tem combatido com elles, e nunca jamais poderão correl-o da Quipanga, porém a gente dos suburbios da terra delle foi corrida, alguns se refugiaram até para cá do Xinje, como um delles o Quifa-messu do porto do Rio Cuillu. Advertindo porém os Maquiocos que estão bravos são os de baixo Cabeça Camuana Mueji e outros Muquiche, menos os de cima dos que V. já comprou a faca em resgate da cabeça de Muatiânvua.

O que pareceu aquella cousa mui admiravel! O rato papar o gato, como o Maquioco sendo moleque, natural e tributario ao Muatiânvua, superior de todos os sobas do interior, e hoje todos aquelles subordinados a esmagar a grande posição d'este poderoso soba! E ao mesmo tempo os Bangalas de Cassanje tambem continuam com seus roubos, que já lhe avisámos tudo no officio n.º 2, que até hoje o commercio por cá em cima anda paralysado por esta causa, e foi em vista d'isto que Capenda, o potentado, teve de me impedir para o fim daquillo, e bem de vir eu annunciar tudo a V. , que de maneiras não cheguei aqui senão nos ultimos dias do presente mez.

Para dizer com franqueza, lá a gente da Lunda de Muatiân-

vua e outros Maxinjes de Capenda Camulemba, andam esperando a pessoa de V. como o povo de Jerusalem esperou pela vinda do Christo, por saber que era o Salvador do mundo. No dia 20 do corrente, appareceram-me por aqui tres individuos de nomes Cacuata Mutombo Mucoi, Calenga Caxalapolo e Quitamba do Madiamba, aquelles dois são uns dos que vieram com filho de Muatiânvua, e este é um dos que seguiram em setembro, os quaes pertencem ao Caungula, vindo saber noticias da vinda de V. , e tambem á compra de polvora para as suas guerras. O filho do Muatiânvua encontra obstaculo no caminho por causa dos Bangalas e Maquiocos que se acharam offendidos pela vinda do mesmo na companhia de V. , porque elles dizem que tiveste caminho de ir e não hasde ter caminho de regressar, salvo se teu Pae Sua Magestade (Muene Puto) tiver o poder de o fazer passar, de sorte que está elle parado em Malanje, os tres individuos que acima ficam expostos passaram aqui com direcção para o Dondo, dizendo que vamos fazer caça de bois silvestres naquellas mattas visinhas ao Dondo, depois irmos até ás lagôas visinhas caçar cavallos marinhos, isto é, sómente para entretermos o tempo da vinda do sr. major, e logo que nos conste que elle está no Dondo nos apresentaremos á presença delle, afim de seguirmos para cima, e se não vier, coitados de nós! porque nunca teremos passagem.

Aonde chegou o atrevimento dos Bangalas!

Certos individuos que tem ido a Loanda e tem encontrado o trabalho para o caminho de ferro no regresso ás suas terras, informando o Jaga seus sobetas, dizem que o Muene Puto não tem que fazer, por isso se entrega a estes trabalhos, imaginando que com isso nos ficaremos temorisados, pelo contrario é uma fortuna para nós, porque apenas que nos conste que chegou tal caminho a Malanje, nós degolaremos tudo quanto

existe cá. E com estas basofias obrigam o Capenda Camulemba a estar preparado para quando lhe constar a vinda da força de Muene Puto, poder soccorrel-o sómente com a polvora que será de que podemos dispór contra os Bangalas, que como costumam em outros tempos hão-de querer valer-se de fugirem para cá nas minhas terras.

Por isso temos pedido a probidade de V. mandar publicar tudo quanto é acontecimentos que tem passado no interior, isto para maior satisfação do tal potentado, e melhor conhecimento do publico.

Aqui fico ás suas ordens para aquillo que me julgar prestavel.

De V. etc. — Sou humilde venerador e creado, Diogo Fernandes de Sousa e Silva.

*

* *

Quinze dias depois de eu ter chegado á Estação portugueza Cidade do Porto, proximo da residencia do Cassassa na margem esquerda do rio Cuilu, na lat. S do Equador 8º 9′; long. E de Green. 19º 39′ e na altitude 1083 metros e já resolvido que o Muatiânvua eleito Chibuinza Ianvò seguia com a Expedição para a Mussumba, pediu-me este uma bandeira nacional para a fazer hastear todos os dias no seu acampamento e ser a guia na marcha do seu sequito, e por isso no dia immediato fomos visital-o e levamos uma de seis pannos para lhe entregar com umas certas formalidades perante os individuos de maior graduação no seu sequito e dos Ambanzas chefes das comitivas bangalas de commercio, que elle nos havia apresentado como seus parentes, o principal Xa Muteba, potentado muito relacionado com as casas commerciaes portuguezas de

Malanje, Pungo Andongo e Dondo e de mim já conhecido em Malanje, e que vivia maritalmente no seu sitio junto ao Cuango com uma irmã de Ianvo.

Os nossos soldados e contractados, na vespera deste dia, haviam arranjado para a frente da residencia de Ianvo um mastro de altura rasoavel devidamente preparado e collocaram-no em um logar já com as adriças postas no seu logar.

Ás 11 horas do dia 10 de setembro, mandei prevenir Ianvo que fizesse reunir os Ambanzas seus amigos e as pessoas da sua côrte para que assistissem á entrega da bandeira e pouco depois como eu tinha distribuido na manhã d'esse dia uniformes aos soldados e contractados, determinei que seguissem para a residencia d'aquelle o cabo militar com uma força de 20 homens devidamente armados e com as instrucções do que tinham a fazer.

Fui com os empregados Samuel, Augusto Jayme e Alexandre Bezerra, e, quando a força nos avistou, annunciou a nossa approximação por um tiroteio de fuzilaria.

Entrando na arena em que estava o Muantiânvua e os seus, depois dos cumprimentos do estylo disse: que lhe trazia a bandeira que elle desejava possuir, mas o prevenia na presença do seu parente Xa Muteba, que conhecia bem aquella bandeira, que emquanto ella fluctuasse na sua residencia não podia elle de modo algum ordenar ou consentir que se mandasse matar qualquer pessoa, fosse qual fosse o motivo; — e se o fizesse, em qualquer logar que fosse eu viria exigir-lhe a bandeira.

A resposta foi satisfactoria e apoiada pelos seus e os Bangalas, e em acto continuo, um dos contractados, tomou a bandeira e foi ligal-a ás adriças e a um signal por mim dado foi ella subindo vagarosamente, tocando as cornetas e tambores

uma marcha em grave e quando chegou ao topo, a força fóra deu uma descarga geral e em seguida mais duas.

Acabada esta cerimonia entregou-se outra bandeira mais pequena a Ianvo para elle determinar ao Cassassa, logo que nós deixassemos a Estação portugueza ou a içar nesta Estação ou então na sua residencia ou alternadamente numa ou noutra segundo o que mais lhe conviesse.

Comprometteu-se o Cassassa a vigiar pela boa ordem e segurança da Estação e a promptificar nella hospedagem aos negociantes ou qualquer viajante portuguez que a desejassem.

*

* *

Entrámos na capital do Caungula em 11 de outubro deste mesmo anno de 1885, e no dia em que o pessoal superior da Expedição foi á sua residencia, 14, pagar a sua visita de cumprimentos, já antes, por minha ordem fôra o soldado n.º 54 Adriano Annanias, collocar no logar em que Caungula nos recebesse em audiencia uma bandeira nacional de dois pannos já posta numa haste que de proposito se fizera.

Depois dos cumprimentos, quando se me proporcionou o ensejo, disse-lhe: «entrego-lhe aquella bandeira que sei a conhece muito bem porque é a de Sua Magestade o meu Rei, protector da Lunda, unica soberania que o amigo disse reconhecer nas terras do Muatiânvua, porque já seus paes e avós era a unica que presavam e queriam; — é uma bandeira que indica: paz, amizade e protecção que Sua Magestade concede aos filhos da Lunda que se sujeitam ás leis do seu Estado e o reconhecem como seu Soberano.»

Caungula respondeu que estimava eu me tivesse lembrado delle com aquelle presente, que não deixará diçar todos os dias

na sua residencia, emquanto estivessem negociantes acampados nos Fundos, porque queria que estes vissem que o Senhor da terra era subdito muito dedicado a Muene Puto; e que com os seus filhos que viajavam nas terras delle nunca deixou de manter boas relações; garantia que jámais seria elle que daria causa para desgostar Muene Puto, que a sua terra lhe pertencia, pois sem a protecção de Muene Puto, nem elle nem pessoa alguma destas terras do Muatiânvua saberia o que era vestir, o que era uma arma, polvora, etc.; que todos fallam muito de Muene Puto por ouvirem os velhos, porém, que elle já conhecia suas terras e tinha algumas relações commerciaes com filhos de Angola.

Sobre o fabrico da casa para a Estação, agradecia que Muene Puto tivesse escolhido o seu sitio para esse fim, mas o que elle mais desejava é que essa não tivesse de se fechar por falta de quem a occupasse.

Por ordem de datas, publico em seguida todos os documentos que mostram a influencia de Portugal neste paiz, a qual muito contribuiu para o estreitamento de relações e para um tractado já diverso do que se fez com os Xinjes do Capènda, um tractado de reconhecimento da soberania de Portugal.

---

31 DE OUTUBRO DE 1885

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Com a maxima satisfação vou narrar a V. Ex.^{a}, como me foi possivel neste logar (capital do Caungula) terras da Lunda commemorar o dia de hoje, anniversario natalicio de Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Luiz I Nosso Augusto Monarcha, que Deus conserve por muitos annos sua preciosa vida.

Á frente da Estação ao romper do dia tocaram a alvorada 3

corneteiros e 3 tambores que depois seguiram com uma pequena guarda de cabo á quipanga do Muatiânvua e dahi á do potentado da terra. Tanto as marchas como as alvoradas das cornetas e tambores foram intercalladas com hymnos e marchas por uma harmonica, instrumento que muito teem apreciado todos os povos por onde temos transitado.

No seu regresso foi içado o pavilhão real no grande mastro que tem de alto 11^{m},40 collocado na meia laranja á frente da Estação; e bandeiras em pequenas hastes nos angulos do edificio. Tocaram as cornetas e tambores uma marcha em grave ao mesmo tempo que se dava uma salva de 21 tiros de fusil.

Até ás 10 horas da manhã, os nossos carregadores e mulheres que os acompanham, com as suas melhores vestes, dançaram segundo seus usos e musicas na referida meia laranja o que tudo attrahiu ali as comitivas do Congo e Bangalas (Cassanjes) que tambem tomaram parte naquelle divertimento.

Os tiros succediam-se de quando em quando por conta dos carregadores o que muito anima os que tomam parte nas suas danças.

Havendo convidado com antecedencia o Muata Chibuinza ou Chibunza segundo differentes pronuncias, Ianvo reconhecido até aqui pelos potentados da Lunda que conhecemos como Muatiânvua e o potentado da terra Caungula, para assistirem ao acto da inauguração da Estação; e nesse mesmo acto declararem em publico a cedencia que haviam feito da área que ella occupa, com suas ruas lateraes e largo na frente, mil e duzentos metros quadrados, para se levantar o competente auto de noticia e tambem firmarem o tratado de reconhecimento da soberania de Portugal o que tudo tinha de ser enviado pelos filhos do rei do Congo ao governo de Sua Magestade; mandaram elles prevenir-me ao meio dia, que estavam reunidos e promptos a seguir para a Estação quando eu quizesse.

Formou a guarda em numero de 1 cabo e 22 praças (o que se conseguiu reunindo contractados) todos uniformisados de fardas encarnadas e bonets de velludo preto bordado a sutache carmesim e pannos todos eguaes, e aguardou-se a chegada dos dois potentados e seus sequitos.

Assim que elles appareceram na rua em frente da Estação que a separa do largo, descobriu-se o frontão o qual contem a seu centro as armas reaes portuguezas e numa fita branca o distico em letras azues: Luciano Cordeiro, e inferiormente ás armas numa taboleta a palavra Estação. Ao cahir o panno a guarda deu tres descargas emquanto as cornetas e tambores tocavam uma marcha em grave.

Dava em seguida entrada no prestyllio o Muatiânvua, Xá Muteba Caungula, seus maiores e povo, vindo atraz d'elles a harmonica (tocador) a pedido do Muatiânvua encorporado á sua musica de pancada. Os nossos carregadores, a quem forneci polvora logo que o povo ao seu uso dava vivas (equivalencia) ao seu Muatiânvua começaram num tiroteio de fusilaria muito seguido.

Devo agora dizer a V. Ex.ª como havia disposto a casa central em que os recebi:

No topo sobre um estrado coberto com o devido tapete armei a cadeira que levamos para o estado e na altura competente o docel com o respectivo cortinado adamascado de seda, a seus lados estavam bancadas pouco mais altas que o estrado cobertas de baêta encarnada, e fronteiras a estas nos membros da porta de entrada analogas; cada banco para duas pessoas. Tanto a porta como as janellas lateraes foram guarnecidas com cortinados de baêta azul; e ao centro da casa, cujo solo foi coberto de esteiras, estava fixada uma meza retangular a qual foi então coberta com um bom panno.

No lado direito sobre um pequeno estrado coberto de baeta

encarnada collocou-se a cadeira para o Muatiânvua coberta com um cobertor de lã tambem encarnada com orlas pretas (muito apreciado por elles) e no lado esquerdo as nossas tres cadeiras cobertas do mesmo modo mas sem estrado, sobre as esteiras. Em frente do estrado da cadeira destinada ao Muatiânvua um pequeno tapete de vivas côres cobria as esteiras.

A cadeira do Estado que se armou e esteve em exposição a pedido dos dois potentados que já me haviam mostrado muito interesse em ver e eu precisava conhecer das suas condições pelas muitas chuvas a que esteve sujeita durante 15 mezes e molhas a que a caixa que a continha se expoz na passagem de muitos rios e por muitos cuidados que houvesse da parte do pessoal superior da Expedição, não foi possivel evitar que as apanhasse. Sendo certo que por causa dos maus caminhos teve de soffrer bastantes tombos que lhe foram prejudiciaes, não se podendo por ora dizer que se sentisse muito; está melhor do que se poderia suppor.

Aos lados desta, colloquei caixas de musica, em que uma felizmente no numero de suas peças comprehendia o hymno de Sua Magestade que tocou constantemente emquanto cada um tomava seus logares o que não foi sem tempo por causa da etiqueta, a que me não tinha esquecido providenciar, mas que não obstante, pelo muito povo que cercava a Estação e embaraçava a passagem, se fez não sem confusões e necessidade de policia para alguns poderem entrar.

Sobre a meza em uma salva de prata estavam 12 crucifixos de metal dourado suspensos a cordões feitos de fio de ouro e prata; — em uma caixa de folha, um collar largo com a respectiva cruz de ouro baixo; sobre uma bandeja, um jarro de electroplate com vinho de pasto e seus copos do mesmo metal; — tinteiro, papel e pennas, etc. Nos angulos da casa, estavam suspensas bandeiras nacionaes.

Emquanto cada um tomava o seu logar, chegaram os da comitiva do Congo, de quem fallo detidamente a V. Ex.ª em outro officio por julgar conveniente fazer uma referencia como tem sido protegida por esta Expedição.

Tambem chegaram os da comitiva dos Bangalas Quinzaji subditos do actual jaga de Cassanje e Malanjes que a acompanha a quem tambem esta embaixada prestou serviços como V. Ex.ª tem conhecimento na communicação geral, e os destas, segundo seu uso entraram no largo com os seus canticos de guerra e aos saltos manejando suas espingardas em signal de submissão e respeito.

Restabelecido o silencio, tomei eu a palavra e depois de mim os diversos potentados e o que foi dito e resolvido consta do auto que este acompanha.

Em seguida de novo tomei a palavra para brindar o nosso Augusto Monarcha, no que fui acompanhado pelos dois potentados cobertos ao uso do seu paiz com sombreiros para não serem vistos pelos seus, por suas Muaris e seus Suanas Mulopos, correspondendo aos tres vivas que levantei a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz I.

Os soldados, empregados, auctoridades subalternas e povo que estavam na rua, tambem reforçaram com os seus os nossos vivas e como de costume rompeu o fogo de fusilaria. A caixa de musica devidamente preparada, fez ouvir o hymno de Sua Magestade com grande espanto dos circumstantes, emquanto fóra principiaram diversos grupos a dançar ao uso de suas terras.

Fez-se em seguida distribuição dos 12 crucifixos que ali tinha para esse fim, suspendendo eu ao pescoço do Muatiânvua futuro, o collar que lhe destinára.

Sendo tanta a curiosidade das Muaris pelas caixas de musica, mandei buscar dois pequenos realejos que tinha duma só peça

de musica e depois de os fazer tocar, foram dados um a cada uma, o que os circumstantes mostraram estimar muito.

Eram tres horas da tarde, quando de novo falei, agradecendo não só aos dois potentados a sua presença á nossa festa, como aos seus quilolos que os acompanharam.

Foi-nos entregue então pelo Muatiânvua em nome do Caungula, um carneiro e uma carga de bombós para o nosso jantar e sendo de estylo para uma boa amizade o corresponder-se; pediu o Muatiânvua para eu dar a Caungula, uma pequena cousa correspondente a dois beirames de fazenda; mandei buscar uma peça de lenços (12), que elle lhe entregou. Caungula agradeceu e retirou e os cornetas e tambores lá o foram acompanhar á sua residencia o que elle muito agradeceu. O Muatiânvua ainda pediu para o seu Suana Mulopo uma divunga de chita (panno) o que lhe dei.

Retirou depois este com os seus, pedindo para que fosse declarado na mucanda (officio) a seu protector Muene Puto a satisfação que teve em estar neste dia assistindo á festa que seus filhos lhe dedicavam e que obrigado era elle não só aos beneficios e tratamento que sua Embaixada lhe ha dispensado depois do seu encontro com elle no Cassassa (Estação Cidade do Porto) mas em lhe aplanar as difficuldades em que estava de poder seguir para a Mussumba ás reclamações dos seus parentes e grandes do Estado afim de ir tomar posse e ainda por lhe mandar cousas que o seu povo até hoje não tinha visto.

Respondi que em breves dias iam ser satisfeitos os seus desejos e acompanhei-o até fóra do prestyllio onde lhe foram prestadas as honras pela guarda que elle pediu para o acompanhar á sua residencia onde então se deram as descargas e houveram vivas dos delle e dos nossos.

Ao sol posto foi arriado o pavilhão e tambem as bandeiras, formando a guarda que apresentou armas, e em seguida deu

as tres descargas. Os carregadores aproveitaram a occasião para tambem descarregarem suas espingardas de quando em quando e começaram as danças.

A noute estava má, chovia e não era possivel fazer-se o que desejavam ; fogueiras até apparecer a lua e tiveram de cessar suas danças.

Com os recursos que tinhamos aonde estavamos, não nos era dado fazer mais.

A eschola que neste dia se inaugurou, vae principiar a funccionar no dia 3 do proximo mez para os menores que nos acompanham na viagem, por isso que tenho de fazer alphabetos e aproveitei um africano que lê e escreve alguma cousa para os principios por haver a vantagem de se fazer perceber bem, e mais para deante, proseguirei então eu a ensinar ao mestre as licções para dirigir os seus discipulos. — Deus Guarde a V. Ex.ª — Estação Luciano Cordeiro, 31 de outubro de 1885 (10 horas da noute) — Ill.mo e Ex.mo Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar — O chefe da Expedição, *Henrique Augusto Dias de Carvalho*, major do exercito.

Expedição portugueza ao Muatiânvua

INAUGURAÇÃO DA ESTAÇÃO LUCIANO CORDEIRO

AUTO

Aos trinta e um dias do mez de outubro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e oitenta e cinco em Africa Central, no sitio do potentado Caungula, Muata Xa Muteba, e a leste da sua povoação Quipanga (residencia propria) pouco mais de um kilometro de distancia e no logar em que a Expedição Portugueza na Africa Central,

composta do chefe major Henrique Augusto Dias de Carvalho, do sub-chefe major reformado Agostinho Sisenando Marques e do ajudante capitão Manuel Sertorio de Almeida Aguiar, acampou e onde levantou a Estação Portugueza, hospitaleira e commercial e já na casa principal da mesma Estação, achando-se presentes: Chibunza Ianvo (Xa Madiamba) filho do Muatiânvua Noéji que na companhia da mesma Expedição segue para o Calanhi afim de tomar posse da governação do Estado da Lunda como Muatiânvua, cargo que lhe pertence por herdeiro de Muteba; e mais o seu grande quilolo Xa Muteba, Muata Caungula, a Expedição Portugueza composta do pessoal superior e seus empregados, interpretes Augusto Jayme, irmão do soba Ambango de Malanje, Agostinho Bezerra, empregado José Faustino Samuel, os contratados em Loanda, Matheus, Paulino, Paulo, Narciso, Adolpho, Roberto, Domingos, Cabuita, Antonio e Marcollino e ainda as praças do batalhão de caçadores 3 de Africa Occidental: cabo 18, Jorge Francisco; e soldados do mesmo batalhão, n.º 4 Catraio, n.º 128 Manuel Paschoal, n.º 49 Antonio Dias Bungo, n.º 50 Antonio Gabriel, n.º 54 Adriano Annanias, n.º 57 Augusto. n.º 90 Antonio Bartholomeu, n.º 127 Filippe Cabral, n.º 28 Manuel Pedro Soares; a comitiva de S. Salvador do Congo, de regresso da Mussumba do Muatiânvua e conduz para seu Rei os restos mortaes de seu fallecido sobrinho D. Miguel, em numero de 16, e dos quaes se tomou os nomes dos 6 mais principaes D. Paulo, Miranda, Miguel, João Manuel, Calunda e Quibanda; os da comitiva de Cassanje do Ambanza Quinzáji, representados por os Ambanzas Quinzáji, Quitamba qui á Cabamba, Xa Cacuco, Cassosso e Quiringo; e os portuguezes do Luximbe, concelho de Malanje, que os acompanham: Domingos Manuel Silverio da Costa, Antonio Matheus da Silva, Antonio Domingos Pedro, Antonio João da Silva Monteiro e Manuel Joaquim, os cabos de Carregadores desta Expedição

Quiteca do soba Nhangua, do soba Anguengue, do soba Quinhonga; Matheus do soba Quissua, Gamboa do soba Ambango, Antonio do soba Angonga, Sarrote do soba Muiéba e Manuel Ignacio do Lombe, todos do concelho de Malanje; e ainda o Muata Xa Muteba, potentado da terra quilolo, Caungula do Muatiânvua, sua Muari, Suana Mulopo e seus sobrinhos de nomes: Tunbu, Chiungo á Pêmbe e Camexe e ainda o Cacuata Jôuji á Cabuita, e finalmente muitos outros Cacuatas e povo delles, bem como todos os nossos carregadores, suas mulheres, ajudantes (quibessas) e creanças aggregadas á nossa Expedição e depois de descoberto o frontão que tem a seu centro as armas Reaes Portuguezas e ladeadas estas com o nome da *Estação Luciano Cordeiro*, foi pelo Chefe da Expedição dito: que se congratulava encontrando-se tão longe de sua patria poder de algum modo deixar um monumento nestas paragens commemorando o Anniversario Natalicio de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz I e na presença de amigos africanos os filhos do Muatiânvua e do Caungula, seu subdito, os do Rei do Congo e ainda os dos seus vassallos Jaga de Cassanje e dos sobas Ambango, Muiéba, Angonga, Lombe, Nhangua, Quinhonga e Quissua e n'esta mesma occasião perante os Portuguezes prestar a devida homenagem a um dos homens contemporaneos do nosso paiz que mais se interessam pela instituição das Estações Civilisadoras Portuguezas em todo o Continente Africano, principalmente em terras da Lunda e com distincção ha trabalhado neste ultimo periodo de 12 annos em promover os interesses da Nação em Africa e sustentar os nossos antigos direitos, dentro e fóra do paiz, do que neste Continente nos pertence por herança dos nossos maiores.

Quiz a Providencia que no nosso caminho encontrassemos um antigo amigo Suana Mulopo do fallecido Muatiânvua Muteba que os grandes fidalgos Ministros ou Conselheiros do Estado

da Lunda reclamavam a sua presença para tomar conta da governação do Estado e que este a quem me prestei a acompanhar de bom grado, julgasse um dever entrar, primeiro que em qualquer outra parte, em terras tambem dum velho amigo, ainda parente e leal quilolo, Caungula.

Em taes circumstancias, pois, aproveitei a occasião, logo depois dos cumprimentos do estylo, de fallar ao potentado Caungula para levantar esta Estação com os aposentos que julguei de prompto serem indispensaveis e depois de devidamente limitada tomei á sua frente uma área meio circulo definida por arvores mulembas, onde foi levantado o mastro da nossa bandeira a um quarto do diametro perpendicular á frente do frontão; e aos lados terrenos para ruas espaçosas; a da esquerda (norte) denominei Sisenando Marques e vae ligar-se a 350 metros com a que se dirije á quipanga de Caungula e a da direita menos larga que se reune áquella no mesmo ponto que a primeira, denominei Sertorio de Aguiar; e assim deixo tambem junto a este monumento por mim projectado e construido, bem consignado quanto me tem auxiliado com seus serviços prestimosos estes meus dois companheiros de trabalhos nesta já longa e fastidiosa missão.

Limitada, pois, a nossa Estação numa área de 30 a 40 metros, isto é, 1:200 metros quadrados, havendo-se estreitado de dia para dia as relações com os dois potentados Muatiânvua e Caungula e os seus maiores, propuz a estes a compra desta área de terra para a Nação Portugueza, que eu em nome do seu Governo comprava, para que mais tarde ninguem ouzasse pedir tributos ou a exigir por suggestões de qualquer ou a qualquer pretexto a sahida dos filhos de Sua Magestade que com auctorisação do seu Governo ou por elle enviados viessem nella residir.

Um e outro destes potentados por essa occasião lembrando

as antigas relações que sempre sustentaram com os filhos de Sua Magestade declararam não ser crivel que houvesse potentado algum que tal fizesse, pois todos respeitavam e estimavam o nosso Monarcha como um bom Rei, um bom amigo e protector, pois foi sempre elle quem lhes mandara as fazendas e missangas que vestiam e a polvora e armas com que caçavam e combatiam os seus inimigos.

Nós, me disseram Muatiânvua e Caungula, não podemos vender a Sua Magestade o que ha muitos annos a Lunda considera propriedade sua, mas para que não reste duvida alguma a seus filhos, que o chão em que a bem vinda embaixada de Sua Magestade fabricou esta Estação lhe pertence de bom grado, fazemos cessão a Sua Magestade, nosso protector e amigo, do terreno que ella comprehende e com prazer annuimos ao convite da mesma embaixada em se lavrar o auto desta cedencia no dia de hoje que os Portuguezes festejam por ser o dia em que faz annos ter nascido seu estimado Rei, nosso bom amigo.

Tambem para ser lido e assignado neste dia declarou o Muatiânvua que com Caungula e comnosco haviam feito uma mucanda (Tratado) para Sua Magestade Rei dos Portuguezes tomar conta das terras como tomou de seu irmão Cassanje.

Foi em consequencia desta adhesão, proseguiu o chefe, que vos convidei a vós Portuguezes para serdes testemunhas do acto que se está passando e do qual faço lavrar o competente auto de Noticia, que espero em breves dias remetter ao Governo do nosso Augusto Monarcha.

E aproveito a occasião para vos declarar, que não podendo por emquanto fixar-se o dia da nossa partida para o Calanhi, com annuencia tambem de Muatiânvua hoje se abre nesta Estação uma escola primaria de instrucção da lingua portugueza obrigatoria para todos os menores que fazem parte desta Ex-

pedição entre 7 e 15 annos e facultativa para os maiores de 15 annos e para todos os individuos que o Muatiânvua leva na sua comitiva e diz que vae mandar frequentar.

E' por emquanto della professor o empregado desta Expedição José Faustino, que sob minha direcção ha-de leccional-a das 11 horas da manhã ás 2 da tarde, tendo logar a primeira lição no dia 3 do proximo mez e a esta aula a primeira que se estabelece em terras da Lunda entendi denominal-a Chibuinza Ianvo, para que pelo menos seus discipulos se recordem no futuro, não só deste dia como do Muatiânvua presente e que de passagem pelas terras do Caungula ia a chamado dos grandes quilolos tomar posse do seu Estado.

Foi em seguida lido e assignado o Tratado que se juntou a este.

Vê-se, pois, meus amigos, continuou o chefe, como felizmente a Providencia me permitte que eu possa tão longe da minha Patria commemorar a festa do nosso Rei, com instituições de utilidade a favor dos bons creditos da Nação e tambem em beneficio de um povo ha muitos annos amigo e que precisa do nosso valimento para entrar no convivio dos mais civilisados.

Sob a nossa protecção se collocaram desde que chegámos a esta terra os filhos do Rei do Congo, nosso antigo vassallo, e elles os esfomeados e nús que encontrámos, tiveram a justiça que sollicitaram e pelo trabalho nesta Estação adquiriram já com que se cobrir e teem ganho para seu sustento. Testemunhas agora deste acto, elles vos podem dizer o valimento e influencia do nome portuguez para com o seu Rei e povo, e quanto a nossa actual missão em S. Salvador, composta de zelosos e infatigaveis sacerdotes tem conseguido instruir na nossa lingua, usos e costumes e em artes e officios sua nova geração.

Repetiram os dois interpretes da Expedição a Ianvo, inter-

prete official do Muatiânvua, o que fica exposto, e em seguida este, na lingua Lunda, depois das cerimonias do estylo, tudo fez constar aos dois potentados, Muaris, seus Suanas Mulopos e mais quilolos e povo presente, o que fôra rectificado pelos nossos interpretes que bem conhecem a lingua Lunda.

Respondeu o Muatiânvua já reconhecido pelo potentado Caungula e pelos seus Suanas Mulopos e Cacuatas que representam os maiores da Lunda, seus sélaji (patrões):

Que tudo que dissera o seu amigo major, representante de Muene Puto, não teve para elles duvida alguma que fosse escripto, e que elle estava prompto a dar o seu nome para que seu protector e amigo soubesse que tanto elle como Caungula de bom grado cederam o chão em que ficou fabricada a sua Estação e firmaram o Tratado em que sollicitam a sua protecção effectiva e que ninguém ousaria a contrariar o que foi feito e acceitavam o nome que se lia á entrada da Estação, como desejava a Embaixada de seu bom amigo Muene Puto.

Muito tinham a agradecer em nome de seus povos que Muene Puto fizesse ensinar seus filhos, pois era uma fortuna grande para as suas terras onde de dia para dia se admirava as cousas novas que Muene Puto lhes enviava e referiu-se principalmente á cadeira, docel e tapete que seguem com a Expedição e estavam expostos devidamente collocados no topo da casa (armada segundo os recursos), e todos se empenhariam em saber fazer.

A Estação era já para elles uma cousa nova, e o trabalho feito em tão poucos dias bem indicava o muito que elles com o tempo podiam aprender. Elle Muatiânvua desejava muito que se escrevesse a Muene Puto dizendo o que se estava passando e se lhe dissesse que eram bem vindos os filhos que mandasse para esta sua casa para negociar e para ensinar os filhos destas terras.

Caungula fallou em seguida. O nosso amo Muatiânvua disse o que eu agora só tenho a confirmar; esta casa é de nosso bom protector Muene Puto; por aqui passam muitos filhos seus ha annos e são sempre bem recebidos, vem agora Muene Puto em pessoa (representante) e por isso o que não lhe fariamos nós que o reconhecemos nosso maior? Elle tem-nos mostrado cousas que nos surprehendem, se algumas já as tinhamos visto em poder dos inguereses (allemães) e de relance, agora as vimos melhores e outras são para nós inteiramente novas e de maior riqueza o que nos mostra sua grandeza. Como não lhe proporcionar os meios de o termos ao pé de nós (seu representante) e aos seus filhos que desejarem vir aqui estabelecer-se?

Eu agradeço muito a Muene Puto que acompanhe o seu amigo Muatiânvua á Mussumba, mas tambem desejo muito que venham filhos seus proseguir na educação dos meus.

Está feita uma boa casa e por isso todos nós temos muita esperança que Muene Puto não deixará de mandar para ella quem venha negociar e ensinar o povo d'esta terra. O nosso Muatiânvua deseja que se escreva a Muene Puto e se lhe participe que está feita a casa em terra que cedemos de bom grado a Muene Puto para esta se fazer; e eu tambem desejo que elle saiba que muito estimo que mande para ella seus filhos e emquanto não vierem para cá mandarei um homem que tome conta della e a conserve sempre limpa e em estado de ser devidamente occupada por quem elle mandar. Isto que eu desejo, desejam tambem os do meu Estado e por isso presto o meu nome para a Mucanda (escripto) que o sr. major já nos leu.

Aos interpretes se repetiu que transmittissem novamente, que eram desejos da Expedição comprar o terreno não por elles, mas porque no futuro seus herdeiros talvez mal aconselhados, não quizessem confirmar a concessão agora feita e tanto

pelo Caungula, directo senhor destas terras como pelo futuro Muatiânvua, já por elle como tal recebido e considerado, foi repetido que uma futura interpretação differente do acto que estavamos praticando se não podia dar pelos seus herdeiros e que se fechasse a mucanda

O chefe agradeceu em nome de Muene Puto não só a concessão dos 1:200 metros quadrados de terreno para o fabrico das casas da Estação, como ainda delles annuirem a assistir ao acto da sua inauguração, commemorando assim o dia da festa de Muene Puto seu amigo e de voluntariamente se prestarem a ter discutido o tratado que acaba de ser assignado

Respondeu o Muatiânvua que os agradecidos eram elles e sentia bastante não estar já no seu Estado para dar uma prova do que seu coração desejava e por agora (dirigindo-se ao chefe) pedia acceitasse a Embaixada a pequena lembrança que lhe podia dar para o dia de hoje, um grande carneiro e uma porção de bombós (mandioca).

O chefe agradeceu e pediu, como era de uso no seu povo, para que o Muatiânvua, Caungula, Muaris e seus maiores presentes o acompanhassem bebendo vinho do Porto (vinho das terras de seu protector Muene Puto) para que o Amzambi (Deus) lhe désse muitos annos de vida, saude e felicidade, na companhia de sua Real Esposa e Estimados Augustos filhos e para bem do seu povo.

De um jarro de electroplate, que muito admiraram, se lançou vinho nos copos, emquanto os dois potentados procederam ao cerimonial de abrir os chapeus de sol para se occultarem ás vistas dos espectadores, emquanto bebem, e distribuidos os copos o chefe levantou tres vivas seguidos a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz I, vivas que foram correspondidos até no largo pelo povo, ouvindo-se em seguida a fusi-

laria por algum tempo, correspondendo aos enthusiasticos vivas e vendo-se subir e descer o pavilhão Real por tres vezes, o qual todo o dia esteve tremulando no alto mastro em frente da Estação.

Em seguida, o chefe collocou no pescoço do Muatiânvua um largo collar de ouro (em parte) e o sub-chefe e ajudante distribuiram pelas Muaris e maiores 12 crucifixos de metal dourado, suspensos a fitas e cordões de fio de ouro, o que foi muito apreciado.

Duas caixas de musica, uma que tocava o hymno de Sua Magestade El-Rei, foi depois o entretenimento dos potentados e tão interessados estavam, principalmente as Muaris e as mulheres que as acompanhavam, ver os movimentos dos cylindros das referidas, que o Muatiânvua pediu para que ninguem soubesse como as cousas se passavam e só ouvissem a musica, que se tapassem as caixas o que se fez, com o que elle se mostrou muito satisfeito, e para maior surpreza mandaram-se buscar dois pequenos realejos, cada um de uma só peça, e fez-se tocar, o que realmente muito foi admirado pela sua pequenez e pela manivela.

Estes foram dados um á Muari do Muatiânvua e outro á do Caungula, o que muito agradeceram.

Depois disto, o chefe mandou os interpretes agradecer ao Muatiânvua e Caungula a concorrencia dos seus maiores e povo a este acto, bem como aos Chefes das Caravanas do Congo e Cassanjes (Bangalas) presentes.

O Muatiânvua pediu, como era de estylo, um panno (4 jardas) de fazenda para o quilolo da terra (Caungula) que o acompanhara e o chefe fez-lhe entregar 12 lenços, o que elle muito agradeceu, e retirou com os seus, sendo acompanhado pelas cornetas e tambores até á sua residencia.

Despediu-se em seguida o Muatiânvua e os seus maiores e

retiraram, dando a guarda as descargas e em seguida os carregadores muitos tiros com as suas espingardas.

Eram tres horas da tarde, pouco mais, quando terminou este acto, de que se lavrou o competente auto, e que pelos interpretes se mandou ás auctoridades e mais pessoas que estiveram presentes e sabendo escrever podessem assignar e as que não soubessem delles conhecidos que o podessem fazer de cruz e por procuradores seus nomes fossem escriptos.

E por ser verdade tudo isto que ahi fica narrado, nós, pessoal superior da Expedição Portugueza á Africa Central, o asseveramos no final deste auto.

Ianvo (Quibunza, Chibunza ou Chibuinza), segundo as melhores pronuncias, (nome de caça), Muatiânvua eleito ✝, Muata Xa Muteba, Caungula ✝ Muari do Muata ✝ (mulher), Cassaje Muteba ✝, Suana Mulopo (herdeiro do Muatiânvua) ✝, Cacuata Angunza ✝ representante do quilolo Canapumba; Cacuata Mulanda ✝ representante do grande Calala; Cacuata Andunda ✝ e Cacuata Capenda ✝ ambos da casa da Muari; Cacuata Ianvo ✝ representante de Muene Capanga; e Cacuata Ianvo ✝ representante de Muene Quiamba.

Por todos estes individuos presentes e a quem bem interpretei na sua lingua o que me foi dito pelo Chefe da Expedição de que sou empregado e de que o póde jurar o meu collega Augusto Jayme, que tambem conhece a referida lingua, eu affirmo o que consta deste auto com respeito ao que elles disseram e nós interpretamos á mesma Expedição em portuguez e assevero e mesmo juro quando me seja exigido que reconheço os nomes acima como dos presentes e que por todos assigno, bem como por meu collega Augusto Jayme que neste tambem assigno de cruz — Augusto Jayme ✝ interprete, Agostinho Bezerra, Antonio Bezerra de Lisboa.

TERMO

Estiveram presentes a este acto os 16 filhos do Congo que transportam para o seu Rei a ossada de seu sobrinho D. Miguel, fallecido em terras da Lunda; e dos quaes o chefe mandou tomar o nome dos seus mais importantes como testemunhas presenciaes delle e são: Paulo ✝, Miguel ✝, Miranda ✝, Calunda ✝, Quibando ✝ e João Manuel ✝ a rogo dos quaes por elles assigno tambem este termo, pelo facto de terem conhecimento do que se passou. — (a) Agostinho Bezerra.

TERMO

Reconhecemos como testemunhas que presencearam o acto solemne constante d'este auto os individuos que em seguida vão ser escriptos e que por não saberem escrever nós por elles o faremos e promptos a jurar se fôr preciso a veracidade do que se passou e da identidade dos referidos individuos Cassanjes que na nossa companhia seguem para o Muata Mucanzo, subdito de Muatiânvua no Cassai e pertencem ao dicota do Jaga de Cassanje denominado Quinzaje, o proprio Quinzaje, Ambanza Quitamba qui á Cambamba, Xa Cacúco, Cassosso; Quiringo e os de Malanje portuguezes: Domingos Manuel Silverio da Costa, Antonio Martins da Silva e Antonio Domingos Pedro. E por os reconhecermos por elles assignamos a seu rogo. — Quiringo ✝, Quibamba qui á Cambamba ✝, Xa Cacuco ✝, Cassosso ✝, Domingos Manuel Silverio da Costa ✝, Antonio Martins ✝, Antonio Domingos Pedro ✝ — (aa) Antonio João da Silva Monteiro, Manuel Joaquim.

São estes dois individuos naturaes de Malanje, sitio do Lu-

ximbe, reconhecidos bem como todos os outros pelos interpretes Augusto Jayme e Agostinho Bezerra, que por não saberem escrever, e eu abaixo assignado, primeiro interprete da Expedição Portugueza que se dirige á Mussumba do Muatiânvua e por reconhecer a todos pelos seus proprios nomes por estes e aquelles assigno este termo e por todos me responsabiliso a jurar aos Santos Evangelhos que não só deram os nomes porque são conhecidos como ainda que os que não conhecem a lingua portugueza, de sciencia conhecem o que se passa neste acto e que o testemunham sendo preciso. — Antonio Bezerra de Lisboa.

TERMO

Declaro que estiveram presentes a este acto, de que se lavrou o competente auto, os potentados Caungula, Muata Xamuteba, sua Muari Tembu, seu Suana Mulopo (herdeiro), Chihungo á Pembe, sobrinho Camexi e Cacuata Joûgi á Cabuita e que todos apoiaram Caungula, que em seguida ao Muatiânvua disse o que fica escripto e por ser verdade estou prompto a jurar aos Santos Evangelhos quando me seja exigido. — José Faustino Samuel, empregado da Expedição.

TERMO

Pelo cabo e soldados constantes deste auto e que são testemunhas do que se passou, assigno tambem eu por elles por não saberem escrever. — José Faustino Samuel, empregado da Expedição.

TERMO

Pelos representantes dos sobas de Malange: Ambango, Muiéba, Angonga, Angonga Quinhonga, Quissua e tambem por Au-

gusto Jayme, assigno eu, primeiro interprete da Expedição, que por doente não assisti á cerimonia, mas que por elles ouvir e por pedido delles estou prompto a jurar que os conheço e ser exacto o que consta deste auto. — Antonio Bezerra de Lisboa.

Foi este por mim escripto e vae ser assignado por todos os presentes que sabem escrever na Estação Luciano Cordeiro, proximo á quipanga do Caungula em Africa Central, aos trinta e um dias do mez de outubro do anno de mil oitocentos e oitenta e cinco. — O Chefe da Expedição, Henrique Augusto Dias de Carvalho, major do exercito; Agostinho Sisenando Marques, sub-chefe; Manuel Sertorio de Almeida Aguiar, ajudante; José Faustino Samuel; Antonio Bezerra de Lisboa; Agostinho Bezerra.

TRATADO

Artigo 1.º — O Muata Xá Mutéba, Caungula do Muatiânvua e grande quilolo da Lunda, Senhor d'esta terra, declara em seu nome, no dos seus parentes, auctoridades e povo d'este seu dominio, voluntariamente reconhecer a soberania de Portugal e pede com instancia a Sua Magestade, em interesse d'elles se amerceie, collocar sob o seu protectorado todo o territorio em que elle domina e por elle governado.

Art. 2.º — Portugal, além da Estação Luciano Cordeiro, que hoje lhe pertence tem á sua disposição proximo da mesma a propriedade inteira e completa de porções de terreno necessarias para nelles seu Governo fazer e edificar os seus estabelecimentos militares, administrativos e particulares.

Art. 3.º — Portugal terá junto do Caungula, um delegado do seu Governo, com as auctoridades, força militar e pessoal

para a Estação que julgue conveniente e serão bem recebidos e protegidos todos os seus filhos que nestas terras quizerem exercer a sua actividade, para o que lhes será facultado sem onus os terrenos de que necessitem e sejam requisitados pelo referido delegado.

Art. 4.º — Portugal reconhece todos os Chefes de povoação e potentados nesta data estabelecidos nas terras comprehendidas no dominio collocado agora sob o seu protectorado e confirmará de futuro todos os que forem eleitos pelos povos ou de nomeação de Caungula, segundo as suas leis e usos promettendo-lhes auxilio e protecção.

Art. 5.º — Portugal obriga-se a manter a integridade dos territorios collocados sob o seu protectorado.

Art. 6.º — A todos os Chefes e habitantes será garantido o dominio que hoje disfructam nas terras em que estão estabelecidos ou que por sua conta são cultivadas; podendo-as vender ou alienar de qualquer fórma para estabelecimentos ou feitorias, de negocio, agricola ou outras industrias, sendo o pagamento como é actualmente do uso; devendo marcar-se de uma maneira clara e precisa a área dos terrenos cedidos e registados os contractos na delegação do governo de Sua Magestade, para que possam evitar-se complicações no futuro.

Art. 7.º — A qualquer estrangeiro se concede a liberdade de estabelecer-se nestas terras, respeitando os usos e costumes dos seus povos que Portugal mantem, ficando o delegado do Governo, obrigado a protegel-o, bem como os seus estabelecimentos, reservando comtudo o mesmo Governo o direito de proceder como entender, quando provado fôr, que por tal concessão, se tenta destruir o dominio de Portugal nestas regiões.

Art. 8.º — Caungula e as auctoridades que lhe são sujeitas, obrigam-se a não fazer tratados nem ceder terras a representantes de qualquer nação ou povos para fim diverso do art. 6.º.

Art. 9.º — Caungula, obriga-se a proteger todo o commercio licito em suas terras sem ter em attenção a nacionalidade dos negociantes, antes facilitando: já abrindo novos caminhos, já melhorando os que existem, não permittindo a interrupção de communicações com os estados visinhos, usando da sua auctoridade para a fazer destruir; já facilitando ainda e protegendo as relações entre vendedores e compradores, as missões religiosas, scientificas e de instrucção aos seus povos, que queiram estabelecer-se quer temporaria quer permanentemente em suas terras e assim tambem o desenvolvimento da agricultura.

Caungula e os chefes das povoações seus dependentes, concedem desde já e estimam que se abram caminhos de facil acesso a viaturas para a Mussumba do Muatiânvua como para o Muquengue no Lubuco, desejando seja o primeiro para as terras de Muene Congo, passando pelas de Muata Cumbana e de Muene Puto Cassongo, e não só auxiliam quanto possam esses trabalhos, mas os coadjuvam empregando todos os seus esforços para que prosigam sem difficuldades nas terras dos seus visinhos.

Art. 10.º — Toda e qualquer questão entre europeus e indegenas e mesmo entre os de nacionalidade diversa, será resolvida com a assistencia do delegado do Governo portuguez.

Art. 11.º — O presente tratado feito pela Expedição Portugueza ao Muatiânvua e Muata Xa Muteba, Caungula de Muatiânvua, lido e explicado pelos interpretes da mesma Expedição, vae ser assignado pelo pessoal superior da mesma Expedição, — o referido Muata e todas as auctoridades presentes por um respectivo signal ✝, os referidos interpretes e mais pessoas de diversas comitivas, que assistiram a este acto e estão de passagem nesta terra, e do qual se lavrou o auto da sua apresentação e approvação que tambem assignam, e co-

meçará este. Tratado a ter execução só quando o Governo de Sua Magestade ou o Senhor Governador de Angola entenderem ou para isso dispensem as providencias necessarias. Estação Luciano Cordeiro no Caungula—31 de Outubro de 1885 (ass) Henrique Augusto Dias de Carvalho Chefe da Expedição, delegado do governo de Sua Magestade Fidelissima na Lunda, dominios do Muatiânvua, † Chibuinza Ianvo Muatiânvua eleito, † Muata Xa Muteba Caungula do Muatiânvua, † Muteba Suana Mulopo do Muatiânvua e Muene Tembue † Camuexi, Fuma Anseva do Caungula, † Muari do Muatiânvua, † Muari do Caungula, † Augusto Jayme, irmão do Soba Ambango de Malanje, † Paulo do Congo Mujinga Congo, † João do Congo, † José do Congo, † Ambanza Quinzaje (Bangala), † Ambanza Madamba (Bangala), Antonio João da Silva Monteiro, negociante do Luximbe Concelho de Malange, Manuel Joaquim, idem, José Faustino Samuel, empregado na Expedição, Agostinho Alexandre Bezerra, 2.º interprete. — Está conforme o original — o que juro se fôr preciso — Antonio Bezerra de Lisboa, 1.º interprete.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.—Pouco depois de ter acampado neste site sitio, proximo da residencia do Muata Caungula vieram cumprimentar-me Paulo e mais quinze individuos entre velhos e rapazes todos subditos do rei do Congo e que principiaram por me dizer que sendo (dois rapazes faziam-se entender bem em portuguez e um delles chama-se João) vassallos de Sua Magestade o Senhor Rei de Portugal, vinham cumprimentar como embaixador de Sua Magestade nestas terras (certamente queriam dizer representante como dizem os Lundas, equivalencia, porque a verdadeira interpretação não encontrei ainda) e collocar-se sobre a protecção da bandeira portugueza, pois

precisavam que se lhe fizesse muita justiça porque teem soffrido muitos roubos depois que regressaram da Mussumba (e a maior parte delles já cobertos apenas com uma pelle de cabra) foi isto que nos deram (apontam) em troca até dos pannos que vestiamos e tambem nos roubaram.»

Agradeço os cumprimentos, respondi, e se for sincero o que me dizem, dilgenciarei que lhes façam a justiça que pedem.

Neste momento de cousa alguma posso tratar já, que não seja o fazer alojamentos para as nossas necessidades, mas como teem fome e precisam de se vestir, venham trabalhar todos os dias para alguma cousa lhes dar.

No entanto eu falarei ao Muatiânvua para lhes dar uma audiencia, mas preciso que venham ámanhã seu chefe e João que fala portuguez contar-me com verdade o que se ha passado, com respeito á sua expedição.

Vieram os homens no dia seguinte e eis sua narração:

Viemos de S. Salvador fazendo parte da comitiva do principe D. Miguel filho (sobrinho?) do actual Rei do Congo com presentes para o Muatiânvua e alguns trazendo seu negocio ha perto de 4 annos.

Despachou-nos o Muatiânvua Ditenda (Quibinda) para o Muata Mucanza (Mazari, vulgo Anguvo) no Cassai afim deste nos dar um Cacuáta para nos acompanhar até junto do nosso Rei com os seus presentes.

Esperando pelo Cacuáta tivemos alguma demora e neste tempo foi morto Ditenda e substituido por Cangapua.

Mucanza em vez de attender ás ordens que tinha e aos nossos rogos, tratou de nos expoliar marfim e alguns escravos a diversos pretextos; e morrendo o nosso principe, ainda mais demoras tivemos.

Alguns dos nossos haviam já tomado a deanteira (eram aquelles que já de Camau, falei a V. Ex.ª) e parte dos que fi-

caram com o chefe Paulo tiveram de voltar ás terras de Mucanza não só para requerer justiça mas para trazer os ossos do principe porque o nosso Rei decerto nos não perdoaria se os deixassemos em terras do gentio.

Não foi sem tempo que conseguimos recolher a ossada do defunto depois de o passarmos pelo fogo.

A justiça que pretendiamos não se nos fez e ainda nos roubaram alguma cousa que tinhamos.

Em Mataba por onde seguimos, encontramos alguns companheiros que tendo sido roubados pelos Calambas, tambem nada conseguiram e é certo que de Mataba até aqui principiámos a usar de pelles.

Aqui o Cacuata Angunza tambem nos roubou um servo.

Deste roubo, diz o chefe, queixei-me ao Caungula e elle attendeu-nos, promettendo na sua terra protecção e que nenhum dos seus nos fariam mal e podiamos acampar onde quizessemos.

Nós fomos para a margem do rio por causa dos restos mortaes do principe.

Em quanto ao roubo disse-nos elle, que aquelle Cacuata estava ao serviço do Muatiânvua e não delle e por isso não podia involver-se em tal questão; mas que o novo Muatiânvua estava a chegar com o seu amigo Muene Puto e na comitiva vinha aquelle Cacuáta e então podiamos apresentar o que fosse de nossa justica.

Neste dia, conhecendo elle, que era verdade, que tinhamos fome, e estavamos nús, por causa dos roubos que nos haviam feito os Lundas, mandou-nos dar de comer e ao chefe tambem o panno de algodão que traz vestido.

Bem, respondi, vou fazer toda a diligencia para que se lhes paguem os roubos ou valores equivalentes, no que já hontem falei ao Muatiânvua e recebe-os depois d'ámanhã.

Pelo que respeita a Mataba e Mucanza é preciso que alguns

rapazes sigam na minha Expedição para junto com os companheiros que ainda ficaram no Mucanza allegarem o que fôr necessario a bem de seus direitos.

Principiei já umas obras, continuei eu, e preciso de capim; os Bangalas já hontem o offereceram e trouxeram cada um tres feixes de capim por um bando de fazenda de lei, vão pois Vm.s hoje buscar capim que lhes pago da mesma maneira e já podem comprar algum sustento e ámanhã venham de madrugada trabalhar todo o dia e assim nos outros que pódem obter mais alguns bandos de fazenda para tirarem as pelles e se poderem apresentar mais decentemente ao Muatiânvua.

Os homens agradeceram muito e disseram que a sua causa estava entregue a Muene Puto e por isso descançavam.

Deixam aqui para me acompanhar seis rapazes e um velho ou mais se eu assim entender.

Respondi ser bastante esse numero, e para que tenham direito a rações como os meus carregadores eu daria uma carga a cada um para transportar e quando acampassemos trabalhariam para terem esse direito. Ao que annuiram.

Em quanto aos restos mortaes de D. Miguel disseram elles que os transportavam numa muhamba (especie de canastra) onde levam as suas cargas e que iam por Malanje para vêr se ali lhe fariam um caixão bem arranjado para seguirem.

Disse-lhes então que me auxiliassem a trabalhar até ao dia 31 de outubro nas construcções que estava fazendo, que depois eu mandaria arranjar-lhes aqui uma caixa muito melhor do que se poderia fazer em Malanje e lhes entregaria um officio para seu rei e outro para os padres portuguezes em S. Salvador, e a minha correspondencia official para Malanje onde os mandaria vestir a todos; com o que ficaram muito satisfeitos e só esperavam eu os despachasse.

Tres dias depois recebia eu o Muatiânvua numa especie de

alpendre que á pressa foi arranjado com cortinados de baêta azul e fazendo-o sentar num throno de caixas forradas a baeta encarnada.

Tomando a palavra disse-lhe: que estava elle prevenido de justiça que requeriam já nesta terra os filhos do rei do Congo seu amigo, e que eu esperava não a recusasse embora ainda não estivesse de posse do Estado.

O Cacuáta contra que elles se queixavam fazia parte de sua comitiva e como elle o reconhecia por seu Muatiânvua decerto entregaria o roubo.

O Muatiânvua disse não me poder recusar cousa alguma e visto o meu interesse pelos filhos do rei do Congo, os havia de contentar embora aquelle negasse como era de suppôr o roubo e elle o tivesse praticado antes de estar ao seu serviço.

Depois de o ouvir mandei chamar os queixosos que estavam esperando no meu acampamento ;—e feito por estes os cumprimentos do estylo;—fil-os apresentar por meus interpretes e pedir-lhe para elles mesmo exporem a sua queixa ; ao que o Muatiânvua annuiu e elles o fizeram.

Respondeu então o Muatiânvua que feliz era por seguir viagem com Muene Puto seu bemfeitor ; não deixaria visto a minha intervenção de attender ao que pediam os filhos do rei seu irmão com quem queria sustentar a amisade que com elle sempre tiveram seus antecessores.

Só por meu podido já tinha ouvido o Cacuáta Augunza contra quem era feita a queixa e este negára o facto ; porém elle affiançava que fazia a devida justiça e em dois dias voltassem áquelle logar em que estavam que na minha presença lhes seria entregue o roubo ou valor equivalente. Emquanto ás questões com Mataba e Mucanza só podiam ser tratadas quando lá chegassemos e então fizessem o que eu já lhes aconselhara, acompanhassem a Expedição para exporem suas queixas.

No dia 2 de novembro, de facto arranjou-se uma caixa onde se acommodaram, embrulhados em fazenda, os ossos do principe.

A' vista do chefe e mais dois foi ella fechada, forrada a baeta azul guarnecida com galões e emblemas funebres em todas as faces menos na inferior e tudo pregado a taxas douradas. Ficou realmente muito boa e póde dizer-se a par de obras deste genero. Em Malanje não lha fariam tão bem, pois talvez não haja o que por uma casualidade eu trouxe, galões, emblemas funebres e diversos que da cidade do Porto me enviaram.

Ao sol posto desse dia, lá levaram a caixa com muita estimação e dizem que vão tratar com todos os cuidados de a preseverar das intemperies do tempo.

Hoje mesmo despachei os que seguem e levam toda a correspondencia da Expedição para Malanje e officios para o rei do Congo narrando-lhe o succedido com elles e o que a Expedição lhes poude fazer e ainda outros assumptos.

Ao chefe do Concelho de Malanje, os recommendo para os proteger e mando-os vestir em casa de Custodio Machado por minha conta particular, por me não julgar auctorisado a fazel-o em nome do Governo.

A Sua Ex.ª o Governador Geral communico tambem o procedimento havido com esta gente e caso elles queiram seguir por Loanda, pedindo a S. Ex.ª se digne conceder-lhes passagem para o Zaire.

Espero que o meu procedimento para com esta gente mereça a approvação de V. Ex.ª e o agrado do nosso paiz. Deus Guarde a V. Ex.ª—Estação Luciano Cordeiro em Africa Central 2 de Dezembro de 1885—Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios de Marinha e Ultramar—(as.) O Chefe da Expedição, *Henrique Augusto Dias de Carvalho*, major do Exercito.

A S. Ex.ª o Sr. Ministro

No meu officio *A* desta data dou conhecimento a V. Ex.ª dos motivos porque foi addiada a partida da correspondencia em tempo annunciada e neste vou referir-me a um assumpto que julgo merecerá a attenção de V. Ex.ª.

Hontem, pouco depois das 6 horas e meia da manhã quando me dirigia á residencia do Caungula para tratar da questão do roubo que se fez á caravana do Congo, nas vesperas da viagem e já despachada por elle e pelo Muatiânvua; no caminho encontrei marchando para a sua residencia o Cacuata Angunza (representante) de Fumaiji, grande quilolo do Estado e a quem nesta viagem Chibuinza conferiu o titulo honorifico de Canapumba.

A mulher deste ha 3 dias segundo o estylo da Lunda escravisou-se a um quilolo do Caungula quebrando de proposito uma cousa d'aquelle. Caungula a pedido de Ianvo mandou entregar-lhe a mulher; e foi perdoado o caso que motivou a mudança de senhor, que a ser verdade é apenas pretexto para variar.

O Muatiânvua que se empenhára por tal resolução, recommendou ao Cacuata que não fizesse mal á sua amazia; porém este que assim o promettêra, logo que chegou ao seu acampamento esqueceu-se de tal promessa; sendo certo que, ás 11 horas quando regressei me deram parte que Canapumba, a matára pouco depois de entrar na cubata. E os promenores são horripilantes!

A victima fôra amarrada de mãos atraz das costas e nos pés, e depois de deitada encheu-lhe a bocca de pimenta que empurrou com um panno e deitou-lhe pimenta nas partes introduzindo-lhe em seguida um pau que foi até onde poude entrar á força.

Sabedor disto mandei logo dizer ao Muatiânvua que se era verdade esta noticia, não devia para seu credito, consentir que tal crime ficasse impune, pois a Expedição de Sua Magestade não podia continuar a viagem fazendo esse criminoso ainda parte do seu Estado. Que entre nós aquelle crime era barbaro e não fôra batendo-lhe com um chicote como se dizia, que por acaso a victima morrera.

Que se informasse bem, pois eu já o estava.

O Muatiânvua respondeu que estava muito triste, com o que succedera e não sabia bem o que faria; por quanto elle para não faltar aos seus compromissos comigo, na cerimonia da lucanga, não consentira como era da cerimonia, que se matasse pessoa alguma, valha a verdade, e agora era um seu Cacuata que matára uma pessoa estando aqui Muene Puto e sendo este e elle Muatiânvua, hospedes na terra de um bom amigo que tão bem os tem recebido e acolhido; que mais tarde conversaria comigo e nada faria sem me consultar, porém estivesse eu certo que o criminoso havia de ser castigado pois que, alem do crime accrescia o da desobediencia á sua pessoa e o de enxovalhar a terra de Caungula.

Era meio dia estava eu descançando no meu quarto e bastante fatigado, quando o meu interprete Augusto Jayme me procurou para me communicar da parte do criminoso como as cousas se passaram, no que eu estava bem informado e duns precedentes que se davam com respeito á pessoa do Muatiânvua pelo que já nesta terra havia pago os crimes que se lhe imputavam de alta traição, sendo mal considerado por aquelle e todos os que o rodeavam, que com elle votaram a sua morte para amanhã.

Estava velho e não tinha para quem apellar senão para a generosidade de Muene Puto amigo do Muatiânvua e em seguida apresentou-me o interprete oito lenços signal da pessoa

do Canapumba e como elle o faria, rojou-se no chão dizendo: Canapumba pede a Muene Puto lhe salve a vida.

Fiz levantar o interprete e perguntei-lhe quem era um dos dois que o acompanhava porque o outro conhecia eu por seu filho Manuel nosso carregador. E' um filho de Canapumba que me acompanha, respondeu.

Bem, lhe respondi; ha pouco sabendo de tudo isto que me diz, fui eu talvez o primeiro que mandei dizer ao Muatiânvua que castigasse o homem por quem me falla, porque para mim é um grande criminoso. A morte não foi casual como Augusto Jayme diz em nome delle, foi premeditada, e se elle o não informou devidamente, vamos ouvir o seu filho. Pergunte-lhe se não é verdade que Canapumba se serviu de pimenta para tapar a boca á mulher e introduziu tambem pimenta nas suas partes?

Augusto Jayme ficou admirado. Pergunte o que se fez em seguida á victima; a resposta foi como esperava, a introducção do pau e segundo este até ás tripas! Além d'isto, fiz perguntar ainda: se no Caianvo não matára já uma mulher? É verdade, respondeu o tal filho.

Já vê pois Augusto e tambem Manoel, que se trata dum grande criminoso e que eu não posso pedir perdão para elle; pedirei como já pedi que seja castigado, mas não consentirei que se mate, isto é, empregarei todos os meus exforços para que se não pratique um outro crime e portanto satisfarei assim aos desejos de protecção que pede Canapumba. Castigado tem de ser aos usos da terra; seus crimes tem de ser pagos ao Muatiânvua e ao Canugula dono da terra em que estamos, mas que se lhe tire a vida hei de oppor-me quanto possa.

É isso mesmo que elle pede, elle sabe muito bem que não póde eximir-se a ser castigado, porém a vida é que elle pede a Muene Puto lhe seja poupada e tornou-se a rojar no chão em nome delle, bem como o tal filho.

Vá dizer ao Muatiânvua, que eu preciso fallar-lhe em negocio de muita importancia para Muene Puto. Mandou-me dizer que fosse falar-lhe quando quizesse. Fui immediatamente para a sua residencia particular onde estava com cinco cacuatas e o seu interprete.

Principiei por lhe lembrar as suas promessas na Estação Cidade do Porto com respeito a não ordenar a morte de pessoa alguma pelo menos emquanto estivessemos com elle, pois que a bandeira do meu Rei não podia consentir que eu continuasse a ser amigo delle.

Recordei-lhe as razões porque ainda hoje eram detestados Xanama, Quibinda e Cangapua seus antecessores que ultimamente abusaram de tal castigo que obrigou o povo a tirar-lhes tambem a vida e ainda a razão porque os quilolos depunham agora Muriba e o chamavam a elle.

Os meus conselhos sabe o Muatiânvua muito bem, são os do meu Rei que quer eu empregue todos os meus exforços para que nas terras do seu amigo Muatiânvua se acabem os castigos de morte, são ordens muito recommendadas por Elle.

Ha pouco correram boatos no meu acampamento que o Muatiânvua mandára que amanhã se mate Canapumba e só esperava ouvir o seu amigo Caungula para que se marcasse o logar em que devia ser executado.

Ouvi diversas pessoas, mas não accreditei; porém ha pouco foi o proprio Canapumba que mandou pedir a Muene Puto, lhe salve a vida e esta é a razão que lhe venho lembrar os seus compromissos e o que lhe disse mais duma vez: pode fazer o que entender, porém a dar-se tal castigo seja aqui seja onde fôr, retiro-me logo porque não posso continuar a acompanhal-o.

Eu pedi o castigo do criminoso e ainda o peço, mas não morte; o Muatiânvua tem muitos meios de o castigar, sem ser preciso praticar tambem um crime para com Deus, o unico

que tem poder para nos marcar o tempo que havemos de viver.

A proposito fiz mais algumas considerações e como as interpretações na lingua destes povos são sempre longas por causa de rodeios e repetições, ainda tudo não estava transmittido quando fôra annunciado o Muata Xa Muteba Canugula.

A casa é pequena disse o Muatiânvua, Xa Muteba está ahi e por isso peço ao meu amigo o sr. major para passar á casa das audiencias.

Para lá me dirigi e emquanto se preparava o logar em que devia sentar-se o Muatiânvua entretive-me a conversar com Caungula; sobre suas lavras a necessidade que tinha de arranjar um bom caminho do porto até lá, construindo passagens de madeiras, sobre os canaes em que corriam as aguas etc; e sobre este ponto bem como sobre diversas culturas que desejava experimentar, disse elle que esperava o meu regresso da Mussumba para aqui me demorar algum tempo com elle, dirigindo e ensinando sua gente a fazer taes trabalhos.

Chegou o Muatiânvua depois dos cumprimentos do estylo disse a Caungula: estava ouvindo o nosso amigo Muene Puto que me dava conselhos com respeito ao crime de Canapumba e nos pede para o não matar.

Quando este nosso amigo me encontrou no Cassassa foi um dos seus conselhos sobre que muito falamos de acabar com o castigo de morte por ser essa uma das vontades de nosso bom pae Muene Puto. Respondi ser esta uma questão de Estado e só no estado a poder resolver, por isso que eu da minha parte empregaria todos os exforços para que tal castigo não fosse applicado pelo menos emquanto a Expedição de Muene Puto estivesse comnosco.

Na cerimonia da lucanga sabe Muata Xa Muteba e todos os quilolos que falamos em se cumprir os preceitos e eu disse

logo que me havia compromettido com Muene Puto em empregar todos os meus exforços em se não matar pessoa alguma e pedi para ser dispensado este preceito.

Sobre a sorte de Canapumba eu nada tinha resolvido até agora porque primeiro tinha de ouvir o Muata Xa Muteba onde estou hospedado e depois os meus quilolos.

Não me dirá pois o meu amigo o sr. major, quem o avisou de que eu ordenara já a morte de Canapumba?

A tal interrogação, respondi: Ou pelo habito em que estejam os povos da Lunda, ou porque grande é o crime que praticou o criminoso com as aggravantes de se dar em uma terra em que o criminoso é hospede e de desobediencia ás recommendações do Muatiânvua ou ainda porque esteja no animo de todos os quilolos que a crime tão grande deve corresponder a pena de morte; é certo que os boatos correram no meu acampamento e como os nossos empregados e carregadores estão costumados ás leis do meu Rei em que tal castigo não existe pelas razões que já apresentei ao meu amigo Muatiânvua pois tal poder só o tem Deus que é quem dá vida aos entes que vem povoar o mundo; por isso horrorisados me fizeram constar dos boatos que corriam.

Não podia eu crêr que o meu amigo Muatiânvua se esquecesse tão depressa de seus compromissos sem me prevenir das rasões que o obrigavam a faltar a elles, porém Canapumba que eu reconheço como malvado e deve ser castigado rigorosamente (manifestação unanime appoiando-me batendo todos palmadas) cujo signal ahi está (foram apresentados oito lenços pelo interprete) pediu a Muene Puto para interceder com seu amigo Muatiânvua para não o mandar matar e bastou isso, para eu não obstante ter pedido, que se castigasse tão grande criminoso, correr aqui, lembrar ao meu amigo os seus compromissos e caso houvesse uma resolução em contrario arrear a

bandeira de Sua Magestade e mandar já levantar a Expedição para regressarmos ás suas terras.

Não me é possivel como já manifestei ao Muatiànvua mais duma vez, estar em sua companhia quando a vontade do meu Rei não fôr respeitada.

Retorquiu elle: Agradeço a Muene Puto a franqueza com que exprimiu o seu sentir, sempre o mesmo desde que nos conhecemos. Ouviu agora Xa Muteba ouviram todos os quilolos presentes, que dizem a tal respeito?

Caungula tomou a palavra e disse: embora o crime fosse praticado nas minhas terras, trata-se dum individuo que faz parte do cortejo do nosso amo e pae, não devemos ser nós que deveremos falar sobre tudo quando o Muatiànvua tem manifestado desejos de satisfazer á vontade do nosso antigo protector e amigo dono das nossas terras, Muene Puto, como o sr. major acaba de dizer e Muatiànvua tambem disse; o que nosso pae disser e resolver, todos nós seus filhos devemos acatar e respeitar.

Seguiu-se um Cacuata de Xa Muteba que era o mais velho de todos os presentes; ouvi Muene Puto e são bons os seus conselhos, mas o crime praticado é grande; como o castiga Muene Puto?

Tive de responder, com os meios de que dispômos para não ser applicada a morte; — porém como nossos usos e costumes são diversos, não é a mim que pertence lembrar o castigo que se deve applicar; pode o Cacuata interrogar-me particularmente sobre o que se faz nas terras de Muene Puto para castigar taes crimes e eu de bom grado lhe respondo, porém em uma audiencia como esta em que estamos eu só ouço os meus amigos Muantiânvua, Caungula e todos que podem falar e só respondo com lealdade ao que o nosso amigo Muatiânvua desejar saber.

Da parte do Muatiânvua falaram ainda os dois Cacuatas mais graduados quasi pelo mesmo theor: ainda não podemos nem devemos falar porque entendemos como o Muata Xa Muteba que nosso pae e amo deve ser o primeiro a manifestar sua opinião, poderiamos contrarial-o antes de tomar posse do Estado e nosso fim é leval-o á Mussumba de que fomos encarregados, sem que possa ter motivo de desagrado para comnosco.

Então o Muantiânvua disse-me: antes de tomar uma resolução, peço a Muene Puto nos esclareça como se castigaria tão grande crime na sua terra!

Tratando-se do individuo sujeito ao debate; primeiro que tudo seria destituido dos elevados cargos que tem por concessão do Muatiânvua ou por herança respeitados; e a pena era graduada em trabalhos com ou sem remuneração em favor do Estado podendo mesmo ser expatriado de sua terra revertendo seus bens, se os tivesse em favor do Estado.

Pode mesmo toda a vida ser obrigado a trabalhar com ou sem grilheta nas pernas, entrando nas horas de descanço numa prisão, privado ou não, de falar até com os seus parentes e tambem, por exemplo: um certo numero de annos, determinados pelo Estado, viver isolado numa prisão e trabalhar para obter o sustento.

Mas isso responde o interprete do Muatiânvua, seria uma vergonha para os quilolos do Muatiânvua se vissem um seu collega equiparado a um escravo!

Enganai-vos lhe respondi, logo que fosse destituido do seu emprego, deixava de ser collega dos quilolos. No crime, a grandeza não tem previlegio nas terras de Muene Puto; entre criminosos se ha classificações a fazer, é pela graduação do crime e ahi nivellaram-se os homens deixou de haver ricos e pobres, deixou de haver grandes e pequenos; mas eu estou respondendo apenas ao que se me perguntou sobre o que está

estabelecido no meu paiz e não me refiro ao Estado do Muatiânvua que certamente tem outros usos.

Mas, responde ainda o tal interprete,—mas entre nós o trabalho é degradante. Não é tanto assim, lhe observei, porque o interprete que me está fallando, tenho eu visto trabalhar pelo officio de ferreiro e tem feito alguns concertos que me tem agradado por serem bons.

Riram-se todos, e elle responde: mas eu de pequeno fui para as terras de Muene Puto e aprendi lá o officio, e os meus patricios não foram ensinados a isso e agora não sabem o que é trabalhar.

Ainda retorqui: — os seus patricios quando percisam desarmar uma arma para a limpar ou concertar, ou quando querem uma machadinha ou enchada vão ter com o meu amigo para satisfazer essa necessidade e o amigo não o faz sem que primeiro lhe paguem o seu trabalho, a que lhe dá o valor que entende, e com isso vai vivendo com as commodidades que lhe appetecem emquanto aquelles se não tiverem com que pagar ficam privados do que pretendem ou para o alcançar tem de pedir um abono, ou vão roubar o que lhes exige; o que é mais degradante?

Quem não trabalha, quem está um dia inteiro sem fazer cousa alguma espojado na terra e a dormir ao sol, é um ente inutil; para nada presta.

O Muatiânvua disse então: Ouviram o nosso amigo Muene Puto? feliz seriam nossas terras, se conseguissemos fazer o que se usa nas suas. Eu já disse a meu amigo que desejava ouvil-o no Estado e que empregaria gente minha a seu serviço para a ensinar e dirigir no que fosse de beneficio para reformar o meu Estado que bem precisa.

Disse-nos o nosso amigo muita cousa nova e todos gostamos de ouvil-o (manifestação de apoio de todos). Agora não é

possivel fazer-se o que nos aconselha. O nosso povo não está costumado a essas cousas e o castigo do Canapumba tem de ser applicado já. Defendeu o meu amigo e sr. major bem a sua causa (apoiado, batendo todos as mãos) não se mata Canapumba, não podemos deixar de ter em attenção a vontade do nosso protector e amigo Muene Puto, não se mata Canapumba (apoiados). O seu castigo será ao nosso uso ainda: pagar a Caungula dono da terra 1 escravo, a mim 2 e a fazenda e a polvora que se combinar para ambos. Emquanto á licença para se abrir a sepultura é uma questão á parte e que pertence a Caungula resolver segundo seu uso. Fica o meu amigo Muene Puto satisfeito?

Não, porque o criminoso é um grande malvado e o castigo é pequeno. Consulta-me o Muatiânvua, sou franco, tal individuo deve deixar de nos acompanhar exercendo o elevado cargo que o Muatiânvua lhe conferiu para a viagem e devia tanto elle como os da sua comitiva serem obrigados a transportar as cargas do Muatiânvua para a Mussumba.

Com respeito ao cargo responde elle ainda: deixou de o exercer ha bastante tempo, porque perdeu a nossa confiança, logo que foi conhecido o seu procedimento traiçoeiro comigo; pelo que respeita ás cargas, havemos de conversar em outra occasião; ficou tomada a nossa resolução em respeito á vontade de Muene Puto, o que o meu amigo para seu descanço queria saber e está terminada a audiencia de hoje; vamos beber.

Eram 5 horas da tarde e para comprazer ainda os acompanhei até ás 5 ½, sendo eu o primeiro que tive de beber dois copos pequenos de vinho de palma.

O beber, como elles chamam, tambem é um acto de cerimonia que merece descripção e fica para a parte historica e ethnographica dos meus trabalhos se forem publicados como espero e desejo.

«Não se mata Canapumba diziam os meus fóra da quipanga e deve-o ao sr. major que instou com o Muatiânvua e Caungula. «Trabalhou muito e ao sr. major deve Canapúmba a vida porque todos estavam contra elle — e dizia-se que o Caungula era quem mais exigia a morte.»

Satisfeito da justiça que se me fazia, entendi do meu dever dar conhecimento a V. Ex.ª de tal occorrencia em que fica mais uma vez provada a influencia de nossa Expedição nestas paragens, e por isso mandei ao 1.º interprete que por doente não foi a esta audiencia, levantar um auto das noticias que lhe dessem os que a ella assistiram.

De facto concluiu-se este sério negocio, pagando o criminoso hoje os escravos, 2 banzos de fazenda e 2 barris de polvora para o cadaver ser enterrado no rio.

Eis a que se reduziu pois, a pena de morte que a acreditar o que diz o povo, estava decretada; e se assim é, dou por bem empregado as 5 horas que se consumiram na discussão e alegro-me pela victima que arranquei da mão do algoz, não obstante ser ella entre nós um grande criminoso; mas tal é ainda o atraso desta gente que se contenta com a substituição que teve logar; e por tal castigo, não terá duvida alguma o criminoso em proseguir na senda que vae trilhando, com facilidade.

Vacillo se andei bem ou mal. A intenção foi boa e espero que o nosso paiz que é apontado como um dos primeiros que aboliu a pena de morte dos seus codigos, será benigno para comigo, pois não concorri de sciencia para a impunidade do crime, quando vi a que se reduziu o castigo, entendi dever pronunciar-me, por o achar muito pequeno, chegando mesmo a indicar-lhes os que em caso analogo se mandavam applicar pelos nossos codigos. — Deus Guarde a V. Ex.ª — Estação Luciano Cordeiro, 3 de dezembro de 1885. — Ill.mo e Ex.mo Sr.

Ministro e Secretario de Estado dos Negocios de Marinha e Ultramar.—O chefe da Expedição (as.) *Henrique Augusto Dias de Carvalho*, major do exercito.

Ordem

O primeiro interprete Antonio Bezerra de Lisboa, impossibilitado por enfermidade de sahir do seu alojamento, não assistiu hontem à entrevista que tive na residencia do Muatiânvua (até aqui já reconhecido) com elle e com o Muata Xa Muteba, Caungula e pessoas dos seus Estados;—com respeito aos boatos que correram de que o Cacuáta Angunza irmão do grande quilolo Fumaiji, hoje devia soffrer a pena de morte por um assassinato que commettera numa sua amiga, desobedecendo a seu amo o Muatiânvua ao serviço de quem está como Canapumba;—e como é de toda a conveniencia para o serviço desta Expedição que fique consignado o que se passou nesta entrevista, os esforços que empreguei para se alcançar a resolução que se tomou;—o referido interprete chamando ao seu alojamento os empregados d'esta Expedição que sabem escrever, José Faustino Samuel e Agostinho Bezerra como testemunhas convidará: Augusto Jayme que me serviu de interprete, Manuel de Malanje e Paulo, chefe da caravana do Congo, que me acompanharam; e ainda os interpretes do Muatiânvua e quaesquer outras pessoas a narrarem o que se passou; e á fé de juramento aos Santos Evangelhos escreverá suas narrações, as quaes lidas ás duas testemunhas confirmarão com sua assignatura ser verdadeiro o que fica escripto com relação ao que ouviram.

A esse processo denominará: Auto de Noticias, o qual irá escrevendo na presença das testemunhas conforme lhe seja possivel e á medida que ouça as narrações a que me refiro,

sendo tão minucioso quanto possa.—Estação Luciano Cordeiro. 2 de dezembro de 1885. (as.) O chefe da Expedição, *Henrique Augusto Dias de Carvalho*, major.

AUTO

Nós abaixo assignados, declaramos que aos dois dias do mez de dezembro do anno de mil oitocentos e oitenta e cinco, em virtude da ordem do Ex.^{mo} Sr. major Chefe da Expedição, Henrique Augusto Dias de Carvalho, que a esta reunimos: chamámos Augusto Jayme irmão do soba Ambango de Malanje que desempenha o logar de interprete particular do Ex.^{mo} Chefe, D. Paulo Bungo e um carregador da caravana do rei do Congo que regressa ás suas terras, Ianvo, interprete de Muatiânvua, Ianvo, filho de Canapumba do mesmo Muatiânvua, Cacuáta Angunza, Manuel do soba Ambango e carregador da Expedição e por elle nos foi dito que estiveram hontem assistindo á audiencia na quipanga do Muatiânvua em que se tratava do castigo que se devia applicar a Canapumba por ter assassinado sua amazia; ouviram o mesmo sr. major que durante muito tempo fallou, convencendo o Muatiânvua, Caungula e todos os quilolos para que se não désse castigo de morte a Canapumba e se tal se fizesse elle retiraria com a Expedição destas terras; que se castigasse Canapumba como grande criminoso que era, mas não com a morte e disse quaes os castigos que se applicavam nas terras de Sua Magestade. Dizem mais que todos estavam dispostos a apoiar o castigo de morte e que alguns quilolos o demonstraram fallando; mas o Ex.^{mo} Sr. major a todos respondera e por ultimo declararam votar o que seu amo e pae determinasse e foi então que o Muatiânuua declarou que não podia ir contra a vontade de seu amigo Muene Puto e por isso, que se não matava Canapumba, como se não matou pessoa alguma

na investidura da cerimonia da lucanga e que elle sabia se opporia Mona Puto. Não se mata Canapumba mas não pode ser perdoado, vai ser castigado tendo de pagar o crime ao dono da terra e a elle Muatiânvua.

Resolvido o caso retirou o sr. major depois de beber com o Muatiânvua, signal de ficarem bons amigos.

Por ultimo disseram ainda os interrogados os quaes por não saberem escrever não assignam, que pouco depois ouviram todos os nossos asseverar aos Lundas que a morte de Canapumba era certa, se o Ex.^mo Sr. major, Muene Puto, não fosse tão depressa falar ao Muatiânvua, porque Caungula havia já dito que não podia ter outro castigo.

Em fé do que isto foi verdade, assignamos e promptos estamos a jurar aos Santos Evangelhos.

O interprete da Expedição, *Antonio Bezerra de Lisboa.* — *Agostinho Alexandre Bezerra.* — *José Faustino Samuel.*

A S. Ex.ª o Sr. Ministro

Sempre que me é possivel dar cumprimento a qualquer artigo das Instrucções que V. Ex.ª me confiou, quando houve por bem nomear-me Chefe d'esta Expedição, e o faço na intelligencia de o ter bem comprehendido; declaro a V. Ex.ª que me apraz dar-lhe conhecimento do seu bom exito.

Quando estive só em Camau (o tal Valle das Amarguras) affligia-me e dias tristissimos passei, pensando que só tendo em attenção a busca de carregadores para dali desenterrar a Expedição e ouvindo constantemente os lamentos dos meus collegas ; que perdia um tempo precioso, que podia bem ter empregado em transformar aquelle isolamento numa povoação portugueza que poderia com o tempo, desenvolver-se e ser um in-

terposto entre povos alliados e amigos Xinjes e Lundas muito frequentado pelos verdadeiros negociantes desta região Bangalas e Quiocos.

Não deixei de empregar sempre o meu tempo como o communiquei a V. Ex.ª, porém aquella obra de tanta utilidade, entretido o meu desinquieto espirito em dali arrancar o que me torturava, só tarde e por me faltar o pessoal, me veiu á imaginação. E na verdade como poderia eu tambem pènsar nisso sem um estudo previo e demorado da localidade e sem uma base aproximada do movimento de viajantes e cargas que por esse logar transitavam!

Ainda assim entendi de futuro, aproveitar tudo que me fosse possivel, até a mais insignificante contrariedade, em augmentar a utilidade de nossa missão embora só dahi podessem auferir resultados immediatos os povos por onde transitassemos. E' pois este o motivo, porque V. Ex.ª notará a variedade de trabalhos e serviços a que tive ensejo de attender nesta localidade.

Em Camau tive noticia que Caungula, Muata Xa Muteba, havia recebido noticia que um seu parente (dizem irmão mas é primo co-irmão) auxiliado por Quiocos de Mona Mucanjanga residente na margem do Chicapa proximo de Anguina Ambanza o vinha guerrear para o substituir, visto não morrer e ha muito tempo estar no goso do logar, que delle devia herdar, mas que já estava receando pouco tempo o gosaria! ao que respondera Caungula, «deixem passar as chuvas e depois falaremos».

Lancei taes noticias no meu diario bem como todas que então tive com respeito ao homem que acompanhamos como o novo Muatiânvua.

Aquellas noticias repetiram-se mais ou menos augmentadas nos acampamentos seguintes e no Cuengo já então se fallava

que Caungula estava em guerra com a Angunza Mataba e Mona Mucanjanga sobrinho do tal principe Quissengue de que fala o dr. Buchner quando esteve em Cabango, sul entre os rios, Chicapa e Cassai.

Na Estação Cidade do Porto, Cassassa, as embaixadas que chegavam do interior para o novo Muatiânvua diziam: «houveram combates, os de Caungula fizeram retirar Angunza, os Quiocos tiveram tres mortos, sendo um, o mais velho, quilolo de Mucanjanga e este retem comsigo Angunza porque quer obter o pagamento da vida daquelle.

Em viagem para aqui, recebemos varios avizos em que Caungula pedia ao Muatiânvua que apressasse sua viagem porque lhe constava que Mucanjanga estava reunindo gente para o ir novamente attacar no seu sitio e era de toda a conveniencia para o Muatiânvua não retardar a sua posse porque os da Mussumba poderiam então chamar outro para substituir Muriba (Cariba?) que de dia para dia fazia engrossar o numero de seus inimigos.

Devo aqui fazer notar a V. Ex.ª que a deposição ou melhor a morte dum Muatiânvua, segundo estes povos, só tem logar, quando o Estado (os quilolos, governo) tem deliberado secretamente quem o ha de substituir e a quem previne para este se approximar da Mussumba (capital).

Á vista de taes razões V. Ex.ª não estranhará como eu, que fartos aquelles de esperar pelo Muatiânvua que mandaram chamar, descontentes com o que está, prejudicassem o que acompanhavamos mais uma vez nos seus direitos chamando um outro filho de Muatiânvua a quem o Estado deva pertencer alguma vez e possa satisfazer a todas as exigencias que segundo as praxes se requerem.

Logo que chegámos aqui, falou-se da tal guerra que houve entre Quiocos e Caungula e á entrada da quipanga do Caungula

como tropheu da sua victoria lá estão os craneos das tres victimas dos Quiocos e mais ou menos todos os dias diversos boatos se hão propalado ácerca de movimentos bellicos de Quiocos terminando sempre por: *maquioco á-éza!* (Vem os Quiocos!)

Para este povo, avançarem os Quiocos até aqui ao sitio do Caungula, é um grande atrevimento porque Caungula é descendente de Muatiânvua; e não só por successão, mas por nomeação da Mussumba o que geralmente não succede, veiu tomar posse do dominio destas terras.

Os boatos correram sempre mais ou menos variados e uns mais exagerados que outros, porém os que mais impressionavam eram os trazidos pelos chefes das povoações ao sul, chegando alguns a ser originados apenas em sustos e nas correrias de meia duzia de Quiocos ás povoações e lavras para apanharem alguma creação ou raizes de mandiocas e se podessem, alguma rapariga.

Para se conhecer de taes boatos e as providencias que se adoptaram, assisti a uma audiencia em que foram apresentados os parlamentarios dos Quiocos que iam ouvir a resposta que deviam levar ao potentado seu amo, e reduziu-se a audiencia ao que chamam — *Cuntomboca Cufuinha* (uma especie de jogos olympicos) em que acompanhados de instrumentos de pancadaria aos saltos e passos de dança desenfreados ora cantando ora dançando, tratavam de ameaçar os Quiocos com suas valentias e mostrar-lhes que não receavam de seus atrevimentos.

As ultimas noticias porém, eram devidas a informações que os portadores ou por medo ou para se não cançarem, regressavam dizendo «não poder seguir porque os Quiocos em grande numero estavam em tal e tal ponto, não deixavam passar os Lundas e os amarravam».

Alguns diziam por exemplo que Cabembe já tinha fugido para o Bungulo e que os Quiocos collocaram um Cabembe seu, nas terras daquelle; outros, que Cabembe morreu não podia vir acompanhar o Muatiânvua; — ainda uns diziam: encontramos Bangalas no caminho e estes disseram que viessemos prevenir o Muatiânvua e Caungula que era certo os Quiocos reunirem grande força e vinham com o seu velho Quiniama (Mona Muxico) e o seu sobrinho Mulolo fazer guerra ao proprio sitio do Caungula.

Esta noticia, foi de todas, a que mais alvorotou os povos aqui e até os nossos.

No dia 3 de manhã, mandou-me prevenir Caungula que tinha chegado Mona Muxico com grande acompanhamento no Quissesso a um dia de jornada daqui.

Este mandou retirar as mulheres e crianças da sua povoação e está prompto a combater, porém como Muxico agora só quer chegar á fala com Caungula para saber bem, como se originou a ultima guerra com seu sobrinho Mucanjanga e as razões que teve Caungula para o insultar a elle seu antigo amigo, Quissesso pede ordens e deseja saber o que Caungula quer elle faça.

Dizendo-me isto o Muatiânvua e no dia seguinte Caungula, retorqui-lhes, que eu, deixava avançar Mona Muxico que segundo Caungula já me havia contado, fôra sempre amigo e bom visinho. O modo porque tem feito sua marcha e o recado chegado agora, não mostrava que viesse com disposições de guerrear Caungula, e eu achava conveniente que fosse ouvido pois acreditava poder chegar-se a um accordo e acabarem duma vez essas questões com os Quiocos que trazem os povos em desassocêgo.

Neste dia a nossa gente estava receiosa e quando eu me dispunha a nomear quatro homens para aqui ficarem na Estação

com os doentes e cargas fui informado que todos me pediriam para não ficar por causa dos Quiocos que esperavam a nossa sahida e do Muatiânvua para entrarem por aqui dentro e roubariam as cargas que eu deixasse.

Foram sempre estes os meus receios, porque atemorisada a minha gente novas difficuldades para poder avançar a Expedição.

Addiada como estava a nossa partida, tive em vista intervir na questão dos Quiocos, impondo-me, para se conseguir fazer reatar antigas relações de boa visinhança entre estes e os povos de Caungula e proporcionou-se-me o ensejo.

Na noite do dia 2 uma embaixada de Quiocos de que fazia parte o sobrinho de Mona Muxico, Muloio e o seu neto Quicurica, pernoitou junto ao nosso acampamento fazendo enviar as suas armas a Caungula e avisal-o da sua chegada.

Caungula enviou-lhes um Cacuata para os receber e dar-lhe agazalho proximo da quipanga.

No dia 3 de manhã mandei dizer a Caungula que sabia da chegada da embaixada e em vista do Tratado que haviamos feito, apezar de não estar ainda em vigor, lhe offerecia os meus serviços, estimando que delles se quizesse utilisar.

Respondeu: que agradecia muito o recado que lhe enviára de bom amigo; que havia chegado a embaixada e por emquanto estavam seus quilolos tratando de lhes dar relação, a que vinha a embaixada, e nada me podia dizer já de positivo; porém que nada resolvia sem me ouvir e participar ao Muatiânvua; que depois de seus quilolos o fazerem saber do negocio da embaixada vinha logo á quipanga do Muatiânvua e me falaria antes.

Assim succedeu, vindo elle á Estação pouco depois, pedir-me para que fosse assistir á audiencia em que se apresentava a embaixada ao Muatiânvua e onde se devia tomar uma resolução sobre o que se devia responder a Mona Muxico.

Quando entrámos, estavam na tal Cuntombóca e Calála em scena.

A quem como nós entrava nesta occasião devia suppor que já antes se teria tratado de qualquer cousa e que a embaixada teria falado, porém fui informado que apenas o Muatiânvua tinha aberto a audiencia e declarára que Mona Muxico mandára aquella embaixada para falar com Caungula sobre a guerra, começára o Calala aos saltos, fazendo momices e dizendo o que já sabemos: que os Quiocos podiam vir quando quizessem; que elles não tinham medo; e nisto se levou muito tempo: terminando o Muatiânvua por dizer: ouviram os de Mona Muxico, a resposta que lhe enviamos pela bocca do nosso povo?

Accrescentai o que diz agora o Muatiânvua: Mona Muxico e Mona Ambumba são filhos de Angunza Cambamba tia de Muatiânvua e todos os que constituem seu povo, não são mais que servos da Lunda.

Atrevem-se a fazer pois fogo contra seus paes, contra o dono destas terras porque querem que venha para o logar de Caungula, o Augunza Matata? Pois bem Mona Muxico que traga Augunza Matata que eu levo Caungula comigo para a Mussumba, vou fazer delle um Caxalapoli porque assim o querem os Quiocos!

O Muatiânvua, já nada vale?! até em suas terras não póde mandar?! E nestas ironias ia proseguindo, até que começando a chover disse: tenho dito, eis a resposta que deveis levar a Mona Muxico e terminou a audiencia.

Retirei tambem e disse comigo, que concluir disto tudo? Nada.

Era necessario encaminhar este negocio que se me affigurava podia ser prejudicial da fórma porque se tratara e para ambas as partes.

Mandei dizer ao Muatiânvua que lhe agradecia o ter-me con-

vidado para assistir á sua audiencia, porém para o que se passou antes queria que me dispensasse de assistir: Homens aos pulos e a dizer tolices, tinha visto muitos e isso reservava para quando não tinha que fazer, julguei que se tratava duma cousa séria; saber-se o que queria Mona Muxico acampado com sua gente a um dia de viagem; mas em vez disto, em logar de se permittir que falasse a embaixada, só vi amesquinhar-se e censurar-se os Quiocos.

Se a vontade destes fôr guerrear com os de Caungula, com certeza a resposta que levam é para elles virem immediatamente.

Nas terras de Muene Puto, não se faz assim; os parlamentarios mesmo na guerra são bem tratados e concede-se lhes que falem á sua vontade e se esses vem com propostas, estudam-se, discutem-se e depois dá-se uma resposta difinitiva mas séria.

O Muatiânvua mandou dizer-me que eu tinha muita razão; o que se passára hoje, fôra uma grande confusão, primeiro porque Caungula não encaminhou bem as cousas, segundo porque todos entenderam falar antes daquelles e terceiro por causa da chuva, porém elle ia já remediar isto, mandando prevenir Caungula para não despachar aquelles amanhã, sem que lhe venham falar muito cêdo para os despachar bem.

Na manhã seguinte 4, fui ao Caungula e falei na questão dos Quiocos a quem vi tratar muito mal e assim não se conseguia o fim desejado por Caungula de o deixarem socegado tratando das suas terras; que não sabiamos a que vinham os de Mona Muxico e a resposta que levavam não era mais que uma declaração de guerra.

Não havia mêdo delles da parte dos seus, não duvidava; porém como Caungula me tem dito, que não quer guerras, por isso lhe falava deste modo.

O meu amigo aconselha bem e o Muatiânvua já me fez prevenir que Muene Puto desejava se ouvissem os embaixadores, pois talvez trouxessem propostas rasoaveis para um accordo, por isso mandei avizar aquelles para irmos já ao Muatiânvua.

Estavamos falando ainda, quando chegou um Cacuata de Caungula que disse: «custou muito a resolver Mulôlo a ir ao Muatiânvua e queixava-se de o terem ali tratado muito mal; que o obrigaram a sentar-se sobre terra e a descobrir o peito; além disso que o Muatiânvua já os tinha despachado e nada mais tinham que fazer cá; pediam a Caungula as suas armas e partiam já a dar parte a Mona Muxico do que ouviram na quipanga do Muatiânvua.

Accrescenta o mesmo Cacuata, foi preciso dizer que Muene Puto, desejava ouvil-os, queria saber o recado de Mona Muxico para então se decidirem.

Vamos então lá, disse Caungula, o meu amigo vá adeante porque espero que o Muatiânvua me mande chamar.

Assim foi; e minutos depois de chegar á Estação, recebi o convite e para la fui com o meu ajudante.

Falou então o mais velho da embaixada, que estava sentado no centro da arêna em frente do Muatiânvua, e á esquerda de Caungula — o tal que dizem neto e chama-se Quicurica (segundo outros Chicudica, questão de pronuncia).

Quicurica é um homem velho, defeituoso dum olho e fala com verbosidade.

Eis em resumo sua exposição:

Convidado Mona Muxico ha tempos, por seu sobrinho Mucanjanga para fazer uma guerra a Caungula, declarára que Caungula era seu egual, amigo e bom visinho e não tinha motivos para lhe fazer guerra; seria um mau exemplo que daria a seus filhos se a tal convite annuisse, pois Caungula estava na posse do seu dominio por direito e elle queria viver bem

com aquelle amigo; a guerra teve logar sem auctorisação delle e ha pouco tempo Mucanjanga mandara-lhe dizer: que se elle estava velho e fraco e só servia para comer, melhor era para o seu povo que entregasse a outro o governo; elle Macanjanga estava compromettido a pagar a vida do seu quilolo que morrera na guerra e álem disso seu parente Quitari, tambem lhe exigia o pagamento de dois filhos e lhe pedia o Angunza Matáta, que não podia entregar por causa da morte de seu quilolo; por isto recorrêra a elle seu tio Mona Muxico que abandonava a causa dos Quiocos e vivia no descanço.

Mona Moxico, mandára dizer-lhe que o não auctorisára a tomar parte nas questões de Angunza Matata e que não era a edade que o fazia tremer duma guerra; que trataria de saber se elle tinha razão e se Caungula estava disposto a pagar as vidas dos mortos; e só depois se resolveria a fazer a guerra, visto ter de provar aos seus herdeiros que não está fraco.

Mona Muxico tinha dir a Muata Cumbana para se concluirem ali uns negocios pendentes e por isso sahiu de seu sitio com força e no caminho recebeu um recado de Mucanjanga que Caungula o depreciara e dissera a Cabouco, um quilolo delle Muxico, que não fazia caso algum de seu amo, que não passava de ser um homem como outro qualquer e se tinha polvora tambem a elle não faltava.

Desviou-se um pouco do caminho e viera acampar no Quissesso para ouvir de Caungula primeiro as razões que tinha para se malquistar com elle; segundo como começara a guerra com seu sobrinho Mucanjanga; terceiro se pelo que tinha ouvido, elle se declarava em guerra com os seus ou continuava a manter as boas relações que entre elles existiam; e por ultimo se Caungula, estava disposto como pretendia Mucanjanga a pagar as vidas dos tres quiocos que morreram na guerra.

O Muatiânvua deu em seguida a palavra a Camexi que é um rapaz novo, sympathico, fala bem e parece ser versado na historia destes povos e tambem fala com verbosidade, respondendo com facilidade aos apartes e foi apoiado por varios e até pelos potentados e pelos da embaixada.

Remontou á antiguidade e fez a historia da entrada dos Quiocos nas terras da Lunda e da descendencia dos seus potentados, da casa do Muatiânvua por parte da tal Anguina Cambamba filha dum delles e portanto o parentesco que ligava o Muata Xa Muteba, Caungula, com Mona Muxico e seu irmão Mona Ambumba, os principes do dr. Buchner Quiniama e Quissengue.

De submissos e obedientes que foram comnosco, tornaram-se arrogantes e atrevidos porque Xanama o usurpador do Estado se serviu das forças de Quissengue para entrar na Mussumba depois de terem envenenado o Muatiânvua Muteba e estar ausente o herdeiro, o seu Suana Mulopo.

Certos então da protecção daquelle foram-se internando e abusando da humildade das povoações. O que imaginaram de terror que lhes tinhamos deviam attribuil-o apenas a Xanama, o despota.

Repete-se o mesmo como Muriba e de novo supposeram que o mesmo poderiam fazer a outras povoações que então escaparam á sua ambição.

Mas quando se viu um povo sujeito ao Estado de Muatiânvua revoltar-se contra o seu poder? Escudados por um Muatiânvua que não podia ter o nosso apoio, sujeitamo-nos, mas o mal que dahi tem vindo só áquelle attribuimos as culpas.

Caungula collocado neste Estado por Muatiânvua, filho de Muata nunca quiz ligar-se aos inimigos de Mona Muxico que pretenderam tirar-lhes o logar. Por duas vezes foi convidado a isso e aos signaes de amizade que então lhes deixaram para

esse fim, correspondeu elle, entregando a Mulôlo (presente) sobrinho de Mona Muxico um boi, duas cabras e uma porção de baeta encarnada, esperando que ás pretenções de Angunza Matáta então fugido no seu sitio, correspondesse elle da mesma forma, mandando-lho entregar; e o que fez Mona Muxico?

Deixou-o fugir para o sitio de Mucanjanga. Este, com quem sempre viveu Caungula em boas relações, deixou-se levar pelas promessas daquelle e levantou uma guerra contra Caungula!

Não foram sempre bem recebidos os Quiocos nas terras de Caungula? não effectuaram a seu contento sempre as transacções que pretenderam? alguem os roubou? alguem os perturbou nas senzallas que Caungula lhes tem promettido levantar nas suas terras? Que razões para acceitarem as propostas de Angunza contra quem está legalmente na posse do seu cargo? E quem são os Quiocos para nos imporem uma auctoridade quando nós respeitamos a que temos? Quando se viu os Quiocos mandarem nas terras do Muatiânvua?

Sempre julgamos que Mona Muxico era estranho ás questões levantadas por um filho rebelde de Caungula e que só Mucanjanga levado por promessas falsas de Angunza se deixou arrastar até á guerra; mas vemos agora que nos enganamos. Mona Muxico tambem quer intermetter-se nessas questões, pois bem romper-se-hão as nossas relações de amizade, aguardemos o que elle fará, certo de que nos encontra promptos para o recebermos do modo que elle queira.

Aqui houve um aparte de Mulôlo: as intenções de Mona Muxico são boa amizade com Caungula, porém insultado por Cuangula deseja saber antes de tudo quaes as disposições deste a seu respeito.

Interrupção de Caungula: quem disse a Mona Muxico que eu o insultei, quando só tem provas da minha amizade?

Os Bangalas respondeu Mulôlo.

É mentira disse Caungula muito incommodado e se eu fizesse caso do que me tem dito os Bangalas, senão conhecesse que estes mentem por systema, para agradar aos povos onde vão, no intuito de passarem com facilidade o seu commercio, já ha muito tempo eu teria sahido da quipanga para levantar uma guerra contra todas as povoações de Quiocos que eu tenho consentido se estabeleçam nas minhas terras.

Devo acreditar que Mulôlo em vez de entregar os presentes que lhe confiei para Mona Muxico os foi entregar a Mucanjanga?

Mulôlo zangado: quem disse tal ao Muata Xamuteba?

Os Bangalas respondeu este sorrindo-se.

Diá mácássu (É mentira) retorquiu com azedume Mulôlo apoiado pelos seus.

Continua Camexi, o que primeiro fallara: já vê pois Mona Muxico que razões temos nós, para notarmos as disposições hostis com que se nos apresenta. Isto não é mais que uma rebellião de servos contra antigos patrões. Mona Muxico vem arrastado para ella, pela sua gente armada? E esta quem é? Os antigos servos da Lunda ou já filhos destes!

Quicurica disse que as intenções de Mona Muxico e os seus não são de hostilidades a Caungula; repare bem Camexi, que eu disse: «que Mona Muxico seguia viagem para baixo e passando em terras de Caungula torceu um pouco o seu caminho, para saber de Caungula seu amigo antigo, se agora estava contra elle, as razões da guerra, e se estava disposto para acabar questões com Mucanjanga, a pagar as vidas dos mortos, entregando aquelle o Angunza Matáta?»

Interrupção de alguns do Caungula e do Muatiânvua. Isso agora é outra cousa. A ultima parte só agora é conhecida.

Caungula responde: Muito bem, Mulôlo e todos sabem que sempre fui amigo de Mona Muxico, que não fui eu que pro-

voquei a guerra com Mucanjanga; não sou eu que quero continuar a sustentar novas guerras nas minhas terras; mas visto que Mona Muxico passando por minhas terras quer conhecer da origem da guerra e das minhas disposições a seu respeito, já as conhece; e emquanto á ultima pergunta, só tenho a responder: apresente-me Mucanjanga o filho rebelde, que só fóra das minhas terras poderia encontrar quem o auxiliasse a fazer-me guerra; — e eu pagarei a Mucanjanga a vida do seu quilolo e emquanto á vida dos dois do seu parente Quitari, Matáta as pagará.

Curica e os da embaixada apoiaram e proseguiu Camexi: «depois do que disse Muata Xa Muteba, nada mais tenho a dizer». Todos o saudaram batendo as palmas.

Muatiânvua chamou os meus interpretes e disse-lhes: queiram transmittir ao meu amigo Muene Puto que acceitei o seu bom conselho e mandei chamar Caungula, para ouvirmos o que queria Mona Muxico; de facto as cousas succederam-se hontem precipitadamente e a chuva mais depressa poz termo á nossa audiencia, de modo que meu amigo Muene Puto teve razão ficou sem saber o que queria Mona Muxico.

Agora que fallou Mona Muxico o queiram fazer saber ao meu amigo tudo qne passou; e desejamos ouvil-o.

Ao corrente do que se disse de parte, a parte, tomei então a palavra: congratulando-me porque Muatiânvua e Caungula de tão bom grado se prestassem a acceitar meu conselho e que Mulôlo e os seus annuissem a voltar hoje aqui para nos dizerem o que queria Mona Muxico e prosegui:

O que hontem se passou como disse o Muatiânvua fôra precipitado porque todos mais ou menos surprehendidos, que um antigo amigo de Caungula, Mona Muxico, sem a mais pequena prevenção houvesse acampado com gente armada nas suas terras e segundo os boatos, a maioria de Bangalas, em

disposiçõos hostis contra elle,—deram logar ao que lhes vinha á mente e quizeram provar que se não haviam razões para essas disposições, não se julgasse que elles tinham receio da gente de Mona Muxico e estavam promptos a combater pela sua causa, a defeza de seu pae e amigo Caungula. Que não havia razões fundadas para taes demonstrações prova-o a sessão de hoje em que tudo correu placidamente, se pozeram de parte malquerenças e quaesquer resaibos das impressões de hontem.

Falou Mulôlo e Quicurica por parte de Mona Muxico que demonstraram claramente que o fim da jornada daquelle e sua gente, era differente do que se suppunha; mostraram-nos os seus bons desejos de continuarem a viver em boa paz com os povos de Caungula, por onde sempre encontraram transito livre e bom agasalho nas suas transacções commerciaes.

Demonstraram bem que não acceitaram o convite de Mucanjanga: de sua gente auxiliar as forças delle e destruirem Caungula para em seu logar collocarem Angunza Matáta. Estranhando Muxico que aquelle sem auctorisação levantasse guerra contra Caungula, como elle fôra batido e pedia o seu apoio o que era questão de lucro para os Quiocos, apenas agora desejava saber porque tivera logar a guerra. Como havia mortes, tambem queria saber se Caungula estava disposto a pagar a vida dos Quiocos que morreram na guerra caso Mucanjanga se compromettesse a entregar Angunza Matáta.

Sim senhor sabe-se assim o que pretende Mona Muxico e comprehende-se a resposta dada por Camexi e pelo Muata Caungula meu amigo.

Mostraram estes bem claramente aos portadores de Mona Muxico as razões que teem Mona Muxico e os seus para os considerarem seus amigos, e nunca deviam annuir aos convites para guerrear Caungula; e porque entendem que as povoa-

ções do Muatiânvua não devem esperar que os Quiocos lhes façam guerras e muito menos que queiram intervir nos negocios do Estado juntando-se a qualquer forasteiro ou dissidente, mau filho que se revolta contra o pae.

Caungula mostrou ainda que não pretende sustentar guerras contra seus visinhos e suscital-as mas que as sustenta para defeza de seus direitos e a bem das suas terras.

Finalmente mostrou-se que Mucanjanga está disposto a entregar Angunza Matáta o promotor da guerra porque este não lhes paga as vidas dos que por causa delle morreram, elle Caungula paga a vida de seu quilolo e obrigará Angunza Matáta a pagar as duas dos seus parentes.

E' pois esta a resposta que vai levar Mulòlo e os seus a Mona Muxico seu amo.

Ficou pos a questão no seu verdadeiro terreno e pelos apoiados reciprocos que tiveram os que falaram hoje, tanto de Mona Muxico como do Cuangula vejo que se chegou a um accordo e o Muatiânvua, certamente vai dizer a ultima palavra sobre este negocio que a meu vêr estava mal encaminhado e por isso os quiz ouvir antes.

Sua Magestade enviando-me á Mussunba a cumprimentar o Muatiânvua e lembrar-lhe as velhas tradições que ainda hoje se revelam da boa e fraternal amizade que ligaram seus povos com os da Lunda para que de novo mais se estreitem essas relações—quer que eu por todos os povos onde tenha de transitar, procure quando os encontre em divergencias, de influir quanto possa para que se acabem essas dissensões e os chame á harmonia e fazer boa amizade, para que numa paz tranquilla e segura, se possam manter abertos os caminhos ao negocio de todos os povos e melhorar suas povoações e lavras.

Cumprir esta ordem, como deve ser, são os meus desejos e foi pois este o motivo porque hontem convidado a assistir a

audiencia me descontentou a forma porque ella correu e concluiu.

Devem estar hoje satisfeitos os de Mona Muxico, onde podiam esperar inimigos só vêem amigos e quando os provoquem encontra-os promptos a combater em defeza do que é delles.

Realmente Caungula dominando nestas terras por successão e nomeação da Mussumba; Muata descendente dum Muatiânvua e com o apoio de todos os seus filhos é senhor desta propriedade que não é de Mona Muxico nem de Mona Ambumba nem mesmo de Andumba Tembue, nem qualquer delles tem poder em terras do Muatiânvua de tirar uma auctoridade deste para nella collocar uma auctoridade sua.

Isto como o conheceu já Mona Muxico era uma usurpação de direitos em que não quiz intervir.

Fazendo porém elle um pedido em nome de seu parente Mucanjanga o unico que na questão andou mal e elle Mona Muxico reconhece; tem em vista pôr um termo ás dissensões entre Quiocos com os povos do seu amigo Caungula e a resposta satisfatoria de Caungula muito me alegra e deve ser do agrado de Mona Muxico.

Isto mais ou menos que eu disse, teve o apoio de todos a quem por ultimo agradeci o terem prestado attenção aos meus interpretes.

O Muatiânvua disse então: «nada accrescento ao que disse o meu amigo Muene Puto que todos apoiaram.»

Está portanto da minha parte despachada a embaixada que sabe a resposta de Caungula e devem dizer a Mona Muxico, meu filho tambem, que a faço como minha.

Levantou-se a sessão, agradecendo Caungula e Mulôlo o eu ter assistido á sessão e ter tomado parte nella.

Caungula disse áquelles: quando quizerem mandem receber as suas armas; não posso hoje despachar um portador para

os acompanhar e ouvir a resposta de Mona Muxico, mas ámanhã irá encontra-los no caminho.

Todos retiramos.

Meia hora pouco mais, depois, veiu a embaixada á Estação despedir-se de mim e agradecendo muito á influencia de Muene Puto para que levassem uma resposta agradavel a Mona Muxico.

Dei a estes ainda alguns conselhos, dizendo elles que muito estimaria Mona Muxico eu fosse lá estabelecer uma casa como esta, junto da sua residencia e dei-lhes uma porção de tabaco para o caminho, que muito agradeceram.

Em 11 chegaram os portadores que Caungula mandara com a tal embaixada para ouvirem a resposta de Mona Muxico e vieram tambem com portadores delle.

Mona Muxico dava razão a Caungula e como este estava disposto a acceitar em troca de Angunza pagar a vida do quilolo que morreu, apenas pedia agora em nome de Mucanjanga a entrega de duas mulheres Chilangues que ficaram em suas terras como preza de guerra compromettendo-se elle Muxico a fazer entregar o Angunza a quem Caungula obrigará a pagar as vidas dos tres fallecidos.

Caungula ficou satisfeito com isto; veiu logo dar-me conhecimento de tal resposta e mandou buscar uma das mulheres ao Chicapa (Anguina Ambanza) onde estava e tinha a outra na sua quipanga, que entregou na audiencia do Muatiânvua que teve logar em 14 dizendo que entregaria a outra logo que chegasse.

O tal representante que era ainda o Quicurica disse: que garantia a boa intenção de Mona Muxico, mas se os delle ou os dos seus sobrinhos depois disto viessem levantar guerras ou suscitar novas questões com Caungula elle declarava já ali, que se desligava delles e vinha estabelecer seu sitio ao lado de

Caungula. Parece pois estar este velho muito a par das intenções de Mona Muxico.

Já correu a noticia que Mona Muxico levantou acampamento e seguiu para baixo para Muata Cumbana, porém ha quem nos assevere que logo que elle saiba que Muene Puto levantou e seguiu para a Mussumba aqui voltarão os Quiocos fazer novas exigencias a Caungula

Tambem me dizem que ha quilolos de Caungula que não deixam de influenciar para que os Quiocos derrubem Caungula para entrar Angunza em seu logar, visto elle não repartir com os conselheiros as suas riquezas e dar tudo a comer ás suas raparigas.

Isto é já estribilho constante que em todas as terras vamos ouvindo contra os seus potentados; o que prova que estes povos entendem que os seus chefes lhes devem sustentar a vadiagem em que andam.

Parece-me ter empregado os meios ao meu alcance para cessarem pelo menos agora as contendas em que andavam estes povos e intervir nas pazes. O futuro dirá se assim foi. — Deus Guarde a V. Ex.ª — Estação Luciano Cordeiro, 18 de dezembro de 1885. — Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios de Marinha e Ultramar. (as.) O chefe da Expedição. — O major *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

*

* *

Officios ao Rei do Congo

Rei e amigo — Eu vos saudo. — Paulo e outros rapazes do Reino do Congo que acompanharam D. Miguel filho vosso, á Mussumba do Muatiânvua, aqui no Caungula se me apresenta-

ram nús e esfomeados pedindo como subditos vossos e vassallos de Sua Magestade Fidellissima meu Augusto Monarcha o Senhor D. Luiz 1.º, lhes concedesse toda a protecção de que careciam, não só para rehaverem algumas expoliações que lhes fizeram, mas ainda para poderem regressar á vossa presença.

Elles vos dirão de certo o que fiz em seu interesse; e por isso passo a outro assumpto que julgo importante para o vosso Estado.

Consegui fazer um tratado com o Muata Caungula e uma das condições a que este se obriga é garantir a segurança dum caminho que vai abrir-se pelas terras do visinho Muata Cumbana até Muene Puto Cassongo.

Seria pois de vantagem e de grande alcance, que vós com os sabios conselhos dos nossos missionarios em S. Salvador, garantisses tambem a segurança dum caminho o mais directo possivel da vossa capital até ao Muene Puto Cassongo.

Se acceitaes bem o alvitre podemos obrar de accordo neste grande melhoramento para o commercio e como espero estar de regresso da Mussumba neste ponto no mez de julho de 1886 seria de toda a conveniencia que preparasses uma comitiva que partisse de S. Salvador, para commercio até aqui seguindo já pelo caminho a fazer a Muene Puto Cassongo onde deve esperar pela minha Expedição que ahi se dirigirá deixando já um caminho aberto para então seguir até ao Caungula.

Paulo Mujingá Congo, que vos apresentará este officio vos esclarecerá sobre os promenores e da intervenção do Muatiânvua que comigo segue para a Mussumba o qual em signal dos desejos que tem de manter comvosco as mais cordeaes relações por elle vos envia para vos servirem dois rapazes ainda novos.

Para felicidade do vosso Estado que Deus continue a velar pela vossa vida. — Caungula 25 de Novembro de 1885. — Ao

Senhor Rei do Congo. — O Chefe da Expedição Portugueza ao Muatiânvua, — *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

Rei e Amigo. — Eu vos saudo — Em additamento ao meu officio de 25 do corrente e porque Paulo Mujingá Congo mo pede, devo dizer-vos que os rapazes que deviam seguir em 26 com aquelle officio ficaram demorados ainda até esta data porque se deu o incidente de fugirem duas mulheres da sua comitiva e em logar de Paulo que segue com outros rapazes na minha Expedição no intento de encontrar estas e em Mataba que lhes sejam pagos quando não todos a parte dos roubos que fizeram ali os Calambas á comitiva, vae agora João que chegou de Mataba e a quem os seus intitulam capitão do caminho.

Que Deus vos proteja para bem do vosso Estado. Caungula 3 de Dezembro de 1885.—Ao Senhor Rei do Congo. (as.) O Chefe da Expedição — *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

Rei e Amigo. — Eu vos saudo. — Ás vossas mãos, deve chegar este officio por intervenção do nosso bom missionario Barroso a quem me dirijo pelo correio de Loanda.

Em 25 do mez passado tive occasião de vos participar a protecção que me foi possivel dispensar a uns rapazes do Congo que nesta localidade se me apresentaram nús e abatidos pela fome; dizendo fazerem parte duma comitiva de seu rei que fôra á Mussumba sob o commando do principe D. Miguel que lá morreu e cuja ossada elles levam para terem sepultura na vossa terra.

Esta comitiva na verdade, segundo me informam, que trouxe muito commercio álem dos grandes prejuisos no negocio tem padecido muitas inclemencias e creio que pouco poderei conseguir em Mataba de indeminisações para os 20 rapazes que comigo vão até lá, na esperança de havel-as.

Naquelle officio apresentei-vos um bom alvitre para segurança de caminhos para as vossas comitivas de commercio que desejeis encarreirar para a Mussumba ficando certo que pela minha parte empregarei todos os esforços para vos garantir o caminho que Caungula se compromette com Muata Cumbana a abrir até ao Congo.

Aguardo a resposta daquelle officio para conhecer se posso contar com o vosso apoio no melhoramento que desejo para nosso bem deixar na minha passagem por estas terras. — Caungula (Lunda) 16 de Dezembro de 1885. — Que Deus vos proteja — Ao Senhor Rei do Congo (as.) O Chefe da embaixada ao Muatiânvua — *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

N. B. — Juntamos já a resposta a este ultimo officio, que recebi em viagem de regresso na margem do Cassai e foi por mim notado pela falta de data.

CARTA DO REI DO CONGO D. PEDRO V AO CHEFE DA EXPEDIÇAO

... Sr. Henrique de Carvalho, Chefe da Expedição Portugueza ao Muatiânvua. — Recebi com o maior prazer a carta de V. Ex.ª datada de 16 de Dezembro de 1885 e do intimo do meu coração sou grato ao muito que tendes feito pela gente do Congo quasi abandonada nessas paragens. Não recebi as duas cartas a que V. faz referencias, o que muito sinto, até porque numa vinha indicado o melhor caminho para ir a essa região. Emquanto aos individuos que compõem a expedição commercial do Congo sou forçado a dizer a V. que não fui eu que os mandei, que os não conheço e que até não tenho conhecimento algum de tal expedição.

Não ha muito, talvez 4 annos, mandei ao Muatiânvua um pequeno presente; não sei porém se elle o recebeu ou não.

Como desejo enterter com elle as melhores relações não tenho duvida em mandar a minha gente negociar á Lunda e mandarei mesmo os presentes que V. me indicar como mais convenientes; é preciso porém que ahi encontre a minha gente protecção para as transacções; o que não encontraram as ultimas que tem ido ahi, como muito bem se deprehende do contheudo da carta de V.

Nunca me foi mais proveitoso e conveniente atrahir o negocio do interior a S. Salvador do que agora que aqui tenho tres casas importantes de commercio, tenho pois todo o empenho em mandar á Lunda procural-o, para isso, porém espero as indicações de V. para seguir o caminho mais certo.

Agradecendo a V. novamente tudo que tem feito a favor da gente do Congo, sou com a mais distincta consideração de V. Muito D.º A.mo. — D. Pedro 5.º Rei do Congo.

Nota. — Não tem esta carta data, porém recebi-a hoje 30 de julho na margem do Cassai residencia de Ambinji governador de Mataba com a correspondencia de Malanje. Ha de certo confusão, pois o presente que diz ter enviado ha 4 annos não deixa de ser o que trouxe Paulo, que se não apresentou ao rei, mas recebeu-o por intermedio dum outro e creio que o rei não conheçe a gente da expedição de D. Miguel e mesmo que este, principe ou não, não seja filho do actual rei, mas sim sobrinho. Os habitos sobre parentescos já os conheço agora. — Capital do Ambinji, margem esquerda do Cassai, 30 de julho de 1887. — *Henrique de Carvalho.*

A S. Ex.ª o Sr. Ministro

Ainda tenho occasião de communicar a V. Ex.ª que a minha secção principiou a viagem esta madrugada com carregadores

da localidade. Se amanhã não seguir o resto vão pelo menos 25 cargas com gente nossa e do Congo. Levantando eu com gente do Muatiânvua e este no dia immediato.

De ante-hontem para hontem, consegui arrancar mais duas victimas (um homem e uma mulher) da morte que lhes estava destinada, por serem considerados feiticeiros da Muari do Muatiânvua que appareceu com feridas nas pernas (cousa muito antiga) allegando que não podia seguir viagem (capricho feminino).

O Muatiânvua e algozes (Cambajes) estavam muito bebedos e até á noute se andou em correrias por essas ruas em busca dos feiticeiros, sendo baldados os meus exforços para as evitar, mas que felizmente consegui não poudessem ser encontrados, resolvendo-me á noute a pôr termo, custasse o que custasse, as minhas boas intenções.

Não digo a V. Ex.ª os meus feitos, mas o que posso affiançar é que me affoutei bastante, pois nem interpretes nem pessoa alguma de minha confiança se atreveram a romper a roda dos Cambajes excitados pelo malufo e de facas em punho para tirar do seu centro o Mutiânvua que na mesma excitação animava aquelles nas suas cantatas «*morte aos feiticeiros hoje mesmo.*»

Dahi levei-o comigo para o seu aposento, onde com muita paciencia e promessas de no dia seguinte de madrugada, tomarmos providencias contra aquelles, consegui não só que elle mandasse debandar a gente para as suas cubatas mas que se deitasse e tudo ficasse silencioso e todos tranquillos.

Na manhã seguinte (hontem) auxiliado do potentado da terra Caungula, pude convencer o Muatiânvua e todos os seus, do erro em que podiam ter cahido, se taes mortes se fizessem e que podia ter a certeza o Muatiânvua que eu o não acompanhava se em viagem houvesse de executar-se uma tal sen-

tença, a que hontem eu não poderia por cobro se não fosse o auxilio do seu quilolo Caungula; porque tanto elle, como todos os seus logo de manhã pelo estado em que os levára a bebida nem sequer me ouviram.

Pediu o homem muitas desculpas ao seu amigo Muene Puto pois na verdade pouco se lembrava do que se passou a não ser suas impressões com respeito á Muari dizer que não podia andar por causa de feitiços que o cirurgião indicou por quem eram feitos. E descançou-me, que não mais se falaria em taes feiticeiros e que não trataria de milongas na viagem para evitar que se desgostasse seu amigo Muene Puto.

Custou-nos isto a mim e Caungula a tal cabra para os Cambajes dando aquelle dois cabritos e eu uma peça de chita.

Tudo isto, não se passou sem um grande numero de promenores que o tempo agora não me permitte descrever.

Hontem de tarde recebi noticias da derrocada duma grande caravana de Bangalas, que teimou em avançar para a Mussumba, não obstante os avisos que teve no Cassassa que de lá se mandára buscar o Muatiânvua que aqui estava e do Muata Mucanza lhes prohibir a sahida do seu sitio. Foi completamente disimada pelas forças de Muxidi (nome supposto que adoptou Quicubo filho de Xanama) que são partidarios do Muatiânvua que acompanhamos e guerreavam as forças do Muriba aquem mataram. Fazem variar de 100 a 160 as victimas de mortandade entre homens, mulheres e creanças. Ao certo não posso ainda asseverar o numero. As forças de Muxidi, vinham do sul e compunham-se de povos Luenas, Cangombes, Macossas e Quiocos de Quissengue e de seu primo conhecido por Cassué cá mutêna (o fogo do sol), que todos são Quiocos.

Ex.^{mo} Sr. — Eu louvo-me por ter seguido os dictames da minha consciencia no procedimento que hei tido em acompanhar o novo Muatiânvua e não me ter exposto com a Expedi-

ção a meu cargo avançando para o focco da lucta politica que ha mezes se travara na Mussumba.

Xa Madamba Ambanza bangala que por minha intervenção conseguiu ir a Anguina Ambanza ha 20 dias mandou dizer-me que em vista do que se passou com a caravana dos Ambanzas Calumbu, Ambumba e elle não pensa em adeantar a sua marcha para a Mussumba; porém se o Muatiânvua ainda se demora muito, vê-se forçado a mandar para aqui as creanças e mulheres e vai fazer o seu reviro (negocio) no Lubuco pois que os recursos da caravana vão escasseando.

São estes exemplos, que corroboram a minha justificação para com V. Ex.ª porque não tentei desviar-me do meu companheiro e seguir com elle.

E se o fizesse que tinha ganho? ver desapparecer em poucos dias o Muatiânvua a quem decerto presentearia e com quem queria manter relações e em seu logar no Estado o que tinha despresado que em seu turno poria em difficuldades a Expedição quando quizesse regressar.—Deus Guarde a V. Ex.ª.—Estação Luciano Cordeiro 20 de dezembro de 1885.—Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr. Ministro e Secretario dos Negocios de Marinha e Ultramar. (as). O Chefe da Expedição.—*Henrique Augusto Dias de Carvalho*.—Major do Exercito.

*

* *

Tendo tido conhecimento em Anguina Ambanza na margem esquerda do Chicapa que pouco depois da morte do Muatiânvua Muriba se precipitaram os acontecimentos em Mataba e por suggestões de Cahunza e de Calenga (Ambinji) os proprios parentes de Mucanza o atraiçoaram e assassinaram sem lhe darem tempo a resistir e aos que lhe fossem affectos, de

o defenderem; occorrendo-me que poderiam os influentes em Mataba procurar o apoio dos Quiocos para resistir á intervenção dos da côrte do Muatiânvua nos successos que se déram naquelle paiz, aconselhei o Muatiânvua a que procedesse immediatamente como se affigurou conveniente e consta nos officios que dirigi na occasião a Sua Excellencia o sr. Ministro dos Negocios de Marinha e Ultramar.

A S. Ex.ª o Sr. Ministro

Parti da Estação Luciano Cordeiro para esta Andrade Corvo — Lat. Sul do Equador 7° 18′, Long. E. de Gren 20° 29′ e na altitude 707 metros no sitio de Anguina Ambanza a um kilometro de distancia do rio Chicapa a seu ENE. na altitude de 650ᵐ; — no dia 1.° do corrente mez e anno e aqui encontrei os antigos carregadores de Malanje sob as ordens do sub-chefe pouco dispostos a continuar a viagem para o interior, havendo já demonstrado por duas vezes:

1.°—que já estavam ha muito tempo fóra das suas casas e que o pagamento que se lhe fez em Malanje era o muito para uma viagem de 6 mezes;

2.°—que para o interior estavam os potentados em guerra e não havia Muatiânvua e por isso não queriam ir expôr suas vidas;

3,°—que o Muatiânvua que os Lundas queriam, ia na nossa companhia e nós deviamos entregar-lhe os presentes de Sua Magestade e regressarmos todos a Malanje;

4.°—que o sr. commandante querendo continuar viagem devia então fazer-lhes novos pagamentos.

Estas noticias foram-me communicadas durante a viagem pelo sub-chefe, e reconhecendo que no allegado andava mão de mestre, respondi logo não me assustavam esses ditos da

gente de Malanje e que bastava a minha presença para todos se calarem e seguirem submissos para onde eu os mandasse e particularmente o prevenia que sabia donde provinha o mal e tinha meios de os fazer seguir e elle veria que não havia motivos para sustos.

Pouco depois de ter descançado e de ter conferenciado com o sub-chefe para seguir viagem no dia seguinte, mandei chamar todos os carregadores e disse-lhes: que mal aconselhados estavam, se suppunham que eu os attendia em lhes fazer novos pagamentos; que eram subditos de Sua Magestade e tinham de ir até á Mussumba para onde se contractaram; a mim só é que pertencia conhecer quando deviamos regressar por causa das guerras que dizem haver na nossa frente; que sempre os encontrei promptos ao transporte de cargas de Estação para Estação, mas tambem sempre tiveram o pagamento egual aos carregadores extranhos depois de effectuada a sua primeira viagem de obrigação; que tratando-os sempre bem e estando todos contentes com o seu pae (é como me chamam) extranhava que longe de mim estivessem desinquietando-se uns aos outros para serem falsos ao seu pae.

Quem quizer retirar póde fazel-o já; eu não quero filhos de má vontade ao pé de mim; o sr. sub-chefe vai seguir ámanhã, os que forem com elle e quizerem vir buscar-me venham e tambem se não quizerem arranjarei novos filhos.

V. bem sabem o tempo que estive só em Camau no Angunza Muquinji e no Cuengo e nem por isso me viram zangado, nem triste nem desanimado; sempre trabalhava e se alguma vez comi carne, não a comprava, eram os bons filhos que ma traziam da caça que matavam. Façam o que quizerem; quem tem vontade dir para suas casas póde ir.

Tudo a uma voz disse: «ninguem aqui deixa o sr. major; a

nossa obrigação é leval-o para Malanje ou morrer onde elle morrer.»

Nesse caso, disse, venham receber as rações para a viagem e cada um apresente-se com a sua carga pois quero saber as que ficam.

Perto de cem cargas foram as distribuidas entrando neste numero, treze dos filhos do Congo que me acompanharam ; e as rações foram entregues a medida que as apresentavam; quatro jardas para seis dias (jarda de $0^{m},9$) e depois de tudo feito, que terminou já passava das quatro horas pediram elles se lhes concedia não partirem no dia seguinte por ser tarde para fazerem seus fornecimentos e serem os dois primeiros acampamentos no matto.

Sim senhor foi a minha resposta, e partirão depois damanhã de madrugada.

Em 6 de madrugada partiu o sub-chefe e eu fui para a praia activar a passagem das cargas na nossa magnifica canôa *Nossa Senhora dos Martyres* e consegui das oito ás dez da manhã apezar do sol ardentissimo e velocidade da corrente ser grande, fazer passar todo o pessoal e cargas para a outra margem do Chicápa.

Como o sol era ardentissimo e a hora já impropria para seguir viagem, disse ao sub-chefe que fosse acampar no alto a um kilometro a SE., onde se encontrava um bom logar que foi denominado acampamento Urbano de Castro e em 7 foi acampar proximo duma povoação de Quiocos de que era potentado Muene Capumba, logar este, em que os brancos eram desconhecidos.

O sitio em que acampou, á margem do rio Caluêmbe affluente do Chicapa, denominei-o: Miguel de Bulhões.

Ahi tive de ir pernoitar em 8 porque um avizo, do meu collega de que os carregadores haviam feito greve para não avan-

çarem, me fez correr logo ahi, apezar duma violenta dôr de cabeça e de ter estado desde as 6 até 12 horas do dia, tratando de dar solução aos complicados negocios que presentemente se apresentam no Estado do Muatiânvua que parece está a esphacelar-se.

Da Estação Luciano Cordeiro communiquei a V. Ex.ª em dezembro, a morte do Muatiânvua Muriba e que os aviados que vinham do Muata Mucanza (Anguvo) e doutros insistiam com Chibuinza Ianvo apressar sua marcha para tomar posse do Estado.

Em 7 recebeu-se aqui a aterradora noticia duma carnificina de que foi victima o Muata Mucanza e todos os que o cercavam, desapparecendo o seu Estado.

Conhecendo das difficuldades da situação porquanto com o desapparecimento do Estado de Mucanza, faltava o mais forte apoio ao Muatiânvua, mandei chamar este á Estação com os seus de mais confiança e tratei de o interrogar com o que contava agora.

Conto me diz, com Caungula e só dali mandarei convidar Moansansa, o seu pae Muene Luhanda e Quimbundo.

Esses respondi, estão muito longe e não ha tempo a perder; lembre-se que muitas vezes lhe disse que não devia esperar que seu irmão Lubembe avançasse, assim lho pedia Mucanza e que não estivesse dando tempo a que os inimigos de Mucanza o inutilisassem.

— Agora tenho um conselho a dar-lhe e será o ultimo, se o não quizer attender e foi para isso que o chamei com os seus quilolos.

Tem-me dito muitas vezes que Xanama desgraçou a Lunda servindo-se dos Quiocos e dando-lhes depois força.

Teem estes hoje tomado tal preponderancia entre os Lundas, com os seus diversos potentados, que todos os rios e caminhos estão mais ou menos tomados por elles a cortarem-lhes as communicações com a capital do Muatiânvua e ainda mais, com o Cuango donde só lhes pódem vir as fazendas, armas, polvora, etc.

O Muatiânvua não tem forças por emquanto para se oppôr aos diversos guerrilheiros álem do Cassai e por isso desejo que me diga antes de tudo, se Caungula de Mataba e o Quiluáta, teem forças para resistir a Calênga e a Cahunza.

Não tem na verdade, me diz elle.

Neste caso, meu amigo, astucia contra astucia; trate já de chamar a si os Quiocos para evitar que Cahunza leve as suas ambições agora a fazer-se Muatiânvua e para isso entre em convenios com aquelles.

Mande emissarios immediatamente a Muxidi (Quicubo filho de Xanama) que estava de accordo com Mucanza para entregar o Estado ao meu amigo e que acampou nas terras dos Luênas, a sul de Xa Cambunji e dispõe de forças de Mona Quissengue, de Luênas de Camgombes e de Macossas; e tambem a Quissengue, a Muana Muéne que dispõe de Mucanjanga, e outros: para que venham fallar-lhe no Quibango (Chibango) e mande-lhe os presentes do costume.

Vindo elles, tratemos então de fazer convenções para o meu amigo tomar conta do Estado visto que elles parecem inclinados a acceital-o.

O Muatiânvua agarra-se a mim aos abraços e depois seu sobrinho e ambos muito satisfeitos dizem que Muene Puto é realmente muito amigo delles e o sr. major seu filho é um bom conselheiro.

Lembrei-me disso diz o Muatiânvua, mas na verdade estava preplexo em o fazer, porque me custava que se dissesse que

eu me servia tambem dos Quiocos para entrar no meu Estado.

Meu amigo, respondi logo, os Quiocos são tão Lundas como aos que assim se chamam; o que fizeram foi formar um partido independente subordinando-se a quatro ou cinco potentados grandes todos parentes e são obedientes, unidos e trabalhadores, áparte muitos defeitos que teem e pelos quaes se tornaram odiados; mas agora, como lhe disse, não ha tempo a pensar nisso;—é aproveitar-se desse partido e bem, para que o seu imperio seja duradouro e estimado.

A questão está em resgatar o tal *mucuali* que Xanama deu a Quissengue para vingar a morte delle; o que elles pedem é pouco e obtido que seja o *mucuali* — que só o meu amigo pode fazel-o no dizer delles porque estava muito longe quando tal morte se fez, e a si de direito pertence o Estado; quando o obtenha, fará os convenios com elles em favor de seu Estado de modo que os caminhos fiquem garantidos aos negociantes até ao Calanhi.

Tem razão me diz elle, vou fazel-o e espero alcançal-o porque os Quiocos (potentados grandes) eram meus amigos e nada tive com elles quando era Suana Mulopo do fallecido Mutéba.

Pediu-me então se lhe dava uma pouca de fazenda e polvora para mandar os impungas (aviados) aos individuos por mim indicados.

Dei uma peça atacada de chita e um barril de polvora que muito agradeceu.

É isto em resumo a conclusão a que chegamos no dia 7 depois duma aturada discussão até ao meio dia e em seguida ao interrogatorio a que procedi aos taes portadores da má noticia: do que havia succedido na margem do Luêmbe e que mais complicava tudo para o desempenho que desejo dar á minha missão.

Foi depois disto que recebi a carta do meu collega e parti despedindo-me antes do Muatiânvua.

Chegando ao acampamento onde aquelle estava, 6 horas da tarde fiz chamar toda a gente e disse-lhes : Sei já quem tão mál os aconselhou a commetterem a falta que hoje fizeram e os mentirosos pretextos de que se serviram allegando doenças que não existem. Não os censuro nem os reprehendo por que V. não sabem mesmo o que fizeram.

No dia 8 ás 6 horas da manhã sem a mais pequena observação dei o signal de marcha e tudo seguiu sob as ordens do sub-chefe para o acampamento—Tito de Carvalho.

Os acampamentos entre a Estação Luciano Cordeiro e esta Andrade Corvo, denominam-se André Meyrelles, Elvino de Brito e Filippe de Carvalho.

A denominação destes nossos acampamentos como V. Ex.ª deprehende, não é mais de que o meu tributo de homenagem e respeito aos meus mestres e collegas na Imprensa, Proprietarios e Redactores de Jornaes, em que mais ou menos colloborei segundo os meus humildes conhecimentos e fracos recursos intellectuaes, e todos elles mais ou menos se tem dedicado aos assumptos que muito interessam á nossa causa africana.

Depois de deixar meu collega Sisenando Marques, fui visitar Muene Capumba potentado quioco subalterno do grande Quissengue e dei-lhe um panno de baeta de presente. O homem mostrou-se muito reconhecido e disse-me que eramos nós filhos de Muene Puto os primeiros brancos que passavam naquellas terras; que elle estava ali por mandado de Quissengue para vigiar aquelle caminho e proximo ao Luachimo estava o seu collega Xa Suana ; que ambos estavam informados que uma pessoa grande de Muene Puto trazia o seu amigo Xa Madiamba para tomar conta do Estado de Muatiânvua que

lhe pertencia e Quissengue lhes mandara recados por mais duma vez para que recebessem bem Muene Puto e o seu amigo, pois de facto era a quem o Estado pertencia, que tambem já contava que Muene Puto não queria que houvesse mais guerras entre Lundas e Quiocos e por isso elles estavam contentes.

Em principio receavam que a gente que trazia Xa Madiamba, viesse roubar as suas lavras e povoações e por isso tudo estava prevenido para se oppôr, mas que tambem souberam que Muene Puto logo á sahida do Cassassa se zangara e advertira Xa Madiamba que se os seus homens continuavam a fazer estragos e roubos pelo caminho, então não o acompanharia.

Admirei-me como tudo isto havia já corrido mundo; e disse-lhe: ter estimado saber da boa disposição dos Quiocos para o novo Muatiânvua e que naquelle mesmo dia deviam ter partido portadores delle para Muene Quissengue, Muana Muene, Muana Bumba, Caquenénca e Mucanjanga, com os respectivos presentes e prevenindo-os de que elle estava em viagem para ir tomar posse do Estado e esperava o apoio dos seus amigos a quem contava vêr no Quibango para uma conferencia.

Muene Capumba disse: muito bem fez Muene Puto em dar esse conselho ao seu amigo e é de esperar que elle seja um bom Muatiânvua e todos nós gostámos muito delle quando era Suana Mulopo de Mutéba.

Agradou-me esta conversa e quando regressei antes de entrar na Estação fui logo procurar o Muatiânvua a quem lhe contei o que ouvi áquelle; dizendo-lhe ao mesmo tempo, que encontrara no caminho os seus portadores e lhes recommendei para que não praticassem roubos e promovessem conflictos com os habitantes e finalmente que razão tinha eu quando em principio o aconselhei que não consentisse que os seus rapazes roubassem as senzallas e lavras por onde passavam.

Ficou Janvo muito satisfeito e deu-me parte dos portadores que mandara, e a quem; esperando elle que neste logar venha ainda encontrar-nos o Quingambo que mandou pedir a Muana Muene para lho mandar apresentar por ser este um Caquioco de confiança que duas vezes lhe trouxera noticias de mandado de Mucanza e ficou por muito tempo o medianeiro entre elles.

Espero sahir daqui o mais tarde em 3 dias, e fica conhecendo V. Ex.ª da situação em que nos encontramos.

E de duas, uma: ou as questões se resolvem bem no Quibango e promptamente com os Quiocos importantes e com quilolos grandes da Lunda: Muene Luhanda, Moansansa, Quimbundo, Xa Cambunji e iremos até ao Calanhi assistir á posse do Muatiânvua, ou as questões levam muito tempo a resolver e não é possivel manter-se a Expedição por falta de recursos e por isso retira.

Tambem pode succeder que se não chegue a um accordo e então o Estado do Muatiânvua tem o seu fim, mas esta difficuldade, tenho eu esperança de a vencer se todos os convidados á conferencia comparecerem, como o Muatiânvua espera.

Desculpe V, Ex.ª a pressa com que esta communicação é feita, porque o portador sae de madrugada e são já 2 horas da noite e ainda tenho de escrever a minha familia

Pode V. Ex.ª crêr que me acho bastante doente e fatigado das entrevistas que nestes dias hei tido constantemente com os Ambauzas bangalas, o Muatiânvua e os seus quilolos que veem chegando do interior. — Deus Guarde a V. Ex.ª. — Estação Andrade Corvo, 10 de janeiro de 1885. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios de Marinha e Ultramar. (a) O Chefe da Expedição. — *Henrique Augusto Dias de Carvalho*, major do Exercito.

*

*　　*

De novo se reuniu a Expedição na margem esquerda do Luachimo e teve de se demorar ahi, acampamento — Marianno de Carvalho — de 11 de janeiro a 12 de fevereiro de 1885.

Neste acampamento apresentou-se o Caquioco Quingambo vindo de Muâna Muene para receber as ordens do Muatiânvua e seguiu a desempenhar a sua missão junto de Mona Quissengue sendo acompanhado nesta diligencia de portadores meus, Augusto Jayme e dois soldados.

Os officios que se seguem davam conta ao Governo de Sua Magestade desta diligencia e seus resultados devidos á antiga influencia de Portugal sobre estes povos e por isso me abstenho de mais esclarecimentos.

A S. Ex.ª o Sr. Ministro

Em 16 do corrente chegou a este sitio o meu collega Sisenando Marques com 90 e tantas cargas e logo deu começo á Estação — Conde de Ficalho — como lhe determinei, cujas coordenadas mais corectas são lat. Sul do Eq. 7.° 38′, long. E de Green 21.° 17′ sendo a attitude de 758ᵐ acima do nivel do mar.

Havendo conseguido que toda a Expedição passasse na nossa canôa o rio Luachimo na manhã do dia 11 fui acampar na sua margem direita ainda com cargas a mais para 36 carregadores e dois doentes impossibilitados de marchar, para os quaes me era indispensavel mais oito carregadores que os deviam transportar em rêdes, sendo uma a do meu uso.

A esse acampamento que fica entre o rio e a povoação de

Cachiongo, onde tive de me demorar até 18, esperando carregadores para fazer passar o rio na nossa canôa o Muatiânvua e sua comitiva (actualmente mais de 600 pessoas); denominei — Rodrigo Pequito.

A distancia do acampamento Marianno de Carvalho a esta Estação que eu já havia vencido e agora em 18 venci a pé num dia, isto e, do rio Luachimo ao rio Chiumbue uns 35 kilometros; não o poderam fazer os nossos carregadores sem acamparem por duas vezes e por isso o acampamento do 1.º dia, junto ao riacho Cambuto, tomou o nome de Cunha Belem e o do segundo dia na margem direita do Mulélei, de Ferreira de Castro. O ultimo rio é affluente do Chiumbue que já o é do Cassai e aquelle, o Cambuto o é ainda affluente do Luachimo.

O itinerario que seguimos da Estação Luciano Cordeiro (Caungula, margem direita do Lôvua) até esta Estação e que me não foi possivel enviar pelo ultimo escoteiro por falta de tempo para tirar a copia, só agora o posso enviar não tão nitido como seria para desejar por que nem o papel nem os aprestos nem tão pouco a minha vista, as commodidades e o tempo, o permittem.

A minha attenção está muito dividida; os cuidados são muitos e a responsabilidade é realmente demasiada; e sinto sobre tudo a *falta da protecção benefica do Governo e os conselhos da Direcção Geral do Ultramar* que muito influe no animo do funccionario que deseja do coração bem servir o seu paiz.

Presentemente encontro mais difficil a minha missão porque a mim recorrem pedindo conselhos o Muatiânvua e os seus; pedindo protecção contra roubos os Bangalas e os filhos do Congo e ainda filhos da nossa provincia de Angola que até agora veem aparecendo do interior nus e esfomeados; e ainda tenho de attender ás visitas dos potentados quiocos que a cada passo por aqui se encontram e chegam a vir de distan-

cias de 2 e 3 dias de jornada, para falarem a Muene Puto e ouvir os seus conselhos com respeito á segurança de caminhos.

E é certo Ex.^mo^ Sr. que a influencia de Muene Puto existe mais arreigada quanto mais nos internamos, e della se tem obtido algumas vantagens, como V. Ex.ª vai ter mais uma occasião de conhecer pelo decorrer desta communicação.

Já annunciei a V. Ex.ª que tendo noticia no acampamento Andrade Corvo no Chicapa que os Matabas, corrupção de matapa homens mortos, que ninguem temia, (outros tempos!) mataram em guerra (segundo elles) o Muata Mucanza (Anguvo).

Esta morte, e pouco depois da do Muatiânvua Muriba, deu logar a ambições dum novo pretendente, segundo elles uma creança, Cahunza filho do fallecido Muatiânvua Xanana que de accordo com Muene Calênga dominam hoje os povos de Mataba.

Tenta Cahunza tomar posse do logar de Muatiânvua e promette conceder a Ambinji Muene Calenga, as regalias que gosava o fallecido Mucanza, Governador das terras dos Matabas.

Cahunza bem conhece que tal logar lhe não pertence, porém diz elle: eu era uma creança e fui causa das perseguições que meu pae Xanama fez a Xa Madiamba e portanto este uma vez no Estado me fará matar. Ambinji pela sua parte diz: Muriba deu-me as miluinas por querer desprestigiar Mucanza, bebi o sangue daquelle meu pae (Muatiânvua) para fazer matar Mucanza caso lhe sobrevivesse; ora sendo este quem prometteu me faria quebrar as miluinas se me apresentasse com ellas na sua quipanga, matei-o; e de certo Xa Madiamba me não perdoará, portanto seja a minha sorte a de Cahunza.

Estou só com elle, mas é o mesmo, primeiro que nos matem, muitos hão de morrer.

Além disso, dizem ambos: Xa Madiamba, está velho, é provavel que sabendo da morte de Mucanza e das disposições que temos tomado para nos oppôrmos á sua marcha, trate de se retirar para o sitio donde o chamaram.

Chegou tudo isto ao meu conhecimento e para evitar que aquelles homens conseguissem chamar á sua causa alguns potentados quiocos seus visinhos e dependentes de Quissengue, de Ambumba e de Muxico, razão por que aconselhei o Muatiânvua para immediatamente despachar seus muluas (enviados) áquelles tres grandes potentados e ainda aos irmãos do primeiros, Miocóto e Muana Muéne na margem do Luachimo e tambem a Mucanjanga e Caquenénéca, dois vultos temidos nestas regiões.

Bastava Quissengue parente e amigo de Xamadiamba esposar a causa deste, para Cahunza perder as esperanças do auxilio de Quiocos.

O Lunda não aprecia o tempo, nunca tem pressa, assenta em fazer uma cousa e já isso é um grande serviço; a execução fica para mais tarde.

Estes despachos que se deviam fazer immediatamente, reduziram-se a mandar apenas um escoteiro a Muana Muéne (Caquioco potentado) para este permittir que um seu subdito Quingambo, viesse falar ao Muatiânvua no Luachimo, porque o desejava encarregar duma missão para o potentado seu parente Quissengue.

Chega Quingambo, Caquioco de que já a V. Ex.ª dei noticia por ter sido elle o encarregado pelo fallecido Mucanza, de procurar o exilio de Xa Madiamba e o homem encarregado tambem por aquelle, depois para transmissão de noticias; e o Muatiânvua deu-lhe de commissão apenas o ir participar ao seu parente Quissengue do logar em que estava e que seguia a tomar conta do seu estado; porém, que sabendo ter Cahunza e

Ambinji collocado Mataba em guerra contra os seus amigos, pedia a elle Quissengue para mandar sua gente castigar aquella população e fazer limpar os caminhos para elle passar.

Com aquelle emissario, fiz eu seguir um dos nosso interpretes e dois soldados para em meu nome cumprimentarem Mona Quissengue, e lhe fazer entrega dum bom presente de que tambem cheguei a dar conhecimento a V. Ex.ª na minha ultima — Partiram elles daqui em 26 do mez passado.

Depois desta diligencia partir, os noveleiros, forjaram quantas balelas lhes vinha á imaginação, habito em que estão costumados estes povos, principalmente os Lundas, que vivem sempre no ocio e se nalguma cousa pensam presentemente, é no roubo e na mentira.

Eu no dia 1.º do corrente, sahi do acampamento M. de Carvalho para reconhecer este sito e saber se offerecia garantias de segurança á nossa Expedição, visto achar-se rodeado de Quiocos e a leste do rio Luembe acharem-se Calenga e Cahunza á frente da gente de Mataba, dispostos a cortarem as communicações com a Lunda.

Todos á profia Lundas e Quiocos até ao rio Chiumbue, me declararam que Xa Madiamba é o filho de Mautiânvua que a Lunda reclama e a quem os da Mussumba esperam para entrégar o Estado, e que Calenga e Cahunza revoltaram parte de Mataba por recearem que elle lhes mande cortar as cabeças por terem feito matar o Muata Mucanza seu amigo.

Tantos foram os pedidos que tive aqui de differentes potentados para o Muatiânvua avançar, e já até então, tanto os portadores que se mandavam ao Muatiânvua para este continuar viagem, e parecendo-me ficar aqui bem a Expedição, resolvi aconselhal-o para partirmos e aqui esperarmos os homens que mandamos ao Quissengue.

Era certo que as pazes de Caungula com Mucanjanga tive-

ram por condição entregarem-se duas raparigas e sabia que uma fôra logo entregue, mas mal podia suppôr que a outra em questão estava agora no meu acampamento.

Mandei logo indagar deste caso, e soube que de facto existia na companhia dum carregador do Songo, que a tinha resgatado a um quilolo de Caungula para sua companheira.

Fiz-lhe vêr que Caungula procurára aquella mulher que era preza duma guerra com Mucanjanga, e que se compromettera a entregal-a como condição de pazes e portanto que eu lhe dava a importancia do resgate para ella ser entregue áquelle, visto eu me ter dalguma fórma compromettido para que se fizessem as pazes.

Conveiu o carregador nisso e mandei logo chamar Xa Cumba, sobrinho de Quissengue, potentado proximo, que me pareceu desde o principio ser o homem mais serio e sagaz que hei visto por estas regiões, e a quem os principaes respeitam.

Veiu este amigo, e narrei-lhe o que se havia passado no Caungula com respeito a Mucanjanga e que sentia que um enviado delle que veiu cumprimentar-me não me houvesse falado em tal mulher, porque com muito gosto lha mandaria juntamente com o presente que lhe enviei, e agora me lembrava, de pedir a elle Xa Cumba, que se encarregasse de a mandar entregar a Mucanjanga, para acabarem de todo as suas questões com Caungula.

Tambem só agora sabia que em poder de Muatiânvua, estava um quinguvo que certamente elle não saberia ser o perdido por Mucanjanga na guerra com Caungula, e como elle tambem se empenhou comigo e Mona Muxico, para acabarem as desintelligencias entre Mucanjanga e Caungula, falando-lhe eu em entregar esse instrumento, decerto para socêgo de suas terras, não teria duvida em fazel-o.

Xá Cumba promptificou-se com muito gosto em desempenhar elle mesmo esta commissão e por isso fomos logo ao Muatiânvua.

Conversando com este, disse-nos que tambem hontem á noute lhe deram conhecimento destas cousas e estava para ir conversar commigo a tal respeito.

Não sabia que o quinguvo com que o presentearam fóra o que Mucanjanga perdera e não tinha duvida em o entregar ao nosso amigo Xa Cumba para lho levar da sua parte e agradecia-me mais o favor deste bom conselho.

Dali partiu Xa Cumba com a rapariga e o tal instrumento o como estivessemos a 9 e no dia 11 completassemos naquelle acampamento um mez disse ao Muatiânvua que nesse dia partiria meu collega Marques para o Chibango e toda a Expedição passaria o rio e portanto querendo elle acompanhar-me desse suas ordens para esse fim. Ficamos de accordo.

Mucanjanga manda agradecer aos seus amigos, ficando então convencido, do que lhe haviam dito: que tanto Muene Puto como o Muatiânvua intervieram que se estabelecessem as pazes, que Mona Muxico fôra propor a Caungula em seu nome e mandava affiançar que elle não mais se envolvia nas questões do pretendente Anganza Matata com o seu parente Caungula.

Ia tratar dos seus negocios para o Lubuco e estabelecer-se-hia agora no Luachimo em terras do Maii e se Muene Puto ali podesse ir teria muito gosto em recebel-o e agradecer-lhe pessoalmente os serviços que lhe prestou.

Não devo occultar a V. Ex.ª que Xa Cumbá logo me preveniu que Mucanjanga lhe dissera: o meu amigo Muene Puto e o Muatiânvua encarregando-o desta missão que lhes estou muito obrigado vejo que são tambem seus amigos e decerto o hão de gratificar e por isso me dispenso de o fazer. A isto

respondi: Mucanjanga pensou bem; eu pela minha parte sempre tive tenção de gratificar o meu amigo Xa Cumba, mas como as cargas estão todas passando ou já passaram, vá amanhã lá ter comigo do outro lado do rio, experimenta a nossa canôa como desejava e havemos de ficar sempre amigos.

O homem repetiu o que já uma vez me dissera se o sr. major fosse preto como eu e eu fosse mulher, jamais o deixaria;—vai custar-me muito a sua sahida daqui e se Quissengue me mandar marchar com o Muatiânvua, como desejo, peço já ao sr. major que me permitta eu faça a minha barraca ao pé da sua para estar sempre a conversar comsigo.

Está dito meu amigo acceito, foi a minha resposta. Que havia de dizer a uma declaração tão sympathica! Amigos é sempre bom até no inferno!

Veio o homem no dia seguinte ao nosso acampamento e passando o rio na canôa que o esperava. A primeira cousa que me disse compungido; é que não teve animo de olhar sequer para a minha casa e que dera ordens para ninguem estragar o meu acampamento pois queria ver sempre a minha casa fechada para quando eu regressasse, ali voltar.

Trazia-me duas cabras de presente para a viagem; e eu dei-lhe a gratificação que destinara dar-lhe: um bom panno de lã (de meza) uma camisa minha que muito gostou e uma porção de contas grossas pretas serapintadas de branco para a sua muari (1.ª mulher) que muito agradeceu; e pelo presente que me trouxe disse-lhe que o acceitava com muito gosto, mas devia ser franco e dizer o que queria em troca? Depois dum cavaco sobre escusas: — que eu desse o que fosse da minha vontade, resolveu-se a pedir-me um barril de polvora e uma peça de fazenda (2:000 réis) que dei; e vesti ainda, dois filhitos que o acompanhavam uma braça de riscado a cada um e mais um barretinho de lã o que tudo muito agradeceu.

Esteve comigo até tarde porque trazia uma binda de vinho de palma para beber comigo como bons amigos (umas seis garrafas) e fiz-lhe a vontade disposto a atural o, aproveitando-o, para alguns exercicios na sua lingua que eu ia escrevendo.

Em 13 partiu meu collega, como já disse a V. Ex.ª e em 14 fui buscar o Muatiânvua com toda a sua gente que estavam receando eu os abandonasse e a toda hora me mandava enviados que não lhe fugisse.

Demorei-me neste acampamento até á madrugada de 18 esperando os carregadores que meu collega havia de mandar-me e a esse acampamento vieram visitar-me os Quiocos proximos e não faltaram em mandar suas raparigas dançarem na frente da minha residencia. Tambem Miocóto irmão de Quissengue, mandou cumprimentar-me por uma embaixada com a sua bandeira de guerra, vermelha com duas meias luas voltadas para o mesmo lado.

Mandava dizer-me Miocóto que constando-lhe haver Mucanjanga importunado Muene Puto para lhe entregar uma rapariga que estava no seu acampamento e exigir ao Muatiânvua um quinguvo que perdêra na guerra com Caungula, mandava aquella embaixada a encontrar-se com Mucanjanga, suppondo que estaria comnosco no outro lado do Luachimo, para immediatamente o fazer desistir de taes pretenções. Não nos encontrando já do outro lado, a embaixada desejava saber o que se havia passado.

Respondi logo: nem eu nem o meu amigo Muatiânvua nos temos a queixar de Mucanjanga; se foi sua intenção fazer-nos tal exigencia bem andou em não a fazer porque nem a mim nem a Muatiânvua a poderia fazer e decerto não teriamos ficado em boas relações como estamos.

Disse ao Muatiânvua o que se passara comigo com tal embaixada e no dia seguinte respondia elle da mesma forma.

A embaixada tendo de retirar e sabendo já da nossa partida, pediu ao Muatiânvua para que seguisse comigo pois Miocóto estava esperando ordens de Quissengue, para com sua gente ir acompanhar o Muatiânvua no Chibango que ficava mais a sul e proximo do Cassai, onde facilmente se reuniriam as diversas bandeiras dos Quiocos sob o dominio de Quissengue.

Cheguei aqui em 18 ás 4 e meia da tarde e o Muatiânvua tres dias depois.

Quando vim no mez passado ao Chibango, sabe tambem V. Ex.ª que além de querer reconhecer este logar se era seguro para a nossa Estação de inverno porque as grandes chuvas iam começar tambem foi com o fito de obter que se pagassem a uns 24 homens portuguezes os roubos que se lhe fizeram.

Na occasião consegui apurar mais dum terço e depois daqui chegar e estar estabelecida a nossa Estacão—Conde de Ficalho—tratei logo de continuar as minhas diligencias não só com respeito a estes mas ainda a outros roubos feitos a comitivas de Bangalas e ha mais dum anno á do rei do Congo; e se na verdade muito me tem custado, posso dizer a V. Ex.ª que não foi infructifero o meu trabalho; o que tudo é devido á antiga influencia de Portugal sobre estes povos.

Pelo que respeita ao Quibango (Chibango) é certo que, sabendo elle que eu me queixára ao Muatiânvua, não só como soberano da terra de consentir nos roubos que nella teem feito extranhos e os seus, como ainda por elle tambem haver roubado uma ou outra pessoa tanto á comitiva do Congo como ás ultimas dos Bangalas e quimbares, me mandou pedir para ir conversar com elle á sua quipanga o que fiz.

Foi elle quem encetou a conversação dizendo, que o Muatiânvua lhe fizera conhecer que andara mal consentindo que os sobrinhos de Mucanza roubassem os negociantes que vieram do interior depois da morte de seu tio.

Muene Puto tem razão em estar zangado comigo me disse Chibango, porém devo prevenil-o: o criminoso realmente é o Anzôvo que foi quem mandou roubar os negociantes; eu apenas pedi uma das mulheres com seu filho de peito por ser parente duma das minhas raparigas e promptifiquei-me a resgatal-as caso isso me fosse exigido.—Meus filhos (povo) na verdade auxiliaram os sobrinhos de Mucanza no roubo e ficaram com roupas e algumas fazendas dos quimbares porém tudo que pude rehaver quando veiu aqui o Sr. major apresentei.

Tambem é certo que o Mujingá Congo (o chefe da expedição do Congo) foi roubado na minha terra de duas mulheres da sua comitiva; mas uma já hoje mandei buscar por que sei estar na Luba e emquanto á outra, tenho a culpa de consentir que se vendesse ao meu amigo Caungula do Mansai, porque me zanguei com o Mujingá Congo, que eu tinha por meu amigo, no seu regresso procurasse um porto differente do meu.

Mas tudo isto, eu estou prompto a entregar, bem como mais uns objectos que me tem sido apresentados e pertencem aos quimbares, que entrego ao nosso pae o sr. major.

É verdade respondi, que disse ao Muatiânvua que o meu amigo era tão culpado como os sobrinhos de Mucanza, accrescendo ser chefe duma povoação que estava no caminho e auctorisava a pilhagem aos negociantes deixando-os nús, sem se lembrar do que elles teriam a padecer na longa viagem para as suas terras.

Visto o que me disse Chibango fiquei satisfeito e sem duvida alguma os quimbares hão-de acceitar o resgate da parente. Resta-me pois, retorqui ainda, que se apresente o Anzôvo visto o irmão mo pedir e só depois deste haver pago pela sua parte os prejuizos que soffreram os negociantes me resolverei a continuar acompanhando o Muatiânvua.

Seria para mim continuou Chibango um grande desgosto que

fosse na minha terra que Muene Puto se zangasse e abandonasse o nosso pai a Madiamba; eu vou tambem falar aos filhos de Mucanza e Muene Puto não ha de ir zangado comnosco. Verêmos foi a minha resposta.

Hoje receberam os homens senão tudo que se lhes roubou, uma grande parte.

É preciso muito tempo e paciencia para se obter pela palavra só, a mais insignificante cousa desta gente.

Mau é elles imaginarem pretextos para demorar as resoluções e nisso são ferteis. É preciso estar sempre prevenido para isso, e nunca se suppôr como certo o que elles promettem. E emquanto a roubos, então muito peior, porque julgam a preza propriedade sua e tornam-se avidos com ella chegando a dizer; com grande desfaçatez: *Uáuha cumutondo cacuánenápe candi* (o que cae da arvore não pode já ficar completo).

O roubo passando de mão em mão, já não pode regressar inteiro á mão de seu dono.

É sempre o final destas questões que são frequentes entre estes povos.

Estão estes homens de Malanje despachados, e são elles os portadores da minha correspondencia que não pode deixar de ser a correr, e cá ficam ainda os do Congo que teem de me acompanhar até ao fim porque os roubos vão ainda até mais longe e aproveito-os para as cargas; tambem ficam os Bangalas (encarregados) da comitiva de Quinzaje para quem espero por estes dias alcançar que os indemnisem de mais alguma cousa; e já me appareceu um portador de Xa Madamba pedindo protecção para o roubo de tres cargas de polvora e fazendas sobre o que já falei ao Muatiânvua e grande parte está em seu poder mas como elles são observadores do seu adágio: *Uáuha cumutondo cacuanénape candi;* não irá muito longe o apuro.

Os homens da Expedição do Congo, dispersos por aqui em diligencias, esperando alcançar alguma cousa dos roubos feitos á expedição e vendo-se na necessidade de fazerem esteiras ao uso do seu paiz, para comerem, esfomeados e cobertos de pelles, ainda assim, logo que se declarou a guerra de Mataba, vieram fugidos para aqui para as povoações proximas, e conseguiram reunir-se no meu acampamento Marianno de Carvalho, onde receberam logo de Xá Suana, um rapaz que lhes fòra roubado e dahi com os que já do Caungula transportavam nossas cargas, vieram elles tambem empregados nesse serviço, pelas rações a par dos demais carregadores e é certo que pelo officio das esteiras e pelo que economisam já trajam devidamente, até com bluzes por elles feitas.

No serviço das Estações e acampamentos, tem elles prestado bons serviços. Aqui, como já disse a V. Ex.ª obtiveram duas das suas mulheres e mais uma por resgate doutra que fôra vendida.

Pelo que respeita á situação politica do Muatiânvua, vou dizer a V. Ex.ª o que durante a nossa residencia aqui se ha passado e do que está dependente a marcha da Expedição.

Os portos do rio Chiumbue a nosso lado, estão fechados por ordem de Ianvo e nada iriamos fazer ao Calanhi, onde estão reunidos todos os quilolos da Mussumba esperando a chegada deste homem para lhe ser confiada a governação do Estado cujos poderes hoje estão reunidos na mão de Suana Mulunda.

Além disso, vamos entrar na estação das grandes chuvas que só termina em fins dabril, e occasionam as grandes cheias e pantanos, impossibilitando as marchas, o que nos forçava a invernar em qualquer ponto, e se esta localidade não é realmente a melhor pelo lado da alimentação, ainda assim, está rodeada de povoações de Quiocos, embora a distancias supe-

riores a um dia de jornada que sempre fornecem mais ou menos alguns alimentos, isto é jinguba (amendoim), feijão miudo algum, mandioca (bombó) para se pizar em farinha ou apurar o amido, o pão do preto, de quando em quando uma cabra ou cabrito ou carne de caça, algumas gallinhas e tambem algum milho e bananas.

Em geral tudo é pobre, as povoações mal teem para si e se já a nossa Expedição é grande para se poder sustentar bem em qualquer local acompanhada de tres grandes comitivas, Bangalas e do sequito do Muatiânvua que já hoje excede a seiscentas pessoas, muito peor. E peor vai tornar-se, porque se esperam aqui grandes forças dos potentados da Lunda, a sul e leste e ainda de diversos Quiocos.

Contraria-me isto bastante, mas que fazer? Se as cousas do Muatiânvua se resolverem como elle espera durante o mez de março bom será, aliás vejo-me na necessidade de recuar, não assistindo á sua posse porque os recursos vão tambem desapparecendo a olhos vistos.

São muitas boccas a sustentar e muito se vai já demorando a viagem.

Tenho a consciencia de que ha sido bem aproveitado o tempo, mas ninguem podia prevêr as contrariedades que temos tido.

Chegaram forças do potentado Anzôvo, e elle mesmo; devem chegar ámanhã ou depois tambem forças do Caungula de Mataba a nosso SE e esperam-se tambem as do Bungulo, de Maansansa de Luhanda e Xa Cambunji.

As do Maii Munéne, dizem que estão em marcha e tambem já se recebeu noticia que o Cacuata Tambu Calamba (o tal que esteve comigo em Malanje), chegára com duzentas armas a Anguina Ambanza — Estação Andrade Corvo.

Pelo que respeita aos enviados que eu e o Muatiânvua man-

damos ao Quissengue o principal potentado dos Quiocos, tenho as seguintes noticias; aquelle recebeu-os muito bem e logo no primeiro dia fez distribuir quatro cabras, farinha, bananas e vinho de palmeira para elles comerem e fez alojal-os devidamente.

Em grande audiencia dois dias depois a todos os seus mostrava a mucanda (carta) e presente do seu amigo Muene Puto a quem muito desejava vêr.

Os portadores fizeram saber, que Muene Puto pretendia resgatar a faca de Xanama, para que duma vez terminassem as contendas de Quiocos, Lundas, Bengalas e ficassem limpos os caminhos aos negociantes.

Muatiânvua participa-lhe que visto os quilolos da Mussumba e os grandes potentados da Lunda o reclamarem para tomar conta do Estado, resolvera partir do exilio e estava em viagem, mas tendo agora conhecimento que o seu velho amigo Muáta Mucanza fôra morto por ordem de Calenga e Cahunza e pela gente de Mataba, e de Quibéu, subalterno, do seu amigo e parente Quissengue esperava que Quissengue o auxiliasse a fazer limpar o caminho a castigar os criminosos e a pôr termo duma vez á inimisade que desde o reinado de Xanama tem havido entre Quiocos e Lundas.

Quissengue ouvindo os portadores immediatamente expediu a sua bandeira de guerra para o Calenga e Cahunza, mandando primeiro que fossem procurar Quibéu e lhes dissessem que estava nas melhores relações com o seu amigo Muene Puto e Xa Madiamba, velho parente e amigo que os da Mussumba chamaram para seu Muatiânvua, os quaes estavam em viagem para Mussumba e lhes mandaram uma mucanda (carta) dando-lhe disso conhecimento.

Mais mandára dizer o Quissengue: que sem auctorisação delle se deixára elle Quibéu arrastar por Cahunza a guerrear

o Muata Mucanza, portanto que se unisse aos enviados e fosse dizer a Cahunza o seguinte: que immediatamente entregasse tudo quanto pertencia a Mucanza, que limpasse os caminhos de Mataba para passarem Xa Madiamba e seu amigo Muene Puto, e lhes remettesse a ponta de marfim que Muriba expedira para elle Quissengue com o fim de resgatar a faca de Xanama; e quando não quizesse que partisse o pau da sua bandeira (signal de recusa) para então elle ir com a sua gente ensinal-os a fazer o que lhes determinava — De facto os embaixadores passaram ha oito dias o Luembe e devem estar de volta.

A demora dos nossos portadores é devida a Quissengue querer que elles tragam a resposta de Cahunza e do Calenga e a resolução que em vista dellas tomar.

Esta noticia foi-me dada pelo meu amigo Xa Cumba que ha tres dias veiu do seu sitio de proposito trazer-me uma cabra e ficou hospedado na Estação, por lhe ter adoecido um dos seus rapazes que o acompanhava, com uma pontada no lado direito e está em tratamento pela nossa medicina. O Xa Cumba tambem aproveitou e está sendo medicado.

Eu pela minha parte tenho tirado partido da sua companhia em exercicios sobre a lingua dos Quiocos e sobre algumas informações e duma destas vou dar conhecimento a V. Ex.ª por já nisso ter falado e pelas minhas apprehensões de que o dr. Buchner e outros exploradores tiveram falsas noticias, historicas e geographicas sobre estes povos.

. . . .

O commercio que por aqui se faz consiste na troca de fazendas, polvora, armas e missangas por gente, e os agentes desse commercio são Quiocos, Bangalas, Calundulas e Congos que a vem buscar para augmento de suas populações. Os quimbares filhos de Ambaca na maioria e de Malanje, acompa-

nham as comitivas bangalas e sempre dellas são victimas no regresso. Elles veem com algumas pequenas facturas a credito á especulação para trocarem gente por alguma ponta de marfim no Lubuco e rarissimos são os que no fim de alguns annos adquirem um dente de lei, sequer, e para isso aqui se demoram muitos annos e raros são os que regressam a satisfazerem os seus creditos,

Sou informado que Quissengue tem dois dentes de lei para vender e Miocoto seu irmão a tres dias de distancia, tem cinco; Mona Congolo e Cazari teem um; Quipoco a dois dias de distancia tem dois; e não passamos disto.

Se fôr ao Maii, dizem tambem lá sempre arranjarei quatro ou cinco dentes! Mas nem sempre é assim e quando o é teria a comitiva que se destinar á compra de marfim de andar dum para o outro lado com as cargas e demorando-se muitos dias em cada ponto para fechar o negocio de um dente

O que geralmente acontece, é o negociante deixar creditos, para no regresso buscar o valor em marfim e se algum se obtem nunca chega ao valor do credito que fica para ser pago noutra viagem que se realmente se faz, ainda o negociante tem de augmentar esse credito para o não perder e geralmente perde então tudo que lá vai recahir nas casas credoras.

Alguns negociantes dos concelhos a leste de Loanda até Cassanje muito podem illucidar a tal respeito, querendo.

Se o caminho de ferro de Ambaca se faz contando com o grande commercio que se espera da região central de Africa, será mais um sacrificio inutil para o desenvolvimento da provincia de Angola. Esta provincia precisa dum caminho de ferro, não para Ambaca, que para nada presta mas para Malanje, concelho agricola e que colonisado devidamente pode ser dum grande futuro para a nossa provincia.

O concelho de Tala Mugongo ha de sempre augmentar de

população porque esta região central, tende a alimental-a até agora pela migração de gente e não tardará muito pela migração espontanea, que então será muito maior.

Os Lundas, isto é os que se dizem, os subditos do Muatiânvua tendem a desapparecer deante dos Quiocos, pelo menos esse imperio outrora tão afamado está desmoronando-se com o que nada se perde; e se o homem que eu acompanho tiver pouca vida como os seus antecessores é natural que seja elle o ultimo Muatiânvua.

Os Quiocos já começam a penetrar na nossa provincia em busca do que carecem, refiro-me ao centro, porque ao sul já elles vão ha muito caminho do Bié e isto não obstante o Cuango ser para elles uma barreira difficil de passar por causa dos Bangalas seus rivaes na concorrencia commercial no interior. Eu estou certo que passado algum tempo os Bangalas soffrem as consequencias das difficuldades que tem levantado aos Quiocos na passagem do Cuango porque estes mais aventureiros continuarão para o norte em busca do que já não encontram neste centro: marfim e borracha; e tenderão a aproximar-se do Cuango procurando-o passar onde mais facilidades encontrem.

Os Bangalas terão de retrahir-se e será então que Malanje se fôr colonisado devidamente poderá aproveitar-se das entradas de grande densidade de população, que muito hão de concorrer para o desenvolvimento de seus recursos vitaes. Para isto nos devemos preparar porque será nessa epocha que o caminho que se pretende construir terá os devidos lucros.

Desculpe V. Ex.º estas considerações a correr de quem está vendo dia a dia o que por aqui se passa com o verdadeiro interesse de bem poder informar o nosso paiz.

Termino como sempre pedindo a V. Ex.ª se digne relevar-me a pressa com que escrevo e dá logar a muitas faltas quer

na redacção, quer na ordem a seguir, pois álem de me faltar o tempo para minutar, a cada passo estou sendo interrompido já pelos estranhos a quem nunca me recuso a ouvir porque na verdade, a paciencia e o bom modo para todos, é-me indispensavel para levar esta minha difficil missão a bom fim; e a contento do meu paiz. Deus Guarde a V. Ex.ª, Estação—Conde de Ficalho—margem esquerda do Chiumbue 28 de fevereiro de 1886.—Ill.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro Ministro e Secretario de Estado dos Negocios de Marinha e Ultramar (as) —O Chefe da Expedição.—*Henrique Augusto Dias de Carvalho.* Major do Exercito.

A S. Ex.ª o Sr. Ministro

Vindo despedir-se de mim o Ambanza Quinguri (Cassanje) que esteve hospedado com sua caravana na nossa Estação —Luciano Cordeiro— e ultimamente ficara negociando sua factura por borracha no Chicapa, que regressa agora á sua terra, margem do Quinguixi affluente do lado direito do Cuango a sul do Ambanza Ilunda e a um dia de viagem da nossa feira de Cassanje, aproveito-o para dar a V. Ex.ª algumas noticias desta Expedição com referencia aos mezes de março e de abril.

Do Luachimo (Ruàchimo) acampamento Marianno de Carvalho disse eu a V. Ex.ª que por meus conselhos o Muatiânvua mandára sahir portadores delle com presentes para Quissengue (potentado dos Quiocos) e eu os fiz acompanhar, por um dos meus interpretes e dois soldados.

Encontraram logo alguns dos individuos a presentear segundo o itinerario que lhes fôra designado; porém no Quibongue, souberam ter Quissengue já mudado de residencia para a margem do Itêngo affluente Chicapa onde se dirigiam, pelo que e por ter adoecido o meu interprete demoraram-se

perto de tres mezes para aqui voltarem, quando se esperava que esta commissão fosse desempenhada o muito, em vinte e cinco dias.

Mas tudo que ora succede confirma mais uma vez o que eu já tenho dito a V. Ex.ª, não se pode contar no meio em que estamos com os calculos ainda os mais bem fundados; e que os potentados (Quiocos especialmente) dando os seus nomes ás terras, como estão mudando constantemente de residencias e para pontos muito longiquos dão logar a causas de erros sensiveis nas cartas geographicas, para o que, não havendo a necessaria prevenção poderia fazer suppôr que teria havido erro nas coordenadas determinadas pelos exploradores que por cá teem andado e assim faço justiça ao meu amigo dr. Buchner que encontrou Quissengue proximo ao rio Chiumbue pouco antes da latitude S. do Equador 10° e longitude E de Gren. 21°. Estava já, ha poucos dias (40) na margem do Cabango affluente do Luachimo e mais a norte e agora foi para onde disse, terra em que nascera e o actual Quissengue (Quingurica é seu nome) é o sobrinho do que conheceu Buchner e se chamava Madia (de Maria).

Foram os meus portadores muito bem recebidos pois logo lhes mandou dar agazalho e de comer nos cinco dias em que ali estiveram e na primeira noute ordenou que suas raparigas fossem dançar até madrugada em frente dos alojamentos que lhes destinara.

Como de costume só os recebeu dois dias depois com grande cerimonial apresentando-os como enviados de seu amigo Muene Puto e os do Muatiânvua como filhos do seu parente e amigo Muatiânvua que agora vinha do Cuango para o seu Estado sob a protecção de seu antigo amigo Muene Puto.

Recebeu os presentes e vestiu logo a farda de Governador Civil e agradecendo-os mandou retirar todos dizendo que res-

ponderia no dia seguinte aos lussangos (maésu em Ambundo e terras de Angola que para equivalente na lingua portugueza temos recado, noticia etc.) e dizem que todo o dia andara na sua quipanga (residencia) mostrando aos seus familiares o presente de seu amigo Muene Puto.

Os lussangos eram, os do Muatiânvua: cumprimentava seu sobrinho e irmão passando proximo de suas terras e dava-lhe parte que resolvera ir tomar conta do Estado da Lunda que lhe pertencia ha annos porque os grandes quilolos já por tres vezes o haviam mandado chamar; que tendo noticia que seu amigo e velho potentado Muata Mucanza fôra assassinado por ordem do rebelde Ambinji e por alguns Quiocos subordinados a elle Quissengue lhe pedia para fazer avizar estes que limpassem os caminhos pois elle ia passar por Mataba e disposto a castigar o Ambinji e a todos que tentassem oppôr-se á sua passagem; esperando que elle Quissengue seu amigo e parente não só lhe fizesse isso, mas ainda mandasse sua bandeira com gente para o acompanhar e lhe prestar o necessario auxilio.

O meu, resumia-se depois dos cumprimentos a dar-lhe parte: que dirigindo-me por ordem de Muene Puto ao seu amigo Muatiânvua, encontrara no Cassássa, Estação—Cidade do Porto—Xa Madiamba em preparativos de viagem para o Calanhi onde ia tomar posse da governação do Estado a pedido dos velhos quilolos, e me disposera a acompanhal-o; porém havendo noticia da morte de Mucanza e que Mataba estava revolucionado e não queria continuar sujeito ao dominio do Muatiânvua a pretexto que Xa Madiamba não deixaria de fazer matar Ambinji que conseguira indispôr aquella parte da Lunda contra o seu Governador Muata Mucanza e auxiliado por alguns potentados Quiocos; esperava que elle Quissengue annuisse ao pedido de seu amigo Xa Madiamba;—fazia-lhe saber que eram desejos de Muene Puto que acabassem duma

vez as guerras e desordens entre Quiocos e Lundas e como todos me informassem que estas eram motivadas pela faca de Xanama em poder delle Quissengue não ter sido ainda resgatada, esperava que elle me dissesse se assim era e as condições em que podia ser feito esse resgate pois desejava fazer entrega dessa faca a Muene Puto.

Respondera o homem no dia seguinte: — que tendo chegado portadores de Mataba enviados por Ambinji desejava que os nossos emissarios os ouvissem pois não queria ser considerado de má fé pelo seu parente e por Muene Puto.

Aquelles traziam seis escravos de presente e da parte de Ambinji pediam a Quissengue que aconselhasse Xa Madiamba a não passar por Mataba aliás ver se-hia obrigado a fazer fogo contra elle; que fosse para o Estado por outro caminho e tendo sido elle um dos causadores da morte de Mucanza tambem lhe pedia que lhe não fosse hostil, pois que dahi em deante estava prompto a pagar-lhe tributos.

Depois destes fallarem dirigiu-se Quissengue aos nossos:
— O meu amigo Xa Madiamba deve vir aqui, mas quando não possa que venha o seu amigo Muene Puto para bem combinarmos o que se deve fazer para ter uma boa viagem e ainda para se convencionar sobre o resgate da faca; dos lucanos e doutras cousas do Estado em poder de um dos seus guerreiros como presa na guerra em que foi morto Muriba.

O meu interprete ainda lhe observou que o sr. major estava ha muito tempo em viagem e não podia voltar atraz, — mas elle retorquiu deve dar esta minha resposta ao sr. major e elle então dirá o que entender.

Não é, accrescentou, porque eu não queira acompanhar o meu parente Muatiânvua mesmo a guerrear Mataba, mas desde que Ambinji se dispõe a pagar-me tributos não deixando por isso, tambem de pagal-os ao Muatiânvua, julgo conve-

niente não fazer guerras que mais iriam despovoar a Lunda do que está, todavia se meu parente insistir mandar-lhe-hei a gente que pede.

Com os nossos portadores despachou elle seu sobrinho e herdeiro rapaz ainda novo Xa Cazanga com a sua *mutue á caianda*, uma chapelêta que faz lembrar um pagode chinez e que lhe occulta completamente a cabeça até ás orelhas e outros distinctivos. Este trouxe grande sequito; quatro quilolos sendo um o pae delle, a bandeira com vinte guardas, vigilantes, e pelo caminho se reuniram mais quatro quilolos.

Aqui chegou esta gente em grande berrata ao som de marimbas e instrumentos de pancadaria, vindo o Muanangana embaixador montado no seu quinmangáta (homem) bambeando-se e manobrando o seu chapellinho de sol, no dia ás 18 duas horas da tarde.

. . . .

Tenho agora de retorceder a fazer sciente a V. Ex.ª do que se passou depois do meu ultimo officio porque tem ligação com as respostas que demos a Xa Cazanga em 22 deste, dia em que foi despachado pelo Muatiânvua para regressar á terra de seu tio.

Apresentaram-se aqui varios potentados quiocos das margens do Quiumbue (Chiumbue) affluente do Luembe e não do Cassai como indicam algumas cartas e do Luachimo, vindo prestar seu tributo de homenagem ao Muatiânvua e offerecendo-se a acompanhal-o ao Calanhi.

Entre estes os mais principaes foram uma embaixada de Mïocoto irmão de Quissengue, este mandava-nos dizer que herdára de Madia, a faca de Xanama e senão o Estado de Quissengue foi porque Quicurica seu tio, se julgou com mais direito e receiou que este o enfeitiçasse; que elle estava prompto a mandar gente armada para acompanhar seu parente Xa Madiamba e que bastava-lhe um signal de que acceitava seus serviços.

Foi-lhe respondido que se esperavam os portadores que foram a Quissengue por isso nada se podia resolver de prompto, porém que Xa Madiamba de bom grado acceitaria a companhia de seu parente e de sua gente. Agradecia a sua attenção e enviou-lhe alguns pannos e quatro peças de fazenda para se vestir.

Apresentou-se tambem Mona Congólo que já em tempo aqui tinha vindo cumprimental-o e lembrou a conveniencia do Muatiânvua enviar o mufi aos potentados quiocos do sul e ainda a Quibeu, a quem Ambinji chamou para guerrear Mucanza; a Quipoco a Xa Mulongo e mais quatro cujos nomes me não recordam agora.

Todos foram contemplados com chitas, riscados, baetas, algodões, zuarte, etc., em proporções a fazerem pannos para vestirem.

O mufi é o signal de amizade e de pedido de auxilio para uma guerra o qual acceite, torna o acceitante alliado ou pelo menos indifferente não hostilisando quem o dá, e protegendo-o em suas terras contra os adversarios.

Do Caungula de Mataba quilolo do Muatiânvua a dois dias de distancia de nós na margem do Cachimi affluente do Luêmbe e a nosso SW, tambem teem chegado portadores dando-nos conhecimento de desavenças entre os Calambas do fallecido Mucanza, em que alguns pretendem provar sua innocencia na guerra contra este e dos quaes já dois mandaram seus portadores apresentarem-se ao Muatiânvua dizendo-lhe: serem seus dedicados e esperarem que elle passe no seu sitio para se lhes apresentarem com sua gente.

Foi para o Caungula que fugiu Camina irmã de Cahumza e sua Lucuoquexe; a qual declarou que ia apresentar-se a seu tio (dizem pae) Quibunza Ianvo (o Muatiânvua) quando ali passasse.

Em 21 chegou Quibongue da margem do Luachimo com sua bandeira e grande comitiva. E' este, parente (dizem irmão) de Quissengue, mas tem o seu pequeno Estado. Veiu disposto a fazer já aqui acampamento para acompanhar Muatiânvua para a Mussumba e batalhar com os seus adversarios, caso estes se apresentem.

Destas adhesões dos Quiocos á causa do Muatiânvua não podia eu deixar de crêr que Xa Madiamba só tinha a recear opposição da parte de Ambinji e Cahunza (em terras de Mataba) e por tanto ser uma questão de tempo a sua entrada no Calanhi.

Dos rebeldes de Mataba já tres Calambas enviaram seus portadores com presentes ao Muatiânvua asseverando que elles não intervieram nas questões de Ambinji com Mucanza e foram extranhos á morte deste; e são elles: Xa Nhanvua Xa Lunvundo e Cassombo. E' de esperar que venham mais, porém é isto questão de tempo e por isso receio muito ter de regressar por falta de recursos.

As comitivas bangalas que estavam comnosco já vão regressando, tendo feito maus negocios e por falta de recursos para se manter; regressando ainda assim com algumas cargas de missangas e outros artigos que tendo sahida na Mussumba do Muatiânvua até aqui para nada servem; o mesmo succede com esta Expedição pois trouxemos duas cargas de busios e tres a quatro de diversas qualidades de contaria que por aqui não tem procura e são as moedas de troca nos mercados da Mussumba.

Devem as grandes chuvas cessar por estes dias e por isso vou fazer retirar meus collegas com cincoenta ou sessenta carregadores a vêr se consigo assistir á posse do Muatiânvua e se delle obtenho algumas vantagens a favor de um melhor exito para esta Expedição.

Se tivesse mais recursos não só conseguiria isto como tambem visitaria Canhíuca a ENE. da Lunda, que foram sempre as ambições dos exploradores allemães; paiz que ainda nenhum branco logrou vêr e segundo me informa o Muatiânvua e os velhos da Lunda com quem tenho falado, por uma caneca e um prato, por uma farda, por um bom panno de chita forrado a zuarte e por cousas que não teem visto, se paga bons dentes de marfim.

O terreno, hei eu preparado e bem, para dar um fim á missão, que agrade ao Governo de Sua Magestade e ao meu paiz; todavia a questão é de sorte ou de me apparecerem recursos ou deste homem poder avançar, pois a distancia a que estamos da Mussumba é para cargas de vinte e cinco a trinta dias o muito.

Chegando a embaixada de Quissengue fui convidado por Muatiânvua a ouvir a resposta que nos traziam, resposta que se deu em audiencia; e antes de fazer sciente a V. Ex.ª desta resposta, eu devo participar que estando já com cuidado pela demora dos meus portadores, despachei daqui um filho de Malanje ha sete annos residente entre os Quiocos: Quissengue, Miocoto e agora em Quipoco, com um chapeu armado e collete pertencente á farda de Quissengue a pretexto do cá ter esquecido, mas para despachar os meus portadores e o Miocoto por onde elle tinha de passar cinco peças de diversas fazendas valor de 5$000 réis aproveitando logo ahi, saber onde passavam os portadores e despachar alguem a preveni-los que apressassem a sua marcha, ou a saber-se do que havia,

Partiu este rapaz no que tambem teve demora de vinte dias, quando o muito devia ter gasto dez.

Miocoto deu-lhe conhecimento de ter noticia que os portadores ja estavam de volta com a bandeira de Quissengue e que este, quando os nossos portadores foram, já havia saido

do Luachimo para a sua primeira residencia no Itêngo affluente do Chicapa e por isso mais demora do que se podia esperar, acrescendo ter adoecido o interprete e não poder andar.

Miócoto recebera bem o portador, já seu conhecido, porém sabendo que elle se dirigia para Quissengue e levava uma caixa, despertou-lhe a curiosidade saber o que era que levava e vendo o chapeo, queria que lho deixasse para elle, e viesse buscar outro para Quissengue.

Disse-lhe o rapaz que isso não podia ser por quanto eu o prenderia e o levaria para Malanje onde o mandaria castigar. Então Miócoto disse-lhe que voltasse a ter comigo e lhe dissesse que era elle quem possuia a faca de Xanama e muito desejava que eu lhe desse aquelle chapeo armado do Muene Puto que lhe servia muito bem e mandasse eu outro a Quissengue. O rapaz aproveitou a aberta e regressou com o chapeo.

Chegou aqui, em dia que estava comigo o meu amigo Xa Cumba sobrinho de Quissengue e sabendo daquelle facto disse-me que este não ficaria contente quando o soubesse e que elle estava prompto a ir leval-o se eu quizesse e mesmo a desempenhar qualquer missão.

Acceitei o seu offerecimento e como elle estava hospedado no meu acampamento disse-me que no dia seguinte regulava um negocio que tinha a tratar como potentado da terra e no dia immediato estava prompto a partir.

Escrevi então a Quissengue a carta que por copia junto e enviei lhe além do chapeo e collete, um fio de contas de ouro e competente cruz, doze lenços, oito jardas de chita, dois lenços de algodão, doze jardas de zuarte, uma peça de galão dourado largo para guarnição de pannos, tres braças de baeta azul, tres ditas encarnada, dois barris de polvora (quatro kilos) doze jardas de riscado (xadrez), um macete de missangas, duas varas de arame grosso, vinte de dito fino, dez guizos, dois es-

pelhos, dois pentes, um maço de taxas amarellas ; para o seu muzumbo (interprete) uma braça de baeta encarnada, e um barrete ; para o pae de Xa Cumba potentado Muana Mahóca o quilolo mais velho e cunhado de Quissengue, seis lenços, um panno de mabella, doze jardas de zuarte e dois macetes de missanga.

Foi Xa Cumba encarregado de bem explicar a minha carta, dizer-lhe o modo por que me tem visto tratar Quiócos e Lundas ; os conselhos que me tem ouvido dar ; e que constantemente procuro concertar (como elles dizem) os caminhos ; e ainda, que dizendo-me agora Miócoto que em poder delle é que está a faca, pode amanhã apparecer outro Muanangana a dizer o mesmo e por isso desejava me dissesse elle quem na verdade tinha essa faca e se elle podia contribuir para que fosse resgatada ; que dissesse a seu sobrinho Xa Cumba o preço porque a faca me podia ser entregue e se cessavam as guerras de Quiocos com Lundas pois esses eram os desejos de Muene Puto ; e finalmente que sendo Xa Madiamba um homem velho, a occasião era a mais propicia para que todos tratassem de augmentar e desinvolver as suas lavras e fazer seus negocios em boa paz.

Quissengue respondera o que já disse a V. Ex.ª e o Muatiânvua e os seus quilolos desejaram ouvir-me antes de falarem pela sua parte.

Eu já lhe tinha escripto fazendo-lhe sciente que acompanhando o Muatiânvua para a Mussumba não era possivel ter uma entrevista com elle, como desejava, para combinarmos no modo de garantirmos aos commerciantes que os seus negocios não eram roubados nos caminhos pelos chefes das povoações sobre os mais futeis pretextos ; porém que no meu regresso lá iria e não só deviamos tratar disto, como ainda de se construir proximo á sua residencia uma casa para se estabelecer

ahi, um ou mais aviados de negociantes e para descanço das comitivas que passassem ou regressassem do Muatiânvua e ainda no caso que elle quizesse aproveitar o meu regresso para as terras de Muene Puto para em minha companhia mandar seus filhos com negocio, como dizem querel-o fazer os Muananganas que hei conhecido na minha viagem.

Isto já o sabia Quissengue pela minha carta e agora como resposta accrescentava:

Que o meu amigo Muatiânvua aproveitou a occasião das chuvas para acampar e deste logar enviar portadores a diversos potentados quiocos e chamar mais alguns seus quilolos para seguirem todos para a Mussumba logo que as chuvas acabassem ; e não podia eu deixal-o aqui só para ir ter com elle.

Alem disso eu não era nenhum quimbáre e sim um enviado de Muene Puto que sigo a cumprir suas ordens e por isso não posso estorvar a minha jornada voltando atraz. Que tive muito gosto em conhecer seu sobrinho e tanto a este como á sua comitiva paguei eu com usura a boa hospitalidade que deu aos meus soldados e interpretes.

E terminara por dizer a Quissengue que não era aquella a resposta que Muene Puto podia delle esperar, por quanto nada dizia decorridos tres mezes; devia ter sido franco em responder-me, porém como já lhe havia escripto e elle tinha junto de si quem sabia ler e escrever a lingua de Muene Puto e o portador da minha carta era um sobrinho seu e pessoa que lhe merecia confiança esperava que fosse agora mais explicito.

O Muatiânvua e seus quilolos ficaram muito satisfeitos e disseram que segundo a resposta do Muene Puto pae do Muatiânvua devia ser a deste. Que não podia retroceder por estar esperando aqui varias respostas e o seu caminho era para o Calanhi e por Mataba. Que convidara o seu parente para o acompanhar na intenção de não deixar questões pendentes para

traz com os Quiocos a pretexto da faca de Xanama pois estava disposto a resgatar esta.

Que nunca elle tivera questão alguma com o Quissengue, que era um parente amigo e por isso o que tinha a esperar depois de sua participação, era que lhe mandasse uma bandeira para o acompanhar e não para lhe dizer que voltasse atraz. Que até aqui eram os Muatiânvuas que mandavam nas suas terras e se não tiveram duvida em receber bem os Quiocos que depois da sua sahida da Mussumba e refugiados no Mungo, começaram a descer os rios e a estabelecerem-se em suas terras nunca Quissengue nem Ambumba nem Mona Muxico se oppozeram a que o Muatiânvua passasse pelas suas terras nem tão pouco se fez o que hoje vem encontrar os Muananganas exigindo tributos aos seus quilolos e se estes não lhos dão, levar-lhe guerras ás suas terras.

Dizia-se ser isto, devido ás ultimas recommendações de Xanama e da faca delle não ter sido resgatada até agora. Pois para que isto acabasse é que elle mandára um presente com um recado a Quissengue e outra era a resposta que delle esperava.

Assim tinha a dizer que não lhe era possivel voltar atraz e logo que chegassem os portadores que tinha por fóra, seguia a sua jornada por Mataba onde tencionava castigar os que se dizem implicados na morte de Mucanza seu velho quilolo e amigo.

De mim já Xa Cazanga havia tido a resposta quando veiu visitar-me, trazendo-me de presente um bóde.

A esta comitiva tive eu de dar, para aquelle uma farda encarnada de soldado inglez ornada a galões dourados e com gola e canhões arranjados a capricho, um grande panno de oito jardas de lenços forrado a zuarte e guarnecido a galões dourados, a cada um dos quilolos pannos debruados a zuarte, de chita

e de riscado em xadrez, para os outros quatro quilolos encontrados no caminho lhes dei pannos de seis lenços e de chita, e vinte e quatro jardas de zuarte; para o resto quatro braças de baeta, vinte e quatro jardas de chita e quarenta e oito de riscado, o que tudo muito agradeceram e mandei corresponder o presente do bóde com uma braça de baeta encarnada, oito jardas de chita, doze lenços, doze jardas de zuarte, quatro macêtes de missanga, vinte guisos, uma peça de galão dourado, e uma bacia de folha.

Ficou o homem muito satisfeito e disse que desejava voltar mais vezes a conversar comigo pois elle era a primeira vez que via um branco filho de Muene Puto e dizendo-lhe eu que o receberia quando quizesse, veiu de tarde com toda a sua gente vestidos já com a fazenda que eu lhe déra para por elles repartir. Vinham agradecer, dançando na frente da minha residencia, e o seu quinmangáta mostrou-nos então ser um perfeito gymnastico dançando com as mãos no chão e pernas no ar em differentes posições e ainda dando bons saltos e cambalhotas no ar tudo ao som das marimbas e seus instrumentos de pancadaria.

Falando-me Xa Cazanga da polvora que eu tinha para matar peixes e se era verdade como se dizia que matava. Respondi que matava se o cartucho cahisse em logar que o houvesse; que alguns se teem apanhado, porém como em geral os rios teem muita corrente poucos se apanham, são levados pela corrente; no entanto que na manhã seguinte para elles verem eu mandaria a nossa canôa ao Quiumbue e se fariam lançar dois tiros.

Abri um cartucho e viram a dynamite a que elles se referiam; e depois como tivesse polvora algodão á mão, perguntei-lhes como chamavam áquillo na sua terra e disséram-me o equivalente a algodão; ri-me e disse-lhes que iam vêr que não

era. Apalparam viram bem e disséram que eu os queria enganar.

Não quero, vão ver que é polvora e larguei fogo a um pedaço, e então mais se enthusiasmaram e se espantaram e disseram que realmente Muene Puto não só fazia fazenda na viagem como tambem fazia polvora por que aquillo era o algodão da sua terra. Rimo-nos um bom bocado, dizendo-lhe que as fabricas de fazenda e de polvora estavam nas terras de Muene Puto e eu as não podia transportar.

Viram depois as minhas armas e revolveres, cargas e tudo era para elles de admirar.

O pae de Xa Cazanga disse-me por fim; então o sr. major vem disposto a fazer guerra aos de Mataba?

Não, lhe disse eu, Muene Puto quer que eu chame á paz todos os povos e que se limpem os caminhos de roubos, para as suas fazendas, polvora e missangas poderem vir onde forem necessarias; e de cá lhes mandarem borracha e marfim e não quer que nós seus filhos façamos fogo sobre os povos que encontrarmos

Porém se estes nos forem hostis e não se lembrarem que de Muene Puto é que vem esses artigos e se oppozérem á nossa marcha, para isso nos deu boas armas e polvora com que nos defendemos e me ordenou que fizesse fechar os caminhos de Muene Congo, do Ambriz, de Loanda e de Benguella e mesmo nada deixar sahir nem de Malanje nem de Cassanje.

A isto respondeu o pae de Xa Cazanga com felicidade: — que era elle um velho que muito aconselhara Quissengue, a que fizesse acabar com as guerras; que vivesse bem com os visinhos e que protegesse os negociantes que vinham das terras de Muene Puto.

As guerras não eram boas para ninguem e era mau para

todos que lá iam, pois se conseguissem escapar com vida, era certo, que quasi sempre perdiam ou pelo que lhe roubavam ou pelo que se perdia na sua auzencia de casa, e pespegou-me com este, para elles adagio: (quióco) *Qui uápe cutanda uito, canda, «ulandaixi. Ixi muighuhá, uito muxála.* «Bom é comprar o rio e não dar cabo dos peixes; os peixes acabam e o rio fica».

Referia-se o homem, á conveniencia de se não fazer guerra a Mataba pela gente que a Lunda ia perder nesta guerra e a prisioneira, que tinha de ser distribuida por elles Quiocos; e ainda aos roubos que se faziam aos negociantes das terras de Muene Puto, pois hoje já vinham menos e sentia-se grande falta de fazendas e era necessario elles agora procurarem abrir caminhos para aquellas terras de modo que seus parentes de Cassanje os não podéssem aprisionar e vingarem-se do mal que os Quiocos lhe teem feito.

A este proposito ainda elle disse que Mona Quissengue seu amo havia de estimar muito que o sr. major na sua volta da Mussumba fosse por lá e de certo aproveitaria o seu regresso para o fazer acompanhar de seus filhos com negocio.

Vieram despedir-se de mim mostrando-se sentidos que eu não fosse com elles, como eram os desejos de Quissengue, porém se eu me demorasse aqui, era natural que algum delles ainda me encontrassem, pois de certo Quissengue não deixaria de mandar a sua bandeira para acompanhar seu parente para a Mussumba.

O rapaz Xa Cazanga disse então que muito estimaria ser elle, pois desejava regressar comigo á residencia de seu tio para dahi sahir comigo para Loanda, mas que depois ia procurar um sitio para se estabelecer pois se seu tio o visse com cousas boas que o sr. major lhe havia de dar o enfeitiçaria para morrer e ficar elle com tudo.

Ri-me da ingenuidade com que elle disse isto, todavia elle suppondo que eu duvidava, insistiu em affirmar-me que aquelle, era um grande feiticeiro, ambicioso e muito invejoso. Escondia-se tudo delle.

Estes homens apressaram sua retirada porque chegou Quibongue potentado tambem Quioco e com grande comitiva em 22 de tarde. Quibongue é irmão de Quissengue porém não se ligam muito bem e affirma-se que por isto mesmo Quissengue deixou sua residencia para voltar ao Itêngo.

Xa Cazanga pediu ao Muatiânvua para o despachar naquella mesma tarde e foi em 22 de manhã que se despediu de mim para seguir logo pela margem do Chiumbue e na despedida dei-lhe setenta fios de missanga branca e cem taxas amarellas.

A's onze e meia desse mesmo dia convidou-me o Muatiânvua para ir assistir á audiencia em que ia ouvir-se Quibongue; fui.

Quibongue pela manhã, oito horas, pedia-me desculpa de não vir cumprimentar-me porém estava esperando que o Muatiânvua o ouvisse e no entanto pedia-me o favor de acceitar o carneiro que me trouxera de sua casa.

Era realmente um bonito carneiro e que nos fez muita conta para o rancho, pois aqui á venda só se encontram gallinhas, mandioca, ginguba, milho e batata doce, e isto mesmo vem ou ou tem de se mandar buscar a tres e quatro dias de distancia a terras de Quiocos porque a terra pouco dá e muitas são as bocas extranhas a sustentar que por cá estão; mais de mil.

Foi recebido com o apparato do costume o Quibongue e disse que tendo recebido o mufi do Muatiânvua e um panno de Muene Puto pelos portadores que foram ao Quissengue tratou de se preparar para os acompanhar no seu regresso e corresponder á confiança e amizade de que Muatiânvua lhe dera uma prova lembrando se delle.

Decorreu bastante tempo sem que tivesse novas dos portadores.

Dirigiram-se elles pelo caminho mais abaixo do seu sitio e soube que Quissengue mandava pedir a Muatiânvua e a Muene Puto para voltarem ao seu sitio e mudarem de caminho passando mais a norte pelos sitios de seus quilolos. Então elle Quibongue tomára o mufi de Muatiânvua e com elle veiu aqui acompanhado de sua bandeira.

Vinha saber de Muatiânvua e de Muene Puto se tencionavam fazer a vontade a Quissengue, pois nesse caso não queria enganar o Muatiânvua entregava-lhe o seu mufi, porque não o acompanhava.

Soubera logo hontem que nem Muatiânvua nem Muene Puto se dispunham a retroceder e ficou contente.

Agora tinha a dizer ao Muatiânvua, que lhe desse suas ordens: ou ia esperal-o no seu sitio até que o mandasse chamar para avançarem e acompanhal-o ao Calanhi; ou que lhe marcasse sitio para acampar caso tivesse mudado de opinião e quizesse tomar aqui o seu Estado ficando visinho delle, o que estimava pois elle bem sabia que estava em terras do Muatiânvua mas haviam de viver bem; ou então o que elle mais acreditava se quizesse avançar por terras de Mataba com o seu amigo Muene Puto que o despachasse em tres dias porque elle ia já estabelecer o seu quibengue (acampamento) álem do Luembe junto á sua margem onde estão quilolos seus e fazia ver aos Matabas que o Muatiânvua ia entrar nas suas terras e elle estava ali para abrir caminho e tivesse a certeza o Muatiânvua que seu irmão Miócoto immediatamente o seguiria.

Eu vim disposto a acompanhar o meu amigo Muatiânvua e atravessar terras de Mataba sem me importar nem com os meus companheiros nem com a guerra que aquelles nos quei-

ram fazer. Miócoto meu irmão e sua gente estão tambem nesta disposição e só esperavam que eu sahisse do meu sitio, em o sabendo, aqui estarão.

Veja o Muatiânvua que o caminho mais perto para a Mussumba é por aqui e neste caminho não se encontram os quilolos de Quissengue e por isso elle quer que o Muatiânvua e seu amigo Muene Puto vão lá para depois os fazer seguir pelo caminho dos seus quilolos agora caminho já mais longe. Neste caminho por Mataba encontra o Muatiânvua gente sua e nossa e por isso pode marchar quando queira.

O Muatiânvua agradeceu sua visita e por elle respondeu Suana Mulopo que disse: O Muatiânvua estava disposto a seguir viagem logo que cessassem as chuvas pois assim lho aconselhava seu pae Muene Puto; porém veiu Quibongue apenas receber presentes de fazendas para retirar depois ou veiu no firme proposito de acompanhar o Muatiânvua?

Ha tempos a esta parte que os Quiocos andam perseguindo os quilolos do Muatiânvua com o pretexto da faca de Xanama; foi pois esta faca que se pediu a Quissengue para acabarem as luctas continuadas

Nós somos bastantes para bater os Matabas, mas como o Muatiânvua deseja acabar com todas as questões passadas e na sua passagem por aqui tratar de chamar á sua amizade todos os seus parentes quiocos por isso lhes ha mandado o mufi e não podia esperar de Quissengue a resposta que nos mandou, e a que teve de dizer-lhe terminantemente que não podia acceitar o seu offerecimento.

Muene Puto declarou não deixar seu amigo pois que o ia acompanhar á sua Mussumba; assim pois se Quibongue e Miócoto se apresentarem para esse fim, o Muatiânvua agradece suas companhias e não os fará demorar.

Principiava a chover e o Muatiânvua entregou-lhe dois pannos

de lenços e disse que reservava sua resposta para outra occasião.

A gente deste Muanangana por sua ordem veiu de tarde dançar no largo da nossa Estação. Tive de gratificar o muzumbo com quem vinham, com tres jardas de xadrez e o resto com trinta e quatro jardas de fazenda de lei.

A elle Quibongue mandei hontem de manhã pelo seu presente do carneiro uma arma, polvora e fazendas no valor de 6$000 réis.

Veiu elle visitar-me e nesta occasião dei-lhe um bom panno de chita forrado de zuarte, uma braça de enfiadas de contas Maria 2.ª, quatro braças de baeta azul e doze jardas de xadrez.

Com elle conversei muito tempo, sobre a nossa viagem e elles pediram com instancia que fizesse eu levantar o Muatiânvua pois era certo que passando nós o rio Luêmbe muitos Calambas de Mataba que hoje tinham receio de Ambinji e Cahunza se apresentariam logo ao Muatiânvua.

Que o Muatiânvua aqui, já nada tinha a fazer pois todos os Quiocos que receberam o mufi não faltavam e sabendo que o Muatiânvua e Muene Puto haviam passado o Luembe, todos ali se iriam reunir até mesmo a bandeira de Quissengue não faltaria.

Estiveram vendo as minhas armas e revolveres e muito admiraram tambem a polvora algodão.

Por estes dois dias devem chegar outros potentados e eu tenho de tomar uma deliberação e por emquanto vejo não poder ser outra senão a de fazer regressar os meus collegas e avançar com o resto da Expedição para ao menos poder eu chegar á Mussumba porque poucos são os recursos com que hei de ficar.

Aqui tem pois V. Ex.ª a nossa situação com respeito á marcha da Expedição durante os ultimos dias.

Desculpe V. Ex.ª a pressa com que escrevi esta communicação em que pelo tempo (são quatro horas da manhã e o portador ha de seguir ás seis) não me é possivel attender á forma da sua redacção. — Deus Guarde a V. Ex.ª — Estação Conde de Ficalho 24 de abril de 1886. — Ill.ᵐᵒ Ex.ᵐᵒ Sr. Ministro de Estado dos Negocios de Marinha e Ultramar. — (as.) O Chêfe da Expedição — *Henrique Augusto Dias de Carvalho*, major do Exercito.

Carta a Quissengue

Amigo. Enviado de Muene Puto á Mussumba do Muatiânvua e passando pelas vossas terras vos envio com o presente que esta acompanha muito saudar.

Mandando-me Muene Puto nesta viagem ao Muatiânvua quer que eu manifeste a todos os principes e grandes potentados que encontre no meu caminho os seus desejos e taes são: concorrer pelos meios ao meu alcance para que se estabeleça duma vez para sempre, uma paz segura e duradoura entre os povos visinhos em dissenções, luctas e guerras continuadas ha annos a esta parte; — que fique garantido ao commercio os caminhos livres de peias e da pilhagem e expoliações levantadas e praticadas pelos chefes das povoações e seus filhos sob o mais insignificante pretexto e que muito vexam e teem prejudicado os negociadores que trazem á exploração para estas terras, as fazendas, armas, polvora e outros artigos das casas commerciaes das terras de Muene Puto, na quasi totalidade a credito e cujos prejuizos recahem sobre as referidas casas; — que anime todos os grandes potentados e seus subalternos a fazer convergir caravanas de seus filhos com carregamentos dos productos já muito conhecidos pela sua grande procura para as terras de Muene Puto, podendo ahi com a maxima liberdade dirigir-se para suas transacções ás casas commer-

ciaes que mais lhes convenha, promptificando-me eu a dirigil-os por bom caminho no meu regresso a estreitarem relações que se tornem frequentes; — que estabeleça com os grandes potentados um *modus vivendi*, entre os seus povos e os negociadores que venham das terras de Muene Puto para qualquer sitio da Lunda, de modo que, nem a estes seja embaraçado o transito, nem tão pouco, se lhes roube o commercio, e encontrem sempre a necessaria protecção de todos os potentados e seus subalternos e ainda boa justiça, em caso, como é de esperar, de não ser por elles transgredido o que for convencionado.

Amigo. Sendo vós chefe d'um grande numero de potentados que povoam estas terras entre o Chicapa e Cassai e achando-me eu acampado na margem do Quiumbue e portanto affastado da vossa nova residencia no Itengo e seja do meu interesse conhecer da vossa resposta, aproveito do favor do meu amigo vosso sobrinho Muanangana Xa Cumba, que para ahi se dirige, pois empenho-me no meu regresso que entremos em combinações no modo de levar a effeito os desejos de Muene Puto, meu amo, e ainda precizar as condições, para junto de vossa residencia se levantar uma feitoria de Muene Puto, que possa ser occupada por um ou mais aviados das diversas casas commerciaes estabelecidas nas terras de Muene Puto.

Mais vos devo dizer que auctoriso vosso sobrinho Xa Cumba a entrar em ajuste comvosco sobre o resgate pela faca do fallecido Muatiânvua Xánama, quando seja certo como se diz, que logo que essa faca seja entregue por vós á Lunda, cessam as guerras de Quiocos com os Lundas.

Desejando-vos muita saude fico aguardando a vossa resposta. — Margem do Quiumbue, 6 d'abril de 1886. — Ao Principe Quissengue no Itengo. (as.) major *Henrique Augusto Dias de Carvalho*, Chefe da Expedição Portugueza á Lunda.

A S. Ex.ª o Sr. Ministro

Numa das ultimas audiencias disse-me o Muatiânvua: tenho pensado muito no que temos conversado nestes dias sobre o futuro do Estado do Muatiânvua e sobre a minha vida. O que tinhamos combinado no Caungula fazer-se no Calanhi, segundo a opinião dos quilolos que agora me cercam, estou resolvido a fazel-o já.

Desejamos mandar uma embaixada a Loanda, pedir a Muene Puto que dê as suas ordens para que na volta desta a faça acompanhar de um chefe e soldados que fiquem já na Mussumba estabelecidos como Muene Puto tem concedido a Cassanje.

Quinguri (o 1.º jaga do Cassanje) que Muene Puto protegeu, não valia mais que sua irmã Luéji que fez o 1.º Muatiânvua e ficou nestas terras que tambem são de Muene Puto.

Nós todos somos filhos de Muene Puto e por estarmos mais longe, por isso mesmo carecemos de mais protecção.

Alem disto tem-nos aconselhado o meu amigo e meu pae Noeji (titulo com que me estão tratando) que era preciso abrir um caminho seguro da Mussumba ao Canhíuca para os negociantes portuguezes lá irem á permuta de marfim, pois se não o fizermos os inguerêzes (estrangeiros) por baixo (norte) ou por outro lado tomarão conta das terras do Canhiuca meu dependente por causa do seu marfim que é a riqueza do meu Estado.

Muene Puto que conhece das intenções dos inguerêzes, não deve consentir que elles voltem cá pelas suas terras e para que elles se não atrevam a vir por outro lado, mais uma razão para satisfazer ao meu pedido e da côrte do Muatiânvua.

Estas terras são do Muatiânvua e de Muene Puto seu protector. Os Quiocos e Lundas são meus filhos como são filhos

de Muene Puto e todos sollicitamos que Muene Puto nos não abandone como abandonou o Muquengue do Lubuco aos inguerêzes.

Com um chefe de Muene Puto ao pé de mim, que aconselhe bem todos, acabam as intrigas dos quilolos com os Muatiânvuas e os inguerêzes não se atreverão a ir a Canhiuca nem tão pouco a Caiembe Muculo, a Calundo Muculo e Samba tambem parentes e quilolos do Muatiânvua do lado do sol (leste) que tem muito marfim.

Ha dois dias que tenho querido falar a meu pae Noeji, porque consultando todos os quilolos são da opinião que devo fazer partir a embaixada pedindo um chefe, soldados com boas armas, mestre de officios e negociantes, mas todos querem que eu arranje um bom presente para poderem falar ao Guvulo (governador) em Loanda.

Era este o meu dever, bem o sei, que posso eu arranjar em viagem para lhe mandar?

Lembrei-me que o meu amigo que tão bons conselhos me tem dado, me pode ensinar como se ha de fazer isto. Pense bem e pela sua parte diga a Muene Puto que tem sido elle o bemfeitor de todos os Muatiânvuas e o verdadeiro senhor destas terras e sabendo que nós ainda estamos no matto não leve a mal que façamos o nosso pedido sem lhe mandarmos o presente do costume, signal que a nossa bôca tem cousas para dizer do nosso coração e demais mandando-nos sempre cousas boas que nós nunca vimos.

Precisavamos responder e confessamos que na occasião estavamos muito longe de pensar que entre o Muatiânvua e os do seu cortejo se discutia tal assumpto, que vinha proporcionar-nos com antecedencia o acto de vassallagem dos principaes do Estado do Muatiânvua e do novo Muatiânvua, questão esta de que só tratariamos depois da sua posse no Calanhi.

Respondemos que no dia seguinte, apresentariamos a elle e aos seus quilolos o meio que julgassemos mais conveniente, para se levar a effeito o que pretendiam e se todos approvassem, pela nossa parte fariamos tambem o pedido a Muene Puto para lhes conceder a protecção que desejam.

O que o novo Muatiânvua tenta não é novo e só nos revela a expontaneidade com que seus antecessores depois da retirada de Joaquim Rodrigues Graça em 1845 e os Lundas da côrte e fóra della teem procurado collocar-se sob o protectorado de Portugal unica Soberania que reconhecem.

O relatorio da viagem de Rodrigues Graça, que partindo de Golungo-Alto em 1843 (24 de abril) numa exploração commercial mas ao mesmo tempo politica com instrucções do governador de Angola José Xavier Bressane Leite, firmadas em 18 de março desse anno, e chegou ao Bihé em 6 de junho do mesmo, ponto em que se demorou para de novo organisar a sua expedição para a Mussumba do Muatiânvua em Cabebe, onde chegou em setembro de 1846 e residiu mais de um anno; mostra-nos quanto este infatigavel patriota se exforçou no cumprimento das suas instrucções que eram mais politicas que scientificas e é de crer pelo que temos observado entre os Lundas que muito influenciou nos seus animos para não reconhecerem outra Soberania senão a que pedem, a de Portugal; e que tentassem por seu motu proprio mais de uma vez sollicital-a.

Nos ultimos annos do governo do Muatiânvua Noeji 1854, quiz este por intervenção de Dembo e Alala (D. Anna Joaquina dos Santos Silva) socia que foi de J. R. Graça e que o Muatiânvua e os Lundas da Mussumba suppunham ser a senhora que governava os mattos de Angola, sob a protecção de Muene Puto: — fazer chegar a Loanda uma embaixada especial pedindo ao governador dos brancos se interessasse para que Muene

Puto fizesse comprehender nos seus Estados toda a Lunda e lhes mandasse mestres para seus filhos aprenderem a fazer fazendas e missangas.

Em 1869 o Muatiânvua Muteba de accordo com o negociante sertanejo estabelecido no Chimane ao lado de Calanhi, Lourenço Bezerra Correia Pinto, fizeram sahir uma grande expedição por elles organisada e capitaneada por Caxavala, Manuel Caxavala da Silva Costa, vulgo Joanes sobrinho de Lourenço Bezerra, com cento e vinte dentes de marfim, uma onça, com o fim de Caxavala (este é o que tem andado ultimamente com o tenente allemão H. Wissmann) apresentar ao governador em Loanda um sobrinho do Muatiânvua seu representante, pedir-lhe sua intervenção para que Muene Puto exercesse a sua poderosa Soberania sobre todas as terras do Estado do Muatiânvua.

Por intrigas na margem do Cassai encontrou a expedição grandes difficuldades da parte do governador do Tenga, Xanama, depois Muatiânvua, para poder seguir; e a questão de ser considerado Caxavala, feiticeiro, foi o sufficiente para o deixarem passar só a elle em direcção a Quimbundo.

Tambem Xanama, já depois da retirada do dr. Max Buchner em 1882 enviou uma embaixada, com marfim, um anão e uma onça para se apresentarem ao governador em Loanda ainda com o mesmo fim e desta já eu de Malange falei a V. Ex.ª — pois os embaixadores constava estarem demorados no Cuango e ainda estão, Toca Muvundo, Xa Ruanda, Rudungo, Muzooli e outros.

O protectorado, pois, porque estes povos instam não é uma cousa nova como disse, data do nosso tempo depois da residencia de J. R. Graça na Mussumba desde 1846.

Estes povos mostram que já seus antepassados se consideravam subditos de Muene Puto, pois ainda hoje empregam uma antiga allusão: *Muatiânvua ni Muene Puto, Muene Puto*

ni Muatiânvua manganda maosso maene — (São eguaes e todas as terras são delles) são filhos da mesma mãe, dizem elles, mas Muene Puto por ser mais esperto ficou do outro lado do Calunga e como tem tudo em seu poder, fez-se branco — mas nunca se esqueceu do Muatiânvua e seu povo; é elle quem manda a fazenda para vestirmos, armas e polvora para caçarmos e missangas para as nossas mulheres.

Os Bangalas que são da mesma barriga (mãe) que nós, alcançaram de Muene Puto uma feira de commerciantes, mestres, soldados e um Chefe para tomar conta das terras em que estão e aconselhar aquelle povo a viver bem com os visinhos e terem os caminhos limpos.

É isto o que nós queremos ha muito tempo Muene Puto nos conceda, mas que não mande retirar esse Chefe sem primeiro enviar outro tomar conta do seu logar. O que Muene Puto quer, quer Muatiânvua e querem os seus filhos.

Isto estamos costumados a ouvir dizer todos os dias e não só ao Muatiânvua e a um ou a outro quilolo isolado, ouve-se indistinctamente a homens, mulheres e creanças.

Porque não acolher bem o pedido que me faziam?

Na verdade, deste logar que presente podem elles mandar dalgum merecimento para Loanda? Nada.

Mas devia deixar de aproveitar o ensejo que se me offerecia dapresentar ao mundo civilisado um documento frisante de quanto os Portuguezes são estimados por estes povos e da influencia que nelles exercemos, a ponto de não existirem ainda hoje outras extranhas apezar das viagens successivas dos allemães por estas terras nos ultimos dez annos, que destruam o que estes povos tentam ha quarenta: *que Portugal considere suas estas terras e para cá mande um delegado do seu governo?*

Levado de consideração em consideração, resolvi-me dizer ao Muatiânvua que não tinha duvida em escrever o seu pedido

a Muene Puto mas quando elle fosse feito em presença do Chibango potentado da terra e de todos os quilolos e representantes de quilolos, que o cercam.

Com respeito a presentes, Muene Puto sabendo que elle estava em viagem não extranhava os não podesse agora enviar, sendo mais natural quando a Expedição retirar, leval-os bem como os filhos que o Muatiânvua deseje se eduquem nas terras de Muene Puto.

Bastava apenas que o Muatiânvua, mandasse agora um signal seu, em mão de um dos seus sobrinhos de confiança que bem o represente, conheça os costumes do Estado e saiba falar bem não só para dar as informações e esclarecimentos precizos, como ainda saber pedir o que o Muatiânvua e o seu povo querem, o que no meu officio direi, mas que deve estar de accordo com o que o seu representante disser.

No dia 7 do corrente veiu o Muatiânvua a esta Estação Conde de Ficalho com o potentado da terra e grande sequito dizer-me: «Meu bom amigo e pae Noeji, viemos apresentar-lhe os individuos que compõem a embaixada que queremos siga já para Loanda e pedir-lhe para escrever a Muene Puto, o que delle sollicitamos.

O que me representa é Muteba filho do meu fallecido tio o Muatiânvua Muteba a quem pertencerá por sua vez o Estado e acompanham-no o velho Cacuata Capenda que já por tres vezes passou o Cuango, um representante do estado do Muitia grande conselheiro e outro de Muene Panda que é Cárula (ascendente) do Muatiânvua.

O meu signal confio-o á guarda de Capenda, e de que usará meu sobrinho quando falar ao governador de Angola: a pelle em que me sento, os distinctivos de que uso na cabeça, miluina muquiqui e sala; e o meu mucuali (faca).

Combinado que o auto da petição seria escripto na propria

Mussumba do Muatiânvua quando reunidos todos os quilolos em audiencia; marcou-se o dia 12 para esse fim e o auto vai junto a este. Lembrou-se-me na occasião para tomar nota dum pedido que desejava Muene Puto attendesse; o que fiz.

Um grande retrato de Muene Puto e de sua Muari (de SS. Magestades El-Rei e Rainha) um grande Zambi (crucifixo) seis lampeões grandes para illuminar a rua principal da Mussumba, uma grande umbella para o Estado como a que levou R. Graça a Noéji, uma cama de ferro que se possa fechar, muitas bandeiras nacionaes para distribuir pelos seus quilolos e pavilhões como o que levamos só para elle, tambem pedia que mandasse fazer para o Estado os distinctivos do Muatiânvua servindo de modelos aquelles com que se ha de apresentar o sobrinho, mas de ouro e prata e por ultimo pediu dois cães grandes e bons, bois, perús e gallinhas de boa casta.

No auto além da petição para que o governo de Sua Magestade mande tornar effectiva a nossa occupação nas terras da Lunda, querendo acquiescer aos desejos dos signatarios fiz lançar outros pedidos geraes que mostram que elles comprehendem bem como se deve entender esta occupação.

Para estes auto e pedido, chamo a attenção do sr. Governador Geral de Angola, pois é de crêr que Sua Excellencia possa satisfazer quando não completamente, em grande parte já, aos desejos destes povos e mesmo animar os estabelecimentos commerciaes da Provincia a enviarem seus agentes para a Mussumba, para o Caungula do Lôvua, para o Moansansa margem do Chiumbue, para Mona Muxico (Quiniama), para Quissengue no Itengo e para as margens do Cassai etc.; e é de esperar que os que venham para a Mussumba sejam felizes agora, que espero proximamente abrir caminhos seguros para os mercados de marfim que têem sido vedados a commerciantes extranhos á Mussumba e aos proprios Quiocos.

Vai partir pois a embaixada do Muatiânvua para Loanda, a qual faço acompanhar do cabo da força que veiu com a Expedição e a este entrego toda a correspondencia e oxalá que o pedido do Muatiânvua e dos que o cercam seja attendido, pois tanto os Lundas como os Quiocos ha muito desejam que Muene Puto tenha nestas terras permanente um seu representante, por ser fé delles que acabarão as intrigas entre si e pelo commercio principiarão a desenvolver-se suas terras.

Da margem do Cuengo em 21 de Agosto de 1885 escrevi eu a V. Ex.ª que projectava crear na Mussumba uma Colonia portugueza sob o titulo de D. Carlos Fernando se me não faltassem os recursos que eu sollicitei e então ainda não conhecia o Muatiânvua que acompanho.

Na nossa viagem do Cassassa para o Caungula que se fez livre das etiquetas destes povos tinha conversado muitas vezes sobre a questão do nosso protectorado com o Muatiânvua e ainda sobre outras que lhe eram inherentes e achei-o sempre bem disposto a dar-lhe a solução desejada.

Estava elle muito contra os Quiocos e era seu fito fazer-lhes uma guerra com o apoio dos Cassanjes entre os quaes conta parentes e amigos. Pouco a pouco consegui desvanecer-lhe taes pensamentos, mostrando ser aquella gente, indispensavel para a vida e bem estar da Lunda e que lhe cumpria agora a elle saber aproveital-a bem, principiando por fazer cessar as desintelligencias em que se encontravam com os da Lunda e nesse intento eu empregaria todos os meios ao meu alcance para o auxiliar.

Hoje seria muito difficil desalojar os Quiócos dos logares em que estão estabelecidos. A Lunda está mui enfraquecida, tem falta de homens e a maior parte dos que existem abandonados como teem sido aos recursos de que podem dispôr nas diversas povoações disseminadas por entre as de um maior nu-

mero de Quiócos, além de empobrecidos receiam-nos e deixaram-se dominar por aquelles.

Os Bangalas sem pensarem no mal que fazem, teem apoiado estas ideias aos Lundas e promettem auxilial-os. São maus conselhos em que elles só teem a lucrar á custa dos prejuizos do Estado do Muatiânvua.

O Muatiânvua a pouco e pouco conheceu da razão dos meus argumentos e é certo que no Caungula já me auxiliou nas pazes deste e os seus com Mucanjanga e de bom grado se prestou ao Tratado que com aquelle celebrámos dizendo me elle que depois de tomar posse do seu Estado, queria fazer um mais geral que envolvesse esse e outro qualquer Tratado que se fizesse com mais algum quilolo.

Mal esperava eu, que já aqui, o Muatiânvua me falasse em tal cousa e não obstante elle nada poder dispôr para enviar a Muene Puto senão depois de chegar ao Calanhi; daqui mesmo faz despachar a sua embaixada porque receia deixando-o eu, que os da Côrte o intriguem e não lhe dêem tempo a reorganisar o Estado, segundo os meus conselhos e de modo a poupar-lhe a vida para gosar da felicidade de seus filhos.

Com o receio que presentemente os Lundas têem dos Quiócos, todos têem apoiado o Muatiânvua a pedir a Muene Puto que mande um chefe e soldados para a Mussumba, e eu julguei acertado aproveitar o ensejo pondo de parte a questão de presentes de marfim e borracha, etc , que mais tarde não faltarão e muitos, para de facto augmentar mais o nosso dominio colonial, antes que qualquer outra nação se lembre disso.

Os exploradores allemães que me antecederam (inglezes lhes chamam elles) felizmente para nós nem conseguiram ir ao Calanhi, não sahiram das Mussumbas um de Cauenda e outro de Cabébe; falo dos drs. *Buchner* e *Pogge* porque o tenente *Otto Shut* não passou do Chicapa.

Bem desejavam os primeiros fazer pela Mussumba a sua travessia e mesmo Buchner tentou-a por tres vezes, mas taes foram as recommendações do Muatiânvua que o Muata Cumbâna não o deixou passar para o Congo nem para o Ambriz, dizendo-lhe, que as ordens do Muatiânvua era fazel-o dirigir para Malanje donde viera.

No Caungula (Lôvua), Bungulo (Luáchimo), Muene Luhanda e Moansansa, (marginando o Chiumbue dum e do outro lado) e no Caungula de Matába (no Luembe) grandes potentados da Lunda, e aqui no Chibango a pedido delles, nas suas residencias fluctua a nossa bandeira. No acampamento do Muatiânvua, todos os dias se vê tremular a bandeira portugueza e todos seus quilólos arvoram junto ás suas residencias, bandeiras azues e brancas combinadas as côres com escudos de modo que se distinguem os diversos estados pequenos em que se divide o do Muatiânvua.

Os potentados dos Quiócos que me teem visitado trazem as suas bandeiras de lenços e na maioria baeta encarnada com distinctivos; porém vendo aquellas, todos pedem bandeiras de Muene Puto. Tenho addiado a satisfação do pedido para mais tarde e isto por politica; desejava dar-lhes nacionaes ou com as côres distinguindo-as por potentados, mas para isso lembrou-me realisar primeiro o nosso intento.

Não podendo os Lundas presentemente luctar com vantagens contra os Quiócos o que uns e outros sabem, pois até Quimbundo e Muene Luhanda que aînda ha pouco tempo exerciam uma tal ou qual supremacia sobre Quissengue, e potentados visinhos, nos mandaram dizer que se preparavam para se defenderem das guerras dos Quiócos, mas d'esta vez não esperavam vencel-os.

Valeu-lhes terem noticia os Quiócos que Muene Puto estava com o Muatiânvua pois desistiram da guerra, dizendo visto

Muene Puto nos trazer um bom Muatiânvua que não teem necessidade de tomar conta das terras dos Lundas.

Julgo de toda a conveniencia aproximar Quissengue do Muatiânvua para se definir os limites das terras occupadas por Quiócos e estabelecer-se um *modus vivendi* destes com os visinhos lundas e evitar-se novos conflictos.

Como hoje isto se encontra, nunca pódem viver bem, porque a força é dos Quiócos e se os Lundas pretendem reagir são exterminados;—e desapparecem povoações inteiras.

Além disso o Estado do Muatiânvua nem proveito de tributos colhe porque os potentados quiócos não só os não dão porque não querem, nem elles já lhos manda cobrar, mas ainda mais, são os mais insignificantes potentados quiócos que obrigam os Lundas a dal-os para seu proveito de modo que estes, na maior parte, apenas contando com os seus recursos pagam a estes e ao Muatiânvua.

Como Quissengue, me mandou dizer ha dias que resolvera vir acampar com sua gente no Luifi, affluente do Luêmbe, onde nos devemos encontrar e traz comsigo a faca, espero ter ensejo de lhe propôr e ao Mualiânvua para se tratar devidamente desta questão para um e outro importante.

Deus Guarde a V. Ex.ª Estação Conde de Ficalho—19 de Junho de 1886—Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Conselheiro Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios de Marinha e Ultramar—(a) O chefe da Expedição, *Henrique Augusto Dias de Carvalho*, Major do Exercito.

AUTO

Aos doze dias do mez de junho do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e oitenta e seis no Acampamento do Muatiânvua eleito, Ianvo vulgo Xa Madiamba, situado dois kilometros a leste da povoação do Chibango

na margem esquerda do rio Chiumbue, no logar das audiencias geraes estando reunidos os Muatas de lucano: Bungulo Auzâvo, Chibango Cacuruba senhor da terra, Muzooli Mucanza sobrinho e herdeiro do assassinado Mucanza governador de Mataba, Tambu de Cabongo chefe das Turubas entre os rios Chiumbue, Cassai e Luêmbe; e tambem os representantes de Muene Dinhinga, de Xa Cambuji, dos Muatas Cumbana, Caungula, de Muitia, de Muene Panda e outros e muito povo; o Muatiânvua eleito sentado na cadeira de espaldar dourada debaixo do docel e devidamente fardado annunciou que chamára os quilolos áquella reunião para se despachar a embaixada que ia seguir para Loanda segundo as deliberações tomadas na ultima audiencia por elles quilolos, mas era preciso antes que todos ouvissem o que se escreveu na mucanda (auto) e firmassem com o seu signal para se provar a Muene Puto que eram desejos de todos o que se pedia na mucanda.

Mostraram todos a sua adhesão ao que dissera o Muatiânvua batendo palmadas e proferindo as palavras do uso.

Estava sentado á esquerda do Muatiânvua o Chefe da Expedição portugueza o Sr. major Henrique Augusto Dias de Carvalho e em bancos de pequena altura seguiam-se os interpretes eu Antonio de Bezerra e Augusto Jayme, mais pessoas presentes por parte da Expedição: os empregados José Faustino Samuel e Adolpho Ferreira, o cabo da força militar praça n.º 18 do Batalhão de Caçadores n.º 3 de Ambaca Jorge José, e soldado do mesmo batalhão n.º 54 Adriano Annanias, o Ambaquista João da Silva com honras de alferes, Mona Congolo, com honras de capitão, e os carregadores Antonio Augonga, Negrão, Xavier, Gamboa, Manuel pequeno, Casimiro, Sarrote Ferreira, etc.

O Chefe da Expedição disse: que tendo sido procurado pelo Muatiânvua e os principaes quilolos para fazer constar a SUA

MAGESTADE FIDELISSIMA o desejo que todos teem que o Governo do mesmo Augusto Senhor faça encorporar nos dominios da sua corôa as terras do Estado do Muatiânvua; escreveu no sentido em que lhe fôra feito o pedido e ordenou que eu interprete Antonio Bezerra de Lisboa lhes fizesse comprehender na sua lingua o que estava escripto.

Depois de algumas explicações e demoradas considerações do Muitia e do Muata Bungulo, deliberou-se que fosse representado o Muatiânvua por seu sobrinho Muteba porém por causa de força maior o Cacuata Capenda é substituido pelo Cacuata Nocji, e como particular de Muteba irá o Caxalapoli de confiança do Muatiânvua Tanda Ianvo e determina-se a Cangula que dê um representante seu e peça a Muata Cambana para apresentar um delle os quaes se encorporarão aos que daqui partem.

O Muatiânvua e todos os grandes do Estado da Lunda representados pelos que firmam este auto reconhecem a Soberania de Portugal e pedem ao seu Governo que torne effectiva a occupação da Lunda como terras portuguezes conservando entre os indigenas o que tem sido de seu uso e não importe embaraços a administração portugueza, e mantenha a integridade dos territorios como propriedade do antigo Estado do Muatianvua.

E' abolida a pena de morte logo que a auctoridade portugueza junta do Muantiânvua resgate a vida dos sentenciados e faça seguir estes debaixo de prisão para as terras de Angola.

Fica prohibida para fóra das terras a venda ou troca de gente por artigos de commercio e nas terras não se pode tal transacção fazer sem ser ouvida a auctoridade portugueza que tem preferencia porque lhes dá a carta de alforria, e como seus tutellados os educa no trabalho.

Todas as pendencias entre Lundas do Muatiânvua são resol-

vidas pelas suas auctoridades e as desses com Quiocos ou quaesquer povos de outras tribus ou com europeus serão resolvidas pela auctoridade portugueza ouvindo as allegações dos Chefes dos individuos em demanda.

Comprometteu-se o Muatiânvua e todos os senhores de terras a auxiliar as auctoridades portuguezas na segurança dos caminhos para os individuos extranhos ás povoações; facilitar aos Portuguezes ou individuos que viajam com guias firmadas por auctoridades portuguezas, a passagem ou permanencia nas povoações protegendo os estabelecimentos que venham a crear.

Em quanto as auctoridades portuguezas não possam dispôr de recursos indispensaveis para serem devidamente educados os menores com direito á successão ao poder no Estado do Muatiânvua e nos estados em que elle se subdivide, as mesmas auctoridades proporcionam os meios de os fazer educar nas terras portuguezas em que não faltam recursos para esse fim.

O Muatiânvua depois de tomar posse da governação do Estado, compromette-se a validar todos os Tratados e nomeações feitas pelo Chefe da Expedição portugueza o Sr. major Henrique Dias de Carvalho em terras da Lunda sem distincção de tribus; e desde já e os quilolos que formam o seu sequito se obrigam a sujeitarem-se á arbitragem do mesmo Chefe nas pendencias a resolver com Mona Quissengue chefe principal dos Quiocos entre os rios de Chicapa e Luembe de modo que nesta região fique bem firmada a paz entre as tribus sob o dominio do Muatiânvua e as sob o dominio d'aquelle.

Pedem o Muatiânvua e os representantes da corte ao Governo de SUA MAGESTADE FIDELISSIMA, auctoridades portuguezes, força de soldados brancos para distribuir pelos principaes paizes do Estado, mestres de officios, padres, medicos, lavradores, industriaes e negociantes.

Encarrega o seu embaixador além desta petição, ainda a de pedir ao Sr. Governador o que vae exposto na nota junta.

E como todos os potentados e mais individuos presentes nada mais tinham a acrescentar ao que fica exposto, passou-se ás cerimonias da nomeação do embaixador que consistiram no seguinte:

Chamado Muteba veiu agachado collocar-se á frente do estrado sobre que estava collocada a cadeira e ahi ficou agachado. O Muatiânvua estendendo o braço direito sobre a cabeça delle disse umas palavras do rito que se resumem: em annunciar que o vae representar na longa jornada e tomará o seu nome e honras e nessa qualidade falará com o representante do grande Muene Puto em Loanda e por ter confiança nelle o escolhêra e tudo que lhe disser é dito pelo proprio Muatiânvua e tome muita conta no que ouvir para de tudo dar conhecimento ao Estado, lembrando-se que vai preparar um melhor futuro para este. Depois recebendo de um prato que lhe apresentou Muene Casse, mestre de ceremonias, um envolucro com pó vermelho dum lado, e branco do outro; ora tomando pitadas dum ora do outro fez-lhe cruzes na testa, hombros, peito, costa e braços pela parte interior, falando sempre: — que esperava não encontrasse, difficuldades no caminho, marchasse muito bem, que os maus espiritos andassem sempre longe delle etc

Em seguida cuspiu-lhe na palma da mão esquerda, o que o agraciado sorveu dum trago e depois passando os dedos da mão direita pela palma da mão direita do Muatiânvua dava um estalido com os dedos e repetindo isto tres vezes terminou por bater tres palmadas com as suas mãos, o que repetiram todos os circumstantes gritando *ChiNoeji, Muatiânvua, na iá ni eza, echu aosso imanei, Zambi umutalei.* (Pelo grande dos grandes, estás feito Muatiânvua, vae e volta, nós todos te esperamos. Deus te vigie).

E como nada mais houvesse a tratar com respeito ao assumpto, determinou o Chefe da Expedição que se encerrasse este auto que vae ser assignado pelos principaes, fazendo uma cruz ao lado dos seus nomes, os que não sabem escrever e a todos eu secretario que este escrevi os reconheço pelas cathegorias que representam. — Acampamento do Muatiânvua na margem esquerda do Chiumbue, 12 de junho de 1886. — (ass.) Henrique Augusto Dias de Carvalho, major do Exercito, Chefe da Expedição Portugueza ao Muatiânvua, † Muatiânvua Chibuinza Ianvo, † Lubembe, Suana Mulopo do Muatiânvua, † Muene Tembue, Muteba, † Chibango, † Bungulo Quiluata Anzavo, † Muzooli Mucanza, † Tambua de Cambongo, † Muitia, † Muene Panda, † Augusto Jayme, † Xavier, † Casimiro, † Mona Congolo capitão de 3.ª linha, † Adolpho Ferreira, o 2.º interprete Agostinho Alexandre Bezerra, o empregado José Faustino Samuel, o alferes da 3.ª linha João da Silva e eu 1.º interprete secretario Antonio Bezerra de Lisboa.

Nota de pedidos que o Muatianvua desejou que se escrevesse neste logar em seguida ao encerramento do auto:

Retrato de Sua Magestade El-Rei.

Retrato de Sua Magestade a Rainha.

Uma umbella grande.

Uma cama de ferro portatil.

Distinctivos para a cabeça do Muatiânvua feitos de metaes preciosos.

Uma faca da fórma do seu mucuali.

Uma espingarda revolver de muitos tiros.

Duas pistolas revolvers.

Vinte e quatro bandeiras nacionaes.

Dois pavilhões para a Mussumba.

Vestuario para elle.

Bois, gallinhas de casta, perús e dois cães grandes.

Pretendem mais:

Chefes e soldados brancos do Calunga, mestres de alfayates, sapateiros, etc., etc., com seus utensilios; boas enchadas, sementes, etc., etc.

Negociantes com fazendas e homens que saibam ensinar a lavrar e a fabricar tangas, lençoes, etc., etc. (a) Antonio Bezerra de Lisboa.

N. B. — A embaixada passou o rio Cuilu; porém como o cabo militar e seus companheiros se tivessem adeantado na marcha, porque os da embaixada entenderam demorar-se nas povoações do Caungula, sendo informada na povoação do Augunza Muquinji que havia quatrodias que o cabo e seus companheiros tinham ali passado, temeu affoutar-se a passar só o rio Cuango e regressou á nossa Estação.

O governador geral de Angola que recebera a correspondencia que foi confiada ao cabo, ficou com cuidado com respeito á embaixada, e em officio de sua secretaria, n.º 916 da série de 1881, 10 de outubro, dizia-me S. Ex.ª:

«Tenho presente o officio de V. , datado de 20 de junho proximo passado, informando-me ter partido uma embaixada enviada pelo Muata Ianvo e seus quilolos, afim de pedir a este Governo para que o seu Estado seja collocado sob o protectorado de Portugal.

Neste sentido, e de accordo com elle, V. requisita uma força de cem praças bem armadas e seus respectivos officiaes para serem distribuidas pelas divisões desse territorio, devendo ir acompanhada de mestres de officios, negociantes com fazendas e objectos que indica numa relação para uso official e particular da côrte daquelle potentado.

Pelo relatorio dirigido por V. na mesma data a S. Ex.ª o Ministro da Marinha, dava-lhe conhecimento deste pedido, mostrando ao mesmo tempo as vantagens dum protectorado que nos póde garantir a união desta provincia com a de Moçambique.

. . . .

Infelizmente a estes enviados aconteceu o mesmo que ás duas anteriores embaixadas a que V. se refere no seu relatorio; porque, segundo informa o chefe de Cassanje foram elles presos pelos Quiocos (não foram, regressaram como já ficou dito) em sitio muito distante daquelle ponto e onde difficilmente poderão ser resgatados.

. . . .

Deus guarde a V. Palacio do Governo em Loanda, 15 de outubro de 1886. — Sr. major Henrique Augusto Dias de Carvalho, Chefe da Expedição ao Muata Ianvo. — (ass) *Guilherme Augusto Brito Capello*, Governador Geral.»

A S. Ex.ª o Sr. Ministro

. . . .

Tambem V. Ex.ª não ignora: das minhas diligencias para resgatar a faca da Xanama do poder de Quissengue e fazer cessar assim o pretexto das correrias dos Quiocos aos Lundas; da correspondencia por escripto entre nós trocada; e da promptidão com que elle faz entrega dessa faca a Muene Puto, senhor destas terras e protector destes povos.

Conhece Xa Madiamba (o Muatiânvua) que a nossa Expedi-

ção não só tem influenciado a seu favor sobre os animos daquelles que actualmente o cercam, como tambem sobre os Quiocos, e é elle que me apresenta a todos, como seu pae Muatiânvua Noeji e de tal forma o boato se espalhou, que hoje todos sem excepção de sexos nem de edade já me não chamam Augana major e sim Muatiânvua Noéji.

Todos os dias os quilolos e cacuatas depois direm cumprimentar o seu Muatiánvua, se não ha negocios importantes a tratar na Ambula (o parlatorio) elles aqui vêm depois cumprimentar-me dizendo sempre: Fomos saber como passou nosso pae e agora viémos saber do nosso avô.

Os quiocos, pela sua parte dizem: «Muene Puto é o Muatiânvua agora, Xa Madiamba é o filho que traz para collocar no Estado e por isso nós quando queremos alguma cousa do Muatiânvua, vamos fallar a Muene Puto. Quando ambos estão na audiencia vê-se bem, que o Muatiânvua é muito pequeno ao lado de Muene Puto; que é este quem veste aquelle, lhe dá de comer, e o guia pela mão para chegar bem ao Calanhi e quem o tem ensinado a responder-nos.»

Muana Muene (velho potentado quioco) despedíndo-se do Muatiânvua em presença de todos os seus quilolos disse-lhe: Muatiânvua meu pae de nada tem a recear, a fama de sua passagem por estas terras com Muene Puto, já foi muito longe e todos estão contentes, porque esperam entrar numa epocha de paz e beneficio para todas estas terras.

Quissengue disse ao meu interprete: «o meu parente Xa Madiamba foi muito feliz em voltar a estas terras acompanhado de Muene Puto; se viesse acompanhado só de gente sua, decerto os Quiocos não o deixariam chegar ao Luachimo com a mira de interesses pela sua cabeça.

Recorrendo ao meu diario, eu poderia citar muitas outras asserções desta ordem proferidas por diversos potentados tan-

to lundas como quiocos, e destas concluindo-se a influencia de Muene Puto mais arreigada no animo de todos, julguei opportuno della aproveitar-me, quer protegendo os negociantes que tenho encontrado da nossa provincia de Angola e do Congo, alguns por aqui ha annos esperando um embolso dos seus creditos e outros que roubados, esfomeados e nús teem vindo corridos; quer fazendo cessar as milongas (demandas) entre Lundas e entre estes e Quiocos que muito teem contribuido nos ultimos annos para o descontentamento destes povos com os seus potentados e com os imperantes como já tenho dito; quer ainda aconselhando o Muatiânvua, seus quilolos e os potentados quiocos na direcção de seus negocios de modo que, se obtenha o exito desejado sem necessidade de recorrer ás armas.

Já V. Ex.ª sabe, quanto protegi todas comitivas bangalas que encontrei, a ultima de Xa Madamba sahiu daqui em principios do corrente mez e consta-me que os chefes de todas, os Ambanzas, Ambumba, Quicubo, Quinzaje, Quinguri, Quingonga, Quibari, Xa Madamba, Quinguri (2.º) e Xa Muteba no seu regresso aos que vão encontrando dizem: o que levamos devêmos ao sr. major que foi nosso pae, como o tem sido de todos os negociantes.

Aqui vieram parar as taes tres mulheres do rei do Congo que fugiram da Estação Luciano Cordeiro e tanto trabalho me deram; tambem nesta localidade os filhos do Congo que me acompanham obtiveram o pagamento de mais cinco creditos; tive noticias de terem chegado a suas casas os vinte rapazes do Luximbe, concelho de Malanje, que no Luachimo se me apresentaram cobertos de pelles e com fome, por terem sido roubados e a quem protegi, conseguindo que os roubos da negociação que haviam feito lhes fossem entregues.

E' para notár terem elles desistido de voltar a este sitio,

com receio de perderem as vidas pelo que me vi obrigado a mandar amarrar quatro que já iam fugidos no dia em que parti para aqui o que depois elles me agradecem por os fazer seguir com o que lhes pertencia ainda que, um mez mais tarde.

Tambem aqui recolhi um portuguez africano, que foi roubado no Luêmbe e um outro já bastante velho de Malanje que ha annos espera uns Quiocos que levaram a sua factura para o Lubuco e até agora não lhe apparecem. Este desgraçado só pede para recolher com a Expedição já se não importando com seus prejuizos. Tem vivido com os parentes daquelles nas margens do Lána affluente do Chiumbue que nós vemos desta Estação.

Desde a nossa chegada ao Luachimo que tem sido beneficiado por esta Expedição o filho de Cambolo Cangonga Ambanza no Angolôme, affluente do Lui e 22 kilometros pouco mais ou menos a sul da nossa feira de Cassanje.

Todos os beneficios que tenho podido dispensar aos negociantes mesmo a Quiocos e Lundas, pois tambem estes aqui me apresentam suas queixas, me tem grangeado um certo respeito e simpathia pela nossa missão e daqui se origina o pedido que me fez o Muatiânvua e seus quilolos para se lavrar o auto de reconhecimento delles á Soberania de Portugal a quem fazem cessão das suas terras para serem por nós devidamente protegidos.

A influencia portugueza de ha muito se tem feito sentir entre os Lundas e pode dizer-se que na Mussumba do Muatiânvua quasi sem interrupção depois de Joaquim Rodrigues Graça até Lourenço Bezerra Correia Pinto que estava no Xa Cambunji e se apresentou em 1859 na Mussumba e depois deste até agora Manuel Correia da Rocha, que tomou a direcção da colonia agricola por Pinto montada com os portuguezes que ainda lá estão: Luiz João da Silva, João Pedro da Silva, José Antonio,

Domingos Amulêngo, Francisco Maria, Anzaje, Christovam e outros; tem sido ella mantida.

As plantações consistem: em arroz, batata, tabaco, canna, jinguba, mandioca e tambem couves, rabanos e rabanetes, etc.

O gado vaccum teve grande desenvolvimento em todo o tempo de Muteba, chegando a dividir se pelas tres Mussumbas.

Bezerra chegou a ensinar a lêr, escrever, as quatro operações de inteiros a diversos rapazes filhos de quilolos cujos paes lhos apresentavam para esse fim.

Retirou Bezerra e deixou em seu logar Manuel Correia da Rocha que ainda lá está e continuando a ser chefe da colonia portugueza e é muito considerado pelos da côrte, que nelle vêem um representante de Muene Puto.

Já vê pois V. Ex.ª que pedindo-me esta gente bandeiras nacionaes, a banda de Muene Puto (graduações de postos militares) e mucandas (Tratados) com que possam provar que são filhos (subditos de Muene Puto); eu não devia ter duvida em conceder-lhes o que pedem e antes me parece de conveniencia aproveitar a opportunidade de ir tomando posse em nome do governo de Sua Magestade dos territorios que querem fazer encorporar nos seus dominios e procurar providenciar segundo os fracos recursos de que disponho, de modo a manter a nossa antiga influencia.

Deus Guarde a V. Ex.ª.—Estação, Conde de Ficalho, 19 de junho de 1885.—Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios de Marinha e Ultramar. — (ass) O chefe da Expedição.—*Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

Nomeação

Tendo o Muana Congolo, auctoridade entre os Quiocos reconhecida pelos potentados Muatas do Muatiânvua, residente

actualmente em terras do Muata de lucano Chibango na margem esquerda do rio Chiumbue; — declarado que estando em tempo nas margens do Chicapa visinho do estabelecimento portuguez Carneiro e Machado, no Quimbundo,— fòra pelo primeiro nomeado official movel da guerra preta, mas nunca esta nomeação fôra confirmada pelo proprio guvulo de Loanda, não obstante elle por duas vezes ter visitado as terras de Muene Puto, Pungo Andongo e Cassanje e haver prestado serviços aos soldados das tropas do tenente coronel Cazal, que fugiram perseguidos pelos Bangalas para as suas terras, onde encontraram a necessaria hospitalidade; e fazendo elle muito empenho em que lhe dessemos uma bandeira portugueza para a ter içada na sua residencia, e promptificar-se a prestar todos os auxilios aos negociantes portuguezes; e obrigando-se a reconhecer e fazer respeitar nas suas povoações a Soberania de Portugal da qual desejava a banda, podendo assim proteger com mais efficacia o commercio e as missões religiosas e scientificas, que passem no seu territorio;

Auctorisados pelo governo de Sua Magestade Fidelissima, e como seu embaixador no Estado da Lunda, entendi para melhor exito dos resultados praticos da missão que me foi confiada conceder-lhe as honras de capitão das companhias moveis da provincia de Angola, companhia que elle constituirá com o seu povo, prompta a auxiliar a auctoridade portugueza quando della careça e a proteger os negociantes, os missionarios e quaesquer viajantes portuguezes que a elle recorram; e entreguei-lhe uma farda militar com os galões de capitão, espada, banda e um bonet; — ao mesmo tempo que lhe entreguei uma nomeação como esta para ser reconhecido por todos os individuos que passem nas suas terras.

E por isso, todos que lerem esta nomeação, a tenham entendido, considerem e façam respeitar o agraciado como capi-

tão de 3.ª linha subdito de Sua Magestade El-Rei de Portugal.

Acampamento Conde de Ficalho, na margem esquerda do rio Chiumbue, na lat. S do Eqr 7° 38' long. E de Gren. 21°17' e na alt. 758 metros, 9 de junho de 1886. (a) *Henrique Auguseo Dias de Carvalho*, major do Exercito de Portugal, Chefe da Expedição Portugueza ao Muatiânvua.

Nomeação

Attendendo a que o Camba Canzari, immediato do Moanangana Congolo, acaba de prestar bons serviços para um exito feliz da missão a meu cargo indo ás margens do Cassai, do Luembe e do Luachimo, regular as pendencias com os potentados quiocos, que se podiam tornar obstaculos á marcha regular da Expedição e por duas vezes ir buscar carregadores prezos, pelo facto ou pretexto de crimes em povoações distantes desta Estação Conde de Ficalho; sendo seus desejos ter a banda de Muene Puto, a quem se mostra dedicado tendo prestado bem como seu parente Congolo, em differentes épocas bons serviços, a individuos portuguezes;

Considerando ainda que um e outro são dos antigos freguezes da casa Carneiro e Machado em Quimbundo; e querendo deixar-lhes uma prova de quanto devem ser estimados pelos Portuguezes com quem venham de futuro a encontrar-se por estas terras;

Entendi conceder-lhe as honras de alferes das Companhias moveis da provincia de Angola, para substituir o seu chefe Mona Congolo, durante a sua ausencia nos encargos a que se comprometteu pela sua nomeação, e espero que todos que lerem esta de que lhe deixo copia, respeitarão o agraciado como acabo de consideral-o.

Estação Conde de Ficalho, 9 de junho de 1886. (a) *Henrique Augusto Dias de Carvalho*, major do Exercito e Chefe da Expedição Portugueza ao Muatiânvua.

Nomeação

Tendo-se prestado o Ambaquista João da Silva, amancebado com uma filha do Muanangana Quiopoco, moradores na povoação proxima na margem esquerda do Chiumbue a vinte kilometros a SE desta Estação Conde de Ficalho, a fazer varias diligencias em serviço do Governo de Sua Magestade, que demandavam alguns dias de viagem querendo assim mostrar a sua muita dedicação ao serviço do mesmo Governo ;

Querendo eu significar-lhe o apreço em que tenho esses bons serviços, usando da auctorisação que me foi concedida e para desde já tornar real a nossa occupação nos territorios por onde transitei ; e finalmente por serem esses os desejos do Muanangana Quipoco, negociante que mantem relações com as casas portuguezas em Benguella e potentado que tem transformado a sua povoação aos usos portuguezes;

Hei por conveniente conceder as honras do posto de tenente das Companhias moveis de Angola a João da Silva, e nomeal-o delegado do governo portuguez nesta região, providenciando em harmonia com os potentados da Lunda e Quiocos visinhos, sob todas as pendencias que respeitem a Portuguezes ou individuos que viagem com guias de transito firmadas por auctoridades portuguezas e de modo que honre a bandeira nacional que concedo a Quipoco para fazer respeitar na sua povoação como da Nação de que elle reconhece a Soberania.

E para que conste destas concessões e todas as respeitem como feitas pelo Governo de Portugal, passei esta que firmo no dia 19 de junho de 1886. (a) *Henrique Augusto Dias de*

Carvalho, major do Exercito, Chefe da Expedição Portugueza ao Muatiânvua.

Nomeação

Attendendo a que o Moanangana Xa Cumba, potentado quioco, ascendente de um dos Quissengues e primo do actual acaba de prestar um serviço importante, sujeitando se a uma penosa viagem em que decorreram dois mezes, e alcançou do potentado Quissengue a faca, que emquanto estivesse em seu poder não podiam ter termo as dissenções e luctas entre Quiocos e Lundas; e a que o Muanangana Xa Cumba, pretende mostrar a quem lhe convenha que por muito dedicado aos Portuguezes, se promptificou a fazer esta deligencia;

Considerando que Xa Cumba muito deseja usar da nossa bandeira nacional, como sua propria, e de bom grado se presta a proporcionar na sua boa residencia junto á margem do Luachimo, hospitalidade a quaesquer negociantes, viajantes, missionarios e industriaes portuguezes, ou a individuos com guias de transito firmadas por auctoridades portuguezas, que queiram nas suas povoações estabelecer-se ou por entre ellas passar; e sendo certo que reconhece o dominio dos territorios que occupa, como pertencentes ao Estado do Muatiânvua, e tambem desejando a protecção de Portugal para a sua povoação;

Entendi por conveniente em presença do interprete Antonio Bezerra de Lisboa e do Ambaquista João da Silva, amancebado com uma filha do Muanangana Quipoco, moradores na margem do Chiumbue, consignar a sua expontanea declaração de que se considera desta data em diante, submisso vassallo da Corôa de Portugal, e como tal lhe concedi a honra de capitão das Companhias moveis da provincia de Angola e lhe foi entregue copia desta nomeação, esperando que todos que

della vierem a ter conhecimento, o considerem e respeitem com a concessão feita pelo Governo da Nação Portugueza. Estação Conde de Ficalho, 20 de junho de 1886. (a) *Henrique Augusto Dias de Carvalho*, major do Exercito e Chefe da Expedição Portugueza a Muatiânvua.

Copia da carta de Mona Quissengue a que se refere a nomeação de Xa Cumba, e por este apresentada ao Chefe da Expedição Portugueza ao Muatiânvua.

Meu prezado amigo e sr. major. Hitengo 18 de maio de 1886. — Foi-me á mão o seu favor pelo meu primo Xa Cumba, datado de 6 de abril do corrente anno. Sou a dizer que pelo seu conteúdo não respondo nada porque o meu desejo é que o Senhor major chegue aqui pessoalmente junto com um quilolo do Muatiânvua, pois o que me importa é falar com o Senhor representante de Muene Puto, nosso amo, protector e Senhor de todas estas terras e dar-lhe bons conselhos com respeito ao meu parente Muatiânvua, visto resolver-se a ir tomar posse do logar para que o chamaram os quilolos da Mussumba.

Aqui me achou o seu amigo Xa Cumba, com um recado imbocal, sobre a faca do Muatiânvua Xanama, que Muene Puto quer, para acabar com as intrigas de Lundas e Quiocos, e eu não tenho querido dal-a, e se a entreguei agora a rogo do meu primo Xa Cumba, é só para que o Senhor major fique sabendo, quanto nós os Quiocos, respeitamos e estimamos a Muene Puto.

Devo advertil-o porém, que todos os Lundas sabem que as facas em meu poder eram duas, uma para matar o meu parente Xa Madiamba, que é a que leva o meu primo, pois sou

amigo e não quero que os Quiocos abusem disso no caminho para fecharem a marcha do meu parente e amigo.

Se o Senhor major, não pode vir aqui, não tem nada, para ahi vou fazer partir meu irmão Xa Cazanga, e segundo o que conversar com elle irei ao seu encontro no Luembe para falarmos muito bem sobre a outra faca, e acabar todas as questões para o seu amigo Muatiânvua, poder herdar e não haver mais mal nenhum.

Sem alteração para mais. Desejo ao Senhor major ter saude, e em geral o mesmo á sua comitiva. Emquanto eu vou indo sem novidade. Sou como amigo do Senhor major. Do Senhor obrigado e creado. Sua Magestade Quissengue.

N. B. — E' favor mandar-me uma arma de revolver, é uma graça que lhe agradece muito seu amigo Quissengue.

*

* *

Em 10 de julho fiz partir a 1.ª secção da Expedição commandada pelo capitão Sertorio de Almeida para junto da residencia de Caungula na margem do Cachimi affluente esquerda do rio Luêmbe, determinando-lhe que fizesse construir ahi alojamentos em boas condições para uma Estação que denominei Serpa Pinto, Capello e Ivens — e em 4 de agosto quando ahi cheguei já nessa Estação fluctuava a bandeira portugueza.

A S. Ex.ª o sr. Ministro

Como disse a V. Ex.ª na minha ultima communicação de fins de junho, seguio a Expedição para esta localidade, a pri-

meira parte em 10 de julho que principiou logo a construir a casa para a Estação que denominei Serpa Pinto, Capello e Ivens.

As coordenadas desta, as mais correctas são: latitude S do Equador 8° 20′ e longitude E de Green 21° 31′ e a sua altitude acima do nivel do mar 877 metros. Proximo a nós corre o rio Cachimi (segundo outros Richimi) que em curva apertada vem de SW para se lançar no Luembe pelo nosso NW. O Luembe passa a nosso E a uns 10 kilometros mais ou menos.

O resto da Expedição veiu comigo e vinte dias depois por que infelizmente um dos contractados de Loanda e ao meu serviço particular, no dia em que levantava a 1.ª secção cahiu gravemente doente com uma pneumonia que esteve a decidir, chegando mesmo a fazer suas disposições.

Não me sendo possivel tirar uma copia do itinerario da nossa viagem entre a Estação Conde de Ficalho e esta por que tenho estado sempre occupado com negocios que dizem respeito ao Estado do Muatiânvua, o que constitue uma parte importante para a historia destes povos; por isso me limito a apresentar as coordenadas, altitudes e rios que proximo ficam, dos pontos em que acampamos.

DESIGNAÇÃO	LATITUDE S DO EQUADOR	LONGITUDE E GREENWICH	ALTITUDES	RIOS
Estação Conde de Ficalho	7° 38′	21° 17′	758m	Chiumbue (margem esquerda).
Acampamento Eduardo Coelho	7° 38′ 30″	21° 18′	756m	» (margem direita).
» Dr. Julio Henriques......	7° 48′	21° 20′	804m	Quiandango (nascentes) affluente do Chiumbue.
» Thomaz Ribeiro	7° 52′	21° 24′	780m	Camuco affluente do Muco (margem esquerda).
» Fernando Maia	7° 57′	21° 26′ 30″	796m	Muco (nascente) affluente do Chiumbue.
» Dr. Melicio.............	8° 2′	21° 29′	802m	Muridiá affluente do Luembe.
» Ferreira de Almeida.....	8° 6′	21° 38′ 40″	807m	Muridiámuca affluente do Muridiá.
» Luciano de Castro.......	8° 12′	21° 29′	850m	Angombe affluente do Luembe.
AcampamentoA ntonioAugusto de Aguiar	8° 15′	21° 30′	815m	Coba affluente do Chipuapo; e Este do Luembe.
Estação Serpa Pinto, Capello e Ivens...	8° 20′	21° 31′	877m	Cachimi ou Richimi affl.te do Luembe.

A nossa Estação está a uns trinta metros a NW da povoação do Caungula e sobre a rampa da collina que se estende para NW e nella acampou o Muatiânvua ocupando seu acampamento em profundidade mais de 300^{m} e estendendo-se de dia para dia para os lados e fundo com os individuos que se lhe vão apresentando e estavam ha tempos uns fugidos e outros prezos pelos Quiocos visinhos, aguardando todos o momento favoravel de recolherem a suas terras.

De Mataba tambem nestes ultimos dias tem apparecido gente da Lunda que fogem ao captiveiro por saberem ter chegado aqui o seu novo Muatiânvua (filho de Muene Puto, é como o tratam) e tambem gente de Mataba que se pode escapulir dos rebeldes.

A questão de Mataba, é hoje a questão do dia, que se tem tornado importante pelos falsos novoleiros que abundam nestes povos da região central a que se lhe deu um vulto que entre nós não tinha razão de ser, mas que para elles se ha de tornar memoravel pelo exagero que de dia para dia se lhe vae dando; o que por isso mesmo julgo conveniente reserval-a para depois de outras noticias quanto a mim não menos importantes para os trabalhos desta Expedição e que tem procedencia pelas datas.

Dias depois de ter seguido a minha ultima correspondencia, os empregados que enviei á côrte da Lunda com a nossa bandeira e dois portadores do Muatiânvua chegaram á Estação Conde de Ficalho acompanhados de sessenta armas (homens com armas) alguns parentes do Muatiânvua, uma irmã, um filho (4.º que já com elle está) um sobrinho e um primo, e enviados que traziam uma ponta de marfim, para me ser entregue (regula por cincoenta libras); uma outra ponta e trinta escravos entre rapazes e raparigas para serviço do Muatiânvua.

Tinha eu escripto uma carta a Manuel Correia da Rocha

natural do concelho de Malanje e parente do meu interprete que ha annos ali reside com outros companheiros e extracto antes de tudo a carta que elle me enviou.

... Sr. major Henrique de Carvalho — Recebi a sua carta e respondo mandando-lhe dizer quo o Canapumba, Muitia e Muata Muari Muixi, mandam dizer ao ... Sr. que diga ao nosso Muatiânvua que faça a brevidade vir muito cedo; estamos chorando a elle ha muito tempo; o Mutanda Mucanza, irmão do Muatiânvua, que assumiu interinamente a direcção dos Negocios e recolheu os parentes que se lhe apresentam para serem entregues ao Muatiânvua, tambem espera a elle e remette para o ... Sr. uma ponta, a outra é para o Xa Madiamba (Muatiânvua) de mussapo (signal de respeito).

Em quanto tudo, está aqui; o que elle quer é a vinda delle com brevidade, que nada de muita demora mais no caminho, que todos andam chorando por elle, nada mais, que nada mais offereço dizer ... Sr. o mais e a perfeita saude em companhia da sua comitiva emquanto nós aqui estamos ás suas ordens por sermos do ... Sr. quilolos Muitia, Canapumba, Muari Muixi e o mesmo escrevente muito seu attencioso Vr. e creado. — *Manuel Correia da Rocha.*

Agora as noticias que dão os empregados: chegados a Muene Dinhingue (Dinhinga ou Rinhinga) no Lussanzeje affluente do Cassai lado direito, que conserva as honras de Cárula (tio de Muatiânvua), encontraram ahi alguns portadores da côrte que vinham saber se havia algumas noticias de Xa Madiamba e Muene Puto que em tempo portadores de Mucanza lhes fizeram saber estavam em viagem.

A' vista dos portadores de Muene Puto ficaram muito satisfeitos e de prompto se decidiu que junto com o meu empre-

gado que daquelle sitio devia regressar por ordem minha viesse parte daquelles portadores da côrte para darem noticias ao Xa Madiamba e com os outros (dois) deviam regressar á côrte, os restantes.

Logo que ahi chegaram, viram os da Lunda a nossa bandeira e acompanharam os portadores a casa de Rocha. Este depois de ler a carta disse-lhes para que vinham os portadores e o local em que estava o Muatiânvua com Muene Puto ao que se seguiu grandes alegrias e festas á moda delles as quaes tiveram logar em tres dias successivos, accumulando os nossos empregados presentes de comidas e bebidas.

No dia seguinte reuniu-se a côrte e foi decidido depois de ouvirem os portadores que se determinasse a todos os quilolos entre Lulua e Calanhi que se aprompiassem com suas forças para irem receber o Muatiânvua ao Cassai e tratou-se ali mesmo de reunir gente para acompanhar os portadores, que em vista das minhas recommendações a Rocha não deviam demorar-se mais que seis dias.

Omitto a descripção das festas que me fizeram os empregados sendo constante ao verem-nos prostarem-se no chão esfregando o corpo com terra e dando graças a Muene Puto por lhes levar o Muatiâuvua que ha annos queriam e julgavam já os houvesse esquecido ou tivesse morrido nas terras de Muene Puto.

Todos assim o creem e Xa Madiamba tambem assim o affirma porque diz elle, é o freio que ha de contel-os para não o matarem e o temerem; e demais ainda elle diz não são as terras onde eu estive de Muene Puto? não estão no Cuango minhas irmãs e sobrinhas? não são os Cassanjes filhos de Muene Puto e não são estes maridos de minhas irmãs?

Com respeito á viagem dos portadores apenas menciono, que elles lastimam, as lavras e povoações em ruinas que encontra-

ram, devido ás correrias e roubos de Quiocos depois da morte do Muatiânvua e dizem ter visto nas margens do Lussanzéji grande quantidade de caveiras e ossos sobre o solo do acampamento de guerra em que mataram o Muatiânvua Muriba e toda a sua gente.

Pediam os da Lunda (côrte) que Muene Puto abreviasse a viagem de Muatiânvua e que até áquella data não se atreviam a passar ó Cassai porque a norte, Mataba estava em estado de sitio depois que mataram Mucanza e a seu sul os Quiocos, estavam dispostos a exterminar toda a gente da Lunda que lhe apparecesse.

Attrahir a pouco e pouco os Quiocos, principiando pelos grandes potentados foi o meu cuidado desde janeiro do corrente logo que tive noticia da morte de Mucanza; e como esperava alcancei o que desejava a ponto de se não travarem luctas com Muansansa, Muene Luhanda, Quibango (Chibango), e o Caungula senhor da terra em que estamos; e de cessarem as já em começo com Muáta Mussenvo e Bungúlo.

Bastou saber-se que Muene Puto andava (termo delles) concertando os caminhos e trazia Xa Madiamba (de quem todos os Quiocos se mostraram affeiçoados) seu filho para o collocar no Estado para a pouco e pouco se tranquillisarem os animos.

Pede a côrte o seu Muatiânvua, era pois preciso chamar todos os Quiocos compromettidos a acompanharem Xa Madiamba e é quando se pensava nisso que Quissengue (o principal) annuncia que, elle mesmo sahiu do seu sitio ao encontro de seu parente, com a gente indispensavel para uma guerra e que vem ao nosso encontro esperando que nós seguissemos já para este ponto, onde hoje estamos.

Fez-se por tanto prevenir os Quiocos proximos da nossa viagem e aqui estamos em terras de Caungula tendo entre nós e os rebeldes, o Luèmbe, grande affluente do Cassai.

Quissengue foi acampar primeiro no Luana e a trinta kilometros a WNW; porém ha dois dias aproximou-se do Luêmbe estando uma parte de sua força entre o Cachimi e Luêmbe a nosso SW vinte kilometros e elle ainda distante daquelle, outros tantos. Estamos occupando os vertices dum triangulo quasi equilatrio em que um dos lados corre aproximadamente parallelo ao Luêmbe.

Forças da côrte devem estar a estas horas concentradas entre Cassai e Muene Dinhinga que reside na margem do seu affluente como disse.

Ambinji o cabeça da rebellião, moralmente enfraquecido porque Cahunza filho de Muatiânvua que trouxe as ordens do Muriba para matar Mucanza com quem acreditou poder desculpar-se, fugiu abandonando-o e foi apresentar-se a Muene Dinhinga, onde nossos portadores o viram. Procurou este Muata para por elle pedir perdão ao Muatiânvua e a quem mandou já o seu mussápo.

Ambinji vendo as disposições de forças accumuladas em diversos pontos e promptas a entrarem por Mataba, receia e com razão duma razzia a que elle não sobreviverá; e segundo noticias de ante-hontem, mandadas por Quissengue, enviou-lhe vinte escravos e pediu o protegesse, pois não foram os de Mataba que mataram Mucanza seu Governador, e sim os da Lunda enviados especialmente por Muriba para esse fim e que poupasse á ruina as suas terras.

Os Calambas subalternos do fallecido Mucanza e que orlam o Luêmbe pela margem direita para o nosso E como são: Ifana Mujinga, Angueji, Xa Luvundo, Xa Muhongo, Cassombo, Xa Nhanvo e Cácuco, todos estes, deliberaram vir apresentar-se e estão reunindo os taes presentes (mussápo) para trazerem ao seu Muatiânvua desligando-se de Ambinji e declarando-se alheios aos acontecimentos que se deram até á morte de Mucanza.

Com o Xa Muhongo está a annos servindo de interprete para os negociantes, um tal Catála que foi escravo de D. Anna Joaquina, a muito conhecida Dembo e Alála de Angola e esse logo que eu cheguei me veiu procurar e conhecer das disposições de Muene Puto a respeito de Mataba.

Escuzado seria dizer a V. Ex.ª que lhe fiz saber que eram as melhores possiveis, todos que viessem apresentar-se ao seu Muatiânvua seriam bem recebidos e que nada tinham a recear;—que não se demorassem, porque muito tinham a recear dos Quiocos que estavam chegando e de boa vontade querem a guerra para lhes roubar gente.

Aquelle e os companheiros partiram e espero-os por estes dias, porque me disse Catála, grande espertalhão que era filho de Muene Puto e estava ao seu serviço agora que me tinha encontrado nestas terras.

Todos em Mataba, me disse elle, estão com receio de Muene Puto, aqui nunca passou um filho do Calunga e sabem que o sr. major traz armas de vinte tiros, polvora branca e vermelha que mata todos os peixes nos rios e enfeitiça as aguas; ninguem quer guerras com Muene Puto que tem arrancado das mãos dos Lundas os feiticeiros que o Muatiânvua manda matar.

Pois sim, lhe respondi, tudo isso é muito verdade, mas o que é preciso é que não façam demorar Muene Puto que quer levar o seu Muatiânvua para o Estado. Elles que se apresentem e todos ficarão amigos.

Como os portadores que vieram de Quissengue, me falaram ter este pedido que lhe desse um revolver; despachei tambem um portador meu com o do Muatiânvua e levaram o seguinte recado; por parte de Muatiânvua: agradecia ao seu parente os serviços que está prestando, pode receber Ambinji e será bem acceite a sua submissão.

Pelo que respeitava particularmente a mim: enviei-lhe uma caixa de musica de presente e um cartão dourado com uma canôa em relevo, para elle se communicar comigo por quilolo de sua confiança pois estava farto de mentiras de Lundas e Quiocos.

Mandei dizer-lhe que tinhamos primeiro de concluir o negocio da faca de Xanama sem o que não podiamos entrar em outros negocios, sendo destes o principal o socego e tranquilidade das terras dos Estados do Muatiânvua e seu; e depois a segurança dos caminhos ao commercio para que podesse continuar a sahir mais negocio das terras de Muene Puto.

Mais lhe mandei dizer: que só concluido isto nos podiamos avistar, porque elle disse e bem; não se deve approximar porque está acompanhado de mais de dois mil homens e receia a falta de alimentos aqui, onde estão outras tantas pessoas e se espera mais; e tambem receia de conflictos entre os seus e os do Muatiânvua; e eu não posso deixar o Muatiânvua só, com a gente que aqui está e já proximo dos rebeldes; que attrahisse a si Quissengue, o Ambinji; que eu procuraria attrahir os donos dos portos do Luembe.

Ficâmos aguardando as noticias de uma entrevista com os portadores de Ambinji e nada podemos resolver sem as termos.

Devem os nossos portadores lá ter chegado e é provavel que regressem em dois ou tres dias.

Parece pois, que as cousas se poderão harmonisar em boa paz, e oxalá assim seja.

O meu portador dizia ainda particularmente a Quissengue que logo que me fosse entregue a faca de Xanama o motivo (certamente pretexto) de discordia entre Quioços e Lundas, eu lhe faria enviar o revolver que desejava possuir.

Está portanto, tudo bem figurado para chegarmos a um bom resultado; porém, a falta de recursos com que lucto ha

dois mezes faz-me temer não poder ver esse resultado, com que decerto o nosso paiz não deixaria de lucrar.

Não me é possivel ser mais extenso, e por isso termino, desculpando V. Ex.ª mais uma vez a pressa com que faço esta communicação. — Deus guarde a V. Ex.ª — Estação Serpa Pinto, Capello e Ivens, 20 de agosto de 1886. — Ill.mo e Ex.mo Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios de Marinha e Ultramar. (as) O Chefe da Expedição, *Henrique Augusto Dias de Carvalho*, major do exercito.

AUTO

Aos dois dias do mez de setembro do Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e oitenta e seis, no Quibengue (Acampamento de Quiocos), margem direita do Cachimi, affluente esquerdo do rio Luembe, presentes Muanangana Quissengue, grande potentado dos Quiocos e os do seu Conselho Xa Cazanga, Muana Muene, Canzaca, Quibongue, Quicotongo, Quinvunguila, Camba Andua, Xa Muana Lucuoquexa e outros; foi mandado receber á entrada do acampamento o Chefe da Expedição Portugueza, acompanhado dos interpretes Agostinho Alexandre Bezerra, Augusto Jayme, Antonio Angonga, sobrinho do soba Angonga de Malanje, cabo dos carregadores da Expedição, o soldado do batalhão de caçadores n.º 3 de Ambaca, n.º 54 Adriano Ananias, e os contractados em Loanda, Narciso, Paulo, Matheus, e em Malanje, Casimiro, Negrão, Sarrote, Andre e outros e de mim secretario que este escrevi; e do ponto em que fomos encontrados no caminho até chegar ao logar da audiencia, a gritaria, os assobios e os instrumentos de pancadaria demonstravam o enthusiasmo com que era esperado o embaixador do Governo de Portugal, major do Exercito, Henrique Augusto Dias de Car-

valho, que depois de restabelecido o silencio mandou plantar no solo em frente do potentado a haste em que trazia a bandeira portugueza, e disse:

Visto os bons desejos de Mona Quissengue e de todos os seus Moananganas em collocarem todos os seus dominios sob o protectorado de Sua Magestade Fidelissima e quererem firmar um Tratado em que reconhecem a Soberania de Portugal como o teem feito os subditos do Muatiânvua;

Considerando que Mona Quissengue, meu amigo, e os do seu cortejo sahiram do seu sitio e vieram a meu pedido encontrar-se comigo para me fazerem entrega da faca que o Muatiânvua Ambumba, vulgo Xanama, havia dado ao Quissengue Malia para dispôr da vida dos quilolos do Muatiânvua, áquem do Cassai, pelo que tem havido já algumas victimas, Moansansa e outros;

Tendo eu hontem recebido essa faca com as formalidades do estylo, venho hoje, como havia promettido, ler-vos o Tratado que elaborei nas mesmas condições em que os tenho feito para os Muatas do Muatiânvua e se merecer a approvação de Mona Quissengue e dos Muananganas presentes póde hoje mesmo ser assignado.

Em seguida, por ordem do Chefe da Expedição Portugueza ao Muatiânvua, foi lido em voz alta, por mim José Faustino Samuel que este escrevi sendo transmittido na lingua d'elles pelos interpretes citados, Bezerra e Jayme, e ainda depois de novo esclarecido pelo interprete de Quissengue, o Muana Quicotongo, que é o seguinte:

TRATADO

Por parte do Governo de Portugal, o seu delegado Henrique Augusto Dias de Carvalho, major do exercito, e por ou-

tra parte Quissengue, grande dignidade entre os Quiocos e Senhor dum grande numero de povoações entre os rios Chicapa e Luembe accordaram respeitar e firmar as clausulas deste Tratado, como aquelle que mais convem a ambas as partes.

Artigo 1.º Mona Quissengue e os Muananganas seus subditos, compromettem-se, como até agora teem feito e sempre fizeram os seus passados, a não reconhecerem outra Soberania senão a Portugal, esperando que o seu Governo faça agora occupar devidamente os seus territorios e exercer nelles a sua acção benevola, já intervindo nas suas demandas com estranhos ás povoações, seja qual fôr sua proveniencia, já na abertura de caminhos atravez as suas terras a Lunda, em todos os sentidos, já emfim orientando-os no modo de educar seus filhos para um futuro mais prospero.

Art. 2.º Mona Quissengue e seus subditos reconhecem que o Muatiânvua é o senhor das terras da Lunda; porém, não ha de elle intervir na administração dos povos Quiocos.

Art. 3.º Portugal entre os Quiocos reconhece as auctoridades constituidas e nas localidades em que se encontram estabelecidas e de futuro confirma as que lhe succedam, observadas as praxes do estylo e tambem as que venham a constituir-se quando tenham a approvação do Muatiânvua em novas localidades dos seus dominios.

Art. 4.º Obriga-se Portugal a fazer com que o Muatiânvua e os seus subditos, respeitando o que até hoje tem sido admittido nas suas terras, instituido pelos Quiocos, procurem que seus povos vivam sempre em paz com os seus visinhos.

Art. 5.º Mona Quissengue e seus Muananganas tambem pela sua parte garantem viver em paz e em boa ordem com os seus visinhos lundas e a empregar todos os seus esforços para acabarem as razzias ás povoações que lhe são estranhas.

Art. 6.º Portugal manterá a integridade dos territorios que o Muatiânvua e os Muatas seus subditos, com o tempo teem acceitado como dominios dos Quiócos onde estão estabelecidos e até onde exercem a influencia da sua auctoridade, mas Mona Quissengue e seus subditos não alargarão essa influencia de futuro sem a approvação do Muatiânvua e Muatas em cada um dos seus dominios de que deve ter conhecimento o delegado do Governo portuguez na localidade mais proxima dessa cessão.

Art. 7.º Mona Quissengue e seus Muananganas auxiliarão a auctoridade portugueza com força de armas, se tanto fôr preciso, contra seja quem fôr, para que se mantenham seguros os caminhos das suas terras para o Cuango, para a Mussumba e para os Cachilangues no norte.

Art. 8.º Garantem Mona Quissengue e os seus Muananganas a segurança das vidas e haveres dos individuos portuguezes ou munidos de guias das auctoridades portuguezas, negociantes, missionarios, industriaes, que queiram permanecer provisoriamente ou estabelecer-se definitivamente ou passar nas suas terras.

Art. 9.º Em nenhum caso, e sob qualquer pretexto, admittirão que se façam transacções por gente que procurem levar para fóra das suas terras.

Art. 10.º Mona Quissengue e seus Muananganas não deixarão fluctuar nas suas terras outra bandeira que não seja a bandeira de Portugal e não consentirão que se façam cedencias de porções de territorios a individuos que não sejam portuguezes e não tenham a permissão das auctoridades portuguezas.

Art. 11.º Coadjuvarão os Quiocos sempre que a auctoridade portugueza careça da sua força para não consentir que nas terras do Muatiânvua seus delegados mandem matar gente, mesmo a pretexto de feitiço.

Art. 12.º Por este contracto contrahem Mona Quissengue e os seus Muananganas os deveres de: cohibirem que se roubem, espoliem e maltratem os negociantes ou comitivas de commercio das terras de Angola que transitem pelas suas terras; de não exigir tributos superiores aos que se estabelecerem por um accordo com as auctoridades portuguezas; de fazerem entregar quaesquer delinquentes portuguezes ou individuos que viajem com guias de auctoridades portuguezas ao delegado do Governo de Angola mais proximo da sua localidade, sendo essa diligencia paga por esse delegado; finalmente, de manter a paz com os povos vassallos e amigos de Portugal e com os Portuguezes, submettendo todas ainda as mais pequenas pendencias que possam perturbal-a ao julgamento da auctoridade portugueza.

Quibengue de Quissengue, na margem do Cachimi, visinho da residencia do Caungula do Mataba, situada na lat. S. do Equador, 8º, 20′ long. E. de Gren. 21º, 31′ altitude 877 metros. — 2 de setembro de 1886. — (a) Por procuração, collocando uma cruz ao lado de seus nomes, † Mona Quissengue (que se fez intitular de Magestade), † Xa Cazanga, † Quicotongo, † Muana Muene, † Quinvunguila, † Camba Andua, † Canzaca, † Quibongue, † Augusto Jayme, † Antonio Angonga, o soldado do batalhão de Ambaca n.º 54 † Adriano Annanias, os contractados em Loanda, † Narciso, † Paulo, † Matheus, e em Malanje, † Casimiro, † Negrão, † Sarrote, † André, e assignaram depois: O Chefe da Expedição, Henrique Augusto Dias de Carvalho, o interprete Agostinho Alexandre Bezerra, e eu servindo de secretario, José Faustino Samuel.

Termo

Todos se mostraram satisfeitos com a leitura do Tratado e a pedido de Mona Quissengue tirei delle seis copias para as

distribuir pelos potentados de maior importancia e se dizem ascendentes dos Quissengues, tirou-se uma para o Muatiânvua, eleito Ianvo, e ainda se fez uma outra para ser presente ao Governo de Sua Magestade Fidelissima.

Está conforme. — Acampamento Serpa Pinto, Capello e Ivens, no Caungula de Mataba, 6 de setembro de 1886. — (a) *José Faustino Samuel.*

AUCTORISAÇÃO

Attendendo a que o potentado quiôco, Mona Quissengue, em dois do corrente mez firmou o Tratado, que comigo, em nome do Governo de Sua Magestade, celebrou, reconhecendo a Soberania de Portugal e como subdito da Nação Portugueza, pode ser auctorisado a usar da Bandeira Nacional, que nesta data lhe concedo, como sua propria;

Sendo certo que durante o tempo que tem mantido relações com a Expedição a meu cargo, se tem mostrado dedicado e submisso, ao que lhe tenho aconselhado no bom exito das instrucções que me foram confiadas pelo Governo de Sua Magestade;

Considerando que ha muito a esperar a bem destes povos, de se estreitarem as relações entre as auctoridades portuguezas e Mona Quissengue;

Entendi por conveniente conceder-lhe a auctorisação pedida, ao mesmo tempo que lhe faço presente da Bandeira, que já em tempo lhe promettera; e que todos respeitem esta auctorisação como feita pelo Governo de Sua Magestade Fidelissima El-Rei de Portugal.

Estação Serpa Pinto, Capello e Ivens, no Caungula de Mataba, margem do Cachimi, affluente do Luembe, 20 de setembro de 1886. — (a) *Henrique Augusto Dias de Carvalho*, ma-

jor do exercito, Chefe da Expedição Portugueza de Muatiânvua.

AUTO

Aos dez dias do mez de Setembro do Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil oitocentos e oitenta e seis, em terras de Caungula de Mataba, na audiencia presidida por Ianvo Muatiânvua eleito, de viagem para a Mussumba no grande largo, que dominava a Estação Portugueza: Serpa Pinto, Capello e Ivens ; a que assistia o Chefe da Expedição Portugueza ao Muatiânvua, o Major Henrique Augusto Dias de Carvalho, e os interpretes Augusto Jayme, Agostinho Alexandre Bezerra, e eu, que este escrevo, Antonio Bezerra de Lisboa; o Caungula de Mataba disse: que tendo conhecimento que com assistencia do Muatiânvua, o seu mais velho Caungula do Mucundo (entre os rios Lôvua e Chicapa) tinha feito um Tratado com Muene Puto, reconhecendo a sua Soberania e pedido a sua protecção; perguntava ao Muatiânvua, que ia tomar posse do Estado se havia alguma duvida, que tambem elle pela sua parte fizesse a mesma declaração e pedido?

O Muatiânvua respondeu que não, e elle uma vez no Estado, confirmaria todos os Tratados que os seus quilolos Muatas, senhores de terras, fizessem com seu pae, o Senhor major, que o mesmo era fazel-as directamente com Muene Puto, porque fôra o proprio Muene Puto que o mandára reatar as antigas relações de amizade com o Muatiânvua e a tomar posse das terras, que voluntariamente fossem cedidas pelos quilolos ao poder de Muene Puto em troca da sua valiosa protecção.

Que elle Muatiânvua approva e tambem espera que a Côrte

approvará essas concessões, por ser o unico meio de manter-se a integridade dos territorios dos Estados de seus avós contra a invasão de extranhos, e de se acabarem as guerras com Quiocos e Lundas, vivendo todos em boa harmonia, como parentes que são.

Então Caungula pediu ao Chefe da Expedição Portugueza que no Tratado feito com o seu maior Caungula o fizesse comprehender a elle, que estava prompto a firmar; e allegou em seu favor, que, mesmo antes de tomar posse do Estado em que o Muatiânvua Muteba o collocára, duas vezes fôra negociar á nossa provincia de Angola, e era muito dedicado aos filhos de Muene Puto, e que todos os negociantes que de lá vinham de sua terra, encontraram sempre franca hospitalidade, e nunca houveram desintelligencias com os seus filhos,

E para que se dê publicidade a estas declarações, e se faça comprehender no Tratado celebrado com Caungula na Estação Luciano Cordeiro, este Caungula, que representa o irmão menor de Caungula, que primeiro foi Senhor de todo o Estado, sob este titulo; determinou o chefe da Expedição que eu Antonio Bezerra de Lisboa, escrevesse este auto, que foi assignado de cruz, depois de interpretado na lingua da Lunda. por Ianvo Muatiânvua eleito, Caungula de Mataba, Muitia Cacheci, Ianvo interprete do Muatiânvua, Muene Casse (representante) e Augusto Jayme, e em seguida foi apresentado ao Chefe da Expedição. — (a) † Ianvo Muatiânvua, † Muata Caungula de Mataba, † Muitia Cachechi, † Ianvo, † Muene Carse, † Augusto Jayme, *Henrique Augusto Dias de Carvalho*, major do exercito embaixador do Governo Portuguez, *Agostinho Alexandre Bezerra*, 2.º interprete; e *Antonio Bezerra de Lisboa*, que o escrevi.

*

* *

A S. Ex.ª o Sr. Ministro

Como esperava, realisou-se, e com exito, a meu contento, neste logar, a reunião dos Potentados quiôcos, e tambem dos quilolos do Muatiânvua, com que eu não contava já.

Pode dizer-se que a nossa Estação Serpa Pinto, Capello e Ivens, estava no centro dos grandes acampamentos lundas e quiôcos, e todos os seus Chefes aqui vinham pedir a intervenção de Muene Puto para a resolução de questões (milonga), umas pendentes, outras que se suscitaram na occasião, cuja origem se deve attribuir a genios mais ou menos irrequietos, agglomeração de gente em terra que lhe era extranha, e ás ambições insacionaveis de alguns.

Durou isto uns quarenta dias, e, felizmente, não houve um conflicto grave entre os diversos grupos que até então se gladiavam, mesmo á mão armada, sendo certo nessas luctas ingloriosas, o engrandecimento dos Quiôcos, em prejuizo e mesmo inutilisação dos pequenos estados, que constituem o do Muatiânvua.

Depois de nós, foi Mona Quissengue o primeiro que chegou com suas forças.

Duvidava-se que este sahisse de seu sitio, não obstante por duas vezes me mandar dizer que vinha ao nosso encontro no Caungula.

Veiu por um caminho a nosso S., passando pelas povoações de seus subditos, onde facilmente encontrava boa hospedagem e sustento para as suas forças, e assim foi até ao Luêmbe, donde communicou por intervenção de Quibeu, grande do seu

Estado, com os principaes de Mataba, Suana Calenga, Cacunco, e seu primo Muene Calênga Ambinji que recebeu as honras de Muatiânvua das mãos do fallecido Muatiânvua Muriba, e donde se originaram as questões com o principal chefe de Mataba, o velho Mucanza, de que resultou ser este assassinado, e a rebellião de Mataba contra os Lundas.

Quissengue, como já disse a V. Ex.ª numa das minhas communicações anteriores, ao tempo que recebia no seu sitio, na margem Itêngo, affluente direito do Chicapa, os portadores que eu e Muatiânvua lhe enviámos da margem do Luachimo, recebia tambem enviados de Calenga Ambinji, com presentes, e pedindo sua protecção para Mataba, se Xa Madiamba, acompanhado por soldados de Muene Puto, fosse como se dizia, levar a guerra a Mataba, para vingar a morte de Mucanza.

Certo Quissengue pelos seus representantes, que vieram cumprimentar-me á Estação Conde de Ficalho, que nunca fôra essa a intenção de Xa Madiamba, mesmo porque eu o não consentia, e tem sido meu trabalho constante conciliar os povos em dissenções que tenho encontrado no meu transito; certo Quissengue disto, aproveitou a occasião de ir primeiro ao Luêmbe fazer valer a sua influencia entre o Muatiânvua e Muene Puto para obter logo presentes dos Calêngas e daquelles saber o que desejavam; porquanto a jornada de Xa Madiamba, depois delle estar no Caungula, não podia deixar de fazer-se por Mataba.

Entretendo relações por alguns dias com aquelles Potentados, mandou-nos participar que se demorava algum tempo na margem do Luêmbe, para nos poder assegurar a obediencia daquelles, e que procurassemos nós alcançar o mesmo com respeito aos Calambas do norte, Xa Nhanvua, Xa Muhongo, e Xa Lunvundo; e contassemos que dois dias depois estava de viagem, para vir ao nosso encontro e lhe designarmos o logar

em que devia acampar, lembrando não ser conveniente estar muito proximo porque seus rapazes eram bulhentos, e era bom evitar conflictos com os Lundas; e a mim particularmente dizia que trazia a faca de Xanama, como me tinha promettido.

Aquelles cumprimentos tinham de ser remunerados, e Xa-Madiamba mandou agradecer ao seu parente ter vindo do seu sitio a chamado do seu bemfeitor e pae, e eu enviei-lhe um portador com uma caixa de musica, que em tempo disséra aos representantes delle, que me procuraram, ter trazido para Mona Quissengue, e lha enviaria, quando elle entregasse a faca a Muene Puto.

De accordo com Xa Madiamba mandei dizer lhe, que, visto a sua lembrança achava mais conveniente que elle fosse acampar a nosso S., do outro lado do rio Cachimi, e a dois kilometros de distancia, recebendo o meu portador ordem de ficar com elle para o acompanhar.

Fui cumprimental-o no dia seguinte ao da sua chegada e recebeu-me vestido com a farda e um bom panno, que lhe mandei em tempo para o Itêngo, e na cabeça um kepe carmezim, ornado com galões dourados.

Quissengue é rapaz, alto, sympathico, e a sua maior ambição é alcançar a amizade de Muene Puto, para ter tudo que usam os brancos, e poder fazer as cousas que estes sabem fazer; nogoceia, e procura o desenvolvimento da sua tribu. É já successor daquelle que foi visitado pelo dr. Buchner.

Os Quiôcos não matam os seus potentados, dizem elles, porque nem os abandonam nas guerras, nem os atraiçoam com as facas como fazem os Lundas; mas os potentados entre si (Muananganas) encarregam-se de fazer desapparecer o que está no poder muito tempo, com os feitiços (com os venenos, dizemos nós, que vem a dar no mesmo).

Diz elle, se Muene Puto mandar para o meu sitio, *negociantes, mestres, um chefe e soldados brancos*, julgo-me muito feliz.

Suprésticioso em extremo, considerado pelos seus subalternos, ainda os de maior cathegoria, como grande feiticeiro; elle mesmo receia ser enfeitiçado pelos parentes mais chegados por causa da inveja.

Devo dizer já que Quissengue hoje não é nome de pessoa, é um titulo do Estado de Quiôcos, como são outros; sendo os principaes, como já disse: Andumbá Tembue, Ambumba, Quiniama, etc.

A minha primeira visita a Quissengue foi de mero cumprimento; porém, elle chegou a dizer que vinha disposto a trabalhar com Muene Puto nos assumptos de que lhe falaram os meus portadores no Itêngo, e sobre que comigo conversaram os seus representantes na Estação Conde de Ficalho: a nossa passagem por Mataba sem necessidade de empregar a força, e chamar os potentados á obediencia do Muatiânvua, a cujo Estado pertencem; a segurança dos caminhos para os negociantes; o resgate da faca do Muatiânvua Ambumba (Xanama) para por uma vez se pôr termo ás dissenções e luctas entre os povos parentes, Lundas, Quiôcos e Bangalas.

Aproveitei logo o ensejo de lhe dizer: que eram esses assumptos importantes, e lhe pedia para os discutirmos em particular com os seus velhos conselheiros, e só depois os apresentar ao seu povo, como era uso delles, para evitarmos confusões e gritarias, a que eu não me podia acostumar, e chegarmos a um fim em poucos dias, porque as delongas não convinha, nem a elle, nem a mim, e mesmo porque muitos rapazes juntos não era bom.

Ficou logo assente que no dia 25 (agosto) dava-lhe o immediato ao da minha visita para descançar; começariamos a tra-

balhar; sendo a primeira questão a da faca, pois só resolvida esta, podiam os Lundas desaffrontadamente dar a sua opinião sobre as outras.

No dia seguinte começaram a chegar outros potentados quiocos com suas forças: Miocoto, Muana Muene, Quibongue, Candala e outros da margem do Luana; e da Lunda, Bungulo Cambombo, o representante de Muene Luhanda, Moansansa, Mona Dinhinga etc; aos quaes se determinaram logares, para os seus acampamentos, desviando-os do centro em que estavamos, Muatiânvua nós e Caungula potentado da terra, que se conservou na sua quipanga.

Da disposição dos nossos acampamentos fiz um croquis que junto.

Em 25 de manhã começaram as nossas entrevistas affasta das do acampamento de Quissengue e á sombra duma grande arvore, logar por elle escolhido e como é da praxe.

Quissengue só uma vez de noute e escura, foi ao meu acampamento visitar-me por que os seus receavam elle fosse visto pelos Lundas que o podiam enfeitiçar. Esteve na minha barraca de modo que não podesse ser visto de fora e muito satisfeito conversava comnosco; refiro-me tambem aos meus collegas que desejou conhecer.

Muitas vezes me dizia e tambem me mandava dizer que nos dias em que não lhe apparecia tinha elle muita vontade dir ter comigo; porém que os seus velhos não queriam elle fosse visto pelos Lundas e por isso não vinha.

Neste dia ficou assente que a faca pertencia a Muene Puto; porem como já não era possivel eu satisfazer ao pedido de fazendas que elle me fez do Itêngo visto a muita despeza que Muene Puto fizera dentão para cá; era necessario eu pozesse alguma cousa, o que fosse da minha vontade, por mais insignificante que fosse, no logar em que estava a faca, para

ella poder sahir, sendo necessario que os velhos conversassem com o espirito de Ambumba que a dera aos seus antecessores (2.º) e consultarem os seus idolos.

Repeti lhe que eu pouco lhe podia dar; não tinha fazenda nem missanga nem polvora, artigos que eu sei elle mais estimava; e do que lhe desse tambem não podia repartir com os seus quilolos. Eram cousas que usavam os brancos e só podia servir para uso delle, que era possivel satisfazer deste modo em parte ao seu pedido do Itêngo.

Tudo que o sr. major me mande, é de Muene Puto e eu acceito de bom grado, seja o que fôr.

Combinado isto convidou-me a beber márra com elle, o que se fez sem o cerimonial que usam os Lundas a não ser taparse emquanto bebe; porém fala quem quer.

Quando me retirei chamou o meu interprete para me entregar uma cabra; que eu logo agradeci.

Tratei de arranjar o presente que devia levar-lhe no dia seguinte para ir tomar o logar da faca. Um bahu mala (grande), farda calça e colete de artilheria, capacete do Regimento do Ultramar com os competentes cordões de official, charlateiras, canana, cinto telim e espada de official, dois lenços de seda carmesim, dois ditos xadrez azul, amarello e preto, vinte e quatro ditos de fazenda (duas peças) duas peças de zuarte, oito jardas de chita, cincoenta fios de missanga grossa Maria 2.ª, cinco de coraes finos, um revolver de fogo central com os competentes porte e bolsa e duzentos e cincoenta cargas, uma espingarda de dois canos de espolêta e mil e quinhentas espolêtas, uma lata de polvora fina, cem balas, quarenta fios de contaria grossa, branca, e vinte braças de arame fino.

Parti no dia seguinte com tudo dentro da mala e lá fomos para o sitio da vespera onde elle esteve sentado examinando tudo muito á sua vontade e até a mala como se abria e fechava;

vestindo e despindo a roupa, armando e desarmando o revolver, disparando este e a arma,—mostrando-se muito satisfeito com tudo.

Fechada a mala, guardou a chave e mandou que seus rapazes a levassem para a sua residencia e disse: hoje á noute o que me trouxe vai ser collocado junto com a faca e nós vamos esfregarmo-nos com a pemba e fallarmos aos idolos.

Agora é preciso que Xa Madiamba pague os emolumentos do fim da demanda o que é de praxe, para lhe mandarmos a pemba e não mais se fallar em tal questão.

Deve lembrar-se-lhe disse, que Xa Madiamba, ainda não está no Estado e pouco pode agora pagar e como o meu amigo diz acompanhar-nos talvez fosse mais conveniente assentarmos no que elle deve pagar, mas quando entre no logar para que o chamam.

Não pode ser me responde, deve tudo concluir-se agora e eu tambem não peço muito. Elle sabe que por duas vezes já sahiu da Mussumba a meu pedido porque eu não quero mal aos meus parentes, os resgates para esta faca, e da ultima vez Muriba enviou a Mncanza (o que mataram) duas pontas de marfim de lei e vinte escravos e ficou com tudo.

Recebeu Xa Madiamba, que lhe trouxeram os que vieram da Mussumba duas pontas de lei e trinta escravos e até me dizem para resgatar esta faca. Elle que me dê uma ponta e vinte escravos.

O meu amigo está mal informado Xa Madiamba não recebeu ponta de marfim alguma; uma ficou o seu subalterno Xa Cambunji com ella, dizendo ser o resgaste de Cahunza, que por Quibeu foi mandado apresentar a Mona Dinhinga, que está acampado no sitio daquelle, e em quanto aos escravos não chegou tal conta á mão de Xa Madiamba e este, recusa portanto o seu pedido.

Depois de muito discutirmos ficou a cousa em doze escravos, e que no dia seguinte, fechar-se-hia a questão. Foram o Suana Mulopo e outros quilolos do Muatiânvua, dizer a este o que se havia passado e pedir-lhe que se reunissem os quilolos para lhe dar parte da altura da questão e todos concorrerem para os emolumentos que devia mandar entregar por seu Suana Mulopo a Qnissengue.

Assim se fez, pedindo-me elle para estar presente com Quissengue quando sua gente fosse, no que não tive duvida.

Quando no dia immediato chegamos ao acampamento de Quissengue, elle tinha mandado esperar os Lundas fóra do acampamento; estava vestindo se com o seu novo uniforme, e pediu logo para eu ir ter com elle, e lá o ataviei com todos os matadores que quiz pôr em cima si, cinto, espada e revolver tudo por cima da farda, para se vêr bem e duas pontas do lenço de seda a sahirem por entre os botões da farda.

A farda e as calças, feitas de proposito não ficavam melhores, e de tal modo o enfeitavam, que não parecia um gentio. Depois de prompto olha para os pés e diz-me: Isto é o que falta. — Não posso agora servil-o por que o seu pé é muito grande; mas como quer mandar seus filhos acompanhar-me com negocio a Malanje, não me esquecerei de lhe mandar essa lembrança.

Era tempo de sahirmos para a arêna, onde ia ter logar a recepção dos Lundas e devia ter fim a questão da faca. As nossas cadeiras já lá estavam no seu logar, a minha á direita.

Como de costume, primeiro que Mona Quissengue chegue fóra, gritaria, tiros, musicata de pancadaria, um inferno; e desta vez a demora maior, porque não devia sentar-se sem que lhe fosse entregue um muléque.

Suana Mulopo, mandou entregar-lhe o muléque e então Quissengue, entra na grande roda feita pelos seus, e convida-

me para eu ir sentar-me ao seu lado, fazendo chamar os quilolos da Lunda que se postaram na nossa frente, sentando-se em chão razo, receando que podesse haver algum conflicto caso se sentassem em pelles o que nem todos podiam fazel-o na presença do Muatiânvua.

Falaram então os velhos (quatro) seguindo a ordem herarchica entre elles conselheiros de Mona Quissengue, sendo o fim principal mostrarem : que só a Muene Puto, se podia entregar aquella faca, porquanto com ella tem elles adquirido mulheres e comida nas terras dos quilolos do Muatiânvua onde vão ; preferiam estes dar-lhes esses milambos (presentes no caso sujeito extorsões) a perderem suas vidas ; pois bem sabiam que Xanama entregara aquella faca a Quissengue, para este fazer matar todos os quilolos da Lunda, e se viviam ainda, era isso devido á generosidade dos Quissengues que antes os queriam vivos como seus quilolos, pagando-lhes os tributos que deviam dar ao Muatiânvua, do que fazel-os matar segundo as recommendações do mesmo Xanama (Muatiânvua Ambumba).

A faca na verdade é de interesse de nós todos que ficásse em poder de Mona Quissengue, não obstante ser este e seus antecessores os que menos teem lucrado em conserval-a no seu poder, e que elle mais de uma vez o tem mandado dizer ao Muatiânvua e pedir-lhe que a resgate.

Custa-nos muito que a faca seja entregue, não o podemos negar ; até agora os Lundas, com receios della, sujeitam-se a darnos de comer e raparigas, e não nos roubam como o faziam dantes ; nós somos seus parentes, e nossos paes filhos de Na Cabamba, parente de Lueji de Conti, não deviam ter sido maltratados como o foram pelos filhos de Muatiânvua.

Vae a faca para o poder de Muene Puto porque Mona Quissengue, assim o disse já ; e elle tem uma só palavra, não é

como os Lundas que dizem agora uma cousa e logo dizem outra, porém se Muene Puto, já pagou o resgate combinado, o Muatiânvua deve lembrar-se dos prejuizos que temos tido e vamos ter. Da Mussumba, já por duas vezes mandaram o resgate desta faca e nunca chegou ás mãos de Mona Quissengue.

Ultimamente Mucanza, recebera duas pontas de marfim e vinte escravos, e tudo comeu, dizendo: que não receava de nós e por isso foi morto. As pontas foram negociadas no Cuango e o Cacuáta, que foi encarregado desta negociação, voltou com essa fazenda que entregou ao Muatiânvua com quem está. E' preciso pois que o Muatiânvua nos mande uma ponta de marfim e ainda assim, repetimos, nos custa a entregar a faca.

Hontem á noite depois de sahir daqui o Senhor major, estivemos em conselho com Mona Quissengue e até muito tarde; e muitos de nós lembraram-se que, entregue a faca, voltaremos ao tempo antigo. Agora senhores de si, hão de querer os Lundas exercer vinganças sobre os nossos, roubando-nos as mulheres que nos deram ou de vontade ou em pagamento de milongas; e nos farão exigencias, até que nos corram das nossas terras.

Aqui eu interrompi o que falava: não são esses os intuitos de Muatiânvua, nem tão pouco eu estou trabalhando para esse fim; o que se quer é uma boa paz; acabar as guerras e os roubos, e ninguem ha de sahir de suas terras; todos procurarão conservar os caminhos limpos para virem negociantes das terras de Muene Puto trazer-lhes a fazenda, polvora e armas de que todos precisam em troca do negocio que poderem arranjar e elles procurem.

Se os Lundas agora forem os primeiros a levantarem questões com os Quiocos seus parentes e a promoverem desordens, Muene Puto que resgatou a faca para acabarem essas

contendas e serem todos amigos, virá então castigar os da Lunda.

Que seja essa a vontade de Muene Puto, nós acreditamos; porém conhecemos bem os nossos parentes da Lunda e sabemos que para uma cousa teem sempre duas palavras.

Ainda falaram outros, lembrando a Mona Quissengue, um certo numero de exigencias que devia fazer para entregar a faca, principiando por sustentarem que elles eram prejudicados e esta se não devia entregar.

Mona Quissengue fala por si e por seus antecessores: que não fizeram della o uso que Muatiânvua Ambumba queria que elles fizessem; e como os quilolos deviam todos morrer, prefeririam tel-os por seus e delles cobrar tributos que deviam pagar ao Muatiânvua; sabia bem que os Quiocos teem abusado muito de estar esta faca em seu poder e por isso lhes custava saber que ella vae ser entregue a Muene Puto; porém elle Quissengue prefere o socego das suas terras e a amizade de Muene Puto, para que seus filhos vão negociar ao sitio delle e ensinar os seus filhos; chegando ao Luembe o informaram (volta á questão) de que seu irmão Xa Madiamba recebera da Mussumba duas pontas de marfim, ora, como os seus quilolos precisam de ter quinhão no resgate e Muene Puto não lhes pode dar fazendas pelo que tem despendido com os Lundas que sem motivo justificado aconselharam o Muatiânvua a repartir com os Quiocos que vinham cumprimental-o na sua passagem; por isso não é muito que a elle Quissengue lhes dê uma das pontas.

Suana Mulopo e outros da Lunda, responderam que Muatiânvua, não tinha recebido ponta alguma, porém que estivesse certo o seu parente Quissengue, que elle entrando no Estado não esqueceria os serviços que lhe tem prestado e decerto lhe enviaria mesmo mais duma ponta.

Eu reforcei os argumentos, dizendo-lhe o que na vespera tinha já dito a tal respeito, e lembrando-lhe que nas nossas entrevistas, nunca se fizera questão dos dentes de marfim; a conclusão estava só sobre o numero de escravos que os Lundas lhe traziam.

Os conselheiros regeitaram quatro mulheres velhas e feias, Quissengue determinou que fossem os emissarios dizer ao Muatiânvua que lhe mandasse outras e mais duas; e que podiam retirar já porque a faca a levaria o seu pae Muene Puto.

Retiraram aquelles, e só depois do sol posto é que me foi entregue a faca para não ser vista pelos rapazes e sem bainha. Ainda assim, não fiz questão porque tambem havia a troca das mulheres.

Os Lundas haviam chegado uma hora antes de mim, e esmorecidos porque eu uma das vezes zanguei-me com os Quiocos por faltarem ao que estava combinado, foram dizer ao Muatiânvua, que eu estava muito zangado e receavam que eu fizesse guerra com a gente de Quissengue, e isto era mau para todos.

Houve noticia que eu vinha com a faca, e os meus que me esperavam na margem do rio, quando eu passei dispararam as suas armas em signal de alegria. Soube-se isto nos acampamentos do Muatiânvua, e este sahiu fóra e fez chamar todos os quilolos para me receberem e agradecerem.

A satisfação era geral; houveram tiros, os taes saltos e muitos agradecimentos porque tinha Muene Puto resgatado a Lunda do poder dos Quiocos.

Houveram seus discursos apropriados, a alguns dos quaes tive de responder, recommendando-lhes agora juizo e que todos tratassem de promover o bem da sua terra e acabassem com as questões com os seus parentes.

Era tarde, e eu ainda não tinha comido, por isso os deixei já em danças e cantigas.

Antes de proseguir, não devo deixar de mencionar o dito dum Quioco, quando ouviu a decisão de Mona Quissengue: «Então já não podemos roubar os da Lunda, que havemos de fazer agora?»

Como todos se rissem e logo me fosse dito o que se passava, aproveitei occasião de dar bons conselhos aos Quiocos, mostrando que por causa de assim pensarem muitos, é que tem havido tantos roubos e mortes, e essas razzias continuadas ás povoações, que teem affugentado os negociantes do caminho de cima e agora se não viesse Muene Puto, tambem os affugentariam deste caminho.

Fiz-lhe ver que em toda esta viagem, tem sido meu trabalho continuado, harmonisar os povos em lucta e procurar se não recuse justiça a quem a ella tenha direito, fazendo-lhes restituir roubos; e que neste empenho felizmente, agora encontrava o meu amigo Mona Quissengue.

Segundo elles Quiocos e Lundas, resgatou a sua independencia a Lunda no dia 1.º de setembro do corrente anno, pois foi nesse dia que Muene Puto lhes entregou a faca completa, procedendo-se em seguida á cerimonia do estylo, morte duma cabra dividida pelos tres: Muene Puto, Quissengue e Muatiânvua o que se chama comerem juntos como bons amigos e foi entregue a Xa Madiamba pelos representantes de Quissengue a ampêmba, que elle depois repartiu por todos os seus quilolos para esfregarem o corpo, riscando os Quiocos, como é do seu uso, a boca com a ampêmba, signal de que não mais se fala na questão da faca e das muitas mortes e roubos de que foi causa.

Mas não foi Ex.^mo^ Sr. sem grande lucta da palavra que se acabou esta questão, havendo muitas exigencias a algumas das quaes tive de ceder por serem de méros caprichos como por exemplo: a insistencia dos de Mona Quissengue pelo dente de

marfim era para o dar ao seu amigo Sr. major, não a queria para outro fim. Sabendo deste facto logo depois da troca das mulheres disse a Mona Quissengue, marquemos o dia para se dar a *ampêmba* á gente da Lunda.

Aquelle respondeu ainda haver duvidas entre os velhos, porque queriam que o Muatiânvua lhes désse um dente de marfim.

Bem, lhe disse, acabemos a questão; o seu parente Mona Congolo está no meu acampamento, chegou hontem e a elle dei eu a guardar uma ponta de marfim na sua residencia, portanto venham os seus velhos pela manhã com a ampêmba e eu direi a Mona Congolo para mandar entregar o dente aos portadores que forem ao sitio delle e no entanto pode dar-se a ampêmba ao Muatiânvua para a repartir pelos quilolos. Ficou combinado, mas a bainha ainda não veio desta vez.

Na manhã seguinte veiu a embaixada de Quissengue com cinco velhos que traziam já a bandeira portugueza e comitiva ao meu acompamento para irem comigo ao Muatiânvua. Chamei Mona Congolo e dei-lhe ordem para fazer entregar o dente de marfim aos portadores de Mona Quissengue, e logo em seguida o mais velho lhe diz: «Mona Quissengue não manda buscar esse dente, porque o entrega a Mona Congolo para o dar a seu amigo o sr. major quando elle o mande buscar. Não é já a gente da Lunda que deu esse dente a Muene Puto é Mona Quissengue que lho dá de boa vontade.

A bainha foi-me entregue em seguida e assim terminou pois a magna questão!

Como depois da entrega da faca em audiencia do dia 10 de setembro, Caungula pedisse ao Muatiânvua, para lhe permittir que no tratado que seu irmão mais velho celebrára com o sr. major, fosse o seu estado tambem incluido, determinei que nesta mesma audiencia, o 1.º interprete Antonio Bezerra de Lisboa, levantasse um auto dessa declaração que a esta reuno.

. . . .

Em todas estas entrevistas, me falava Quissengue em se não fazer guerra a Mataba e fazermos seguir o Muatiânvua pelo caminho indicado por Ambinji, afim de evitar que a gente que o acompanhava fosse roubar as lavras que eram quasi todas novas, e raparigas, estando elle e Cacunco promptos a entregarem Muari Massango (a mulher do fallecido Mucanza) e toda a gente que lhe pertencia e estava ainda no sitio delles.

E como eu sempre lhe falasse, que nunca tive tenção dir auxiliar guerras, fosse contra quem fosse e antes era meu empenho restabelecer a harmonia entre inimigos e mesmo por meus conselhos Xa Madiamba não as podia ordenar, por isso que ainda não tinha poderes para isso; combinou então Quissengue fazer despachar os acampamentos de Quiocos que estavam em redor de nós, ficando elle de nos mandar acompanhar com uma pequena força até ao Calanhi.

A's duas horas da noute houve reunião de potentados quiocos no acampamento de Quissengue para esse fim e isto deu logar a grandes sustos entre os Lundas, pelo que ás quatro horas da madrugada me chamou Xa Madiamba, dizendo ter sido prevenido que Quissengue lhe queria fazer guerra.

Por mais que eu explicasse o que se passava, não socegaram.

Toca o *mondo* a reunir armas. Quissengue de lá ouve, e ás sete da manhã vieram portadores delle dizer-me que Quissengue fôra prevenido que Xa Madiamba queria intrigar com elle e que de madrugada ouvira chamar ás armas, por isso me pedia como amigo lhe mandasse dizer a verdade.

— Diga a Mona Quissengue que esteja descançado; são tudo mentiras; — lá irei hoje; foi a minha resposta. Fui socegal-o mais tarde e levar-lhe uma moeda de cinco mil réis em ouro, que elle muito desejava possuir e lhe havia promettido.

O Muatiânvua não dava ordem de marcha e Quissengue

esperava portadores que tinha para Mataba, e todos os dias que se seguiram até ao fim do mez, era continuado o desassocego entre Lundas e Quiocos e tive de entrevir em muitas questões, as quaes felizmente decidi a contento de ambas as partes.

....

Foi depois de ter contribuido por varias vezes para as pazes entre Lundas e Quiocos, que Quissengue, seus dois irmãos e tres dos conselheiros mais importantes me falaram em reconhecer a Soberania de Portugal e declararam-se promptos a firmar uma mucanda (Tratado) pelo qual Muene Puto ficasse sabendo que elles como os Lundas, muito estimavam mandasse occupar com auctoridades e forças suas, as terras da Lunda, mas que desejavam ser contemplados nas suas povoações com quibangos (feitorias) mestres de officios, um chefe e soldados o foi em virtude disto que celebrei no dia 2 de setembro o Tratado que esta communicação acompanha.

Principiaram a retirar alguns Quiocos, e um dia diz-me Mona Quissengue que recebera recado de casa para lá ir, porquanto seu visinho Mona Muquixi por causa de feiticeiras fôra com sua gente queimar uma povoação delle Quissengue.

Não podia deixar de retirar immediatamente, e ficaria um representante seu com uma força, para no caso que precisasse de seus serviços me entender com elle.

Depois, começou a desconfiança da gente da Lunda, porque Quissengue não levantava, e tanto este como Muatiânvua estavam a enviar portadores a Mataba para receberem milambos, e do que resultou por duas vezes eu receber directamente um enviado de Ambinji e Cacunco, contando-me as exigencias que sob diversos pretextos um e outro estavam fazendo; e pedindo a Muene Puto que resgatou a faca da mão de Quissengue e tem trabalhado para concertar os caminhos e as terras

da Lunda, que pozesse fóra Quissengue e fizesse avançar o Muatiânvua pelo caminho já indicado.

Tambem para fazer sahir Quissengue tive trabalho, porque elle me dizia: estou demorado esperando os meus portadores, pois espero me tragam Muari Massango que quero entregal-a a meu parente Xa Madiamba como prometti, bem como os filhos (sobrinhos de Mucanza.)

Não queriam os de Mataba entregal-a, allegando que era esta a sua grande testemunha que os deffenderia para com o Muatiânvua e quilolos da Lunda porque não foram elles que ordenaram a morte de Mucanza e sim veio essa ordem em boca de Cahunza, filho de Muatiânvua a qual lhe fôra dada por Muriba.

Soube depois, mais tarde, que Cahunza, assim procedera de accordo com Quissengue, e havia conveniencia deste portanto em resgatar a mulher, mas para si, e não para Xa Madiamba; e de certo ella desappareceria, como algumas pessoas que se dizem foram remettidas para o Muatiânvua e pertenciam a Mucanza; e só Quissengue sabia onde paravam.

Caungula, que via desapparecer de dia para dia as suas lavras e sabia por portadores seus e de Mataba que não havia já inconveniente em passar Xa Madiamba até ao Cassai; e contrariado por não se satisfazer á vontade dos outros potentados seus amigos (Calambas) do norte em se fazer guerra a seu visinho Xa Muhongo, declara ao Muatiânvua que estava prompto a acompanhal-o até ao Cassai visto as boas respostas de seus companheiros Ambinji e Cacunco; porém que era preciso despachar Quissengue pois não podia deixar o seu sitio com aquelle hospede que parecia esperar a sua sahida para dar um saque no que lhe pertencia.

Aqui volto eu a nova lucta para se conciliar as cousas de modo a podermos marchar.

Em fim Quissengue pede ao Muatiânvua que o despache,

lhe dê alguma cousa, foi uma questão de mais quatro escravos, e mandou dizer-lhe que ia partir e lhe deixava um representante com seus filhos para o acompanhar e o previnir se algum quilolo delle no Cassai continuar com suas correrias aos Lundas e lhes fizer exigencias, lhes dar castigo sevéro; porquanto elles ficaram amigos e aquelles quilolos já são sabedores que a faca foi entregue.

Parecia pois decidida a nossa questão de partida quando chegaram os portadores que do Chibango se mandaram a Muxidi, filho de Xanama que fez a guerra a Muriba com Quiocos, Luênas e outros, com um portador deste e outros de Xa Cambunji e Muene Luhanda dois quilolos grandes do Muatiânvua a sul nas margens do Cassai e Chiumbue.

As noticias que estes traziam, as verdadeiras foi sempre um mysterio e o que se dizia em publico não concordava com os boatos que se espalhavam e de dia para dia muito diversos.

Porém, devo dizer a V. Ex.ª que sobre esses boatos tive entrevistas particulares com o Muatiânvua e os seus velhos, em que foram ouvidos os portadores e em que pelo facto de se não dizer tudo, me dava a margem necessaria para eu não dar credito ao que se dizia e desconfiar de haver trapaças insinuadas por Muitia, o conselheiro especial do Muatiânvua, o qual mais tarde me disse a verdade para se justificar e me serviu de base para determinar uma resolução definitiva.

As verdadeiras noticias recebe-as o Muitia e o Muatiânvua, porém actualmente já enganam o Muatiânvua se nisso ha conveniencia, e depois é preparado o que se ha de dizer em publico pelo Muitia; portanto tratando-se da nossa partida, disse-me Muitia é bom ouvirmos o portador de Xa Cambunji que não pode falar na presença de Muxidi.

Este homem velho e amigo antigo de Xa Madiamba o fazia prevenir que não era bom entrar elle agora no Estado, e se

não quizesse ir para traz, fosse acampar na terra delle e deixasse ir para o Estado Muxidi primeiro, porque se agora elle dizia: que seu tio é que devia tomar conta do Estado, de certo lhe iria dar muito trabalho, pois continuaria com as suas maluquices a estragar as terras. Elle estava na dependencia dos Quiocos que fizeram a guerra a Muriba e a quem não podia pagar as dividas de muitas vidas de Quiocos que se perderam nessa guerra e aquelles já o estavam apoquentando pelo pagamento.

Havia nesta noticia um tanto de verdade, porém é certo que outros boatos a destruiram, como por exemplo Muxidi querer apanhar Xa Madiamba do outro lado do Cassai, para o comprometter a resgatal-o do poder dos Quiocos, que estavam no Tênga em terras de Xa Cambunji.

Quissengue, sabedor das noticias que chegaram, preveniu-me que não consentisse que Xa Madiamba fosse ao Tênga, pois se assim o aconselharam era uma traição que lhe faziam.

Caungula tambem se oppôe dizendo que ninguem impede a passagem do Muatiânvua por Mataba, e que é este o caminho mais direito.

Novos portadores são enviados a Mataba para se conhecer se ha algumas noticias com respeito a Muxidi ou de quaesquer movimentos de Quiocos.

Chegaram portadores de Mona Dinhinga, dizendo ao Muatiânvua que as chuvas tinham principiado e tanto elle como os da côrte desejavam saber se elle tinha ainda demora porque então tratavam de regressar a seus sitios para começar a lavrar, pois os Quiocos na sua passagem tudo tinham destruido.

Caungula tambem insiste pela marcha, porque quer fazer lavras novas, visto haverem-se consumido as que tinha.

As nossas circumstancias são más, porque o pouco que para aqui trouxemos, está consumido. O nosso regresso tem de

ser feito á custa de nossas roupas particulares, o que mal póde chegar para todos.

Ir para deante é interesse de todos, e portanto fui ter com Mona Quissengue, fazendo-lhe ver que o Muatiânvua aguardava a partida delle, para poder seguir e vae pelo caminho combinado com os de Mataba.

Mona Quissengue despediu-se no dia seguinte de mim e de facto partiu no outro.

Os portadores de Mataba trouxeram boas noticias e deu-se ordem para se tratar de arranjar alguns mantimentos para o caminho, marcando-se os principios de outubro para marcharmos, por ser necessario para elles que apparecesse a lua nova (27 de setembro).

Já são distantes as lavras, onde encontrar mandiocas, dois dias de viagem para NW, é preciso dar tempo a arranjar mantimentos; no entanto decorreram oito dias de novos pretextos, e volta á scena a questão de fazer guerra a Xa Muhongo; apanhar a gente que lá está de Mucanza, e fazer o caminho por as terras daquelle por ser mais curto, haver muita chuva e depois destes outros e outros pretextos: como o de que Ambinji e Cocunco diziam vir buscar o Muatiânvua e trazer-lhe os milambos; de que Muxidi nos esperava no Cassai com uma guerra, etc.

Depois de tudo isto poderei asseverar a V. Ex.ª que partiremos até 10? Não.

Em todo caso eu continuo trabalhando para esse fim. A maior parte da minha gente está fóra colhendo mandioca e fazendo farinha e outros procuram caça e tambem grande parte da gente Muatiânvua está espalhada com o mesmo fim. Veremos quando todos chegarem que estorvos mais se apresentam.

Estou já muito cançado e desanimado com tudo isto, todavia asseguro a V. Ex.ª que se trabalha e bem, e os meus col-

legas apesar de doentes e de muito contrariados e com desejos de retirar desde abril passado, como por vezes já o teem demonstrado ao proprio Muatiânvua, continuam fazendo avolumar as collecções dos serviços especiaes a seus cargos.

Logo que cheguei a esta Estação expedi dois portadores á Estação Luciano Cordeiro a vêr se tinham alguma noticia de recursos que pedi para Malanje ou determinados pelo Governo ou por minha conta particular; e como chegassem ha dias, trazendo-me apenas noticias de verem passar mais uma grande Expedição para o Lubuco por conta dos Allemães e nem sequer encontraram uma pequena comitiva para nos cederem a sua factura, de novo despacho outros dois, que irão até Malanje; pois a nossa situação é muito má com respeito a recursos.

E tal é o meu desgosto por este facto e tão fatigado estou com as questões diarias que constituem a politica destes povos, que nem sei como tenho escripto esta communicação, na qual, nem dou conhecimento doutros assumptos como costumo, com respeito ao interesse da sciencia, o que V. Ex.ª de certo me desculpará. — Deus Guarde a V. Ex.ª — Estação Serpa Pinto, Capello e Ivens, 1.º de outubro de 1886. — Ill.mo e Ex.mo Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negoctos de Marinha e Ultramar. — (a) O Chefe da Expedição. *Henrique Augusto Dias de Carvalho*, major do exercito.

A S. Ex.ª o Sr. Ministro

. . . .

Resgatada a faca do Muatiânvua Ambumba (Muteba Noéji) vulgo Xanama, para a qual tive de recorrer a um emprestimo no valor de 170$000 réis que se não fôr da approvação do Governo de Sua Magestade de bom grado será pago a expensas

minhas; — assegurada a passagem do Muatiânvua por Mataba que a côrte chamou e toda a Lunda e Quiocos já reconheciam e com taes honras o tratavam; — e havendo chegado os ultimos portadores que se esperavam de Muxidi (do Tênga em terras de Xa Cambunji ao sul do Cassai) que promovera a guerra ao ultimo Muatiânvua, o Muriba, de que resultou ser morto no terceiro combate dos Luênas e Quiocos do sul: parecia que nada mais havia a esperar e tratava-se de proseguirmos nossa viagem.

Estes portadores apresentaram-se com um enviado do mesmo Muxidi e outro de Xa Cambunji, trazendo presentes de seus amos para Chibuinza Ianvo, que se congratulavam por elle, annuindo ao pedido dos quilolos da Mussumba, se dispôr a tomar posse do espinhoso cargo do Muatiânvua e sollicitavam-lhe que mudasse de itinerario: em vez dir por Mataba, se dirigisse ás terras de Xa Cambunje.

Houve divergencias com respeito ao caminho a seguir e por isto alvitres e resoluções a tomar, no que decorreu tempo em discussões, sempre longas entre estes povos e em que se levantam infelizmente pendencias, offendendo-se melindres de terceiros e mesmo de extranhos, pelas desconfianças em que estes povos vivem sempre querendo julgar uns dos outros por apparencias.

Na maior parte dos casos não entra nem a rasão nem o bom senso, o que dá logar a um enredo de mentiras, em cuja teia por tal fórma se embrenha o que ha de mais singelo, que não só o que faz parte da politica dos Estados como ainda o que é do ramerrão, do costume, o mais trivial, tudo emfim mesmo as conversas cazeiras de familia, as curtas e simples phrases em troca de cumprimentos diarios entre amigos, é um dedálo, uma cousa mysteriosa, o que se deu na occasião a que me reporto.

Com o decorrer do tempo desvendou-se o que tão complicado e mysterioso se apresentou então, reconhecia-se que era simples, um entrave facil a desmoronar entre outros povos em que não imperasse os feitiços e as superstições como V. Ex.ª vai conhecer pelos factos que irei narrando segundo a ordem por que se deram.

Havia alguns interessados (os que perderam os parentes e escravos com a morte de Mucanza, governador de Mataba) em que se passasse pelas terras de Angueji de Muiamba (Mataba) entrando pelas do Calamba Xa Muhongo, tratando este como rebelde, e se lhe fizesse um sequestro de toda a gente entre a qual se achavam os pretendidos parentes e escravos; e contava-se com o apoio de Xa Nhanvua e de Xa Lunvundo dois Calambas visinhos parentes e tambem de Caungula, senhor das terras em que estavamos.

Neste intento se me mostrou muitas vezes favoravel o Caungula a pretexto de que era elle um mau visinho, muito ladrão, e que os incommodava porque o temiam.

É certo que Xa Muhongo, tem roubado muitos commerciantes quando regressam com seus negocios.

Eram aquelles apoiados por os que, conhecendo os caminhos diziam: pelo caminho que nos aponta Suana Calenga (Cacunco) e Ambinji (Munua Méma) e acceitaram Mona Quissengue, Caungula e o sr. major, — foram as lavras desvastadas pelos Quiocos e vamos passar muitas fomes, emquanto que por ali até Muene Massáca no Caunguéji, ha abundancia de mantimentos e daquelle sitio ao Calanhi são tres dias de viagem, o que depois reconheci, não era verdade.

Outros iam mais longe, que se devia ir por ali — porém primeiro, deviam ir os Calálas adeante com uma guerra, ficando acampado no Caungula, Muene Puto e Muatiânvua, até serem prevenidos que o caminho estava limpo.

No entanto Quissengue que estava a par destas discussões, permanecia no seu acampamento e em relações continuadas comigo, empenhava-se que eu não mudasse de opinião: de que se não fizesse guerra a Mataba e seguiriamos pelo caminho indicado por Ambinji e Calênga que já estavam mandando ao Muatiânvua os seus milambos, tributos de obediencia; e seguro Quissengue do que eu lhe affirmava, aproveitava o tempo em mandar seus aviados, áquelles e outros potentados do norte, fazendo conhecer os seus bons serviços junto de Muene Puto e Muatiânvua para lhe serem retribuidos.

Eu insistia em aconselhar a todos, que levantassemos e seguissemos pelo caminho ajustado com Quissengue; não podiamos estar ali mais tempo porque os mantimentos estavam acabados e declarando peremptoriamente que a Expedição não iria pelo caminho que queriam porque não apoiava guerras fosse a quem fosse, nem protegia roubos que era o que tinham em vista os que mal aconselhavam o Muatiânvua a não annuir ao pedido de Ambinji e Calênga de quem estava comendo já milambos,

Convenceu-se o Muatiânvua que não podia alterar o que estava combinado e informado pelo Caungula de que seus collegas o iriam acompanhar até ao Cassai e elle mesmo Caungula tambem estava disposto, a ir até aquelle rio com as suas armas á frente do Muatiânvua como seu primeiro Calála, resolveu-se que o caminho seria o indicado.

Isto desgostou os que queriam a pilhagem, sendo pretexto vingar-se a morte do velho Mucanza (um outro refinadissimo ladrão de negociantes, mas de alta cathegoria) e os dias decorriam com apparencias de inacção; mas tramava-se ás occultas contra os homens que o Muatiânvua tinha de attender; e o peor que podiam fazer era ir adiando a partida, inventando pretextos.

Os meus collegas que já em Abril mostraram desejos de retirar por que suas saudes estavam bastante deterioradas, já pela influencia do clima já pela falta de commodidades e muito principalmente pela difficiente alimentação, pois estavamos sugeitos apenas aos escassos recursos que havia e esses mesmo vinham de muito longe trazidos pelos Quiocos; mais doentes e esmorecidos com as delongas, não podiam proseguir; era indispensavel que eu os fizesse regressar com o grosso da Expedição.

Succediam-se a pretextos, novos pretextos para addiar a partida e mais tarde quando eu suppunha ter desviado as difficuldades, como V. Ex.ª verá, outras de uma ordem superior, e que eu não podia esperar, surgem e em tal occasião, que todos os meios que eu empregasse para as sanar, seriam infructiferos.

Além de intempestiva, a lucta seria impossivel na occasião.

E eu creio ser possivel reagir contra as suprestições e desconfianças de povos tão atrasados como estes, mas quanto tempo de contacto não será preciso ter com elles? e de que grande paciencia e força de vontade não devem ser dotados os que se dediquem a tão generosa como sublime missão?

Resolvido que os meus collegas podiam retirar em 16 de Outubro, entenderam elles, em meados de Setembro, participal-o ao Muatiânvua e este veiu no dia seguinte, acompanhado dos seus mais intimos pedir-lhes que addiassem a sua partida para mais tarde porquanto era uma questão de mais dez dias de demora ali no Caungula em que só esperava umas respostas de Mataba e depois seguiamos todos a viagem directamente ao Calanhi no que se calculou com cargas gastar-se doze a quinze dias o muito. (Andando bem, como andei, dias de quatro, cinco e seis horas, o que é fatigante, gastei vinte e cinco dias uteis).

Como o pedido, a serem verdadeiras as bases em que era

fundamentado, não alongava o praso de demora, que os meus collegas haviam fixado e eu de bom grado acceitava; teve a acquiescencia delles.

Diariamente eu ia procurar o Muatiânvua e lembrar-lhe o pedido que tinha feito, que os dias iam correndo e por ultimo que era preciso sahir. Passados tres dias, diz-me o Muatiânvua que o Caungula não podia deixar o seu sitio em quanto estivesse Mona Quissengue acampado nas suas terras pois parecia aguardar a sua partida para os seus roubarem as raparigas que elle deixasse e o que encontrassem na sua residencia; que elle Muatiânvua não podia deixar de attender a esta razão e como não devia sahir das terras de Caungula sem ser por elle acompanhado até aos limites de seu Estado no Cassai por isso me pedia a mim, seu pae, que fizesse sahir Mona Quissengue, deixando elle o seu representante para nos acompanhar pelo caminho combinado.

Tratei disto e logo Quissengue marcou o praso de dois dias para levantar, e nessa mesma tarde mandou dois quilolos seus despedirem-se do Muatiânvua em seu nome e pedir-lhe o despacho.

O Muatiânvua recebeu-os e mandou-os acompanhar pelo seu Muitia que levava da sua parte a Mona Quissengue um presente e aproveitava a occasião de lhe fazer entrega de seis escravos delle fugidos que na vespera foram encontrados no seu acampamento.

Mona Quissengue agradece e manda pedir ao seu parente e amigo, que em signal de boa amizade e de estarem satisfeitos um com outro mandasse naquella noite dançar suas raparigas e rapazes que elle lá fazia o mesmo.

Quissengue cumpriu o que disse pedindo-me na vespera que fosse eu lá despedir-me delle, e ainda para conversarmos.

Quero participar ao meu amigo, me disse, que mandei já

prevenir o meu quilolo Quibeu, que o meu amigo vae seguir com Xá Madiamba e desejo que venha ao seu encontro na margem do Luêmbe para o acompanhar em terras de Mataba e me assegurar ter o meu amigo passado bem o Cassai. Quero tambem apresentar-lhe os rapazes que prometti iriam acompanhar o Xa Madiamba; e agora que lhos entrego caso aquelle se esqueça de lhes dar de comer, peço ao meu amigo se lembre que elles estão fóra das suas terras e nada tem com que comprar o sustento.

O velho irá em meu logar para delles tomar conta, amanhã de manhã; e peço para lhe dar alojamento sempre no seu acampamento.

Constava-lhe que Xa Cabunji mandara pedir a Xa Madiamba para ir pelas suas terras; e por isso me pedia não consentisse nessa mudança porque ia demorar muito a viagem e o Muxidi queria ver lá o Muatiânvua para o resgatar do poder dos Quiocos com quem estava compromettido.

Não acredite Sr. major nos Lundas que aconselharem o Muatiânvua a irem por aquelle caminho; querem complicar-lhe mais a viagem.

Se da Mussumba alguma coisa precisar de mim, peço-lhe mande um dos seus soldados com o signal (uns ornatos dourados) que eu farei o mesmo tambem; não podemos acreditar hoje nem nos Lundas nem nos Quiocos.

Supprimo as minhas respostas para não alongar muito esta communicação.

. . . .

Partiu Quissengue nos primeiros dias de outubro e apezar de eu insistir para seguirmos, o Muatiânvua não ordenava a partida.

. . . .

Na manhã de 4, partiu o meu collega Marques e depois o

capitão Aguiar e eu fui despedir-me do Muatiânvua que me pediu não levantasse, sem elle se avistar comigo.

Era o costume das viagens anteriores, disse que sim, mas que iria dormir onde dormissem meus collegas.

Por causa da muita chuva, acampamos meia hora antes de chegar ao acampamento para onde fôra o Calála, povoação de Suana Mulopo do Caungula.

Não sem ter de cortar difficuldades que se levantaram entre os carregadores do Congo lá consegui que a Expedição em 5 fosse acampar junto do Calála, partindo eu tres horas depois por causa de duas cargas que estavam sem carregadores. Ahi soube por gente da Lunda que vinha avançando, que na noute anterior houvera grandes reuniões de quilolos já no Muatiânvua já no Caungula e que depois fugira Muene Tembue, sobrinho e irmão do Muatiânvua só com a sua rapariga e por isso Muatiânvua addiára a sua partida e me pedia o esperasse. Mandei dizer-lhe que o esperava só no Luêmbe para lhe dár passagem na canôa pois onde estavamos não havia de comer; e segui.

Na madrugada de 6 o Calála e os que estavam com elle, levantaram difficuldades em nos ensinarem o caminho a seguir por o não conhecerem. Os meus tinham receio de irem procurar um caminho errado, mas eu avancei e um dos rapazes do Congo pratico no caminho segue-me e logo em seguida levantam todos, tendo ainda de ficar o interprete por ter a mulher adoecido naquelle acampamento e ficaram com elle tres cargas sendo uma a cadeira, por faltarem os carregadores da Lunda que deviam auxiliar os dois antigos que a transportavam desde o Cuango, mas como eu tinha de voltar ali a esperar o Muatiânvua, não me importou esta contrariedade.

Depois de ter andado uma hora e tudo já a caminho volto atraz ao acampamento.

Ia a entrar na minha cubata, quando chegam Lundas apressados e me dizem: Muene Puto seu filho Muatiânvua pede que chegue lá, que estão fugindo todos os quilolos; e tambem chama o seu Calála.

Tão indisposto eu já andava contra tudo e todos os Lundas que vociferei logo contra os que me davam o recado, dizendo-lhes serem elles mentirosos e traiçoeiros e que com isto demoravam a marcha do seu amo, dando logar a que a côrte cançada de esperar por elle, chamasse outro Muatiânvua.

Um dos que me deu a noticia asseverou-me que já alguns quilolos tinham fugido em seguida a Muene Tembue. O representante da Lucuoquexa que viera do Calanhi com os meus portadores para o serviço do Muatiânvua e ultimamente todos os dias me procurava para eu apertar com Muatiânvua para levantar e seguirmos, confirmava esta noticia; e eu pensando um pouco, resolvi escrever um bilhete ao meu collega Marques participando-lhe em vista daquella noticia que voltava ao Caungula, mas que no dia seguinte, se os carregadores não offerecessem duvidas fossem acampar na margem do Luêmbe e como fosse possivel que alguns naquelle mesmo dia depois de acamparem, quizessem ir comprar algum sustento a alguem do Luêmbe ou em alguma povoação de Quiocos proxima, distribuisse uma porção de busio a cada um; e parti.

Calála ia comigo; e devo dizer a V. Ex.ª que ainda desta vez as minhas jornadas foram a pé porque a minha rêde estava em serviço de um soldado doente e muito gravemente.

Cheguei pois ao Caungula passava do meio dia e bastante fatigado. Pelo caminho encontrei diversas comitivas de Lundas que todas mais ou menos exageradamente confirmavam as noticias que eu tinha.

Numa dessas iam dois filhos de Muatiânvua, o Mona Uta e Suana Canhima; esses é que me disseram, que Muene Tambue

na vespera, em presença do Muatiânvua dissera aos quilolos: «Todos sabem que se projecta uma traição contra meu tio e não teem a precisa coragem de lhe dizerem a verdade; persistem em leval-o para deante; pois bem, eu declaro já, que não o acompanho.

«Só levo comigo a minha primeira mulher, o que me deram do Estado, ahi fica; não julguem que preciso roubar alguma cousa.»

Levantou-se e fez o que disse, retirou.

Em principio julgou-se que aquillo não era mais que um desabafo e ninguem fez caso e quando o Muatiânvua decorridos alguns minutos, pergunta aos quilolos: o que dizem áquillo? ninguem respondeu.

Passado algum tempo, foram dar parte á audiencia que o Muene Tembue tinha partido e tanto o Muatiânvua como a sua Muari, responderam: que fazer-lhe? não foi elle a quem os da côrte chamaram; como deixou ficar o que lhe pertencia do Estado que tinha, vamos nós seguir a nossa viagem.

Os quilolos tiveram uma conferencia com Caungula, dono da terra por ser o mais velho e Cárula e dizem ter sido elle de opinião: que os quilolos tinham uma grande responsabilidade se levassem o Muatiânvua sem o sobrinho e que deviam procurar este e entrar em algum accordo com elle.

E' certo que em seguida a esta reunião o representante do 1.º Caungula (o do Mucundo) mandou retirar todas as suas armas menos seis para traz; e que tambem Xa Cambunji e Muene Luhanda retiraram de regresso a suas casas e Quibango tambem mandou retirar gente.

. . . .

Assim que cheguei ao meu antigo acampamento mandei chamar Bungulo Quiluáta grande Calála, typo serio e com quem me entendia bem.

Este veio logo, e extranhando vêr-me comer colberádas de farinha e agua fria, diz-me: meu bom amigo desculpe não mandar buscar alguma cousa para comer porque tenho tudo amarrado desde hontem á noute que recebi ordem de partida.

Obrigado; chamei-o para que me diga que novidades ha por cá? recebi noticia que os quilolos estavam fugindo ao Muatiânvua.

Isso não é verdade, me diz o homem, retiram alguns rapazes do Caungula com permissão do Muatiânvua; e Xa Cambunji e Muene Luhanda, depois duma entrevista a que os convidou o Muatiânvua foram por elle despachados hontem, por lhe ter mandado pedir Xa Cambunji que deixasse o acampamento provisorio onde estava e fosse fazer as lavras no sitio delle.

. . . .

O Muatiânvua estava no recinto mais interior da sua residencia, e eu sem reparar na gente que rodeava a quipanga e da que estava na entrada todos esperando o despacho da minha entrevista com o Muatiânvua, apenas correspondi aos cumprimentos que me dirigiam.

Entrei no quarto do Muatiânvua sendo seguido pelo interprete e dois rapazes de Loanda armados que me acompanharam ficando estes á entrada. Xa Madiamba estava fazendo remedios disse-me um dos guardas, mas sem me importar com isso, chamei-o e logo que o vi, trouxe-o por um braço para o sitio em que deixara o interprete.

E como á porta estivesse perfilado um dos meus rapazes, por casualidade o mais alto, pergunta-lhe o Muatiânvua: «O que é isso, já traz a arma para me matar?» Rimo-nos e continuei a puxal-o dizendo-lhe: «O meu amigo bem sabe que eu não lhe quero mal.»

Quando chegamos ao pateo da entrada, occasião que reparei em quem estava ali, por mim lhe disse o interprete que

eu já o não deixava entrar em caza e que chamasse os seus quinmangatas com a môhua (palanquim).

O homem sahe para fóra da quipanga e eu imagino, que ia chamar os quinmangatas e agora era elle quem por assim dizer me levava e todos sahiram, como é de costume.

Todos olhavam para mim esperançados que eu o podesse levar, mas logo que estávamos fora, pede para me trazerem uma cadeira.

Digo-lhe que não posso demorar-me, que a minha gente devia estar no Luêmbe esperando-nos e que era perciso partirmos; e eu só esperava que lhe trouxessem a môhua.

Um pouco resoluto e mostrando-se contrariado diz: não entro na môhua, declaro muito terminantemente que não vou para o Calanhi que me querem matar.

Espantado pergunto-lhe o que está dizendo?

Não me queira mal; fui prevenido que os quilolos na Calanhi me esperam e depois de me entregarem o Estado me querem matar para entrar meu sobrinho Muxidi.

Um advinho que consultei, esteve hontem advinhando e de noute disse que no caminho já vinha uma guerra para me preseguir e se escapasse dessa depois de ter o lucano era logo morto por inimigos.

O homem estava embriagado e soube que depois de ter partido a nossa Expedição o embebedaram e nunca mais deixou de estar assim.

Fizeram acreditar o homem que elle voltando eu regressaria e ficou surprehendido quando me interrogou:

Mas o meu amigo, não me acompanha? não Sr., eu vou ao Calanhi, sempre lho disse. Os meus collegas esses é que vou mandar retirar; porém eu quero averiguar o que ha de verdade neste mysterioso labyrintho em que o involveram. Quero agora ouvir os de Mataba e os da côrte sobre a resolução que tomou.

Muene Puto pode ir, disse-me elle, por que tem amigos por toda a parte mas a mim não me succede o mesmo.

Como já notei, o homem estava embriagado e em quanto eu fôra ao Muitia mais bebera; falava com um certo sangue frio que nelle não era muito trivial; contava muito com a protecção de Caungula do Lôvua, em quanto não viesse resposta de Muene Puto e assegurava-me que quando eu regressasse me pagaria se não tudo ao menos uma grande parte das despezas, por quanto para o sitio em que ia, haviam os seus de caçar e negociar marfim e borracha, etc., etc.

Chamaram-me para ir comer alguma cousa que tinham arranjado os rapazes que me acompanharam e bom foi porque me sentia já bastanta fraco, a chuva não cessava e eu estava esfriando muito.

Depois desta refeição, seriam cinco e meia da tarde fui prevenido que os quilolos estavam reunidos no acampamento de Muàta Cumbana, e fui lá para os ver e falar-lhe ainda sobre o assumpto.

Quando deixei o Muatiânvua escrevi logo um bilhete ao meu collega S. Marques, prevenindo-o do que se passava pouco mais ou menos nestes termos: Meu amigo, seis, Xa Mamadiamba retira! fatal dia oito, eu marquei para retirarem, estivessem onde estivessem, aqui os espero; oxalá não tenham avançado mais quando este lhe chegue ás mãos. Amigo *Henrique de Carvalho.*

....

Muito tranquillamente falavamos com Caungula quando elle repara que a gente do Bungulo, o grande Calála que era o ultimo que devia retirar já estava em marcha e pergunta: então o Xa Madiamba?

Diz um dos meus que chegára: já lá vae.

O que? já lá vae! disse eu.

Sim senhor, foram dizer-lhe que a Muari já tinha partido e que fosse elle tambem e como o pobre do homem que está muito bebedo, pediu que o deixassem ao menos despedir-se do seu amigo Muene Puto, de seu pae.

Responderam-lhe; não pode ser, elle vem encontrar-nos em Calamba Cassenga; a guerra vem já ahi e lembre-se que Mucanza não quiz ouvir os seus quilolos e por isso o mataram.

....

Ficamos os que estavamos com Caungula, algum tempo calados a olharmos uns para os outros e então diz o Caungula nem ao menos o deixaram despedir-se do Sr. major!

Sim senhor, já me não admiro que a mim nem por o seu Caxalapoli mandasse agradecer as lavras que me roubaram.

....

Cheguei ao acampamento e ahi esperei que se me arranjasse alguma cousa de comer que Caungula me mandara e pouco depois apparecem os chefes das comitivas da gente que vieram da Mussumba pedirem para que os levasse para ali e logo tambem o Muitia (2.º) e Muene Panda, aos quaes respondi venham á noute que eu lhes darei a resposta.

....

Veio Caungula e diz-me: não lhe faltam carregadores, todos os que vieram do Calanhi e mais alguns que acompanharam Xa Madiamba do Lôvua querem pedir ao Sr. major para os levar; eu amanhã de madrugada despacho meu filho Camexi (Quicotongo) para ir prevenir os meus companheiros Suana Calenga (Cacunco) e Ambinji que Xa Madiamba retirou, mas que Muene Puto segue com os Lundas que teem suas familias no Calanhi e portanto que tenham promptos milambos para o Sr. major e sua gente e não ponham obstaculos á passagem daquelles,

Bem, lhe disse, nesse caso vou mandar Muxaella (o irmão

do soba Ambaugo de Malanje) ao encontro de Xa Madiamba que certamente tem demora em Calamba Cassenga para delle receber o mais que possa das cousas que pertencem ao Estado e elle levou comsigo; por que os traidores que o rodeavam nem sequer o deixaram fallar comigo para disso tratarmos.

Chegaram alguns rapazes uns cinco, com cousas minhas que estavam ainda demoradas no acampamento em que eu estivera com os meus collegas e esses mesmos se promptificaram a acompanhar o referido Augusto Jayme.

Á noute apparece-me o filho de Xa Madiamba Ianvo Suana Mulopo de sua irmã que interinamente está exercendo o cargo de Lucuoquexe e veio com os meus portadores ao transporte do pae, que me pediu para tomar conta delle e o levar na minha companhia, visto seu pae ter retirado, sem se importar com a gente que veiu do Calanhi ao seu transporte.

Não só a este, mas a todos que vieram falar-me depois delle, respondi não ter duvida em os consentir na minha companhia e protegel-os, porém previnia-os de que precisava dez a doze carregadores e não dissessem depois que tinham fome, que queriam pagamento, que não podiam com as cargas e outros pretextos para não andarem.

Favor e grande, nos faz Muene Puto por que nós estavamos sujeitos ou a ficar como presos em Mataba ou nos Quiocos. Ninguem engana o Sr. major vamos, vamos. Sim senhor, iremos.

Estava decidido, jogava a ultima carta para a Expedição Portugueza ao Muatiânvua, não deixar dir ao terminus da sua viagem.

Os riscos eram muitos porque demais não tinhamos recursos para nos fornecermos onde encontrassemos a alimentação indispensavel, tinha de ficar com muito pouca gente da que me acompanhava e essa só a que voluntariamente a isso

se prestasse. Todos estavamos muito enfraquecidos, a quadra que atravessavamos era a peor, a das chuvas, os Lundas para cargas não eram bons; e alem disso tinham contra si os odios dos Matabas e as milongas dos Quiocos. Mas era preciso cumprir as minhas instrucções até á ultima. Seja assim, disse comigo, correrei todos esses e mais alguns riscos que apparecerem.

Na manhã seguinte principiam a voltar as cargas que tudo fui dispondo para serem abertas e se proceder a uma escolha do que me devia acompanhar e das onze horas para o meio dia, chegaram os meus collegas a quem communiquei logo, o que se tinha passado e a minha resolução.

A jornada fôra grande para os meus collegas, e por isso nesse dia 8, destinamol-o a descanço.

Em 9 logo de madrugada tratamos das cargas, que tudo precisava sol não só pela muita chuva que tinham apanhado naquelles poucos dias como ainda algumas que se molharam no rio Cachimi, entrando muita agua na dos instrumentos por descuido dos carregadores.

Tratei de apurar a gente que devia ficar comigo, dizendo a todos que apenas precisava de seis carregadores sendo dois para rêde em caso de necessidade; não queria sacrificar ninguem a ir padecer comigo porque deviam contar com a fome.

Devo dizer a V. Ex.ª que muitos me pediram para me acompanhar não só carregadores como soldados o que muito lhes agradeci, pois nenhum ignorava que nada eu tinha agora para lhes dar.

O pessoal com que fiquei foi o seguinte:

O interprete com sua familia, mulher, um sobrinho e criado, irmão do soba Ambango que é tambem meu caçador e destes apuro ao serviço da Expedição............	3
Dos contractados de Loanda ficaram todos que estavam..........................	10
Carregadores de Malanje.................	6
Ditos filhos do Cacuata Tambu que me foram entregues no Cuango..................	2
Dito que se me apresentou no Caungula como serviçal de Saturnino Machado.........	1
Somma..............	22

E como addidos á Expedição:

Um filho do Jaga Cambolo Cangonga......	1
Dois ditos de Xa Cambunji abandonados..	2
Somma..............	3

A Expedição da Lunda era de duzentas e quarenta pessoas da qual me foram entregues para cargas, rapazes: 25

Total a quem dava de comer, pessoas...... 50

Resumo que apurei para sustento e defeza da Expedição que me acompanhou:

Busio (peso), libras......................	10
Missangas brancas grossas, libras..........	3
Dita toquette, libras......................	1
Dita miuda diversas côres, libras........	1

Polvora grossa de commercio, libras......	3
Dita fina em latas, libras...............	5
Cartuchos desembalados, libras..........	0,5
Zuarte, jardas.........................	8
Espelhinhos redondos	4
Guisos	10
Facas ordinarias	26
Bacia de mãos, de folha	1
Pratos de folha de diversas grandezas....	10
Cargas e cartuchos embalados para diversas armas..........................	1:000
Espingardas de commercio...............	2
Ditas allemãs..........................	3
Ditas W. Richard.......................	10
Ditas Winchester (uma já estragada)......	2
Ditas ordinarias caçadeiras..............	2
Ditas de dois canos....................	1
Ditas de dois canos de agulha...........	1
Uma dita de carregar pela culatra........	1
Revolveres (um de muito uso e poucas cargas)................................	3
Fardas, casacos bordados a ouro.........	5
Pannos (mucôsos) meia casimira com galões dourados............................	2
Calças de panno com listas de galões.....	2
Chapeos armados com plumas brancas....	3
Penacho grande carmesim...............	1
Divungas de baeta......................	3
Ditas de riscado.......................	2
Ditas de chita.........................	1
Ditas de xadrez	1
Lenços de côres........................	6

Cobertor de algodão..................	1
Galões de diversas larguras, jardas.......	60
Caixa de musica........................	1
Espada de general e competente cinturão..	1
Punhal.................................	1
Polainas agaloadas, par................	1
Tapa peitos agaloados..................	2
Aventaes de velludo verde agaloados	2
Tapetes	2
Espelho grande redondo.................	1
Bandeja, jarro e dois copos de christofle (jogo).............................	1
Copos de vidro.........................	2
Colar com cruz (ouro francez)...........	1
Bandas	4
Tambores...............................	2
Cornetas...............................	2

Medicamentos

Quinino, frascos.......................	3
Pilulas de synaglosa, caixa..............	1
Camphora, caixa........................	1
Pilulas de ferro, frasco................	1
Aloés, pillulas.........................	30
Essencia de hortelã, frasquinho..........	1

Augmento a Carga

Canôa *N. Senhora dos Martyres* — carregadores................................	5
Cadeira com docel e cortinas—carregadores.	6

Tamborete para a Lucuoquexa — Carregadores....................	1
Papeis, livros, tintas, penas, lapis, etc., caixa de folha cylindrica................	1

Minha Bagagem

Malas pequenas de tapete com roupa......	2
Vellas, pratos, talheres e outras miudezas caixa................................	1
Cama, cobertor e almofada — mallote.....	1
Trem de cosinha e latas com farinha, etc., (muhamba).........................	1

N. B. — Duas fardas casacos e o revolver já usado, pertenciam ao meu collega o sr. Sisenando Marques que de bom grado me cedeu, para presentes que eu tinha de fazer em Mataba e não desfalcar os que se destinavam para a Mussumba.

De tudo isto, apenas busio, missanga e galão se podia contar para compras de algumas mandiocas e quando o busio fosse acceite e a demora da viagem apenas de doze dias, se não bem podia chegar contando que dos presentes que me fossem enviados eu repartiria com todos.

Nenhum dos companheiros que quizeram partilhar da minha sorte, ignoravam o que havia em casa.

Elles apenas tinham o que vestiam e isso mesmo esfarrapado e eu de vestuario do meu uso bem sabiam que pouco já tinha e destinava-se para a ultima.

Não obstante isso, nenhum desanimou e eu por esse facto muito mais animado fiquei.

Escusado seria dizer que a meus collegas e aos carregado-

res que os transportavam nada lhes podia dar; apenas as armas dos soldados com os competentes cartuchos embalados e uma insignificante porção de polvora.

Comtudo como até Quibango não tinham onde fazer despezas e iam demorar-se dois ou tres dias em Calamba Cassenga para o pessoal colher mandiocas e fazer farinha, ordenei que Cabo Antonio fosse adeante a Mona Congolo, buscar o dente de marfim que lá deixára e o entregasse a meu collega Marques para o fazer vender onde melhor conviesse para sustento do pessoal.

Suppondo que encontrassem no caminho cargas para mim expedidas de Malanje ficava o referido collega auctorisado a tirar o que lhe fosse preciso e um panno para cada carregador vestir. E quando não encontrasse este recurso, se fossem pela feira de Cassanje, levantar um emprestimo com o chefe ou indo por Cafuxi fornecer-se na Estação Ferreira do Amaral do que então precisasse em fazendas já para o vestuario que eu dava de gratificação a cada carregador, já para sustento de todos; emprestimos que seriam pagos pela casa de Custodio Machado em Malanje por conta desta Expedição.

Ao chefe de Malanje pedi para pagar a cada carregador que regressava a quantia de 12$000 réis preço por que eu contractara cada um para transportarem meus collegas e as cargas que os acompanhavam; e ainda abonar aos referidos collegas por conta da mesma Expedição o seu transporte para Loanda.

Ao Conselheiro Governador geral de Angola lhe communiquei que os meus collegas não tinham recebido a ajuda de custo a que tinham direito por esta Expedição e sollicitava-lhe não só para os embolsar dessas quantias como ainda dos transportes correspondentes ás suas patentes até ao Reino por isso que, elles iriam esperar-me na ilha de S. Thomé ainda ao ser-

viço desta Expedição para estudos comparativos com os feitos nesta região.

Na manhã de 10 seguiram meus collegas e eu fiquei esperando ainda pelos homens que foram ao encontro do Muatiânvua para transportarem as cousas já relacionadas.

Declaro a V. Ex.ª que não foi sem custo que vi retirar os meus companheiros de vinte e oito mezes de effectivos trabalhos e a tal respeito não faço sequer um considerando neste momento.

Foram!... Ainda hoje se me confrange o coração ao recordar-me do momento da despedida!... Que lograssem saude, viagem rapida e tambem noticias agradaveis dos entes que lhes são mais caros; é o que lhes desejo.

O potentado da terra assistiu á nossa separação e ficou comigo, como quem conhecia ser um dever de amizade distrahir com a sua conversa o companheiro que ficava só para continuar a sua perigrinação e a soffrer no cumprimento do que julgou ser um dever de honra, ou pelo menos descargo de consciencia.

Confesso-me muito reconhecido a Caungula porque em quanto estive no seu sitio procurou-me muitas vezes para conversarmos sobre assumptos que respeitavam ao Estado de Muatiânvua; para aconselhar os Lundas no modo de se portarem na minha companhia principalmente em Mataba; para tratar de preparar a nossa partida de modo que eu nada tivesse a recear e ainda auxiliava o meu cosinheiro com o que este entendia que era preciso para dar de comer ao *homem*, o que eu só soube no ultimo dia.

Nada tinha que lhe dar por despedida, um dos potentados que melhor tratou a Expedição, pondo inclusivé á nossa disposição suas lavras e por isso apenas lhe dei uma lata de sementes de hortaliças diversas indo na manhã de 11 ensi-

nar-lhe a dispôl-as em canteiros ao nosso uso o que elle muito agradeceu e deixei-lhe a minha cadeira que só aberta podia ser transportada o que era incommodo e umas cinco armas lazzarinas inutilisadas por falta de peças, mas que elle com os seus ferreiros aproveitava.

Na madrugada de 12 despedimo-nos deixando-lhe uma carta para ser entregue ao encarregado de qualquer expedição que podesse vir a meu encontro, em que lhe recommendava o presente que a elle Caungula devia deixar; e a elle pedi para fazer acompanhar esse empregado e expedição até ao Cacunco primeiro potentado de Mataba a quem eu me dirigia.

Caungula agradeceu a minha recommendação e veiu com o guia de que me fez acompanhar até á ponte.

Um aperto de mão foi o meu agradecimento e como vai de novo começar a minha perigrinação e agora só (refiro-me a europeu) por terras em que o branco não é conhecido ponho aqui termo a esta communicação desculpando V. Ex.ª as faltas que decerto nella existem.

. . . .

Deus Guarde a V. Ex.ª — Ill.mo Ex.mo Sr. Conselheiro Ministro e Secretario dos Negocios de Marinha e Ultramar. — Margem do rio Luêmba. — Acampamento Barbosa du Bocaje, 17 de Novembro de 1886. — (ass.) *Henrique Augusto Dias de Carvalho*, chefe da Expedição Portugueza ao Muatiânvua.

*

* *

Depois de estarmos cinco dias acampados proximo da residencia do grande Calenga Cacunca, seguimos para o Lucusso onde chegamos no dia 26 e já eramos esperados pelo Calala

do Ambinji (de *Munua mema*, cognome porque o tratam vulgarmente) que nos mostrou o logar em que deviamos acampar onde deparei com uma arvore secular — em que gravei — Julio de Vilhena — 18 $\frac{26}{11}$ 86. — Foi neste logar em que se construiu o nosso acampamento, lat. S do Eq. 8° 27′ long. E de Gr. 21° 52′ e altitude 907 metros acima do nivel do mar.

O potentado Munua méma veiu logo com o seu sequito cumprimentar e de tal modo neste e no dia immediato estreitamos relações de amizade já em visitas já em passeios, que no dia 28 aproveitei o ensejo para lavrar o seguinte

AUTO

Aos vinte e oito dias do mez de novembro do anno de mil oitocentos e oitenta e seis na Mussumba do Muatiânvua honorario Ambinji no planalto do Lucusso margem esquerda do Cassai, estando o chefe da Expedição Portugueza ao Matiânvua o sr. major do exercito Henrique Augusto Dias de Carvalho, acompanhado dos interpretes Antonio Bezerra de Lisboa e Augusto Jayme e do empregado José Faustino Samuel, reunidos no logar das audiencias com o potentado Ambinji, seu Calala Ambuiri, seu hospede e visinho a sul o potentado Chioco Chibeu, o Muzumbo (interprete) do primeiro, Chicotongo e o Cacuata Camexi por ordem do potentado á disposição do chefe da Expedição; pelo potentado foi dito que não sabia o motivo porque seu amigo Muene Puto (o chefe da Expedição) tendo feito tratados com os Caungulas, quilolos da Muatiânvua com os Capendas e com o principe quioco Quissengue o não fazia com elle e os seus Calambas, pois se consideravam tanto filhos de Muene Puto como aquelles. Tanto elle como os seus Calambas desejam ficar sob o protectorado de Portugal, por

ser a Nação unica de que conheciam os seus filhos de côr; que já seus avós delles falavam e respeitaram sempre Muene Puto como protector da terra da Lunda e ainda havia gente no paiz que viu na côrte o velho delegado do Governo de Sua Magestade Fidelissima Joaquim Rodrigues Graça (1845) que tratou com o grande Muatiânvua Noeji estabelecer por todos os estados dos seus dominios residencias para auctoridade, officinas e feiras do commercio portuguez; que depois disso o negocio de todos os paizes da Lunda tem sido encaminhado e feito com os Portuguezes de Cassanje, Malanje e até Loanda, e tambem por via dos Cassanjes Bangalas e dos Quiocos com as casas de brancos estabelecidas nas terras de Muene Puto; que elles tambem estimavam os filhos de Muene Puto e não deviam ser desprezados; por isso pediam ao Muata (senhor) major para com elles fazer um tratado egual ao que fez para os outros potentados pois elles haviam de saber cumprir o que se escrevesse na mucanda.

Sendo o potentado applaudido enthusiasticamente por todos os ouvintes ao uso delles, assobiada, palmadas, saltos e de voz em grita, fallou bem, fallou bem, queremos Muene Puto nosso pae; o chefe da Expedição depois que se estabeleceu o silencio disse: que estava auctorisado, munido dos respectivos poderes como representante do Governo de Portugal para fazer tratados com os potentados devidamente constituidos e promptificava-se a acceitar e firmar um tratado em que ficasse bem consignada a expontanea declaração que acabava de ouvir ao Muatiânvua Ambinji com a manifestação de applausos de seu povo. E logo se formularam as bases que foram interpretadas na lingua delles e como as recebessem bem, ficaram de se escrever e lhe serem lidas para em acto solemne com a presença de seus parentes e Calambas se assignar pedindo aos homens da Expedição que soubessem escrever que em seu

logar escrevessem o nome delles no tratado para elles collocarem um signal † ao seu lado.

Determinou-se mais que se avisariam os Calambas para se reunirem no dia 1.º de Dezembro de manhã na Mussumba no logar da Ambula, para se ler e assignar esse tratado.

E para que a todo o tempo, conste que o chefe da Expedição portugueza fez um tratado em que os povos de Mataba reconhecem a Soberania de Portugal, mandou o mesmo Chefe lavrar este auto que eu José Faustino Samuel escrevi como secretario nomeado na occasião, vinte oito dias do mez de novembro de mil oitocentos e oitenta e seis e comigo assignou o Chefe da Expedição e o interprete Antonio Bezerra de Lisboa e de cruz Ambinji e os seus. (a) Henrique Augusto Dias de Carvalho, Antonio Bezerra de Lisboa, † Muatiânvua honorario Ambinji, † Augusto Jayme, † Quicotongo, † Ambuire, † Chibeu, † Camexi, e reconhecendo todos estes e por ultimo eu, José Faustino Samuel servindo de secretario.

TRATADO

Henrique Augusto Dias de Cavalho, major do exercito, Cavalleiro das ordens militares de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa e de S. Bento de Aviz, chefe da Expedição Portugueza ao Muatiânvua e delegado do Governo de Sua Magestade Fidelissima o Rei de Portugal; e Ambinji Infana Suana Calenga, Calamba Mujinga (o superior dos Calambas) Senhor de Mataba com honras de Muatiânvua distinctivo de miluina podendo-se fazer transportar em môua (palanquim) e estando presentes os Calambas (homens) Cacunco, Cassombo, Xa Nhanvo, Andundo; (mulheres) Xa Muana, Camina, Chiala; os empregados da Expedição Portugueza 1.º interprete Antonio Bezerra de Lisboa, José Faustino Samuel, Augusto Jayme, ir-

mão do soba Ambango de Malanje, os contractados em Loanda, Paulo, Adolpho, Antonio, Marcollino e Matheus e ainda os contractados em Malanje Negrão, Xavier, Francisco e outros, concluiram e firmaram o seguinte:

Art. 1.º — O potentado Ambinji e os Calambas seus immediatos chefes de povoações e os Suanas Mulopos (herdeiros) declararam reconhecer no Estado de Mataba, cujos dominios se estendem entre os rios Luêmbe e Cassai a contar do 8.º 30′ lat.e S. do Equador pouco mais ou menos até á confluencia dos dois rios, a Soberania de Portugal collocando sobre o protectorado desta Nação, unica cujos filhos conheciam, todos os territorios por elles governados.

Art. 2.º—Portugal reconhece os actuaes chefes e confirma de futuro todos os que forem acceites pelos povos segundo os seus usos e costumes promettendo-lhes auxilio e protecção.

Art. 3.º—Compromette-se Portugal a manter a integridade dos territorios collocados sob seu protectorado e a pôr termo ás correrias dos Lundas da Côrte de Muatiânvua (Mussumba) para a rusga de gente, compromettendo-se pela sua parte os Calambas chefes das povoações de Mataba de as não fazerem aos povos visinhos do norte Tubinjis e Tucongos.

Art. 4.º—Portugal respeitará e fará respeitar os usos e costumes do paiz e delles usará na educação dos povos sob seu protectorado, até que estejam preparados a comprehender as modificações mais consentaneas com a civilisação e as acceitem bem sem grandes esforços.

Art. 5.º—O potentado Calenga (Ambinji) e todos os Calambas garantem a maior liberdade aos negociantes para se estabelecerem nos seus territorios sob sua protecção, quer estes sejam homens brancos quer sejam homens de côr, podendo o delegado do Governo portuguez, auctoridade no paiz determinar a expulsão daquelle ou daquelles que tentarem destruir

ou procurar influenciar nos povos contra o dominio portuguez.

Art. 6.º—Obriga-se egualmente Ambinji por si e seus successores bem como os Calambas presentes a proteger o commercio; não permittindo interrupção nas communicações duma para outra povoação dentro do paiz e para além dos rios cujas passagens lhes facilitarão nas canôas dos senhores dos portos; auxiliando com as suas forças armadas sempre que seja preciso para desembaraçarem os caminhos de accesso das povoações do seu Estado para as capitaes dos Estados visinhos.

Art. 7.º—Compromettem-se tambem a facilitar o estabelecimento das missões religiosas e scientificas e a protegel-as garantindo-lhes a segurança entre os seus e contra os estranhos ao paiz.

Art. 8.º — Promptificam-se todas as auctoridades do paiz, logo que um delegado do Governo portuguez se estabeleça na capital junto de Suana Calenga, de accordo com este em fazer substituir a venda de gente ou pagamentos de multas e crimes em gente, pelo producto de seus trabalhos, compromettendo-se desde já a não proporcionarem ao commercio a troca de gente pelos seus artigos, principalmente sendo os negociantes europeus.

Art. 9.º -- Não pode o Muatiânvua Ambinji, nem tão pouco os Calambas seus sobordinados fazer quaesquer tratados, mesmo de vendas de territorios ou de concessões para estabelecimentos a individuos estranhos ao paiz, brancos ou de côr, sem que sobre tal pretensão seja ouvido o delegado do Governo portuguez que terá iustrucções especiaes para esse fim e pode indeferir a pretensão sempre que desta cedencia possa sobrevir difficuldades na integridade dos territorios que constituem o dominio agora entregue ao protectorado de Portugal.

Art. 10.º—O potentado Ambinji e os do seu conselho, ho-

mens e mulheres como estão residindo provisoriamente na margem esquerda do riacho Munvulo pequeno affluente esquerdo do Cassai, concedem já a propriedade inteira e completa da localidade em que a Expedição estabeleceu a sua Estação Julio de Vilhena para os negociantes portuguezes que no entanto venham ao seu sitio e queiram permanecer algum tempo; mas como o potentado espera que cessem as grandes chuvas para estabelecer definitivamente a sua capital a beira do rio Cassai na extensa planicie que o domina onde o potentado já esteve com o chefe da Expedição Portugueza e a pedido deste aquelle logar denominou Lisboa e ao seu porto Fontes Pereira de Mello, — compromette-se o mesmo potentado na nova capital e proximo da sua residencia conceder inteira e completa propriedade de todos os terrenos necessarios para os estabelecimentos portuguezes indispensaveis á difinitiva occupação da auctoridade portugueza e mais funcionarios que tenham de a acompanhar no exercicio das diversas missões de que forem encarregados.

Art. 11.º—O presente tratado não poderá por parte de Portugal começar a ter execução senão depois de ter approvação do Muatiânvua e sua côrte e de ser confirmado pelo Governo de Sua Magestade Fidelissima que mandará então rectifical-o pelo delegado que nomear para desde logo lhe dar execução pela sua parte.

Mussumba do Muatiânvua Ambinji e Suana Calenga no sitio Lucusso, entre a confluencia do Lonhi com Munvulo no planalto Lucusso proximamente na lat.[e] S. do Equador 8°, 27′ e long.[e] E de Grem. 21° 25′ na altitude de 907 metros 1 de Dezembro de 1886. — (a) *Henrique Augusto Dias de Carvalho*, major do exercito, embaixador do Governo de Portugal ao Muatiânvua; e com o signal ✝ Muatiânvua honorario Ambinji Suana Calenga Mujinga senhor de Mataba, ✝ sua irmã Camina, os Ca-

lambas: † Cacunco tio de Ambinji, † Andundo, † Xa Nhanvo, † Cassombo, † Xa Muana, † Chiala, † Angueji, † Ambumba Bala, † Mulaje, † Quissamba, † Xanda, † Augusto Jayme, † Negrão, † Paulo, † Adolpho, † Francisco, † Antonio, † Marcollino, † Matheus, † Xavier e por todos estes assignaram o 1.º interprete Antonio Bezerra Lisboa, Agostinho Bezerra e José Faustino Samuel que sabem escrever, sendo eu José Faustino Samuel secretario que o escrevi.

Nomeação

Tendo o Muanangana Chibeu potentado quioco, residente na margem do Luifi um dos affluentes direitos do rio Luêmbe, vindo de seu sitio apresentar-se-me na Estação Julio de Vilhena na capital de Mataba, declarando representar seu soberano Quissengue junto de mim e por ordem delle não me deixar emquanto eu com toda minha comitiva não tiver passado o rio Cassai, para que a gente de Mataba me respeitassem devidamente como representante de Portugal na Lunda; e sendo certo: que durante doze dias que esteve junto da minha Expedição me prestou bons serviços; que eram seus desejos tèr uma bandeira de Portugal para mostrar aos futuros viajantes as boas relações que comigo manteve (o que dei); que se promptifica a considerar e fazer respeitar entre os seus subditos a Soberania de Portugal como a unica que todos os povos Quiocos e Lundas nesta região conhecem; que declara que Mona Congolo não é mais dedicado a Muene Puto do que elle que tambem garante hospitalidade e segurança aos negociantes que vierem da terra de Muene Puto (Angola); que assegura protecção ás missões religiosas e scientificas que o procurem; e finalmente que sendo elle subdito de Mona Quissengue que fez um tratado comigo para que seus dominios fos-

sem considerados sob o protectorado de Portugal não havia motivo da minha parte para o não considerar como a Mona Congolo entre os Quiocos da mesma cathegoria do que elle, como subdito de Sua Magestade Fidelissima El-Rei de Portugal;

Em nome do Governo de Sua Magestade hei por conveniente conceder ao Muanangana Chibeu as honras de capitão das companhias moveis de Angola e todos os viajantes, missionarios e negociantes portuguezes e estrangeiros que leiam esta nomeação assim o entendam e o façam respeitar, sendo a jurisdicção da sua auctoridade entre os povos sob seu dominio considerada para todos os effeitos como portugueza e concernente ao referido posto do agraciado em exercicio como administrador ou chefe do concelho.

E para constar, hoje 8 de dezembro de 1886 na margem do Cassai ao despedir-me do referido Muanangana Chibeu, lhe entreguei a copia desta nomeação. (a) *Henrique Augusto Dias de Carvalho*, chefe da Expedição ao Muatiânvua.

*

* *

No Luambata onde estabeleci a minha residencia definitiva depois da fugida dos quilolos da Mussumba e das auctoridades interinas do Estado, para leste, territorios já marginados pelos affluentes do Lubilachi; isto é no dia 25 de janeiro de 1887 e onde tive de me demorar até 13 de junho do mesmo, dia em que dei principio á minha viagem de regresso; — apesar de não poder contar com escoteiros todos os mezes, como de costume fazia o meu relatorio minucioso para o sr. Ministro dos Negocios do Ultramar dando-lhe conta de todas as occorrencias durante o mez, esperando a occasião opportuna de lho fazer enviar.

Vou extractar pois desses relatorios por ordem de suas datas apenas o que sirva de subsidio para esta Memoria.

A S. Ex.ª o Sr. Ministro

Com tal rapidez se precipitam os acontecimentos deante de mim, é tão curioso, tão extraordinario, mesmo tão singular o que tenho presenciado nesta missão no que respeita á politica d'estes povos, que declaro a V. Ex.ª, que se não fosse a minha terrivel situação e tivesse o sangue frio preciso para bem encarar o que se está passando, recearia ser exagerado e que não fosse tomada a serio esta minha communicação com referencia ao mez de janeiro porque na verdade o jocoso e o burlesco é de que mais ella trata, não obstante para estes povos ser muito grave o que passo a descrever.

Estava reservado para mim um papel que não é em verdade muito agradavel não obstante ser boa a vontade e dedicação com que me propuz a trabalhar no centro deste Continente.

Mas queixar-me? de que e de quem?

Das informações e informadores? Não póde ser, porquanto não quero que sejam injustos para commigo tambem os vindouros.

Acredito que tudo isto póde mudar de um dia para o outro e se não voltar á antiga que volte para um estado melhor.

Mucanza irmão de Xa Madiamba, que vim encontrar interinamente exercendo o cargo de Muatiânvua aguardando que viesse aquelle investir-se da posse do logar para que fôra eleito, quando aqui cheguei mandou cumprimentar-me e no dia 2 do corrente fui fazer-lhe a minha visita official.

Por esta occasião disse-me logo que a pedido dos principaes quilolos da Mussumba deixára o seu sitio onde estava bem e satisfeito com os rendimentos de suas caçadas aos elephantes, para interinamente governar o Estado afim de vêr se os quilo-

los espalhados pelo matto depois das guerras de Muriba se animavam a regressarem ao Calanhi.

Ainda se via tudo em ruinas e se algumas cubatas estavam reparadas era da occasião pela gente que vinha a pouco e pouco regressando.

Pediu-me para que fosse já viver para o pé delle porquanto esperava que sabendo-se da minha residencia no Calanhi, todos os quilolos voltariam ás suas povoações.

De accordo com elle e Lucuoquexe, logo nesse dia sobre o rio Calanhi num alto foi escolhido o logar para a nossa Estação «Pinheiro Chagas» — e ficaram dadas as ordens para se dar começo á construcção seguindo-se o risco por mim feito que encarreguei de vigiar o contractado Adolpho já pratico nesse serviço.

Mucanza, Lucuoquexe, Canapumba, Muitia e Muene Dinhinga, mostraram quanto sentiram por Xa Madiamba não ter continuado a viagem commigo e participaram-me que já Mucanza esperando seu irmão, havia despachado uma diligencia com dois dentes de marfim e seis serviçaes para o Muanangana Muxanenà Pombo se encarregar de resgatar as insignies do Estado em poder dos Quiocos seus parentes e Suana Murunda com o cofre dos lucanos, e isto só com o fim de diminuir difficuldades ao novo Muatiânvua porquanto elle Mucanza tem provado que só por comprazer está dirigindo interinamente o cargo e declarou terminantemente aos quilolos que o chamaram que nunca collocaria o lucano no braço porque não queria ser Muatiânvua nem quando lhe pertencesse.

Aproveitei pois logo o ensejo que se me offerecia para aconselhar Mucanza a mandar chamar todos os quilolos das margens do Luisa, Lulua e Cassai; bem como os Quiocos de maior importancia para se convencionar entre todos na fórma de pagamento das dividas do Estado aos Quiocos e resgatar

duma só vez para sempre a independencia dos territorios e dos povos Muatiânvua.

A cerimonia do lucano não podia ter logar sem a presença de Suana Murunda com os respectivos lucanos e por consequencia até que isto se não alcançasse, só podia existir Muatiânvua interino e interinas portanto todas as outras auctoridades que dependem da sua confirmação.

Apoiaram todos este alvitre e ficou Mucanza de dar as suas ordens para seguirem as diligencias a diversos destinos para que no mais breve tempo possivel tivesse logar a reunião que me parecia de toda a conveniencia fazer-se e dependia do seu bom resultado mandar avançar Xa Madiamba.

Na minha segunda visita, como Mucanza arrecadava os tributos do Estado para o novo Muatiânvua tirando só para si comidas e bebidas e o que podia usar em serviço que era de uso dos Muatiânvuas, como o havia avisado, observando umas certas cerimonias fiz-lhe entrega dos presentes que levava para o Muatiânvua, Lucuoquexe e outros, o que fiz constar no auto que de tal entrega mandei lavrar na occasião propria e junto a esta communicação.

Dias depois principiaram a vir de oeste e sul os quilolos com todo o seu povo e cada um carregado com volumes de bagagens e objectos de seu uso.

Não vinham como em principio suppuz á chamada de Mucanza, mas sim fugindo de suas povoações com receio dos assaltos e saques dos Quiocos e tal era a precipitação com que a maior parte queria passar o rio Calanhi que alguns foram victimas caindo ao rio e levados pela corrente que em seguida a uma queda era bastante forte e lá pereciam afogados.

Panico se tornára o terror pelos Quiocos e de tal forma que ninguem se entendia e todos queriam governar.

Insistia-se para que eu mudasse a residencia para o Cala-

nhi e fosse salvar a situação pois já estavam rodeados de acampamentos quiocos. Fui, embora a casa não estivesse completa como eu queria e logo que cheguei não me deixavam pedindo polvora.

Por mais que dissesse que a não tinha e mesmo que a tivesse não lhes dava porque era arrastal-os a um perigo de que se não salvariam no futuro ainda que pudessem alcançar victoria no primeiro recontro com os Quiocos, não queriam attender-me.

Sem mesmo procurarem ouvir-me obrigaram o Muatiânvua a fazer sahir forças que todas voltavam algumas sem mesmo se avistarem com um Quioco.

Os animos andavam exaltados e chegaram a fazer sahir o Muatiânvua no palanquim para a guerra. Prevenido disso como elle tinha de passar ao lado da Estação fui esperal-o ao caminho e fiz suspender aquella marcha.

Forças vinham já de todos os lados a reunir-se-lhe e á frente duma grande comitiva escarranchada sobre os hombros dum homem possante e armada em guerra aparece a Lucuoquexe que fiz chamar para o lado do Muatiânvua onde estava tambem sobre um outro homem a Muari daquelle.

A gritaria era muita, todos querendo dar a sua opinião; todavia consegui que os Ambaquistas que me acompanharam e os interpretes dissessem a Mucanza que bem mal lhe queriam os que o aconselharam a ir apresentar-se em frente dos Quiocos pois o queriam abandonar na supposição que elles ficariam satisfeitos com a sua vida.

Lembramos-lhe que não era Muatiânvua de facto e não tinha responsabilidade algumas nos maus governos passados e questões de Lundas com os Quiocos porque não tinha posto o lucano no braço; que mandasse elle um Muata de sua confiança falar com os Quiocos saber a que vinham; saber se que-

riam convencionar com a sua pessoa e quando elles acceitassem então deliberasse com os quilolos sobre as respostas a dar ao que viessem propor ou pedir.

O primeiro que me apoiou foi o Canapumba e logo que o ouvi fiz voltar os carregadores do palanquim e seguir tudo para a quipanga onde fui ter com elle.

Emquanto estavamos no largo vinham já de retirada as forças que tinham sahido na vespera allegando que voltavam para buscar comida, notando-se que raro era aquelle que não trazia bananas ou mandiocas que tinham roubado nas lavras.

Na quipanga aconselhei-os no que tinham a fazer e se lembrassem que do seu procedimento dependia salvar-se o Estado do Muatiânvua, pois se os poucos quilolos que estavam juntos do Mucanza fugissem nesta occasião eram victimas, não os que fossem agarrados pelos Quiocos ou a elles se entregassem, mas os que lograssem esconder-se delles porque tinham a padecer as fomes ou serem escravos de povos independentes do Muatiânvua para leste.

Queriam elles então que eu em nome de Sua Magestade tomasse já conta do Estado, concertasse os negocios com os Quiocos e depois mandasse buscar Xa Madiamba ou nomeasse qualquer outro filho de Muatiânvua para ser feito Muatiânvua que todos os quilolos aprovavam o que eu fizesse.

Respondi-lhes que tudo isso eu faria mas era preciso que voltasse o Calala, Muéne Dinhinga e o Muitia que eram Cárulas do Muatiânvua pois era preciso saber-se o seu voto.

Socegaram mais, e eu voltei á Estação, onde fui procurado, quando jantava, pela Lucuoquexe e seu amasio Xa Muana (o filho grande do Estado) que á queima roupa, depois dos cumprimentos do estylo, me faz a seguinte pergunta: «Como sei que Muene Puto, meu pae, sabe tudo, peço-lhe que me diga se os Quiocos nos virão atacar esta noite?»

Surprehendido com tal pergunta, disse: «Ninguem melhor lhe pode responder que o seu amigo Xa Muâna e seu irmão Suana Mulopo que estiveram ao pé dos Quiocos e de lá chegaram ha pouco tempo.»

Estes e os quilolos que foram mandados para os bater e com elles conversaram é que nos pódem dizer quantos viram e quaes são as suas disposições. Mas, quanto a mim, parece-me que se elles vierem cá, é porque os Lundas assim o querem. Dizem que elles são poucos e com tanta gente que está no Calanhi só com flechas era bastante para não deixarem aqui entrar um unico Quioco.

Distribuam a gente pelo sul e pelas margens dos rios Calanhi e Cajidixi, pondo as canôas na margem de cá; decerto não chegam aqui. O que eu vejo é que os quilolos que foram para o sul parece que estão combinados com elles para fazerem entrar algum Muatiânvua novo.

Informaram-me que a gente que ahi está é de Muxanená Pombo, e se é assim o que fizeram os enviados de Mucanza ao marfim que lhe levaram?

A Lucuoquexe, depois de pensar um pouco, diz-me: o meu pae tem razão. Eu vou, coma socegado, que eu mais tarde volto a pedir conselhos.

Não voltou, e já depois das oito horas estava escrevendo e senti para o lado da povoação da Lucuoquexe grande algaravia e percebiam-se movimentos dum para outro lado e ao mesmo tempo de passar gente fóra do usual áquella hora, para a quipanga do Muatiânvua.

E porque tudo isto fosse muito extranho e o barulho e a confusão fossem tomando incremento, mandei o interprete indagar do que estava occorrendo que depois me deu parte que a Lucuoquexe lhe dissera que o Mucanza falou na quipanga em fugir e que ella já não podia conter a sua gente que está

amarrando as suas cousas, correndo já alguns para o rio Cajidixi.

Era este decerto um dos conselhos que ella nos queria pedir!

Daqui em deante começou a balburdia até de madrugada, gritaria, assobiada e incendio em todos os acampamentos ao redor da Estação.

Ou de proposito, para verem os trilhos por onde fugir, porque a noite estava muito escura e uma chuva miudinha constante; ou por casualidade, porque retiraram e deixaram fogo nas cubatas; é certo que das dez horas até ás tres da madrugada estivemos sempre rodeados de altas chammas e debaixo duma atmosphera pezadissima de fumo que não tinhamos remedio senão supportal-a, bem como a chuvinha com o receio que tinhamos de que o vento nos enviasse para a Estação e acampamento dos Ambaquistas uma lambedella daquellas extensas chammas.

Lembrou-se o interprete Lisboa de me dizer que era bom nós seguirmos com os Lundas!

Ri-me, e disse-lhe: daqui partiremos de madrugada para a Colonia com a gente que nos queira acompanhar.

E os Quiocos? pergunta-me elle. Se vierem, já nós cá estamos; foi a minha resposta.

Rocha apresenta-se-nos com os Ambaquistas e pede-me para os deixar ir na minha companhia para Malanje. Respondi-lhe: que a Expedição retirava logo que acabassem as chuvas, e portanto tratassem de se preparar com fornecimentos, porque eu não podia esperar mais tempo.

Centenares de Lundas, homens, mulheres e creanças, se me apresentaram, ao romper da madrugada, no largo, á frente da Estação, pedindo a protecção de Muene Puto; que os levasse para a terra de Muene Puto, eram o que todos pediam; que lhes salvasse a vida, que todos elles eram filhos de Muene

Puto; a Lunda morreu já, nada nos prende a estas terras. Que marchem todos para a praia foi a nossa resposta.

Pelo caminho deram-se alguns episodios de todos correrem para mim, suppondo-se perseguidos pelos Quiocos, quando eram novas levas de Lundas que vinham agrupar-se aos meus.

Os contractados de Loanda não poderam consentir que a cadeira e respectivo docel e ainda o banco estofado de Lucuoquexe ficassem expostos a ser roubados pelos Quiocos, e com tudo acarretaram para a praia.

Era muita a gente, e apesar do embarque começar ás 6 horas da madrugada, só ás 2 da tarde é que eu passei em ultimo logar, não obstante trabalhar a nossa e a canôa dos Lundas.

Chegámos á Colonia ás 4 horas e meia da tarde e só ás 6 tomei a minha primeira e ultima refeição neste dia (tomates cosidos em agua sem temperos e infunde).

Os homens que tinham ficado na Colonia, quando nós chegámos á praia appareceram-nos na outra margem a pedir noticias do que havia succedido de noite, porquanto tinham visto o grande incendio na Mussumba e vinham collocar-se ao lado da nossa bandeira para morrerem junto de mim.

Aqui estamos, pois, de novo na Colonia *Principe D. Carlos Fernando*, desde a tarde de 24 do mez findo, esperando que cessem as chuvas, ao mesmo tempo que aguardamos os acontecimentos e todos os dias em procura de que nos alimentarmos por estas terras entre os vegetaes, visto que caça não ha nos arredores.

E é certo que estamos rodeados de Quiocos, porquanto alguns Lundas que conseguem escapar-se para a Colonia nos dizem onde elles estão estabelecidos e as correrias que fazem durante o dia por entre o capim e ultimamente nos foi annunciado que os fogos que de noute vêmos no Calanhi são

Quiocos que lá estão acampados e entre elles grassa a variola, de que já morreram alguns, attribuindo o mal a feitiço de Mucanza que deixou ficar essa molestia que trouxe do Caiembe numa caneca que elles encontraram na quipanga.

. . . .

Expuz a V. Ex.ª mais uma narração de factos que outra cousa e agora tenho a accrescentar: que na noite de 6 de novembro do anno passado, quando reconheci a impossibilidade de fazer avançar Xa Madiamba com a sua grande comitiva para tomar posse do cargo para que foi eleito, deliberando-me a fazer regressar meus collegas e vir eu aqui com a gente inteiramente indispensavel e que me fosse dedicada, medi bem as difficuldades com que tinha de luctar.

Não desconhecia: o mau estado em que vinha encontrar estas terras; as intrigas que vogavam para se arranjar um Muatiânvua; as guerras que se preparavam dos Quiocos para irem aos Tubinjis e Tucongos; a agitação de Mataba suppondo que Xa Madiamba pretendia acreditar-se vingando a morte do governador Mucanza; o descontentamento de muitos potentados lundas e quiocos por Xa Madiamba ter retirado quando estavam esperançados que elle poderia conciliar as cousas, contentando uns e outros, sob a protecção de Muene Puto; emfim, o ter de marchar ainda muitos dias e mezes, exposto ás grandes chuvas, deparando com pantanos e enchentes de rios, faltando-me o indispensavel de recursos para me alimentar e medicar e para nos defendermos no caso de atacados pelos indigenas que pela primeira vez viam um homem branco.

Mas se pelo que eu já sabia por experiencia e muitas informações, eu tambem retirasse contentando me em tirar desses conhecimentos, deducções e conclusões, acreditar-me-hiam?

Se eu tivesse retirado, diriam que era a prudencia com que sempre andei, que me aconselhara assim proceder?

Não. Eu bem sei que me levariam á conta de medo e quem sabe talvez de cobardia!

E tinha terminado a minha missão? Tambem não; porque as instrucções obrigavam-me a pôr termo á minha viagem na Mussumba.

Retiraram dois Muatiânvuas: um eleito, outro interino, deante de mim! Que culpa tenho eu disso?

Vim assistir á queda do Estado do Muatiânvua? já o previ ha um anno; não me recordo se o disse officialmente, mas a amigos particulares sei tel-o escripto.

Agora, como as cousas se passam aqui, a nós, europeus, é que não nos era dado esperar.

Reunirem-se as populações do norte, com receio de se não poderem sustentar isoladas nos seus sitios contra os ataques dos Quiocos e juntas do seu Muatiânvua não repellirem pequenos grupos de homens armados que vem atacal-os apenas confiados nas cordas, porque cada homem não trazia mais que cinco ou seis cartuchos, se tanto; e não resistirem, darem logo a voz de alarme para que fuja cada um para onde puder, é o que custa a acreditar!

. . . .

Nos ultimos cinco annos os Lundas, entretiveram-se a destruir, esquecendo-se da agricultura e do commercio. Com a retirada de Correia Pinto daqui e de Saturnino Machado de Quimbundo, que alimentava no commercio o primeiro, deixaram de vir fazendas, armas, polvora e outros artigos para a Mussumba, emquanto que os Quiocos do sul tudo recebiam de Benguella. Assim o enfraquecimento dos Lundas e o engrandecimento dos Quiocos.

Os proprios Quiocos dizem estranhar as fraquezas dos Lundas que elles em creanças respeitavam como valentes e acreditam que hoje os seus mesinheiros sabem fazer os remedios

que a elles Quiocos tem dado animo e valentia perante os Lundas que esmorecem e se humilham como deante das feras; elles dizem: «tornam-se cambululos que se pegam a nós e vão comnosco para onde nós seguimos».

A gente valida da Lunda que se deixa conduzir por elles, é certo que em pouco tempo a transformam a ponto de se confundirem com os seus typos mais caracteristicos e alguns individuos que pertenceram aos Estados do Muatiânvua, mulheres principalmente, dizem que é para elles de mais socego viverem nas povoações dos Quiocos do que na dos Lundas, porque elles prezam as suas mulheres, deixam-nas nos seus sitios a cuidar das lavras e não as levam a padecer para as guerras.

O Quioco agora é que vende gente que traz das razzias por lhes faltar marfim e borracha e terem já mulheres e rapazes de sobra para os serviços da povoação. E' de crêr, a continuar a perseguição dos Lundas, logo que as povoações destes deixem de existir que comecem então as guerras de Quiocos do sul com os do norte, em que mais hão-de soffrer os que habitarem a região entre o Cassai e o Cuango e nós temos de prevenir-nos necessariamente, aproveitando-nos do rio Cuango como barreira, porque muita gente procurará migrar para dentro da região sob a alçada immediata das nossas auctoridades e quem sabe mesmo se os invasores levarão sua audacia a perseguir ahi os migrantes.

. . . .

Com respeito ao commercio, continuo dizendo que nesta região entre o 6° e 10°, corre por emquanto, sem a nossa occupação definitiva, um grande risco; os sacrificios com o seu transporte (embora baratos com relação á Europa) são muito onerosos. O negociante passa entre estes povos como amigo e sáe sempre roubado, senão por uns por outros, por não saberem quando voltarão esses ou outros negociantes.

O que elles apresentam, como negocio corrente para as transacções dos artigos de que carecem, é o preto que se vende, e não me considere V. Ex.ª menos hnmanitario por asseverar ser isso uma fortuna para o vendido que o conduzem para as terras em que dominamos de facto.

Para mim seria realmente uma Sociedade Humanitaria aquella que se fundasse, disposta a empregar um capital importante em levar daqui toda a gente que se vende para uma região abandonada, em que se firmasse pela força a integridade do territorio como dominio da Sociedade, e se constituisse com os individuos comprados um governo entre elles devidamente educado e orientado pela mesma sociedade.

Seria este um meio pratico de regeneração, aproveitarmos do mal para um bem, *similia similibus* e estou convencido que nem era preciso muito tempo nem capital para conseguirmos pôr têrmo á escravidão, e por consequencia á escravatura.

Era uma questão de diversas commissões destacadas protegendo-se reciprocamente; e para que não se supponha que tenho só em vista o interesse de Portugal, dava mais amplitude ao meu projecto: essa Sociedade devia ser Universal no Mundo Civilisado e as commissões de resgate compostas de individuos de diversas nacionalidades.

O que se tem passado diante de mim, mette dó, e custame não ter meios para resgatar todos os que me pedem os leve em minha companhia para as terras de Muene Puto.

Pensa se tanto em Africa, nos seus territorios, no aproveitamento de suas riquezas naturaes; pense-se duma vez em aproveitar os seus povos em prol das gerações futuras.

Educados aqui, neste meio e com os exemplos que teem diante de si todos os dias, é impossivel! Deixal-os viver na liberdade e ignorancia é deshumanitario, e para nós Portuguezes, mais tarde, talvez um perigo.

Desculpe-me V. Ex.ª este devaneio.

Em todo caso para o commercio, é melhor esperar que estes povos procurem o que podem offerecer em troca do que precisam, indo elles mesmo premutal-o ás casas que se estabelecerem para negocio em vez dos enviados do nosso commercio andarem espalhados entre elles á procura do que tenham de commercio licito para a premutação; aliás continuarão os roubos, sequestros e espoliações.

E não conte V. Ex.ª que o caminho de ferro de Ambaca, será um meio de attrahir a Loanda, marfim e borracha desta região, não o é, pela razão muito simples, porque não existe. O que ha está aquém do Cassai e esse ha de ser desviado pelos barcos a vapor da Associação Internacional, que sou informado já chegam a Estação dos Allemães no Lulua.

Eu contava com o Canhíuca e com o Samba, mas depois que vejo que o Governo de Sua Magestade, não manda occupar as Estações que levantei até aqui, não aconselho o commercio a arriscar fardos de fazendas e volumes de outros artigos porque se as caravanas passarem sem difficuldades na vinda, no regresso são com certeza roubadas sobre qualquer pretexto, sempre porque a ambição os faz suppor que não teem outra vez a fortuna de vêr passar pelas suas terras fazendas.

Estamos hoje no 1.º de fevereiro, e as chuvas além de constantes são em abundancia para que eu possa sahir daqui tão cedo.

No emtanto, os meus rapazes, tratam de procurar alimentos, e eu por aqui vegeto entretendo-me com trabalhos a bem da sciencia até onde me é dado chegar e diligenciando ser prestavel ao meu paiz, cercado de Quiocos que proseguem na caça aos Lundas e esperando sempre que o Governador de Angola me mande ordens e recursos para que possa tornar

uma realidade os protectorados e reconhecimentos de Soberania já feitos por que todos estes povos Lundas e Quiocos que de bom grado se prestaram a firmar tractados, instam pela nossa occupação, como o unico meio de os livrar das pessimas circumstancias em que vivem.

Já vê V. Ex.ª pois, que não é invejavel a minha situação e só por muita dedicação á minha Patria aqui me conservo, no risco de perder a vida por falta de recursos alimenticios e medicos. — Deus guarde a V. Ex.ª — Colonia Portugueza «Principe D. Carlos Fernando» no Luambata, margem esquerda do Calanhi, 1 de fevereiro de 1887 — Ill.mo Ex.mo Sr· Conselheiro Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios de Marinha e Ultramar (a) O Chefe da Expedição, *Henrique Augusto Dias de Carvalho*, major do exercito.

AUTO

Aos oito dias do mez de janeiro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e oitenta e sete no logar das audiencia na Mussumba do Calanhi, estando presentes o Muatiânvua interino Mucanza, seu irmão Suana Mulopo Umbala, sua sobrinha Lucuoquexe Palanga, a sua Muari Camina e os Muatas: Muene Dinhinga, o Calala Mulungo, Canapumba Ianvo, o Muitia, a Suana Murunda, a Anguina Ambanza, a Anguina Muâna, o Xa Muâna, o Muene Panda, o Muene Casse, o Muene Capanda, o Muene Tanso, o Cambaje iá Pembe e outros muitos potentados que tem assento sobre pelles em presença do Muatiânvua, todos rodeados de sequitos de pé; e os portuguezes Manuel Correia da Rocha, Domingos Simão, João Pedro da Silva, Efica Antonio Sebastião Moniz, Xa Vunji; entrou o delegado do Governo de Sua Magestade Fidelissima o major do exercito de Portugal, Chefe da

Expedição Portugueza ao Muatiânvua, Henrique Augusto Dias de Carvalho, seguido do seu interprete Antonio Bezerra de Lisboa, que este auto escrevo e Agostinho Alexandre de Bezerra, o empregado José Faustino Samuel, os contractados em Loanda, Paulo, Adolpho, Paulino, Domingos de Cassanje, Narciso e Matheus; e os contractados em Malanje: Negrão, Francisco, Xavier e Palanga, os quaes transportavam convenientemente coberta a cadeira alta despaldar, que collocaram na praça em frente do logar em que estava a cadeira do chefe da Expedição á direita do Muatiânvua; e depois dos cumprimentos do estylo o senhor major disse:

Que vinha desempenhar-se perante os Muatas principaes do Estado de Muatiânvua, de um dos encargos do Governo de Sua Magestade Fidelissima, para o que havia feito prevenir com tres dias de antecedencia, o Muatiânvua interino.

Que infelizmente eram muito tristes as circumstancias em que viera encontrar o Estado, mas acceitando as cousas como ellas realmente eram, e não havendo ainda Muatiânvua definitivo, havia comtudo a côrte, e por deliberação desta, exercendo interinamente a soberania no Estado o Mona Muatiânvua (filho de Muatiânvua) o Muata Mucanza e por isso a necessaria garantia do que fosse entregue á côrte, sêl-o-hia mais tarde ao Muatiânvua que se fizesse acclamar segundo os preceitos estabelecidos;

Como para todos os effeitos Mucanza arrecadava os proventos do Estado e delles disfructava os rendimentos para manter a dignidade do elevado cargo que interinamente estava exercendo, esperando seu irmão Chibuinza Ianvo vulgo Xa Madiamba, Muatiânvua já eleito pela côrte; a elle Mucanza na presença da dos seus quilolos lhe ia entregar os presentes que por ordem do Governo de Sua Magestade, da sua parte devia apresentar ao chefe do Estado de Muatiânvua.

O Sr. Major, dando em seguida ordem ao empregado Samuel para que apresentasse a caixa das roupas e outros volumes que tinham destino para o Muatiânvua, aquelle abrindo os referidos volumes, foi apresentando peça por peça ao Muatiânvua o que nos mesmos se continha; e consistia: em dois uniformes completos guarnecidos de bordados a ouro fino, sendo o panno dum delles carmesim, — duas espadas uma de almirante e outra de general, — dois chapeus armados, — um diadema de pedrarias de côres diversas, — um colar de ouro, — uma bandeja, uma jarra e dois copos de electro-plate, — duas bandas uma carmesim outra azul com fios de ouro, — dois telins, — uma caçadeira de dois cannos, — um revolver Lefaucheux, — um grande penacho carmesim e outro branco, — um par de polainas de lã carmesim guarnecidas de galões dourados, — uma caixa de guerra (tambor), — uma caixa de musica com oito peças, — e finalmente dois cobertores de lã carmesim, — uma peça de chita por encetar, — quatro pannos de riscados, — dois macetes de missanga miuda, um carmesim e outro branco, — e dois ditos de tachas amarellas.

O Muatiânvua que tudo foi vendo acompanhado dos applausos e admirações de seus quilolos pediu depois que se suspendesse a audiencia por algum tempo emquanto elle ia vestir um dos uniformes para agradecer a Muene Puto, como é da praxe; e foi vestir-se indo Samuel dirigir os seus Caxalapolis e pouco depois voltou com o uniforme carmesim, trazendo espetado no cabello e bem preso o penacho da mesma côr, collocado no alto para traz.

Com enthusiasmo foi recebido Mucanza depois pelos que o esperavam na audiencia quando de novo veiu tomar o seu logar.

Restabelecido o silencio, continuou o Sr. major; ainda o desempenho deste meu encargo não está concluido, e pedi ao meu amigo Mucanza a ultima vez que o visitei para que mandasse construir no logar em que costuma sentar-se nas audiencias

e com toda a solidez o alpendre que está feito ao nosso lado, para ahi se poder resguardar a cadeira que sua Magestade manda que eu entregue ao Estado.

E em seguida José Faustino e os contractados de Loanda, rapidamente collocaram o docel com os competentes cortinados nos logares que elles já na vespera haviam marcado no alpendre e armaram a cadeira, collocando-a sobre o largo estrado que era a propria caixa coberta com um grande tapete.

Foi então que o enthusiasmo do povo recrudesceu tornando-se delirio, imponente de innocencia selvatica dum povo rude mas de sentimentos sãos e bons, quando o Quiota, o mestre de cerimonias e Muene Dinhinga, o Muata de maior jerarchia tomando pela mão o Muatiânvua, a um signal do Sr. major, o conduziram a sentar-se na cadeira.

A um por um todos os circunstantes se foram prostar adeante do Muatiânvua esfregando a cara, peito e braços com terra que tomavam do proprio solo; e emquanto isto faziam os Muatas que depois iam retomando os seus logares dum e do outro lado da roda do povo sahiam os rapazes de facas em punho, nas suas danças aos saltos invocando o Zambi de Muene Puto a quem agradeciam a protecção que despensava ao seu Muatiânvua.

Decorreu mais duma hora nestas cerimonias obrigadas e entretanto os contractados da Expedição abriam no logar que lhes fôra marcado em frente da entrada da residencia do Muatiânvua, uma cova e nella depois fixaram um mastro que já estava preparado e depois fizeram nelle içar o estandarte real (vermelho) que foi firmado no topo com um tiroteio de fuzilaria, tocando então a caixa de musica que estava sobre o estrado ao lado do Muatiânvua.

Descobriram-se todos os Portuguezes que num brado unisono acompanharam o Sr. major nos vivas a Sua Magestade El-Rei o Senhor Dom Luiz I, brado que se repercutiu por en-

tre os indigenas numa exaltação allucinadora com os seus equivalentes aos nossos vivas, — chegando o Muati ânvua a estar de pé por algum tempo por vêr que o Sr. major assim se conservava e de cabeça descoberta.

Chamados á ordem a pedido do Sr. major, poude emfim elle explicar o que significava o acto por parte dos Portuguezes, que o povo tão expontaneamente havia reforçado inconscientemente com as suas alegrias só por reconhecerem que nesse acto acto havia uma manifestação de alegria por parte dos Portuguezes.

Ensinou depois o Sr. major, quando o Muatiânvua devia usar do estandarte pois para todos os dias a bandeira a fazer içar no mastro, era outra que depois fez collocar no mastro, — e disse mais: que em differentes localidades do Estado em poder dos quilolos, senhores de dominios, que constituem o Estado e tambem Quissengue possuiam bandeiras eguaes aquella que lhe deixava que era a de Muene Puto reconhecido Soberano de toda a Lunda, mas o estandarte, o pavilhão real de Portugal só o possuia a côrte do Muatianvua; não podia pois o Muatiânvua consentir que as suas armas fizessem fogo contra os povos que hasteavam uma bandeira egual á sua porque esses povos eram protegidos por Muene Puto e do mesmo modo esses povos não podiam fazer fogo contra os do Muatiânvua que se apresentassem com a sua bandeira.

Aquella bandeira garantia a paz e o bom viver entre todas as tribus que hoje povoavam a Lunda e reconheceram a Soberania de Portugal.

Foi nesta occasião que o Muatiânvua apoiado pelo seu Muitia e outros quilolos manifestou o seu desejo de prestarem o Acto de Reconhecimento da Soberania de Portugal que ficou reservado para outra audiencia, terminando esta pela entrega que o Sr. major fez ao Muatiânvua do que trouxera em nome

do Governo de Sua Magestade para ser entregue á sua Muari, á Lucuoquexe, a Suana Murunda, ao Suana Mulopo, a Muene Dinhinga, a Muitía e ao cosinheiro mór Muari Muixi.

E não havendo nada mais a incluir neste auto, foi determinado pelo Chefe da Expedição que o encerrasse e fosse assignado devendo eu escrever primeiro os nomes e titulos dos indigenas e dos Portuguezes que não sabiam escrever para fazerem uma cruz ao lado e na presença das testemunhas Manuel Correia da Rocha residente neste logar ha quinze annos e de José Faustino Samuel como procurador de Efica Antonio Sebastião Moniz que tambem tem onze annos de residencia nestes sertões — (ass) † Mucanza Muatiânvua interino, † Umbala Suana Mulopo, † Palanga Lucuoquexe, † Muitía, † Muene Dinhinga, † Calala, † Canapumba, † Domingos Simão, † João Pedro da Silva, † Paulo, † Adolpho, † Domingos de Cananje; que declaramos a todos reconhecer como os proprios Antonio Bezerra de Lisboa, Manuel Correia da Rocha, e por Efica Antonio Sebastião Moniz, José Faustino Samuel assignaram pelo seu proprio punho, Henrique Augusto Dias de Carvalho Chefe da Expedição portugueza ao Muatiânvua, José Faustino Samuel, Manuel Correia da Rocha, Agostinho Alexandre Bezerra e eu escrivão nomeado para este fim Antonio Bezerra de Lisboa, 1.º interprete da Expedição. — Está conforme com o que por mim foi escripto no livro respectivo da Expedição, Calanhi (Mussumba do Muatiânvua interino Mucanza) 8 de Janeiro de 1887. Antonio Bezerra de Lisboa.

AUTO

Aos quinze dias do mez de janeiro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e setenta e sete na Mussumba do Calanhi na margem direita do rio do

mesmo nome, a mais antiga e a fundamental Capital do grande Estado de Muatiânvua e da Lucuoquexe, no grande largo das audiencias geraes, estando presente o embaixador portuguez, major do exercito Henrique Augusto Dias de Carvalho com os seus interpretes Antonio Bezerra de Lisboa e Agostinho Bezerra e os Ambaquistas da colonia do Luambata a dez kilometros a oeste, Antonio Correia da Rocha, Manoel Ferreira, José Rodrigues da Cruz, Antonio Martins, Domingos Simão, João Pedro da Silva, Antonio Sebastião Moniz e comigo José Faustino Samuel que escrevo este, e tambem Mucanza Muatiânvua interino, Umbala Suana Mulopo, o grande quilolo Muene Dinhinga, a Lucuoquexe Muari Camonga Palanga, Canapunbas 1.º e 2.º, Calala Muata Catembo, Muitia, Muata Noeji, a Muari, Suana Murunda, Xa Muana e outros fidalgos e tambem o sequito de cada um destes potentados, depois dos cumprimentos do estylo foi dito pelo Muatiânvua: que tendo Cassechi apresentado a elle Muatiânvua e sua côrte as deliberações tomadas por Ianvo, Chibuinza vulgo Xa Madiamba, de retroceder e esperar no Caungula Xa Muteba a protecção que deseja do Governo de Sua Magestade Fidelisima sem a qual se não resolve a investir-se do lucano para que os quilolos o haviam chamado visto ser filho mais velho do Muatiânvua Noeji a quem todos por unanimidade haviam eleito Muatiânvua; elle interino com o voto da côrte, corrobora o que é da vontade do mesmo Ianvo e não só farão acompanhar a Expedição no seu regresso de delegados da côrte a Ianvo e a Muene Puto para mostrar o desejo do Estado, de quererem a Soberania de Portugal; mas pedem agora que fique já consignado num tratado que pretendem firmar: que depois do Muatiânvua Noeji e visita de Joaquim Rodrigues Graça nunca deixaram de reconhecer essa superior Soberania; que todos os Muatiânvuas que succederam àquelle e os quilolos que teem feito parte das suas

côrtes sempre consideraram o Rei de Portugal como seu protector; séus avós mesmo nunca conheceram outro Rei, nem elles nem pessoas que vivem actualmente conheceram da existencia de outro Rei branco se não no tempo de Xanama (1878 e 1881) pelos inguezesses (allemães) que vieram a Mussumba com os filhos de côr de Muene Puto, mas o proprio Xanama não recebeu bem o ultimo (Max Buchner) por que lhe falava só do seu Rei e dizia que Muene Puto era pobre e não tinha valor nenhum, era o Rei branco que tinha menos terras e gente, o que ninguem acreditou.

Elle Muatiânvua interino e côrte esperando o Muatiânvua eleito Ianvo desejavam que o Sr. major delegado do Governo de Portugal tomasse já conta do Estado e em nome de Ianvo e para bem de todos fizesse as pazes dos Quiocos e os Lundas de áquem de Cassai, como conseguiu fazel-as entre os de álem até ao Caungula; e estabelecesse já o Sr. major as condições a que elles tinham de se sujeitar e tudo escrevesse para o guvulo em Loanda já providenciar a favor das terras em quanto Muene Puto dálem do Calunga (mar) não mandasse auctoridades e outros seus filhos brancos para ensinarem a governar as terras.

E perguntando a todos os ouvintes se tinha falado bem e tudo que elles queriam, ou mais alguma cousa alguem tinha em seu coração para dizer? aquelles bateram as palmadas e a seu modo mostraram estarem satisfeitos com o pedido, desejando o que o Sr. major não demorasse em passar para a mucanda (escrever) tudo quanto elles desejavam.

Tratou então o Sr. major de lhes fazer explicar a que tinham de se sujeitar para o Governo de Sua Magestade poder conceder-lhes a graça de os tomar sob seu protectorado e definitivamente fazer occupar as suas terras para então harmonisar os Quiocos com os Lundas; e logo lhes fez sentir que se

haviam de comprometter a acabar com a pena de morte e com a venda de gente.

E como a tudo elles mostrassem prestar-se de bom grado foi então decidido que o Muatiânvua faria reunir toda a sua côrte no dia 18 e viria o chefe da Expedição Portugueza com todo o seu pessoal estabelecer-se na Estação portugueza «*Pinheiro Chagas*» que já então devia estar concluida e na audiencia do Muatiânvua apresentaria o tractado que toda a côrte devia firmar.

Foi este por mim escripto e vai ser assignado pelo embaixador Chefe da Expedição Portugueza com os interpretes, Ambaquistas e por mim e pelos que sabem escrever e de cruz assignaram † Mucanza Muatiânvua interino, † Palanga Muari Camonga Lucuoquexe, † Muene Dinhinga, † Calala Muata Catembo, † Muitia, † Canapumba, Antonio Martins, † Antonio Sebastião Moniz (a) Henrique Augusto Dias de Carvalho chefe da Expedição Portugueza ao Muatiânvua, Antonio Bezerra de Lisboa, Agostinho Bezerra, Antonio da Rocha vulgo o Carucâno, † Antonio Manuel Ferreira, † José Rodrigues da Cruz, Domingos Simão, João Pedro da Silva e eu que o escrevi José Faustino Samuel.—Está conforme Calanhi, Mussumba do Muatiânvua, 15 de janeiro de 1887.—José Faustino Samuel servindo de secretario.

TRATADO COM A CÔRTE DO MUATIANVUA

Aos dezoito dias do mez de janeiro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e oitenta e sete, na principal Mussumba do Muatiânvua na margem direita do Calanhi entre os rios deste nome e o Cajidixi na lat. S. do Eq. 8° 21′ long. E. de Gren 23° 11′ e na alt. de 1:009 metros, reunidos o Muatiânvua Mucanza com a sua côrte na Am-

bula (largo em frente da residencia) á sombra de tres grandes arvores monumentaes que symbolisam a instituição do Estado do Muatiânvua, foi recebido neste local acompanhado de emissarios do Muatiânvua e da Lucuoquexe, o embaixador de Portugal, major do exercito Henrique Augusto Dias de Carvalho que era seguido dos interpretes portuguezes Antonio Bezerra de Lisboa e Agostinho Alexandre Bezerra, de mim que servi de secretario, empregado da Expedição José Faustino Samuel, de Antonio Rocha e seus patricios e companheiros da colonia de que elle é chefe no Luambata ha oito annos em substituição de Lourenço Bezerra que a creou ha quinze e retirou de todo para Malanje onde morreu ha dois; pelo Chiota mestre de cerimonias e o grande potentado Muene Dinhinga;—começando então o tiroteio de fusilaria em signal de regosijo pela chegada do mesmo embaixador e depois dos cumprimentos do estylo sentou-se o mesmo embaixador em uma cadeira á direita do Muatiânvua que estava sentado debaixo do docel na cadeira de espaldar dourada, presente que trouxe a Expedição portugueza e depois de feito o silencio se leu e foi depois assignado o seguinte:

Art.º 1.º — O Muatiânvua e a sua côrte bem como os herdeiros dos actuaes potentados, Muatas de lucano declaram: que nunca reconhecerão outra Soberania senão a de Portugal, sob o protectorado do qual ha muito seus avós collocaram todos os territorios por elles governados e constituem o Estado da Lunda e que esperam sejam agora mandados occupar definitivamente pelo embaixador do Governo de Sua Magestade Fidelissima.

Art.º 2.º — São considerados por parte do Governo de Portugal os actuaes Muatas, Muenes e Monas, e quaesquer outros quilolos de grandeza e sem grandeza chefes de estado e de

menores povoações, quaesquer dignatarios e Cacuatas e todos os seus povos como vassallos de Portugal e os territorios que occupam ou venham a adqnirir como partes integrantes do territorio portuguez.

Art. 3.º—Uns e outros se obrigam a franquear os caminhos ás povoações e o livre exercicio do commercio e da industria licita a todos os individuos portuguezes ou munidos de uma auctorisação ou ordem do Governador Geral da provincia de Angola, bem como a consentir, a auxiliar e a garantir o estabelecimento de missões, de feitorias, de colonias, de fortificações, de tropas, de auctoridades e facilitar a passagem a escoteiros e viajantes portuguezes nos seus territorios.

Art. — 4.º O Muatiânvua e sua côrte não consentirão que em nenhum caso e sob pretexto algum as auctoridades subditas do Muatiânvua por muito longe que sejam os dominios destes da capital, admittam o estabelecimento nas suas terras de colonias, forças ou agentes não portuguezes ou sob qualquer bandeira que não seja a portugueza, sem previa auctorisação dos delegados do governo de Portugal na Lunda, e em quanto estes se não apresentem, do governador geral de Angola, nem poderão negociar com estrangeiro ou nacional algum qualquer cessão politica de territorio ou de poder.

Art. 5.º — Compromette-se o Muatiânvua e todos os potentados Muatas e outros seus subditos a não fazerem nem consentirem que se façam nos seus territorios sacrificios humanos, venda ou troca de gente por artigos de commercio ou pagamento de demandas e de multas com gente.

Art. 6.º — Todas as auctoridades subditas do Muatiânvua com a sancção deste, ficam obrigadas a darem passagem, segurança e soccorro a todos os commerciantes e mais pessoas que em paz e boa ordem tenham de atravessar ou percorrer os seus territorios e povoações, não exigindo dellas tribu-

tos e multas se não as que tenham sido previamente reguladas e entregando á auctoridade portugueza ou a quem a represente mais proxima, sem maus tratos, violencias ou delongas, a pessoa ou pessoas estranhas ao seu paiz ou tribu de que suspeitem ou tenham commettido qualquer maleficio nos seus territorios.

Art. 7.° — Que todos os subditos do Muatiânvua manterão paz com os povos vassallos e amigos de Portugal e com os Portuguezes, submettendo as dissenções e litigios quando os haja e possam perturbal-a, ao julgamento da auctoridade portugueza.

Art. 8.° — Portugal pelos seus delegados ou representantes reconhece todos os actuaes chefes e de futuro confirmará os que lhe succederem ou forem elevados a essa cathegoria segundo os usos e praxes e sejam confirmados pelo Muatiânvua; e obriga-se a manter a integridade de todos os territorios sobre o seu protectorado e respeitará e fará respeitar os usos e costumes, emquanto se não disponham a modifical-os de modo que possam instituir-se outros de effeitos mais salutares em proveito das terras e de seus habitantes.

Art. 9.° — Quando alguma reclamação seja feita, todos auxiliarão a auctoridade no empenho de a conseguir seja contra quem fôr com todas ou parte de suas forças de guerra.

Art. 10.° — Reconhecido como está Ianvo, vulgo Xa Madiamba eleito pela côrte, Muatiânvua; o presente Tratado antes de ser apresentado ao Governo de Sua Magestade Fidelissima será submettido á sua apreciação, podendo elle com Caungula e Muata Cumbana fazer-lhe ainda as alterações que julguem convenientes a obter-se a protecção que se pede a Portugal; e só póde ter execução por ordem do Governo de Sua Magestade, e depois de estabelecidos os seus delegados nas terras da Lunda.

Calanhi, capital do Estado do Muatiânvua 18 de janeiro de 1887 (a) por outros como procuradores, e pondo elles uma † ao lado de seus nomes; † Muatiânvua, Mucanza, † Suana Mulopo Umbala, † Lucuoquexe Palanga, † Muari Caminaa, † Suana Murunda, † Muene Dinhinga, † Canapumba Andunda, † Calala Catembo, † Muitia, † Muene Panda, † Cabatalala, † Paulo, † Adolpho, † Paulino de Loanda, † Antonio Martins, † Domingos Simão de Ambaca, e assignaram Antonio da Rocha, José Rodrigues da Cruz, Antonio Bezerra de Lisboa, Agostinho Alexandre Bezerra, João Pedro da Silva, Henrique Augusto Dias de Carvalho o Chefe da Expedição Portugueza ao Muatiânvua, e por ultimo eu José Faustino Samuel que o escrevi. Está conforme e delle se tiraram duas copias, uma que se deixou ao Muatiânvua, que se entregou a Camexi para a apresentar a Xa-Madiamba e o original que vai ser remettido ao governo de Sua Magestade Fidelissima. José Faustino Samuel, servindo de secretario.

AUTO

Henrique Augusto Dias de Carvalho, Chefe da Expedição Portugueza ao Muatiânvua, e delegado do Governo na Lunda por Sua Magestade Fidelissima, etc., etc.

Tendo em subida conta as provas de muita consideração e respeito do Muanangana Quissuássua e seus subditos pela bandeira nacional portugueza que todos os dias se vê hasteada á entrada desta colonia portugueza Principe D. Carlos Fernando, e á sombra da qual estão abrigadas mais de duas mil pessoas que pertenciam aos Estados do Muatiânvua;

Considerando que Mona Quissuássua e suas forças em guerra declarada com as populações do Muatiânvua não só respeita-

ram, mas fizeram respeitar ás forças de outros potentados quiocos a integridade do vasto territorio da colonia portugueza, bem como a garantia de segurança das vidas e bens dos Lundas que eu prometti manter a todos que vieram pedir a protecção da bandeira portugueza;

Attendendo aos desejos do Muanangana Quissuássua de ser considerado vassallo de Sua Magestade Fidelissima e como tal poder usar da bandeira, como por mim já foi concedida a Mona Quissêngue que reconhece como seu unico chefe;

Em nome do Governo de Sua Magestade Fidelissima determino que o empregado José Faustino Samuel, acompanhado de Arsenico, pombeiro de Manuel Correia da Rocha, vão a Cauênda, ao acampamento de Muanangana Quissuássua lhe entreguem a bandeira nacional que lhe concedo e esta auctorisação para della fazer uso em marcha e a poder hastear no seu sitio, agora, na margem direita do Cassai, pouco mais ou menos entre o 8° 30′ e o 9° de lat. a S. do Eqr.

Outro sim, depois de entregue a bandeira, lhe apresentarão os dois rapazes que fazem parte da povoação de Xa Cambunji, seu visinho, com a competente carta em que lhe recommendo prestar-me um bom serviço, mandando-os entregar ao referido Xa Cambunje.

Colonia Portugueza Principe D. Carlos Fernando, no Luambata, margem esquerda do Calanhi, 15 de fevereiro de 1887. — (a) O Chefe da Expedição, *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

Foram cumpridas as ordens do Chefe da Expedição. — (ass) *Arsenico, José Faustino Samuel.*

CARTA

Amigo Muanangana Quissuássua. — Os rapazes que mando á sua presença são filhos do seu amigo Xa Cambunji, que este mandara sahir do sitio na companhia da embaixada que fôra cumprimentar Xa Madiamba. Aquella embaixada retirara de noite sem que os rapazes soubessem e estes com receio de serem presos pelos Matabas ou pelos Quiocos no caminho, vieram pedir protecção á bandeira de Muene Puto para quando se apresentasse melhor occasião poderem seguir viagem para a sua terra.

A occasião não póde ser melhor, visto que o meu amigo Quissuássua tenciona regressar por estes dias e vae marchar, levando na sua frente a bandeira de Portugal; espero pois que me garanta que elles serão bem tratados e se responsabilisa de os fazer entregar a Xa Cambunji.

Se houver um meio de me fazer saber que a missão de que eu o encarrego foi bem desempenhada, não deixarei de ter em muita consideração esse serviço que presta como vassallo de Sua Magestade Fidelissima.

Desejo-lhe saude e boa viagem. — Luambata, Colonia portugueza, Principe D. Carlos Fernando, 15 de fevereiro de 1887. — Seu amigo, o major *Henrique Augusto de Carvalho.*

N. B. — No dia 6 de abril, um portador de Quissuássua, com o seu signal, apresentava-me um Macossa, portador de Xa Cambunji, que me agradecia, em nome deste, o ter-lhe enviado os dois rapazes; e trazia-me de presente, para a minha viagem de regresso, um esplendido carneiro e uma grande pelle de leopardo. Mandei a Quissuássua uma banda, que ainda me restava, agradecendo o seu bom serviço.

A S. Ex.ª o Sr. Ministro

Vêr e crêr como o Apostolo S. Thomé, era como principiava o 1.º relatorio desta localidade lat. S. do Eqr. 8º 21′; long. E. de Green. 23º 10′ na altitude 1009m, pois só assim se pódem escrever os successos que rapidamente se agglomeram desde que estamos aqui e constitue uma parte da historia dos Estados do Muatiânvua, que é real, e entre elles passado alguns annos, só decerto se transmitte, ás novas gerações, deturpada.

E pondo de parte, por agora, as illações a que sou levado, passo já a narrar factos, nos quaes se conhece a influencia de Portugal, mesmo entre o gentio mais selvagem e de que muito tem valido a esta Expedição a meu cargo em todas as circumstancias em que nos temos encontrado, sendo as actuaes as mais criticas por não termos os mais insignificantes recursos para a nossa alimentação quotidiana, quanto mais para manter por meio de presentes essa influencia.

Na minha ultima communicação fallei a V. Ex.ª nas forças de Quiocos do Muanangana Quissuássua, que vinham dispostos a fazer uma razzia de mulheres e rapazes da Lunda que vieram pedir a protecção da nossa bandeira e ficaram residindo na Colonia portugueza; e que essa força que vinha em marchas acceleradas e de armas carregadas, estacou como de repente ao vêr á entrada da Colonia desfraldada a bandeira portuguêza e a mim com o meu pessoal dispostos a embargar-lhes a passagem.

E' este um dos quadros mais bellos da minha Expedição, uma scena muda, mas das mais expressivas do respeito da selvageria pela bandeira dos afamados conquistadores do mundo inteiro!

De um lado, numa baixa, e em caminho estreito, orlado de

alteroso capim, meia duzia de africanos portuguezes, rotos, esfarrapados, rodeando a bandeira das quinas que o tempo se encarregou de ir deteriorando, e á frente desse grupo um homem branco: baixo, anemico, representando, pelo seu estado physico e brancura dos cabellos da barba, uma edade de octogenario, dupla da que tinha; do outro lado, descendo da serra, uma força de 70 a 80 homens aguerrida, vigorosa, agil e que marchava numa resolução determinada.

Mais um passo dessa força, era-nos indispensavel fazel-a recuar e nós dispunhamos apenas de oito armas serviveis!

Deparam com a nossa apparição repentina e vendo a bandeira, como já disse, estacaram, depozeram as armas no chão e o chefe que rapidamente levanta ao ar acenando um ramo de folhagem que arranca de um arbusto a seu lado no caminho foi por todos os seus imitados!

Signal de amigos que desejavam parlamentar.

Avançou o chefe que veiu sentar-se ao pé de mim e de um e outro lado nos respectivos logares em que estavam as forças, tudo se senta em solo raso.

Aquella diligencia vinha de mandado de Quissuássua darem assalto á Colonia dos Ambaquistas para levar todas as mulheres e rapazes da Lunda que neste logar encontrasse: porém, vendo a bandeira de Muene Puto que Quissuássua ordenou que fosse respeitada, já nada podiam fazer e o chefe da diligencia pedia-me um signal para se justificar.

Mandei que se lhe entregasse uma camisola nova de flanella que me restava e fiz distribuir bolas de tabaco por toda a força.

No dia seguinte vinha visitar-me Quissuássua e seu immediato o qual puz ao facto que tinha ali recolhidos sob a bandeira de Muene Puto mais de duas mil pessoas da Lunda e que esperava os Quiocos respeitassem a localidade em que estavamos que era portugueza.

Quissuássua foi tão rasoavel que pedindo fizesse chamar alguma gente da Lunda e os Ambaquistas disse-lhe : Agradeçam á protecção de Muene Puto não os levarmos a todos presos para os nossos sitios, pois sabem que estamos em guerra com a Mussumba emquanto não pagarem o que nos devem.

Previno as pessoas da Lunda que não saiam deste recinto nem mesmo para colherem as mandiocas sem serem acompanhadas de soldados de Xa Manjolo, pois ha muitos acampamentos de Quiocos espalhados em redor destes logares de mandos differentes e seria quijilia haver demandas com Xa Mangolo amigo de Quissengue e para que nós é o proprio Quissengue.

Quiz Quissuássua convencer-me que devia eu tomar conta do Estado e fazer-me Muatiânvua esperando que Sua Magestade mandasse occupar com auctoridades e forças suas estas terras porque Muatiânvua já se não podia fazer visto os quilolos terem intrigado para Xa Madiamba retirar que era o unico filho de Muatiânvua que os Quiocos acceitavam visto ser protegido de Muene Puto, estar bem relacionado com os Quiocos, ter resgatado a faca da mão de Quissengue e ser um velho de confiança a quem só entregariam as insignies do Estado e presos de consideração em poder delles.

Quissuássua é um rapaz novo com quem sympathisei e voltou mais vezes para conversar comigo e inclusive veiu despedir-se de mim quando resolveu retirar, insistindo muito para que fosse com elle pois eu estava aqui mal, muito doente e passando fome, quando no sitio delle podia esperar com mais commodidades que o Governo de Sua Magestade me mandasse recursos para eu governar o Estado ou então retirar.

Mal podia imaginar este homem que de facto o empregado europeu Augusto Cesar e mais quatro homens estavam em Malanje desde outubro de 1885 esperando que o Governo de Sua Ma-

gestade tomasse uma deliberação a tal respeito para ma trazerem em resposta ao meu officio de Agosto desse mesmo anno!

No dia immediato ao da primeira visita de Quissuássua, uma nova diligencia de Quiocos vindos de sul mandou pedir licença para entrar na colonia e cumprimentar-me.

Havia esta diligencia encontrado José Faustino Samuel nas lavras de mandiocas vigiando com parte dos meus companheiros, gente da Colonia e Lundas e conseguiu que a todos respeitassem como filhos de Xa Manjolo, e por isso fez-lhe a vontade de mandar annunciar-nos a visita de cumprimentos.

Contou-nos o chefe que o seu Manangana sabia que Muene Puto estava aqui desde o dia em que fugiram Mucanza e todos os quilolos da Mussumba pois elle estava accampado junto das nascentes do Calanhi e foi informado pelos seus vigias que Muene Puto estava retirando do Calanhi com a gente da Lunda que lhe pediu protecção.

O Muanangana deu ordem aos acampamentos que ninguem entrasse na Mussumba sem Muene Puto ter passado com toda a sua gente o rio. Não foi intento dos Quiocos atacarem agora a Mussumba, pois sabiam que Muene Puto havia passado o Lulua com destino á Mussumba e que não tinha vindo Xa Madiamba. Como Xa Manjolo tinha feito as pazes dos Quiocos do outro lado do Cassai com os quilolos do Muatiânvua, vinham agora os de cá do Cassai, saber quem tomava posse do Estado e convencionar com o novo Muatiânvua sobre os resgates que lhes são devidos pelas vidas perdidas nos serviços que prestaram a Xanâma e a Muriba.

Os quilolos não quizeram esperar por nós para nos ouvirem e aconselharam o Mucanza a fugir, mas nós que não sahimos dos nossos sitios para recolher com as mãos fechadas aproveitamos mais esta vez de fazer o Biji (rusgas de gente)

e assim entramos na Mussumba e andamos á caça, emquanto a chuva nos permitte encontral-a escondida nos logares que as pégadas nos indicam.

Viemos dizer ao nosso amigo Xa Manjolo que faça sempre acompanhar a sua gente da Lunda com os soldados de Muene Puto porque senão os Quiocos fazem prezas, Muene Puto reclama e depois ha quijilias nos accampamentos dos Quiocos que são de diversos sitios.

Querem mudar os habitantes da Mussumba para os seus sitios? perguntamos nós. Riram-se dizendo, que velhos e aleijados deixavam ficar.

Dias depois conversavamos com Quissuássua, e appareceram de novo, este e outros; e o assumpto principal da conversação versou sobre o Estado da Lunda de que extracto o mais principal.

Fomos nós diz Quissuássua (era o mais novo de todos os Muananganas) que fizemos o Quissengue, amigo de Xa Manjolo que muito nos recommendou se o vissemos para cá de Cassai o tratassemos como bom amigo e senhor de todas estas terras.

A primeira vez que vim aqui foi a convite de Xanama para o fazer Muatiânvua, Quissengue nunca veiu cá com guerras, é a nós que elle manda, somos nós os seus homens para fazer a guerra.

Trouxemos o Xanama e quando retiramos recommendamos-lhe que não matasse os seus quilolos e comesse (governasse) mnito bem o Estado com elles; porém Xanama já receava dos mafefes (traições) dos Lundas, e despediu-se de nós dizendo: que os seus parentes eramos nós, que o não esquecessemos, lhe enviassemos remedios e de quando em quando o visitassemos para sempre estar em relação comnosco.

Correram más noticias e pouco depois soubemos que os quilolos o atraiçoaram e mataram.

Havia elle mandado pedir-nos pouco tempo antes, se o matassem que arrazassemos as terras da Lunda, não deixando um unico pau (arvore) em pé; mas nós nada fizemos, esperamos que um filho de Muatiánvua lhe succedesse para nos pagar as dividas de Xanama.

Os quilólos não deram tempo a isso porque pouco depois tinhamos noticia de terem morto o successor na propria quipanga e succeder-lhe um irmão. Ainda quizemos dar algum tempo a este para se informar das dividas do Estado e fomos então convidados por Muriba para o acompanharmos a tomar posse do logar de Muatiânvua porque os quilolos da Mussumba já não queriam o que estava.

Promettia Muriba pagar-nos as dividas de Xanama e as que elle contrahia pelo serviço que lhes iamos prestar; acceitámos.

Muriba por vezes nos quiz pagar e chegaram a sahir da Mussumba com destino a nós, dentes de marfim e escravos para se pôr têrmo nos nossos compromissos de guerrear os quilolos do Muatiânvua até alcançarmos delles voluntariamente tributos.

Sabia Muriba que era costume dos Quiocos todos os annos sahirmos dos nossos sitios, caminhando pelas margens do Lulua para o norte para fazermos o Biji (razzias) nos Tubinjis e nos Tucongos, gentios onde os do Muatiânvua tambem iam buscar gente para vender e Muriba pelos maus conselhos dos seus quilolos em vez de pagar o que nos devia, entendeu fazer armar toda a sua gente e passar o Lulua para se oppôr á nossa marcha.

O resultado foram as guerras em que o matamos e levamos como prêsas as insignies do Estado e alguns dos quilolos mais valentes; e portanto augmentar as difficuldades para o novo Muatiânvua que tem agora de pagar uma divida muito maior.

Soubemos que Xa Madiamba se resolvêra a tomar conta do logar com a protecção de Muene Puto e que Xa Manjolo havia feito as pazes dos Lundas com Quissengue, Quiniama e Mucanjanja; e que todos os Quiocos estavam muito satisfeitos, com o novo Muatiânvua e esperavam que elle governasse bem o Estado com os Lundas e com os Quiocos seus parentes.

Comnosco está muita gente que esteve com Muene Puto e Mona Quissêngue e nos tem dito, o bem que todos os negocios correram no Caungula de Mataba. Nós esperavamos Xa Madiamba com Muene Puto e estavamos preparando-nos para os acompanharmos porque desejavamos tambem que Xa Madiamba nos dissesse quando deviamos receber o pagamento das nossas dividas e nunca tivemos intenção de trazer o Muxidi como os nossos parentes da Lunda para nos intrigar foram dizer ao Xa Madiamba.

Soubemos que em resultado dessas intrigas não quiz por ora o Xa Madiamba tomar posse do Estado e vinha só para a Mussumba, Xa Manjolo.

Quizemos dar tempo a Xa Manjolo informar-se da situação dos quilolos da Mussumba e alguem tomasse conta do Estado ainda que fosse interinamente e quando viémos, a gente de Mucanza em vez de se aconselhar com Muene Puto, fugiu de nós.

Muitos Quiocos deixaram seus sitios não para fazer o Biji mas para tratar dos seus negocios com os Lundas, elles não quizeram e nós então aproveitamos apoderarmo-nos da gente que se nos tem entregado.

Perguntando-lhes se não havia um meio de se acabarem as suas caçadas á gente do Muatiânvua ou collocar-se no Estado um Muatiânvua que agradasse a todos os que vivem nas terras da Lunda?

Responde-me o famigerado Capata da Maiala (Rochêdo):

Não senhor, Agora nenhum Muatiânvua nos póde convir. Mataram o nosso amigo Xanama e aconselharam mal Muriba que tambem era nosso amigo.

Se tivesse vindo Xa Madiamba homem velho, que foi nosso amigo como Suana Mulopo de Muteba, com Muene Puto no meio, tudo se arranjaria muito bem.

Os Lundas souberam que Xa Madiamba era estimado por Quissengue e por todos os Muananganas do outro lado de Cassai, não lhes agradou isso e trataram logo de o intrigar para não vir. Elles é que não querem viver bem comnosco e por isso nós agora estamos resolvidos a satisfazer ao pedido de Xanama, levar a gente capaz e queimar tudo.

Um outro Muanangana Muhombo (Macossa) quiz provar-me que a gente da Lunda é quem procurára aquelle castigo pelas suas mãos; foram sempre elles que procuraram viver mal com os seus parentes quiócos; nunca passavam pelas suas povoações que não fosse para as roubar ou exigir trlbutos pesados para o Muatiânvua.

Um outro, que depois me affiançou Rocha que era dos da Lunda mas já com habitos de Quiôco, disse-me: que elles agora na verdade não vinham para guerras, nem tão pouco para fazer o Biji; quizeram aproveitar da minha visita á Mussumba para se entenderem com os quilolos. Bem sabiam que estes deixaram seus sitios para se juntarem no Calanhi e elles deixaram-os marchar socegados e se quizessem tinham escoltado os caminhos e feito logo o Biji nos acampamentos. Não vinham com força nem com pólvora bastante para atacarem o Calanhi; vinham para falar, mas elles foram tolos não quizeram ouvir-nos, fugiram; por isso nós aproveitámos e levamos os que querem seguir-nos.

De novo falou Quissuássua; perguntou-nos o nosso amigo Xa Manjolo se não haveria um meio de conciliar Quiocos e

Lundas procurando para o governo das terras da Lunda, um Muatiânvua a contento de todos? e o meu companheiro Capata mostrou que a não ser Xa Madiamba no proposito em que marchava de viver bem com os Quiocos não havia filho de Muatiânvua que podesse satisfazer a todos porque os Quiocos não acreditam já nos Lundas.

Mas eu digo que ha um meio e todos Quiocos acceitam contentes, fique Xa Manjolo no logar de Muatiánvua.

Todos apoiaram Quissuássua e eu tive de responder que estava doente para poder tomar tal encargo e mesmo não o fazia sem ouvir todos os Muananganas dos Quiocos de cá e de lá do Cassai, pois era preciso determinar-se de uma vez para sempre o que ficava sendo terras de potentados lundas e de potentados quiocos; era preciso marcar os compromissos desses potentados para comigo e de mim para esses potentados que entre si ficassem reconhecendo dahi por diante para eu os reconhecer ; — porque sem rendimentos é que ninguem podia governar o Estado.

No que eu me metti!

Respondem, todos quasi a um tempo, isso é o menos; em Xa Manjolo se fazendo Muatiânvua todos lhe vem trazer os milambos (tributos); e em quanto ás nossas terras e nossos deveres, o Muatiânvua o que mandar é o que todos fazem.

Sobre isto se discorreu por muito tempo, procurando eu convencer Quiocos e Lundas que me escutavam dos principaes defeitos da organisação dos estados e da necessidade de uma grande rêforma definindo-se os direitos e os deveres de todos os potentados para uma boa constituição.

Mas faça já tudo isto, Xá Manjolo me dizia Quissuássua e outros. Não posso sem ordens do Governo de Sua Magestade, ordens que eu tenho esperado para saber se fico aqui mais algum tempo ou vem outra pessoa em meu logar. Aqui só,

para isso não devia ficar, pois já temos noticia que passados mais alguns dias chegam os Luênas e os Lassas que veem acampar aqui para fazer o Biji; se ha-de esperar, venha esperar no nosso sitio.

Então tambem querem levar-me preso?

Riram-se e disseram logo: de modo nenhum, a levar-mo-lo era numa rêde como costumamos transportar o nosso Quissêngue.

Á despedida pediu Quissuássua se lhe arranjavamos uma bandeira de Muene Puto para a ter sempre hasteada no seu sitio.

Nós haviamos guardado as armas reaes duma bandeira pequena de que em tempo se servirà o Lubembe Suana Mulopo do Xa Madiamba e se estragara com o vento e facil nos seria arranjar uma bandeira se tivessemos tres ou quatro jardas de zuarte azul; por isso dissémos a Quissuássua que arranjasse elle aquella porção de zuarte que lhe faziamos uma bandeíra. O homem disse que mandava, mandou e arranjou-se o que elle queria, servindo-nos duma tanga de algodão branco feita pelos Ambaquistas da colonia revestindo a parte interior de zuarte.

Levou tres dias a arranjar e a Cauenda onde estava acampado Quissuássua a foi levar José Faustino Samuel e o pombeiro de Manuel Correia da Rocha, que fala e escreve bem a lingua portugueza, acompanhada da auctorisação cuja copia junto a esta.

....

Ahi fica exposto o que se passou durante o mez de fevereiro no que diz respeito á politica ou melhor apontamentos para a historia deste Estado outrora tão afamado. E o que se pode concluir de tudo isto?

A minha opinião é firmada no theatro dos acontecimentos,

em vista do medo dos Lundas e da rapidez como se succederam esses acontecimentos durante a minha viagem, das questões suscitadas entre Quiocos e Lundas; e finalmente das informações que duns e doutros hei colhido principalmente sobre os ultimos 40 annos.

Propriamente este Estado do Muatiânvua de que tanto se falava na Europa antes de 1840 pertence á historia. Contribuiram para o seu aniquillamento muitas causas, sendo as primordiaes falta de boas bases na constituição, ter sido iniciado por um extranho ás tribus que o constituiram a quem podêres até então desconhecidos e exclusivos se deram, motivando logo as dissidencias entre os principaes chefes de dynastias que procuraram sua independencia e reorganisação de outros Estados querendo manter as ambições de grandeza á custa da escravidão, absolutismo e dando curso ás superstições e feiticismo.

E agora, eu não posso deixar de chamar a attenção de V. Ex.ª sobre o que é do meu dominio e muito esclarece o que assevero.

. . . .

Deus Guarde a V. Ex.ª — Colonia Portugueza — Principe D. Carlos Fernando no Luambata, margem esquerda do Calanhi — Lunda — 28 de fevereiro de 1886 — Ill.mo Ex.mo Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios de Marinha e Ultramar (ass.) O chefe da Expedição — *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

A S. Ex.ª o Sr. Ministro

Resumo as communicações correspondentes aos mezes de março e abril porque em fins de março, em consequencia de me expôr tres dias successivos ao sol, rezolvendo uma questão entre os Luénas e os Ambaquistas da Colonia fui atacado

duma febre comatosa e dahi uma longa e grave enfermidade que durante doze dias me prostrou á beira da sepultura de que agora estou convalescendo vagarosamente.

Havia já acabado o meu unico recurso para combater as febres, recurso do qual como preventivo eu tomava todos os dias desde que desembarquei em Loanda e por isso bastou uma constipação de sol e vento para logo ser atacado.

A alimentação para um convalescente é na verdade fraquissima, milho e mandioca, tendo por temperos unicamente as pimentinhas do paiz com que engano o paladar na falta de sal.

Pelo decorrer desta communicação conhecerá V. Ex.ª quantos riscos estou passando aguardando que o Governo de Sua Magestade me mande substituir ou retirar de todo; e como a Divina Providencia mais uma vez veiu em meu auxilio não me deixando cahir no abysmo onde por momentos estive a despenhar-me e para sempre!

Começara o mez de março com grandes chuvas e não obstante isso continuavam a apparecer novas forças de Quiocos do sul que accamparam junto âs nascentes do rio Calanhi e a nosso Oeste muito proximo da Colonia.

....

Já em abril depois de me levantar, mas ainda muito debilitado, e depois de haverem retirado os Quiocos, principiaram a regressar os Lundas fugidos e entre os portadores dos potentados que se me apresentaram para saber se eu ainda estava e se estando apoiava que Umbala se fizesse Muatiânvua porque os quilolos que com elle estiveram escondidos assim o queriam allegando que o irmão Mucanza perdeu o direito por não sabar falar com os Quiocos e consentir que os Lundas fugissem.

A minha resposta foi: que estava esperando que cessassem as chuvas para retirar e não dava opinião alguma sobre quem

devia tomar conta do Estado; que era isso negocio dependente do voto dos quilolos e se elle tinha o voto destes, fizesse o que entendesse.

Lembrava todavia a Umbala que a situação do Estado, não era para uma pessoa ambicionar ser Muatiânvua e que me parecia melhor se tinha força, de combinar primeiro com os quilolos no modo de contentar os Quiocos para não voltarem a fazer o Biji entre o seu povo e deixal-o viver socegado nas suas terras.

Conbinado que fosse o pagamento a dar-lhe, que se rateassem os quilolos para immediatamente o fazerem e depois o acclamassem Muatiânvua.

Fazia-lhe sentir que não foram só os Quiocos que appareceram a fazer o Biji; entre elles reconheceu-se ter vindo gente dos quilolos do proprio Muatiânvua, Xa Cambunji, Quimbundo e Muene Luhanda; e que isto para quem quer ser Muatianvua por voto dos seus quilolos é muito significativo.

Ainda lhe fazia constar que os Muananganas que me falaram me disseram muito positivamente que por emquanto lhes não convinha que houvesse Muatiânvua e ainda este anno aqui voltariam para levar mais gente porque os Lundas agora não lhe davam trabalho, entregavam-se como os *Cambululos* que se pegam ao corpo de uma pessoa e não a largam sem serem enxotados.

Mesmo o prevenia que julgava precipitada a resolução em que estavam os Lundas de regressarem ao Calanhi porquanto ainda havia alguns acampamentos de Quiocos em Canênda esperando os companheiros que andavam pelas povoações ao norte fazendo fornecimento de mandioca para a viagem de retirada.

Portadores da Lucuoquexe de parte de sua ama, vieram pedir-me para a levar na minha companhia para seu pae Xa Madiamba, pois via as terras estragadas e não havia filho de Muatiânvua capaz de as concertar.

Que se não entendiam os quilolos, não se sabia o que queriam, uma vez falavam uma cousa e depois outra, que ella já tinha perdido tudo até pannos de vestir e nada tinha para dar á gente que lhe restava; que ter um Estado assim, era melhor não o ter.

Que o seu cargo era interino e por isso resignava se eu não tivesse duvida em consentir qne fosse na minha companhia.

Respondi: que eu voltava por Mataba e se ella vivêra na Mussumba em boas relações com Ambinji e nada delle receava, não me era embaraço a sua companhia e mesmo estimava de a apresentar a seu pae.

Despachados estes portadores apresenta-se Mufalaji com quem eu tive boas relações em Muene Capanga e que já duas vezes tem ido ao Dondo o quâl muïto admirado ficou do estado de abatimento em que me encontrava, pois até com muito custo falava.

Trazia-me um bom carneiro, azeite de palma e bananas da parte de Muitia, e era em nome deste que vinha falar-me.

Na supposição de que Mufalaji me não encontrasse já aqui, tinha ordem de ver se me encontrava no caminho para poder suspender a marcha ate falar comigo.

Muitia desejava saber (fala Mufaliji) se o sr major que tanto tem trabalhado a favor dos Lundas procurando regular os seus negocios com os Quiocos, de modo que fiquem seguros os caminhos para o negocio de que tanto carecemos, auxlliado pelos quilolos que estão promptos a contribuir com o que é preciso, toma já conta do Estado em nome de Muene Puto e completa a sua grande obra principiada, fazendo com que os Quiocos nos deixem em socego e mais não voltem a perseguir-nos roubando nossas mulheres e filhos.

Mais diz: que Umbala está pensando em pór o lucano no braço, porém que elle e outros o consideram uma creança estouvanada e não fazem caso de tal pretenção.

Entende elle: que os quilolos primeiro devem pensar em endireitar os negocios do Estado, visto que Mucanza em vez de aproveitar a vinda de Muene Puto e aconselhar-se com elle, entendeu fazer disparates e por ultimo fugir compromettendo todos e perdendo a vida alguns quilolos.

Desejava Muitia conhecer das minhas respostas para vir do seu sitio directamente aqui convencionar com Muene Puto e não passar pelo Calanhi para não de aturar as tolices de Umbala.

Participava-me ter noticia que uns quimbares appareceram nos seus quilolos a norte nas margens do Lulua junto á serra *Capelequésse* perguntando se os povos negociavam e apresentando para amostra baeta encarnada e missangas miudas.

Que elle estava resolvido a mandar alguns dos rapazes seus ao encontro daquelles quimbares e abrir um caminho para o logar em que elles estivessem estabelecidos, mas entendeu nada fazer sem comigo se aconselhar.

Mal podia falar como disse, mas ainda assim depois de agradecer o que me mandava o Muitia, tão indispensavel para meu alimento, respondi: que pouco podia eu agora fazer a favor do Estado, porque tinha resolvido retirar-me attento aos meus padecimentos, porém era de esperar que Muene Puto mandasse outra pessoa para o meu logar e com esse se podiam então entender Muitia e outros quilolos de lucano.

Na verdade Mucanza andara mal, em vez de fazer o que eu lhe aconselhava, deixou-se dominar pelos que o quizeram compromettter, fazendo sahir forças contra os Quiocos, que já iam com o intento de retirar para o obrigarem por ultimo a ir elle expôr a sua vida; e terminaram por lhe aconselhar a fuga alta noute, largando fogo ás cubatas e num tal alarido, que deram logo a conhecer aos Quiocos a sua fraqueza.

Nem elle nem Lucuoquexe se despediram e deixaram á dis-

posição dos Quiocos os presentes que Sua Magestade mandou para o Estado, e eu tive o cuidado de os recolher e trazer para aqui para onde vim estabelecer-me e comigo vieram mais de seiscentas pessoas do Muatiânvua que antes quizeram padecer á sombra da bandeira de Muene Puto junto de mim, do que irem atraz de um Muatiânvua que abandonava o seu posto.

Os Quiocos reconhecendo a fraqueza dos quilolos do Estado, aproveitaram se de fazer o Biji entre os que encontravam dispersos no capim e nas pequenas povoações, e proseguirão nesse fadario emquanto possam cortar a união dos Lundas dalem e daquem do Cassai, porque é para elles de interesse a confusão em que estão vivendo os ampuedis (os da côrte) e mantel-a-hão emquanto possam para que não haja Muatiânvua.

Aos primeiros acampamentos que fizeram os Quiocos, chegaram outros e depois outros sendo de notar que entre algumas forças delles vinham tambem Lundas dos Muatas de cima (sul) e por ultimo que já as mulheres dos povos da Muatiânvua, rapazes e mesmo homens validos, promptamente se entregavam aos quiocos.

Cheguei a vêr levas de trinta e quarenta pessoas escoltadas apenas por tres Quiocos, sem mesmo serem amarradas, o que me convenceu que muitas não fugiam porque não queriam; e chego a acreditar que para muitos individuos da Lunda lhes é já preferivel estarem sujeitos a um Muanangana do que a um Muatiânvua;—e que é melhor cada quilolo que ainda se considera affecto ao Estado de Muatiânvua, procurar conciliar-se com os Quiocos visinhos ou para viver independente ou alliado com elles.

Mudam de sitio é verdade, mas estão mais socegados e trabalham para viver. Não estão na ociosidade pensando no meio de intrigar e a todo o momento em sustos que o Muatiânvua os mande matar ou que os Quiocos lhes venham roubar as mulheres e filhos e as lavras trabalhadas por aquelles e por estes.

Mas se é sincero o que diz Muitia e conta que Muene Dinhinga e outros Muatas de lucano, estão promptos a cotizarem-se para resgatar da mão dos Quiocos o que estes teem em seu poder pertencente ao Estado do Muatiânvua e se não tem demora levar-se á execução o plano que me fez communicar, apesar de me achar bastante doente, não tenho duvida sendo apoiado pelos quilolos, de tomar a direcção dos negocios do Estado e chamar os Quiocos a um accordo.

Mas note o Muitia que eu não assumo esta responsabilidade sem que todos os quilolos sejam desse voto e mo declarem na presença do Muitia não haver demoras.

A minha gente está núa e tem padecido muita fome por causa dos negocios do Estado, e eu logo que cessem as chuvas preciso voltar ás terras de Muene Puto para lhe dizer as circumstancias em que deixo o Estado do Muatiânvua e o que é preciso fazer-se em beneficio dos povos com quem convivi.

Com respeito á escolha de um filho de Muatiânvua para se fazer acclamar senhor do Estado, julgo ser muito cêdo, sem que primeiro se saiba se Xa Madiamba resigna de facto ou tem o apoio de Muene Puto; e sem harmonisarem as pendencias com os Quiocos.

Em todo o caso se fôr chamado pelos quilolos algum filho de Muatiânvua para pôr o lucano no braço, devem os quilolos ser muito francos no acto dessa cerimonia, para que elle não abuse do poder; impôr-lhe como condição que não pode mandar matar pessoa alguma e quando elle queira fazêl-o, não consentir que hajam traiçoeiros que lhe obedeçam.

Não devem tambem os quilolos enganal-o acceitando tudo que elle imaginar fazer, para depois se dividirem em partidos, e cada um lembrar-se de um outro filho de Muatiânvua para o substituir, atraiçoando-o.

É verdade que Umbala me mandou dizer que os quilolos

que teem estado com elle o querem para Muatiânvua ; extranhei que assim fosse, porém como nada tenho com isso, respondi apenas á parte em que elle me pedia um conselho : que nas circumstancias em que a Lunda estava, não aconselhava ninguem a assumir a responsabilidade de tal cargo, e julgava mais accertado se elle se encontrava com forças, de obter primeiro as pazes com os Quiocos e se os quilolos depois o elegerem deve então acceitar porque o conquistou.

Emquanto á ultima noticia que me dá Muitia, certamente que os quimbares que appareceram com as baétas para negociar são aviados das casas estabelecidas no Lubuco, em Cabau, no Muquengue, no Luquengo, na margem do Lulua, etc.

Fez bem em mandar indagar donde elles vieram, e Muitia podia fazer um importante serviço ao seu estado e mesmo ao de outros quilolos, e em geral a todos os do Muatiânvua ; se estivesse disposto a acompanhar-me ora navegando no Lulua ora marchando por uma das suas margens a abrir um caminho até á serra de Capelequesse e atravessarmos esta para o norte, pois estabelecia-se uma communicação segura com negociantes brancos e já de prompto se podiam obter fazendas, polvora, armas etc., por meio de marfim de Canhíuca e de Caiembe Muculo.

Sabia Fumalaji dos projectos que no sitio de Muene Capanga, onde o encontrámos (margem direita do Lulua) haviamos feito dir com elle a Capelequesse, passando pelas povoações de todos os quilolos do seu primo Muitia ; por isso insistimos com elle para que dissesse ao Muitia que apesar de me encontrar bastante doente eu estava prompto a acompanhal-o nessa viagem com toda a minha gente, mas inteirado de que eu nada tinha para dar aos seus quilolos.

Era para o meu regresso questão de mais quinze ou vinte dias ; afiançando lhe porém que chegando nós ao Muquengue, elle

tinha a vantagem de ser por mim apresentado a casas de brancos filhos de Muene Puto e volveria com muito negocio para o seu sitio.

Mais lhe dizia: que fôra sempre minha intenção abrir esse caminho, supponde que depressa se regulariam os negocios do Muatiânvua a contento de Lundas e Quiocos.

Fumaliji, reconhecendo que eu estava muito fatigado de falar, disse-me ter entendido tudo muito bem e que em dois dias partia para o sitio do Muitia e o faria sciente dos meus conselhos.

Veio a Lucuoquexe no dia immediato cumprimentar-me, trazendo-me uma grande bacia cheia de carne fresca de cabra, uma porção de sal e um frasco com azeite de palma; mimo na occasião muito para agradecer.

A Lucuoquexe como ainda se não tinha avistado comigo, não querendo pôr de parte a praxe narrou tudo o que com ella se passou desde a noute em que fugiu até aquella occasião e terminou por dizer que todos os que haviam já regressado ao Calanhi sabendo que eu ainda cá estava, tinham muita esperança que não retirasse sem conseguir que os Quiocos não voltassem mais a perseguil-os e os deixasse cuidar de suas lavras e viver socegados.

A minha resposta não discordou das anteriores: que estava gravemente doente como ella via e tratava apenas de me collocar em circumstancias de poder regressar ás terras de Muene Puto.

Não me escusava no regresso de fazer a diligencia de convencionar com os Quiocos que fosse encontrando no meu caminho para se harmonisarem com os povos do Muatiânvua; preparar o terreno para que outro filho de Muene Puto viesse substituir-me, encontrasse tudo bem disposto, podesse dirigir bem os negocios do Estado e pôr termo ás pendencias que ainda existissem entre Quiocos e Lundas.

Não tinha confiança por emquanto no que diziam os quilolos, porque hoje, que estão afflictos com receios de novas guerras de Quiocos, dizem estar promptos a seguir os meus conselhos; porém quando esses receios se forem dissipando, voltam á antiga, intrigar, comer, beber e desinquietar as raparigas dos patricios.

Agora dizem a Umbala que o querem para Muatiânvua e aconselham-no a investir-se do lucano, e se elle fôr por esses conselhos, alguns dias depois sob o mais pequeno pretexto, dizem que elle é creança, tratam de o indispôr com o povo e ao mesmo tempo fazem diligencias para se apresentar outro filho de Muatiânvua a conquistar-lhe o poder.

Continuava a prevenir os quilolos que ninguem podia pôr o lucâno do poder no braço, sem que fosse resgatada a Suana Murunda com o cofre dos lucânos, pois só ella podia entregar o que se devia pôr no braço do Muatiânvua.

Não teve duvida Mucanza, a Lucuoquexe e outros quilolos em consentirem que Umbala assumisse interinamente agora as funcções de Muatiânvua, contentando-se Mucanza em resignar destas para exercer as de Suana Mulopo. Será isto sincero da parte dos que apoiaram a mudança? Não o creio.

E sabe a Lucuoquexe porque? porque estou informado que os portadores que com ordem de Mucanza deviam entregar o marfim ao Muananganа Muxauená Pombo, o foram entregar a Noeji, filho de Xanama, como signal de que a Mussumba o chamava para Muatiânvua!

Preferiu este continuar onde estava, a acceitar tal cargo. E bem andou, porque se tivesse acceitado, já a esta hora estava luctando com muitos inimigos.

Se eu acreditasse na sinceridade da deliberação que tomaram alguns em passar o cargo interinamente para Umbala, demorar-me-hia mais algum tempo para o ensinar a dirigir os

negocios do Estado; mas eu não tenho já confiança nem nelle nem nos que o elegeram.

Os quilolos não sabem o que querem e no entanto eu preciso entregar a cadeira e outras cousas do Estado, que na confusão da fuga deixaram ficar expostos a serem levados pelos Quiocos, e portanto peço a Lucuoquexe que diga a Umbala que venha aqui com dois Muatas de lucâno para os levar.

Lucuoquexe de novo me interrogou se eu retirava breve.

Respondi que me demorava apenas o tempo necessario em arranjar algum sustento para o caminho e alguns dos meus rapazes doentes poderem marchar.

Queria que eu esperasse que os quilolos reunissem marfim e alguma comida para eu levar e pedia-me que aproveitasse esse tempo de demora para dar bons conselhos a Umbala, porquanto ella como fôra em tempo sua Muari, não podia dizer-lhe cousa alguma porque se o fizesse, era uma intriga certa que ella queria dominar o seu antigo companheiro.

Se elle aqui vier aconselhal-o-hei e mais, se elle quizer agora firmar o Tratado que se fez com Muene Puto, onde elle figurava como Suana Mulopo, não tenho duvida em lho apresentar, visto a maioria dos quilolos e o proprio Mucanza o reconhecerem como Muatiânvua.

Dias depois, veiu de facto Umbala, Mucanza, Muene Dinhinga e outros; dizendo Umbala que poude vir vêr-me por ainda não ter lucâno, aliás não podia vir sem todo o seu Estado; mas precisava aconselhar-se comigo, firmar o Tratado e receber as cousas do Estado que foram abandonadas pelos Caxapolis de seu irmão Mucanza.

Queria elle que Muene Puto o confirmasse no cargo e eu lhe pozesse o lucâno no braço.

A este respeito houve uma grande discussão em que procurei provar-lhe que não podia tomar essa responsabilidade

sem ordem do Governo de Sua Magestade, porque demais eu sabia que nem todos os grandes do Estado votariam nelle.

Pediu-me então, visto eu querer regressar já, pelo caminho procurar conciliar os Quiocos com os Lundas e levar em minha companhia dois emissarios delle a seu irmão Xa Madiamba que em nome dos quilolos da Mussumba se encorporariam á embaixada que elle quizesse mandar a Muene Puto no meu regresso, segundo a participação que fez a Mucanza.

Soube n'esta occasião que os portadores de Muene Dinhinga que vieram comigo de Xa Madiamba, na vespera da retirada deste foram encarregados por elle de participar a seu amo para o transmittir a Mucanza, que elle ia esperar no Caungula o meu regresso para comigo mandar uma embaixada falar a Muene Puto; e esperava que Elle, Senhor das terras da Lunda e protector dos Estados do Muatiânvua, o ajudasse a fazer as pazes com os Quiocos e mandasse auctoridades suas para junto do Muatiânvua afim de ensinar os quilolos a viverem bem com o Muatiânvua e acabar as intrigas.

Foi ratificado o Tratado por Umbala como Muatiânvua interino, fiz-lhe entregue da cadeira e duma caixa com nova roupa e chapeu armado e ficou assente que iriam os emissarios e todas as pessoas da Lunda que quizessem na minha companhia para Xa Madiamba ou para qualquer povoação que ficasse no meu transito; mas tambem se lhe mostrou que era inabalavel a resolução de me retirar o mais tardar dentro em oito dias e se os Lundas que deviam acompanhar-me não estivessem promptos, fossem ter comigo ao caminho.

No outro dia mandava-me Umbala um dente de marfim de 50 libras de peso, não como pagamento do muito que devia a Muene Puto, mas como signal de amisade e tambem um cabrito para o meu jantar. Acceitei este e recusei aquelle, dizendo que não precisava daquella dadiva para signal de ami-

sade, que reunissem mais dentes daquelles para mandarem aos Quiocos; se era meu amigo tratasse de o provar, despachando já os emissarios que me deviam acompanhar e fizesse procurar mais alguns cabritos e gallinhas para eu comer no caminho.

. . . .

Com a lua nova a 22 do corrente, parece que a estação vae mudar; porém, como tem havido grandes aguaceiros, ainda não é possivel queimar-se o capim, que attingiu tal altura e com as fortes rajadas de vento de tal modo vergou que não permitte distinguir os trilhos dos caminhos e tem dado logar a enganos até aos homens praticos da Colonia quando vão a distancias em procura de caça ou de mantimentos nas lavras.

Por ultimo, incharam-me os pés despropositadamente, devido a sarna que attribuo aos milhares de bichos (que elles dizem ser do capim), que ha um mez estou tirando do corpo aos centenares por dia (excepto na cabeça), praga que tem creado entre as costuras da roupa e não sei quando me hei vêr livre della.

Quiz atacar a inchação com sanguesugas, mas estas nada quizeram com o meu sangue, resolvi-me então a fazer fomentações com azeite de palma, camphora e quando é possivel obter, sêbo de carneiro; e parece-me que consigo diminuil-a.

Os Ambaquistas da Colonia querem aproveitar-se do regresso da Expedição, para retirarem de todo ás suas terras com as familias que crearam nesta localidade pelo receio que teem que os Quiocos voltem a fazer o Biji e suas familias não escapem ás rusgas.

Mais uma vez reitero o meu final pedido se digne V. Ex.ª desculpar a redacção e outras faltas que nesta decerto se notam. — Deus guarde a V. Ex.ª — 30 de abril de 1887. — Colonia Principe D. Carlos Fernando, no Luambata, margem

esquerda do Colanhi. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios de Marinha e Ultramar. (a) O Chefe da Expedição, *Henrique Augusto Dias de Carvalho,* Major do Exercito.

*

* *

Para não alongar muito esta Memoria, direi apenas que ainda em 30 de maio dizia eu ao Ex.^{mo} Ministro dos Negocios de Marinha e Ultramar:

....

Ainda as chuvas não cessaram de todo, apesar de já terem principiado as queimas de capim em diversas localidades.

Umbala mandou de facto apresentar os emissarios que quer me acompanhem e muitos individuos da Lunda se teem reunido á Colonia para seguirem com a Expedição.

Os motivos pois, da demora são outros e de mais gravidade: ainda continuação dos meus padecimentos, principalmente grandes inchações de pés e de ventre, agora accumuladas com hemorrhoidal e dôres pelo corpo, que julgo ser o favorito rheumatismo, que depois da minha sahida de Malanje me não tinha apparecido; e tudo penso ser resultado da cura da febre comatosa, grande constipação geral, devido ás judiarias dos banhos de chuva dos mesinheiros ambaquistas, por assim entenderem despertar-me da somnolencia em que me prostrava a febre. Não attendiam a que estivesse transpirando, não me limpavam e assim me deixavam molhado durante dia e noite dentro da cama.

Mas não é só a minha doença o impedimento de nos pôrmos a caminho, são as doenças e estado de debilidade de mais de metade de meus companheiros e por ultimo a epidemia das

bexigas que está grassando com intensidade entre os Lundas e mesmo Ambaquistas que fazem parte da Colonia.

Em geral, o meu pessoal, que era forte e robusto e muito egual causando a admiração de todos estes povos, está hoje muito abatido, grande é o seu estado de fraqueza, devido á escassa e muito simples alimentação.

Custa-me a encarar estes bons e fieis companheiros, vendo-os mais ou menos esfarrapados, sem ter outra cousa de vestir, conhecendo do seu alimento, e sempre resignados, mais ou menos alegres, dizendo: se penâmos é no serviço do nosso Rei, somos seus subditos, estamos cumprindo a nossa obrigação; o que queremos é o nosso patrão com saude para o levarmos com a nossa bandeira para Loanda onde nos contractou.

. . . .

Deixamos emfim, o logar da Colonia no Luambata, sem que eu tivesse reparado ser em dia 13 do mez, lembrando-me apenas ser o dia do milagroso Santo Antonio, na esperança que não deixaria de proteger, quem já tanto havia soffrido no cumprimento dos seus deveres.

Principiou, pois, a marcha de regresso nesse dia e no 1.º de julho estavamos na margem direita do Cassai, donde enviamos a nossa communicação para S. Ex.ª o Sr. Ministro dos Negocios do Ultramar, de que extracto só o seguinte:

A S. Ex.ª o Sr. Ministro

Passo a relatar a V. Ex.ª as occorrencias durante o mez findo, como é do meu dever.

Não me foi possivel sahir da Colonia no Luambata logo no principio do mez como desejava porque os doentes não estavam em estado de fazer marchas e grande incremento tomou a epidemia das bexigas no pessoal da Colonia.

As auctoridades interinas do Estado do Muatiânvua continuaram insistindo para que eu tomasse conta do governo do Estado em nome de Sua Magestade, pelo menos até que Xa Madiamba alcançasse a protecção que mandara pedir ao mesmo Augusto Senhor e como eu me recusasse a tomar essa deliberação por já me haver esquivado a fazel-o a pedido dos potentados quiocos do sul que como disse na ultima communicação a V. Ex.ª queriam eu me acclamasse Muatiânvua, pediam então para me demorar mais algum tempo pois queriam arranjar um presente para eu levar a Sua Magestade; mandar uma embaixada a Loanda pedindo ao Governador geral que incorporasse as terras da Lunda na provincia sob sua administração; e finalmente para promoverem um rateio entre os maiores quilolos, de contribuições que me confiavam pedindo que interviesse na conciliação entre os Quiocos e Lundas.

Como sempre foi a minha resposta, de que não podia demorar-me mais tempo por que alem de estar muito doente, era grande a despeza que Sua Magestade estava fazendo e o pessoal estava padecendo muito com a falta de sustento.

No dia 4, não accreditando que os portadores transmittissem completa a minha resposta, a titulo de despedida fui ao Calanhi, dizer ao Muatiânvua interino Umbala que passados tres dias retirava.

Pediu-me elle para que me demorasse mais alguns dias por que esperava Muitia e Canapumba porque elle resolvera investir-se do lucano para tomar posse difinitiva da governação do Estado e poder convencionar com os Quiocos desejando que eu que era o protector dos Lundas acceitasse ser medianeiro; e depois me despacharia como pessoa grande que era.

Como sempre falei ao indigena na intenção de ser prestavel á sua causa disse-lhe com franqueza que fazia mal em se investir do lucano porquanto eu sabia que os quilolos o não

queriam para Muatiânvua, o achavam muito novo e pouca experiencia; e estavam esperando que Xa Cambunji annuisse a aconselhar Noéji e a alcancar o apoio dos Quiocos do sul para este vir tomar conta do governo do Estado até Xa Madiamba se deliberar ou a investir-se do *lucano* ou a desistir em favor daquelle; e se a resposta de Noeji fosse uma recusa já a maioria dos quilolos estavam dispostos uns a manterem-se independentes e outros a submetterem-se aos Quicoos.

Não esperasse o Muitia nem o Canapumba porque estes declaravam positivamente que o admittiam como Muatiânvua interino, mas não o reconheciam como Muatiânvua de facto sem que todos os quilolos o elegessem primeiro com o que elle não podia contar.

Sabia que entre elles se perdia muito tempo em dar execução a qualquer projecto; não queria esperar que voltassem os Quiocos para novas razzias e com respeito a querer presentear Sua Magestade conhecia eu bem das circumstancias más em que estava o Estado e por modo algum consentiria que se fossem tributar os quilolos nesta occasião.

Pediu-me então que esperasse ao menos dois dias além dos tres que eu fixara porque desejava dar-me algum sustento para o caminho. Como a marcha da doença da variola tem um determinado periodo dentro do qual é impossivel, sem risco para o doente, marchar embora de rêde, annui.

Quando regressei á Colonia, pouco depois apresentou-se-me um portador de confiança de Muitia desculpando não ser este pessoal por que não queria passar pelo Calanhi e avistar-se com Umbala.

Desejava ouvir-me: se mandando todos os quilolos chamar o Xa Madiamba eu agora no meu regresso o aconselhava e mesmo influia para que elle se resolvesse a tomar posse do logar, esperando ao pé delle na Mussumba que Muene Puto

mandasse auctoridades suas com força para o encaminhar na melhor direcção dos negocios do Estado.

Respondi:

Que estava convencido que o Xa Madiamba só viria se todos os quilolos da Mussumba, tanto do norte como do sul, não esquecendo Xa Cambunji e o Calenga mandassem seus immediatos com armas para o transportarem.

Elle conhece bem as intrigas da côrte e estava prevenido por Xa Cambunji a não avançar sem mandar uma embaixada a Loanda pedindo a Muene Puto que fizesse comprehender nas suas, as terras do Muatiânvua e o auxiliasse no governo do Estado como o fez a Quinguri seu parente (Cassanje).

Ainda assim talvez elle não esperasse por essa resposta se todos os quilolos, e os proprios filhos de Xanama, lhe provarem estar dispostos a sujeitarem-se ao seu mandado, e mesmo elle não teria duvida de estabelecer boas relações com os chefes quiocos das ultimas guerras e comprometter-se a fazer os resgates do que elles tinham em seu poder pretencente ao Estado, antes de tomar posse.

Eu não podia demorar-me, mas compromettia-me encontrando-o no meu regresso de o aconselhar a seguir com a comitiva que o fosse buscar.

Ainda no dia 10 esperei que Umbala mandasse portadores com o sustento que queria fornecer-me e como não apparecessem dei ordem aos meus e aos que desejavam acompanhar-me (mais de quinhentas pessoas) que tratassem de se fornecer de mandioca, que partiriam dentro em dois dias.

Em 13 de manhã, dia de Santo Antonio, deixamos a colonia para dar principio á nossa viagem de regresso.

. . . .

Em Canenda apresentaram-se-me emissarios de Umbala, traziam-me uma cabra, cestos de amido de mandioca e dois

dentes de marfim meão regulando o pezo de cada um de quarenta a quarenta e cinco libras.

Pedia-me Umbala que retrodecesse, que era uma vergonha para elle pois nunca o Muatiânvua deixou sahir um negociante que fosse sem o despachar como deve.

Pedia-me para me encarregar de tratar com Xa Cambunji e o Quissuássua dos meios praticos de conciliação dos Quiocos com os Lundas, compromettendo-se elle a enviar-me no dia immediato emissarios com os respectivos presentes para os resgates que havia a fazer.

Respondi que não alterava a minha viagem, recusei-me a acceitar os dentes de marfim e acceitava apenas a cabra e a fuba para que elle conhecesse que não retirava zangado com elle nem com os Lundas.

. . . .

Na margem do rio Luiza, queria Muene Casse convencer-me que eu devia tomar conta do Estado do Muatiânvua esperando as ordens de Muene Puto se queria ou não encorporar as terras da Lunda nos seus dominios.

Reconheceu elle porém que eu estava muito debilitado e não tinha recursos alimenticios nem para mim, nem para a minha gente e que os potentados da Lunda na occasião estavam exhaustos e por isso lembrou-se de ir com a sua gente ao meu encontro em Mataba a vêr se Calenga se dispunha a salvar o Estado do Muatiânvua das inimisades dos Quiocos entrando em accordo com Muene Puto e com Xa Madiamba.

. . . .

Deus Guarde a V. Ex.ª, margem direita do Cassai, 1 de julho de 1887. Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr. Conselheiro, Ministro e Secretario do Estado dos Negocios de Marinha e Ultramar. (a) O Chefe da Expedição — *Henrique Augusto Dias de Carvalho*, major do exercito.

*

* *

Passando o Cassai, mandei participar a Ambinji Calenga da minha chegada e elle mandou logo apresentar-me o seu Muzumbo para me acompanhar á Estação Julio de Vilhena e por este soubemos estar ali esperando por nós o Cabo Antonio e mais alguns que nos traziam os recursos e correspondencia de Malanje.

Não nos agradou a resolução de Cabo Antonio ter vindo esperar-me em Mataba pois era certo que os recursos que me trouxesse ahi tinham de ficar todos porque o pessoal precisava de vestir e de comer e os da terra procurariam pretextos para nos demorar.

Haviam chegado antes de nós Muene Casse e Muene Capanga e já haviam previnido Ambinji das pessimas circunstancias em que estavam os negocios do Estado na côrte e por isso este ancioso esperava por mim porque de mais a mais tinha vindo estabelecer-se entre elle e o seu immediato Ifâna Cacunco o potentado quioco Caromanho a quem o Muatiânvua Xanama em 1880 havia dado honras de Muatiânvua e ainda se não sabia o motivo porque tinha vindo do sul para aquelle logar.

Pediram-me os tres potentados para que eu soubesse de Caromanho a sua opinião com respeito ao que se estava passando na Mussumba e á successão do Estado e eu interessando-me tambem por conhecel-a, mandei participar-lhe do meu regresso e dizer-lhe dos encargos que tinha dos quilolos com respeito á conciliação com os Quiocos.

O homem mandou agradecer a Muene Puto o presente que eu lhe enviei e mostrou-se muito sentido pelo que eu havia

padecido na Mussumba e com respeito aos negocios do Muatiânvua, foi elle bastante franco.

Os Quiocos não acreditam nas promessas dos quilolos da Mussumba porque são muito traiçoeiros e só acceitam para Muatiânvua o velho Xa Madiamba, filho de Muatiânvua já muito conhecido e estimado dos Quiocos, mas ainda assim precisa vir com a tutella de Muene Puto para que não abuse do poder, dominado pelos maus quilolos que conhecemos na Mussumba.

Todavia accrescentou que Muene Puto, devia ainda esperar dois a tres annos, antes de mandar pôr no Estado o Xa Madiamba para acabarem de todo a zanga dos Quiocos aos Ampuédis que muito mal andaram em matar á traição Xanama amigo dos Quiocos e enfeitiçar o Muriba para se virar contra os Quiocos que o foram pôr no Estado.

Ambinji que ouvira esta resposta receoso agora que os Quiocos quizessem cercar Mataba e dar-lhe um assalto foi o primeiro a lembrar a Muene Casse e a Muene Capanga dar cada um e elle tambem um filho (representante), para dizerem a Xa Madiamba que organisasse uma embaixada que fosse na minha companhia a Loanda entregar as terras do Estado a Muene Puto e pedir o protegesse no governo dellas.

Convencionado que isto foi, mandou Ambinji dizer a Caungula do Cachimi a resolução que elles haviam tomado e se elle approvasse mandasse tambem um homem da sua parte.

Ao Cabo Antonio e gente que elle trouxe havia-se aggregado Ianvo, Muzumbo de Xa Madiamba que por mandado deste vinha esperar-me e felicitar-me pois já havia corrido boatos: uns que eu tinha morrido com fome, outros que tinha sido assassinado pelos Quiocos e ainda outros qne tinha sido preso pelos Luênas que me levaram para as suas terras esperando resgate de Benguella.

Ianvo que por muito tempo vivera em Cassanje tirou partido de saber imitar, nos costumes, modos e dialecto os quimbares e por isso assistia com o maior sangue frio e nunca foi descoberto, ás audiencias do Calenga.

Logo que passamos o Luembe no porto do Xa Muhongo, em um dia chegamos á povoação do nosso amigo Caungula que se havia mudado para a margem direita do Cachimi fugindo á epidemia da variola de que elle fôra victima, e de que resultou ficar bem marcado e muito magro.

Tambem elle me fez acompanhar dum seu representante na esperança de que Muene Puto querendo protegel-os acceitando a Soberania que elles desejavam, Quiocos e Lundas viviriam dahi em deante como amigos e todos podiam socegadamente tratar do seu commercio e das lavras.

Quando passamos o Chiumbue, soubemos que o Bungulo Quiluata fôra victima do seu genio ousado, mas por traição dos filhos (povo) que o abandonaram aos Quiocos visinhos, com a promessa de viverem depois socegados e dahi até ao Caungula do Lôvua fomos informados não ter havido mais pendencias com os Quiocos.

Cumprira pois Quissengue, Muxico e Mucanjanja com o que me prometteram.

A Estação Luciano Cordeiro estava reformada pelo empregado europeu Augusto Cesar, que ahi por conselhos de Caungula e de Xa Madiamba, me aguardava com os supprimentos que trouxera de Malanje havendo mandado apenas para deante a meu encontro seis cargas.

Xa Madiamba e Caungula ao facto de tudo que se passara na Mussumba com os Quiocos e das diversas opiniões dos potentados com respeito á futura direcção dos negocios; se elles já em tempo reconheciam da necessidade da Soberania de Portugal agora apoiados pelos pedidos dos mais importantes

quilolos trataram de organisar a embaixada que me acompanhou a Loanda e pelo transito foi engrossando com representantes de outros potentados da Lunda e tambem do Cuango, de Cassanje e de Andala Quissúa.

O que essa embaixada foi fazer a Loanda dil-o o officio do Governo Geral a S. Ex.ª o Sr. Ministro de Estado dos Negocios de Marinha e Ultramar, a que dou publicidade mais adeante.

Copia do auto levantado na Administração do Concelho de Malanje ácerca de diversos moradores do Concelho de Ambaca, que na Lunda se apresentaram ao Exm.º Sr. Major Henrique Augusto Dias de Carvalho, chefe da Expedição Portugueza ao Muatiânvua, e que foram apresentados ao chefe do Concelho a fim de seguirem para a terra de sua naturalidade.

Auto de declarações

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos oitenta e sete aos vinte e nove dias do mez de Outubro do dito anno, neste concelho de Malanje, e na secretaria da Administração aonde se achava o tenente Simão Candido Sarmento, chefe e administrador do mesmo Concelho, comigo escrivão do seu cargo, compareceu o Excellentissimo Major Henrique Augusto Dias de Carvalho, que reconheço pelo proprio de que trato e perante as testemunhas de Francisco Lopes da Cunha, e Domingos Antonio dos Santos Alemtejo, solteiros, maiores em edade, moradores neste Concelho, disse que achando-se na Lunda, na qualidade de chefe da Expedição portugueza ao Muatiânvua, ali encontrara diversos moradores portuguezes naturaes do Concelho de Ambaca, que residindo havia muitos annos com suas familias a tratarem de seus negocios, mas talvez com animo de não voltarem á terra de sua naturalidade, ficaram exhaustos de meios por ter-lhes

o gentio do Quioco saqueado todos os seus haveres nas questões que tem tido com os Lundas tendo os ditos moradores e suas familias apresentado a elle Excellentissimo Major, para na qualidade de Delegado do Governo portuguez tel-os no seu acampamento, dispensar-lhes toda a protecção, e com elles regressar por este Concelho a fim de serem apresentados ao respectivo Chefe, seguindo depois cada um, para a terra da sua naturalidade, se assim o pretendessem — Que com effeito, o Excellentissimo Major Carvalho presenciando a invasão da Lunda pelos Quiocos, e vendo ali o estado dos referidos moradores na occasião dos ultimos assaltos, visto que ficaram sem meios de subsistencia, e arriscados a perderem a vida, teve de os acolher, bem como suas familias, para apresental-os, como hoje os apresenta ao Chefe do Concelho, assim como um rapaz de nome Mimi, de quinze annos de edade, pouco mais ou menos, o qual fazendo parte d'uma embaixada do Rei do Congo de que havia fallecido um sobrinho d'este, de nome Dom Miguel, cujos restos mortaes vieram ao poder do jaga Calandula Dom Domingos Paulo Gomes Camuíri, da jurisdição deste Concelho para este os fazer seguir para o Congo, ficando abandonado o dito rapaz nas terras da Lunda e por isso tambem acolhera e trouxera na sua companhia para o chefe do Concelho de Malanje o mandar entregar ao referido jaga Calandula, e ser depois por este apresentado a D. Paulo, chefe da embaixada referida, que talvez não tenha ainda seguido para o Congo. Que estando os ditos moradores presentes neste acto, rogava que o Chefe do Concelho lhes tomasse quaesquer declarações sobre os assumptos que acabava de expôr. O que sendo ouvido por elle Chefe do Concelho, mandou vir á sua presença os moradores Domingos Simão, e João Pedro da Silva naturaes de Ambaca, aos quaes fazendo as perguntas relativas á sua estada na Lunda, e a forma como se apresen-

taram ao Excellentissimo Major Carvalho responderam: que ha annos tendo ido para a Lunda a tratarem de seus negocios, ali ficaram domiciliados com suas familias, até que ultimamente os Quiocos hostilisando a Lunda tiraram a elles declarantes todos os seus haveres, ficando sem meios de subsistencia, vendo-se na precisão de recorrerem ao Excellentissimo Major Carvalho que sabiam ser Delegado do Governo portuguez, na sua qualidade de chefe da Expedição ao Muatiânvua, o qual presenciando os ultimos acontecimentos da Lunda, os acolheu, tratou bem, e vieram fazendo parte da referida Expedição, sempre sob sua protecção, até que no dia vinte e sete do corrente mez chegaram a esta povoação de Malanje — Que quando na Lunda elles declarantes se apresentaram ao Excellentissimo Major Carvalho levavam — o primeiro Domingos Simão, cinco pessoas de sua familia sendo seus filhos de nomes Caxavala Domingos e Mathias Domingos, suas amazias Ianvo e Anguina-Sopo, e uma serviçal de nome Camonga ali resgatada, e o segundo declarante João Pedro da Silva tambem com seus filhos dos nomes Mutaxi e Fonseca, suas amazias Massuma e Ianvo, assim como cinco serviçaes resgatados dos nomes Catoca, Macanda, Mujica, Sopo Sopo e Nacona — Que com elles, declarantes e suas familias se apresentaram tambem as pessoas seguintes: Rocha, Ingracia, João, Marianna, Francisca, Mussau e seu filho, Cárie, Mutombo e Quene-henda, aquellas tres primeiras filhas e as serviçaes de Luiz João Pedro, conhecido pelo nome de Quipungo, o qual sendo tambem morador do Concelho de Ambaca, havia seguido para a Lunda a tratar dos seus negocios, e ali fallecera, cujas pessoas bem como uma preta de nome Maria e seus filhos Andolo e Cata, que haviam ficado na Lunda depois do fallecimento de Domingos da Silva Amazio e pae dos mesmos, foram com a bondade que caracterisa o Excellentissimo Major Carvalho acolhi-

dos por este, e vieram em sua companhia fazendo parte da Expedição portugueza, e apresentados egualmente neste acto ao Chefe do Concelho — Que um preto do nome Efica Antonio Sebastião Moniz natural de Ambaca, que antes de seguir para a Lunda residia no sitio Anzela, jurisdicção deste Concelho, se apresentou tambem ao Excellentissimo Major Carvalho, depois d'uma permanencia de onze annos n'aquelles longiquos sertões. Que ainda mais, um preto de nome Xá Vunji tendo ido para Lunda na expedição allemã de que era Chefe o doutor Pogge, ha cerca de doze annos, lá ficou e tambem se apresentou com sua amazia ao Excellentissimo Major, conjunctamente uma preta de nome Hebo e sua filha Capalanga, um rapaz de nome Cassengui e Calengue — Que finalmente elles declarantes e todas as pessoas que o Excellentissimo Major Carvalho trouxe da Lunda, desejando seguir para Ambaca, sua terra natal agradecem toda a protecção que o mesmo Excellentissimo Major Delegado do Governo portuguez lhes dispensou por isso que se não fosse a sua entrada na Lunda, seriam todos mortos pelos Quiocos nos ataques que fizeram á Lunda — E não havendo mais declarações a tomar, elle Chefe do Concelho deu por concluido este Auto, que assigna com o mesmo Excellentissimo Major e testemunhas de assistencia, menos os declarantes Domingos Simão e João Pedro da Silva, por não saberem escrever embora fallem bem a lingua portugueza, depois de lido, perante todos por mim Pedro Alexandre do Valle, escrivão da administração que o escrevi — Assignados Simão Candido Sarmento, Chefe — Henrique Augusto Dias de Carvalho, major do Exercito — Francisco Lopes da Cunha — Domingos Antonio dos Santos Alemtejo — Pedro Alexandre do Valle. Está conforme. Secretaria da Administração do Concelho de Malanje 3 de Novembro de 1887. — O escrivão da administração, *Pedro Alexandre do Valle.*

Nomeação

Attendendo aos bons serviços prestados pelo Ambanza Quinguri á causa da Expedição portugueza ao Muatiânvua durante todo o tempo que com ella andou e esteve hospedado nas suas Estações e Acampamentos desde 28 de novembro de 1885 a junho de 1886 e sendo certo que entre os Ambanzas do Cuango é um dos de maior importancia e ha annos mantém muito boas relações com as casas commerciaes de Cassanje e de Malanje, considerando-se freguez da acreditada e muito conhecida casa de commercio de Narciso Antonio Paschoal de Malanje,

Considerando quė se mostrou sempre muito affeiçoado á Nação Portugueza apezar de se conservar independente do jagado de Cassanje e por vezes mostrou desejos que lhe concedesse a bandeira portugueza e a banda para ser estimado pelos filhos de Portugal como subdito de Sua Magestade Fidelissima.

Tendo eu em todo o apreço que este potentado sabendo que eu regressei a Malanje sahiu de seu sitio de proposito para vir felicitar-me por ter concluido com exito a minha missão á Mussumba, pois quando retirou da Estação Conde de Ficalho na margem esquerda do rio Chiumbue, conhecia bem das difficuldades para deante porque todos os paizes a atravessar estavam em guerra;

E finalmente obrigando-se elle no seu porto de Cuango, Tuaza, a facilitar a passagem aos subditos de Sua Magestade Fidelissima El-Rei de Portugal sem outro tributo mais do que o pagamento do uso aos homens da canôa em que teem de passar;

Entendi por conveniente conceder-lhe as honras de capitão das Companhias moveis da provincia de Angola; e a todos quantos lerem esta nomeação, a respeitem como feita por um

delegado do Governo Portuguez numa missão especial ás terras do Muatiânvua.

Outro sim declaro que entreguei ao agraciado, uma bandeira portugueza que içará todos os dias em um mastro proximo do porto do Cuango que se compromette a fazer respeitar como livre de tributos de passagem para Portuguezes ou individuos munidos de guias de passagem para além Cuango, firmadas por auctoridades portuguezas.

Malanje 6 de janeiro de 1888 (a) *Henrique Augusto Dias de Carvalho*, major do Exercito, chefe da Expedição portugueza ao Muatiânvua.

Nomeação

Attendendo a que o Ambanza Angonga companheiro do Ambanza Quinguri, prestando bons serviços no interior á Expedição Portugueza que sob minha direcção foi á Mussumba do Muatiânvua e que como este nunca deixou de se sujeitar ás minhas deliberações, confirmando assim os seus desejos de ser considerado subdito de Sua Magestade El-Rei Nosso Muito Estimado Monarcha não obstante não querer reconhecer o jaga ultimamente confirmado, e tendo vindo visitar-me a Malanje depois do meu regresso a esta villa e sollicitar-me como graça especial para provar a quem lhe convier as boas relações que manteve com a nossa Expedição no interior dos dominios do Muatiânvua lhe concedesse a bandeira de Portugal e a banda;

Declaro que o agraciei com as honras de alferes das Companhias moveis da provincia de Angola; lhe dei uma bandeira nacional e o auctoriso a fazer uso desta nomeação e esperando que todos os que a lerem, respeitem as concessões feitas ao agraciado como feitas por um delegado de Sua Magestade Fidelissima o Rei de Portugal na sua missão ás terras

do Muatiânvua — Malanje 16 de janeiro de 1888 — (a) *Henrique Augusto Dias de Carvalho*, major do exercito chefe da Expedição Portugueza ao Muatiânvua.

A S. Ex.ª o sr. Ministro, do Governo de Angola

Ill.mo Ex.mo Sr. officio n.º 162 da provincia de Angola — Serie de 1888 — Tenho a honra de communicar a V. Ex.ª que pelo major Henrique Augusto Dias de Carvalho me foi apresentado o indigena Noeji, sobrinho do Muatiânvua, que pelo tio fôra enviado em embaixada a este governo geral, com uma pequena comitiva.

Recebi e agasalhei-o como é de estylo em casos similhantes.

O enviado do Muatiânvua expoz-me da parte d'este:

1.º Que vinha agradecer a Sua Magestade El-Rei de Portugal ter enviado ás suas terras o major Carvalho, com cuja presença muito se tinha regosijado, por ser elle enviado por El-Rei.

2.º Que agradecia igualmente os presentes de que elle fôra portador, os quaes haviam chegado ao seu destino.

3.º Que o major Carvalho lhes tinha prestado muitos e valiosos serviços, e que elles pediam desculpa de não o haver recebido tambem como devia ser um enviado de Sua Magestade.

4.º Que o desejo do Muatiânvua, e de todos os Muatas e povos de Lunda é que El-Rei de Portugal os tome sob a sua protecção e mande occupar suas terras.

5.º Que para este effeito me pedia os fizesse eu acompanhar de uma força a qual fosse já estabelecer-se nas suas terras, para o que estavam promptos a concorrer com tudo o que fosse preciso para o estabelecimento da força e para a sua manutenção alli.

Ouvi com a attenção devida, e respondi-lhes sem nada prometter, assegurando-lhes que Sua Magestade El-Rei nunca re-

cusava a sua protecção, a quem a ella se acolhera; que ia dar conhecimentos dos seus desejos a V. Ex.ª, e que estou certo de que V. Ex.ª havia de ter na devida consideração o pedido que em nome do Muatiânvua me expunham.

E instando o enviado para que lhes desse já a força de duzentas ou trezentas praças, com difficuldade lhe pude fazer comprehender que não posso dispor da força para fóra dos territorios sob a regular administração do Governo, e que por similhante motivo me era impossivel satisfazer já ao seu pedido. O major Carvalho que agora segue, com mais cabal conhecimento informará V. Ex.ª do estado da Lunda.

As noticias que correm, são de os Calundas terem sido batidos pelos *Maquiocos*, e isto é confirmado pela relação dos serviçaes contratados no sul da provincia, alguns dos quaes são da Lunda, provavelmente prisioneiros,

O major Carvalho, a quem expuz isto mesmo, disse-me que eram das guerras que houve quando esteve no interior, mas que agora tudo está bem.

A embaixada era insignificante, o unico personagem importante della era o sobrinho do Muatiânvua e eu não creio que um potentado consideravel como foi o Muatiânvua, viesse procurar a protecção d'El-Rei de Portugal e o auxilio de suas armas, se só por si podesse sustentar-se.

V. Ex.ª informado pelo chefe da Expedição, resolverá se convem ou não o nosso poderio até á Lunda e se agora é occasião opportuna de o fazer. Qualquer que seja o pensamento do Governo sobre o assumpto, rogo a V. Ex.ª se digne transmittir-me as primeiras instrucções.

Deus guarde a V. Ex.ª Loanda 14 de abril de 1888 — Ill.^mo^ Ex.^mo^ Sr. Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar (a) Em nome de Sua Ex.ª o Governador, *Joaquim d'Almeida da Cunha* — secretario geral.

APPENDICE

Os documentos a que por ultimo dou agora publicidade, provam claramente que até esta data, ainda o Governo de Sua Magestade não deixou de considerar-me como sua auctoridade subordinada, na região que comprehende os dominios do Muatiânvua e que consultando-me, tem procurado por meios praticos e economicos, annexal-os a nossa provincia de Angola.

Não é pois uma deliberação tomada subrepticiamente pelos administradores do Estado Livre, que fizeram em um dos seus ultimos boletins incluir na possessão que lhe foi limitada perante o mundo civilisado, que nos poderá desalojar donde estamos e inutilisar os trabalhos da minha Expedição, já do dominio desse mesmo mundo.

De facto como disseram alguns escriptores portuguezes nos periodicos diarios, as repartições officiaes nas suas cartas geographicas, nunca fizeram incluir dentro da provincia de Angola os territorios da Lunda, mas isso por uma razão muito simples, porque ate á publicação do Tratado de Portugal com a Inglaterra, Portugal só definiu o limite das suas possessões em Africa com as das Potencias europeas, que procuraram dellas avisinhar-se e o Estado Livre estava definido perante

Portugal e as demais Potencias que o reconhecem como Estado sob a protecção do Rei dos Belgas.

Mas por que o não fez aguardando que ficassem definidos os seus limites com as possessões da Grã-Bretanha, continuou trabalhando como na esphera da sua influencia até agora nunca desistindo dos direitos adquiridos a tornar effectiva a sua occupação; e que todas as potencias respeitaram sempre essa sua deliberação provam-no todas as cartas que se publicaram até ultimamente, inclusivè o atlas moderno de F. Schrader e as do proprio Estado que marcavam o Cuango se marcavam como limite a oeste dos territorios de Muatiânvua e nunca como limite da nossa possessão occidental com a do Estado Livre.

E termino esta Memoria. com as diversas propostas que tenho apresentado ao Governo de Sua Magestade, desde que estou em Lisboa acompanhando a publicação dos trabalhos da minha Expedição, para que dum modo facil e pratico alarguemos a nossa provincia, nos territorios considerados sob nossa influencia.

*

* *

A S. Ex.ª o Sr. Ministro

O artigo 10.º das Instrucções que me foram confiadas na missão ao potentado africano Muatiânvua, é o seguinte:

«Deve ser um dos cuidados da missão, investigar do procedimento, propositos e influencia que entre aquelles povos, vão tendo os exploradores allemães ou outros quaesquer estrangeiros que até elles teem chegado e registar particularmente tanto essas informações como outras de interesse para Portugal.

«Sempre que a missão verifique que alguns agentes estrangeiros tem usado da ascendencia que por acaso possam ter alcançado sobre os indigenas para prejudicar os interesses do commercio nacional ou o nome portuguez, protestará contra esse facto, procedendo com a perspicacia e zelo que poder empregar para destruir quaesquer prevenções ou malevolas insidias, e fazendo-lhes bem sentir que nem sempre são excessivamente humanitarios e civilisadores os trabalhos e tendencias de alguns desses exploradores ou agentes.»

Julgo pois do meu dever chamar a esclarecida attenção de V. Ex.ª para alguns factos que me parecem de summa gravidade que muito podem influir na decadencia do nosso dominio colonial, tanto pelo lado politico, como pelo lado financeiro, como na receita da alfandega central da provincia de Angola.

Não é possivel fazer-se perfeita ideia em Lisboa, e mesmo em Loanda, dos perigos que estão ameaçando o commercio da provincia de Angola e a nossa influencia em todos os povos da região central do continente africano.

E este perigo é tanto mais grave, quanto maior é o nosso desprendimento em animar e proteger as missões americanas e todos os exploradores que por lá estão trabalhando em favor do novo Estado do Congo.

Aquellas e estes, não correspondem ao valioso auxilio que lhes damos, não só nos procuram tirar a influencia entre os indigenas e desviar todo o commercio para o novo Estado do Congo, mas tambem nos vem accusar perante a Europa, de fazermos escravatura!

São bem palpaveis os meios da propaganda que elles empregam chegando mesmo a revelarem-se já nos seus escriptos, já em conferencias, já nas cartas geographicas, que mandam coordenar onde marcam limites imaginarios atravéz dos

povos extranhos, e dão o pomposo titulo de Reino, e independente, a Canhiuca, a que chamam Canhíca ou Canhóca, a um simples tributario (quilolo) do Muatiânvua!

Não poderam em tempo ali entrar, mas obstaculo algum os faz desanimar e por todos os modos pretendem fazer passar este povo ao novo Estado do Congo!

O dr. Wolf, companheiro do tenente Wissmann, numa conferencia em Manchester, não duvidou affirmar que se vendiam no Muquengue, milhares de escravos por anno aos Bângalas e aos Quiocos a troco de armas e polvora.

E' bem clara a insinuação, pois os Allemães, nunca poderam ir a terras da Lunda e da Luba sem a protecção dos Portuguezes, que lha tem dispensado com a mais benevolente confiança, e querem depois fazer perceber que são os negociantes portuguezes que sustentam, esses mercados de escravatura.

Seria triumphante a resposta que lhe podiamos dar e dal-a-hei em occasião mais opportuna, como é de justiça, narrando mesmo alguns factos quando V. Ex.ª me conceda uma entrevista, para esse fim.

O que é certo é que essas grandes riquezas de marfim, com que se pretendeu illudir os que com a melhor boa fé trabalharam em favor do novo Estado do Congo são illusorias; e como o desengano ha de ter logar mais cêdo do que se esperava, procura-se attrahir já a fonte de receita immediata, a da borracha, e póde suppôr-se o que farão os interessados, pelo que tentam, para chamar esta como outras fontes de receita que lhes vá animando a esperança perdida!

A nossa influencia felizmente ainda é grande, e se os povos do Muquêngue mal aconselhados procurarem apoderar-se ou estabelecer-se nos dominios do Muatiânvua, terão logar guerras dexterminio, porque para isso se unirão todos os

povos da Lunda, embora hoje em dissidencias, pois todos elles distinguem nos brancos, os filhos bons de Muene Puto, e os maus que são os inguerèzes (todos os estrangeiros,) e não acceitarão facilmente qualquer imposição que estes lhes queiram fazer.

Não devemos pois, deixar de empregar toda a nossa influencia para conservar e estreitar as relações com os povos da Lunda, tractando immediatamente de occupar as Estações levantadas pela minha Expedição e fazer valer os tratados por mim celebrados com os potentados, procurando destruir ou pelo menos contrabalançar todos os manejos dos Allemães em favor do novo Estado.

Pela minha parte, como me era restrictamente recommendado, fiz tudo quanto me foi possivel para conseguir este resultado.

Representantes de diversos potentados *lundas*, *xinjes*, *bangalas*, e *bondos,* no regresso me acompanharam a Malanje e garantiram ao commercio, que o caminho da Expedição era de Muene Puto e a sua segurança vinham elles asseverar em nome de seus chefes.

Uma embaixada da Lunda, essa foi mais longe, até Loanda para falar ao Governador sobre o objecto de sua missão.

Não desconhecendo o que fazem os estrangeiros em tal caso, empreguei todos os esforços para que uns e outros não fossem descontentes e até Malanje com as providencias que V. Ex.ª me dispensou e valioso auxilio dos negociantes ali estabelecidos, os primeiros regressaram muito satisfeitos de que possuo provas, como provas tenho da conveniencia que já o nosso commercio encontrou, do modo porque procedi.

Com respeito á embaixada, sendo muito insignificante o auxilio que a Junta de Fazenda me poude prestar, lhes abonei cincoenta mil réis em dinheiro para irem comendo até Malan-

je e consegui que o commercio no Dondo e em Malanje que é o mais interessado, me coadjuvasse para retirar satisfeita. E já tive noticias que foi importante a sua coadjuvação.

Eu sei perfeitamente os meios de que se servem os estrangeiros para catechisarem aquelles povos e o cuidado com que é preciso andar presentemente para que se salve o commercio de Loanda de alguma grave crise, nem se perca a nossa influencia nas terras de além Cuango e por isso sacrifiquei alguns interesses dos meus trabalhos.

E seria gravissimo erro, se nós considerassemos o Cuango como limite da provincia a leste, muito principalmente agora depois dos trabalhos da nossa Expedição.

E é tão evidente este reparo, que só por incidente o chego a lembrar, talvez levado pela impressão que me deixou o traçado dos limites da provincia numa das cartas geographicas ultimamente publicadas pela commissão de cartographia.

Na conferencia de Berlim, afim de se arranjar o maior numero de terras que fosse possivel para o novo Estado do Congo, a vêr se o salvava de uma ruina quasi certa, traçaram-se todos os limites ao acaso, mas não deixemos consentir que queiram chamar a si parte das terras dos potentados da Lunda e nem mesmo a região que já de caso pensado della separam sob o pomposo titulo de Reino Canhioca, quando ella é um estado do quilolo do Muatiânvua; estado onde os Allemães repito, por vezes quizeram penetrar, mas o Muatiânvua e sua côrte nunca lhes permittiu por ser ahi onde se forneciam ultimamente de marfim.

Poderia trazer aqui todas as circumstancias em que se teem realisado as expedições estrangeiras em Malanje e memorar ao mesmo tempo os *bons serviços* que estão fazendo á nossa causa colonial alguns compatriotas.

Mas deixo estas narrações para outro logar, pois o que

profundamente se deve pezar, por agora, é a quebra que terá o nosso commercio se os agentes do Estado Livre levam por deante todo o plano em que se empenham.

Seria por certo, um gravissimo mal para a provincia de Angola em qualquer occasião, mas no momento em que se estão fazendo enormes despezas com a construcção do caminho de ferro de Ambaca, as perdas serão mais sensiveis e a encorporação de povos no novo Estado do Congo um mal irremediavel.

Parece pois, de toda a vantagem que se aproveite a bôa impressão de todas as tribus por onde andou a nossa Expedição, e se nomeem rezidentes pelo menos no Caungula, Quissengue (quioco), Caromanho (Quioco no Casai) Mataba e na Mussumba do Muatiânvua.

As missões americanas do bishop Taylor estabelecidas nos concelhos a leste, que grande mal nos estão fazendo, procuram já internar-se e estabelecer-se nos Quiocos. Aguardavam os resultados da nossa Expedição. E á sombra della conseguiu já o dr. Summers hasteando a bandeira portugueza estabelecer-se no *Lulua* proximo dos Allemães.

Devem pois esses residentes serem as nossas sentinellas vigilantes e empregarem todos os meios analogos aos que os estrangeiros ali estão pondo em pratica.

O que se não pode, sem se prejudicar os rendimentos da Provincia, é ficar indifferente aos manejos dos estrangeiros que pela sua actividade e preponderancia que irão adquirindo entre aquelles povos, nos reduzirão a uma estreita faixa, que mais tarde conseguirão cortar para seu transito.

Os maiores sacrificios serão sem duvida alguma os que dizem respeito ao caminho de ferro, mas já que lhe demos principio, cumpre não desanimar.

Querem os protectores do novo Estado do Congo pelo seu lado levar a execução um caminho de ferro.

Continuemos nós, o já encetado, mas com mais actividade e com mais ardor; e este, com as obras que lhe são annexas echoarão por todo o interior.

Já se fala delle, e a tendencia que os povos mostraram em nosso favor, o que a Expedição provará em tempo competente, o desejo que teem de se avassallar, crescerão tanto mais, quanto mais se adeantar esse meio de conducção e quanto mais certeza tiverem esses povos de que Muene Puto os não esquece, não tem escravos e lhes póde levar a protecção que desejam.

Se temos de addiar por causa de despezas as providencias que seriam convenientes; recorra-se já a missões religiosas ou qualquer meio que pareça mais rapido em que pódem aproveitar-se africanos de Ambaca e de Malanje, que teem practica daquelles povos.

Estamos soffrendo as consequencias de não se ter tomado as providencias mais indispensaveis depois da viagem de Rodrigues Graça em 1846 ás terras da Lunda.

O que então se desculpa pelas circumstancias anormaes da metropole, devemos lembrar-nos hoje, que tal falta se tornará muito mais grave, attendendo ao que se está passando naquellas terras e ao que os Allemães ali estão fazendo e tentam os Americanos fazer, servindo-se de meios muito diversos mas todos concorrendo ao mesmo fim: *destruir o nosso poderio colonial, o que nos collocará numa situação cujas consequencias V. Ex.ª melhor que eu pode prever.*

A nossa Expedição prova quanto influenciou, com dados estatisticos, para que não fossem cerceadas as receitas da alfandega de Loanda nos ultimos tres annos, porque agora não está lá e não ha quem se opponha a que a corrente do commercio não seja desviada para o N., por isso concluo dizendo ainda a V. Ex.ª que todo o sacrificio que se fizer para con-

trabalançar os trabalhos dos Allemães que estiveram ao serviço da Internacional será bem compensado, já não digo augmentando, evitando-se a diminuição da receita da alfandega de Loanda, o que corre grande risco.

É isto o que se me offerece já de mais urgente informar V. Ex.ª.

Deus Guarde a V. Ex.ª Lisboa, 15 de junho de 1888. — Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar. — (ass) O chefe da expedição ao Muatiânvua. — *Henrique Augusto Dias de Carvalho.* — Major do Exercito.

A S. Ex.ª o Sr. Ministro

Não ignora V. Ex.ª, o que nos ultimos trinta annos se tem passado em Angola, com respeito ao jagado de Cassanje e por isso deixando de parte essas occorrencias, e ainda no cumprimento dum dever e para que se aproveitem os resultados praticos da minha missão no centro de Africa, chamo hoje de novo a attenção de V. Ex.ª para o que se me affigura de conveniente em interesse do nosso dominio colonial.

O meu nome ou antes o meu posto de major, tornou-se popular entre os povos, com quem lidei, tornou-se o *memorando* duma das epochas da sua vida, sendo o nome com que baptisaram as creanças que nasceram nessa epocha. É uma forma de commemorar a minha visita áquelles povos; e assim succederia a qualquer outro que sendo chefe duma missão, procedesse da forma porque procedi para com elles.

Porém com os Bangalas daquem e além Cuango, isto é, os subditos do jagado de Cassanje, suas manifestações de regosijo tornaram-se provas de reconhecimento do muito que devem á influencia de Muene Puto, que se devem aproveitar.

Aquelle povo, tão desconfiado como atrevido, em principio, não recebeu com agrado a noticia da nossa Expedição e chegou mesmo, a pensar em contrariar a sua marcha, espalhandose boatos: que procuravamos o Muatiânvua para lhes fazer mal, reprezalias das ultimas guerras de Cássanje á feira, já expulsando-os das margens do Cuango, já fazendo-lhes concorrencia no commercio com o interior.

O facto de passarmos por fóra de Cassanje, onde iamos levantando Estações em que nos demoravamos e de não procurarmos o jaga reconhecido pelo Governo de Angola, mais os desnorteava e fazia suppôr que nossa missão não lhes podia ser boa.

Durante os primeiros seis mezes houveram reuniões entre os *maquitas* e como cousa alguma ao certo, elles sabiam, foram os velhos de parecer que se aguardassem os acontecimentos e aconselharam as comitivas que sahiam que respeitassem sempre Muene Puto se o encontrassem no seu transito.

Em Africa o *maésu* é o telegramma sempre deturpado e que apesar de transmittido de bocca em bocca corre com maior velocidade do que aquelle.

Os boatos succediam-se, não passando ás vezes da imaginação de quem os inventava e sempre no fito de não avançarmos.

Proporcionaram-se as circumstancias e logo em Camáu tive occasião de receber as visitas dos principaes Ambanzas, chefes de caravanas para o interior.

O modo porque os tratei, foi o primeiro movel para adquirir as suas sympathias e que constou para E e W.

Já mais internados, proximo ao Cuilu, encontraram-me e dahi em diante, sempre prompto a protegel-os nos seus interesses, advogar de sua justiça, dando-lhe hospitalidade quando careciam, tratando-os em fim como homens que nos são muito

uteis e empregando toda a influencia de que ia dispondo entre os povos com quem estava, em seu beneficio e assim insinuando-me no animo de uns e outros.

As comitivas que se succediam no regresso de mais em mais tinham que contar aos seus parentes dos beneficios que lhes dispensavamos, e la ia o meu nome para as cantigas ao lado do seu jaga, chamando-me o pae delles, que me deviam a vida que ainda tinham porque não consenti que os roubassem e lhes dessem maus tratos; terminando por animar todo o Cassanje a ir ao negocio para o interior por que eu lá estava e ninguem se atrevia a roubal-os.

E' certo Ex.^mo^ Sr., que muito de proposito, exerci toda a influencia de que ia dispondo, não só em favor delles, como de outras comitivas de Calundulas, Bondos, Ambaquistas, Luximbes, Malanjes, do Rei do Congo e de Quiocos; para que suas reclamações fossem attendidas pelos potentados em que eram apresentadas e todos lá regressavam satisfeitos para suas terras com o auxilio de Muene Puto.

Mas o que nunca podia imaginar é que os Bangalas fossem tão longe no seu reconhecimento.

Do sul para o norte se espalhou a *fama do Sr. Major* diziam os cinco mil Bangalas que seguidamente encontramos no nosso regresso seguindo aquelles para o Lubuco.

E é notavel que encontrando-se naquelle numero muito poucos dos quatro mil que por vezes estiveram comigo e não encontrando nenhum desses em suas terras; fui recebido aqui pelos velhos e mulheres familias delles como protector de todos os Bangalas e me deram franca e rasgada hospitalidade, enviando-me os potentados de diversos pontos seus emissarios para me acompanharem a Malanje, o que ainda não consta ter-se feito a branco algum.

Dos Capêndas seus visinhos na margem direita do Cuango,

tenho pedidos por escripto para se avassalarem como já tive occasião de informar a V. Ex.ª.

Dos Bondos visinhos na margem esquerda já o principal chefe Andála Quissúa por influencia da nossa Expedição se avassalou.

Se attender-mos pois que estes povos, muito principalmente os Bangalas são os melhores agentes do nosso commercio no interior do continente; que são elles os senhores do Cuango e o teem tornado barreira difficil de ser ultrapassada pelos povos do interior e vice versa comitivas de Malanje e Ambaquistas que só lá vão aquelles encorporados e carregando com todas as despezas de passagens; e ainda que entre estes povos teem logar as *combolações* por nós infelizmente iniciadas e donde se originam as amarrações tão prejudiciaes para um e outro lado e pode dar logar á constituição de coutos para protecção a ladrões, como os ha em outros pontos da Provincia; é de toda a conveniencia que a alçada de nossa auctoridade ali se sinta com todos os seus beneficios, attrahindo a nós estes povos muito prestaveis ao commercio e ao desinvolvimento da agricultura em suas fertilissimas regiões e por elles já iniciadas e façamos acquisição dos melhores portos do Cuango dotando-o de embarcações apropriadas e por elles garantir segura passagem ao commercio.

Não desconhece V. Ex.ª que algum marfim e toda a borracha que aquelle povos trazem do interior passa por Malanje e que hoje este Concelho se tornou muito importante desinvolvendo-se para leste e norte, não só por causa do commercio mas ainda pela cultura da canna.

Carece elle, desde já de toda a protecção do nosso Governo, não só para auxiliar os que nelle já teem sacrificado os seus haveres, mas ainda para animar que outros se sigam a aproveitar a feracidade das terras daquella vasta região até ao Cuango com as grandes culturas.

A norte de Malanje temos o Duque de Bragança, a Jinga Hungo e subditos do Rei do Congo que encostam com os Bondos e cujas terras muito podem render com uma boa administração auxiliada pela exploração do commercio.

Nestas regiões ainda se encontra a borracha em alguns pontos e com uma acertada cultura se pode dar-lhe desinvolvimento, bem como a de canna e café de que ha bons exemplares.

Tambem na pequena agricultura lá existem exemplares em Malanje de bom trigo, beterraba, batata, hortaliças e fructos europeus e americanos.

Se o caminho de ferro que parte de Loanda se destina apenas a servir a região de Cazengo que já tinha a linha fluvial do Dondo e na esperança da agricultura no Golungo, Ambaca e Icóllo; tenho a franqueza de dizer que nunca os rendimentos poderão corresponder aos sacrificios.

Assevero hoje com mais conhecimentos o que disse ha muitos annos. A região que elle vae atravessar é maligna com respeito a clima e Ambaca nada hade produzir de valor. Pungo e Malanje muito podem concorrer para essa dispendiosa via e depois os Bondos e Bangalas completarão o exito que é para desejar.

Malanje tem condicções de vida para o europeu e hade ser esta região que se hade tornar emporio do commercio e da agricultura a leste de Loanda. O Dondo está fatalmente condemnado e Ambaca nunca será cousa alguma.

A colonia Esperança instituida em Malanje pelo benemerito Governador Ferreira do Amaral, não é exemplo para desanimo, bem o conhecem os practicos que lá estão; e o extinguil-a da forma porque se fez, foi um erro indisculpavel que se junta a outros muitos na administração da provincia de Angola, filhos da ignorancia ou más informações.

No mesmo Concelho, outras propriedades daquella ordem e em que se tem despendido muito menos, veem-se progredir.

As quatro companhias de moveis que lá conhecemos e estão ao serviço, sustentam-se da pequena agricultura, o Governo nada lhes paga.

A alçada do Governador da Provincia nestas regiões torna-se inefficaz pela falta de recursos indispensaveis e porque a centralisação, dos mais pequenos negocios da administração local em Loanda, torna-se uma monstruosidade, donde se não deixa caminhar seus povos para uma situação mais prospera, porque além de costumes diversos, acresce o prejuizo das demoradas resoluções.

Lembro pois como grande vantagem, que se reunam os concelhos de Malanje Tala Mugongo, Duque de Bragança e todo o territorio até ao limite do Cuango nessa linha e para o sul o que for possivel entre Cuanza e Cuango, sob um governo districtal da categoria e constituição como o do Congo.

É occasião pois de aproveitarmos as boas disposições em que a nossa Expedição deixou todos aquelles povos e dahi mais facilmente podemos ir occupando com as nossas auctoridades, alcançando resultados satisfatorios nos territorios do Muatiânvua além do Cuango onde seus povos reconhecem a Soberania de Portugal.

Proseguindo, como é de crêr com actividade, o caminho de ferro até Malanje, o que poucas difficuldades de construcção offerece depois de Ambaca, fique certo V. Ex.ª que não faltarão as receitas para o novo Governo.

Na verdade, tem sido o commercio, correndo muitos riscos e passando por muitos sacrificios que tem fornecido os agentes da nossa civilisação em Africa e chamado os verdadeiros colonos para as regiões que aquelles tem explorado.

É tempo dirmos em auxilio, com a benefica acção do Go-

verno, dos que de dia para dia, teem alargado o nosso dominio colonial, mantendo prestigio e influencia nos sertões.

Não é pela força das armas, V. Ex.ª o sabe muito bem que se ha de instalar o novo Governo, mas estabelecido provisoriamente em Malanje o que os indigenas limitrophes muito hão de apreciar e preparando-se Cassanje para o receber, ha de ser apoiado com este povo com o qual iremos muito longe.

Se a politica iniciada pelo fallecido major Francisco Salles Ferreira, tivesse sido seguida depois de 1852, não teriam havido os desastres de Cassanje e note-se que este povo ainda fala hoje de seu nome com muito respeito e saudosos da sua benefica administração em que adoptou o systema hollandez.

Desculpe-me V. Ex.ª se me tornei importuno, e não veja nisto ambição para mim de tal governo porque hoje só me promptificaria a ir auxiliar a sua instalação quando para isso se julgasse podia prestar algum serviço pelo facto de ser conhecido por aquelles povos.

Mas a occasião é propicia porque o terreno ficou preparado e hoje é de toda a conveniencia aproveitar-se dos trabalhos da nossa Expedição.

O nosso prestigio perde-se com delongas, pois os dalem do Cuango, ficaram muito esperançados que do meu regresso á metropole e depois de falar a Muene Puto, sua protecção se não fazia esperar e anteviam uma epocha de prosperidade, harmonizadas as dissidencias entre elles.

Bastará a nossa aproximação agora, para elles acreditarem que vão ser attendidos.

A boa disposição dos povos do Cuango são uns bons auxiliares á nossa causa.

Termino lembrando como Salles Ferreira terminava uma memoria que em abril de 1853 dirigiu ao governo de Sua Magestade:

É de esperar que o Governo tomando em consideração tão util acquisição como é a vassallagem de Cassanje, donde nos vem todo o marfim e grande parte da cêra (hoje diria borracha) que se exporta de Angola, dê *todas as providencias para a conservação do que, com tanto trabalho se alcançou porque dali depende o pouco commercio que tem a provincia de Angola.*

Deus guarde a V. Ex.ª — Lisboa 19 de junho de 1888. — Ill.mo e Ex.mo Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Nogocios da Marinha e Ultramar. (as.) *Henrique Augusto Dias de Carvalho,* major do Exercito.

A S. Ex.ª o Sr. Secretario Geral do Ministerio dos Negocios da Marinha e Ultramar

. . . .

Ex.mo Sr. — Entrando agora no assumpto da conferencia a que me referi com o missionario Campana, principio por dizer, que é de toda a conveniencia, e assim o proponho no meu relatorio da Expedição, que se estabeleçam missões portuguezas em Malanje, cuja influencia se alargue até ao Cuango e se irradie depois em differentes sentidos, nas possessões do Muatiânvua.

As missões do Rev. Campana além do ensino profissional, dedicam-se á agricultura e como elle deseje já estabelecel-as em terras do Muatiânvua, lembrei lhe de collocar a sêde em Malanje, e dahi destacar missionarios por emquanto só para Quimbundo, onde Saturnino Machado ainda tem a sua casa e para o Caungula mais ao norte, onde a Expedição estabeleceu a Estação Luciano Cordeiro.

Julgo ainda muito conveniente que se aproveite para uma missão intermedia, a Estação Costa e Silva na margem direita do Cuango, terras do Capenda Camulemba ou mais a sul desse

ponto proximo da povoação deste, que insiste para que o Governo portuguez o confirme no cargo de Capitão dos portos do Cuango, cargo que fora concedido ao seu antecessor pelo delegado da Governo, o fallecido major Francisco Salles Ferreira, chefe da Expedição militar que bateu os rebeldes de Cassanje, como testemunho dos bons serviços que aquelle, então lhe prestara.

O actual Capenda sollicita o protectorado de Portugal como já disse anteriormente e delle tenho recebido tres cartas nesse sentido.

Encarecer agora os serviços, que elle pode prestar á séde da missão em Malanje seria alongar muito as minhas informações.

No meu relatorio se torna bem frisante esta importante questão vital para o aproveitamento da vasta extensão de territorios de Malanje e do Cuango ao Lubilachi, e para V. Ex.ª em particular, seria ocioso, por que sei que se empenha no estabelecimento de missões em todas as nossas colonias, para a educação dos seus indigenas.

A séde em Malanje encontra mesmo junto á villa, uma propriedade agricola que se pode considerar modelo pelos exemplares europeus e americanos, qne o seu proprietario tem conseguido aclimar e della envio a V. Ex.ª com este, amostras de trigo qne de lá trouxe.

Esta propriedade pertence a Custodio Machado que aguarda seu irmão para retirar de todo a sua casa em Villa Real, e creio bem que elle a venderia para a missão, em condições muito favoraveis de pagamento; e a missão della ja podia usofruir um rendimeto annual muito rasoavel.

Só o Rev. missionario, se acceitar ir a Malanje, poderá lá conhecer se lhe convem tal alvitre ou escolherá em outro ponto mais para nordeste ou leste, logar para os estabelecimen-

tos da missão, o que não lhe falta nas condições indispensaveis, de boas terras, abundantes aguas, boas madeiras e de visinhos indigenas bons alliados.

De Malanje para qualquer dos pontos além do Cuango, mencionados, os caminhos são bons e nelles se encontram facilmente escoteiros e como são logares onde afflue o commercio de Malanje e Cassanje póde a missão com os seus delegados ahi manter correspondencias mensaes e enviar-lhes o sal, outros artigos e generos que julgue mais indispensaveis para a sua manutenção e de que ha necessidade nos logares indicados.

Eu poderia indicar e com vantagens aos fins da missão, aos indigenas e para o nosso paiz, outros logares como são: o do potentado Quissengue mais considerado pelos Quiocos áquem do Cassai na margem direita do Chicápa talvez a egual distancia do Caungula, e do Quimbundo,—que muito deseja estreitar relações com os filhos de Muene Puto de quem reconhece a Soberania, e a que teem sido empecilho os Bangalas no Cuango e ainda em outros logares, entre os povos do Muatiânvua e Quiocos nas margens direita e esquerda do Cassai.

Porém parece-me que os missionarios uma vez internados nos pontos que primeiro indiquei, com a pratica necessaria e devidamente informados e esclarecidos, melhor procederão á escolha das localidades que mais convem aos seus estabelecimentos.

Ha toda a vantagem, quando possa dispôr-se pessoal, em contemplar-se os Quiocos ao menos com uma missão, para evitar rivalidades entre estes e os subditos do Muatiânvua e se conseguir manter um bom viver entre estes povos que sendo parentes se tornaram rivaes pela ambição de poderes, trabalho este que a Expedição poude felizmente iniciar e é de toda a conveniencia que continue para bem daquelles povos e do nosso commercio.

Os Quiocos por estarem mais proximos da nossa Provincia avantajaram-se aos Lundas pondo em acção toda a actividade de que são susceptiveis e alcançaram impôr-se a estes que ainda em 1882 abusando do poder do seu Muatiânvua lhes dictavam a lei por meio de extorsões.

E' por isso de toda a conveniencia principalmente politica, que não sejam esquecidos os povos quiocos querendo contemplar-se os do Muatiânvua, na educação da geração nova, que se me affigura quando devidamente orientada será o auxiliar poderoso com que podemos contar para o aproveitamento de toda a região entre as nossas provincias de Angola e de Moçambique.

Eis em resumo pois o que me cumpre informar a V. Ex.ª sobre o assumpto da conferencia com que V. Ex.ª me honrou, terminando por sollicitar mais uma vez, para que se estimulem os compositores da Imprensa por meio de serões ou por tarefas, a darem o necessario impulso á publicação dos trabalhos da Expedição a meu cargo, pois que se tratam nelles de assumptos instantes na occasião e se prestam esclarecimentos que muito illucidam os poderes publicos para uma boa e proveitosa reforma da administração provincial em todo o districto de Malanje e paizes visinhos que pode ser coadjuvada pela iniciativa particular e finalmente se supprem defficiencias nos estudos scientificos que respeitam ao centro do continente africano pelos estrangeiros.

Deus Guarde a V. Ex.ª—Lisboa 3 de Maio de 1889—Ill.ᵐᵒ e Ex.º Sr. Secretario Geral dos Negocios de Marinha e Ultramar—(ass) *Henrique de Carvalho*, major do Exercito.

PROPOSTA

Occupação dos territorios de Muene Puto Cassongo

Muene Puto Cassongo, segundo os melhores dados, tem a sua capital na margem direita do Cuango pouco mais ou menos situada no 17°12′ long. E de Green e no 6°28′ lat. S do Equador, portanto muito ao sul do parallelo que limita o Estado Independente do Congo.

Este grande potentado que tem honras de Muatiânvua, apezar de viver independente ainda actualmente se considera subdito do Muatiânvua, mantem com elle relações de inferior para com superior, e tanto os enviados de um como do outro, fazem as suas communicações directamente do Caungula para Muene Puto Cassongo pelas terras em que hoje dominam Anzàvo e Cambondo, dizendo-se este, subdito do rei do Congo.

O Muene Puto Cassongo, é descendente do Cassongo a nordeste do Muatiânvua, e a historia tradiccional dá o pae do primeiro Muatiânvua irmão do primeiro Cassongo, sendo certo que quando aquelle veiu formar o Estado pela conquista que depois se tornou o imperio poderoso e temido do Muatiânvua, com elle vieram Cassongos e o mais graduado destes que marchou com suas forças na companhia do Maü, Caungula e Cumbana, batendo os povos do Lulua, para leste, deixou aquelles, o primeiro junto do Cassai, o segundo entre Quicapa e Cuilu e o terceiro a norte deste, que sob o seu commando reuniu os povos batidos pelos primeiros como tambem os de Ambaca para além do Cuango, batidos pelos ascendentes dos actuaes Cassanjes ; e foi o Cassongo mais para oeste e fixou sua residencia junto ao Cuango por saber que além delle as terras pertenciam a Muene Puto.

Organisando o seu Estado, tomou então para si o titulo de Muene Puto Cassongo.

Entreteve sempre suas boas relações com os subditos do Rei do Congo, e este delle recebia marfim em troca de fazendas, polvora e armas que lhe mandava do commercio que fazia com os Portuguezes.

Muene Puto, por seu turno, com parte dos artigos que recebia, obtinha do Muatiânvua não só cargas de marfim como a gente que o transportava.

Ultimamente difficuldades se levantaram tanto para o lado do Muatiânvua, donde de tempos a tempos appareciam caravanas, tendo eu encontrado no Caungula parte de tres dessas que lá tinham ido em 1882 e 1883; como do lado do Congo, porque os regulos e outros potentados que se foram dispersando até ás margens do Cuango, e para sul da nossa provincia de Angola até Malanje, tornaram-se salteadores das comitivas do rei do Congo e as impediam de passar o Cuango para Muene Puto Cassongo.

Continuam ainda hoje inexploradas não só a região em que domina este potentado, mas as visinhas a leste.

O major Mechow conseguiu numa lancha (partiu de Malanje com a sua Expedição) navegar o Cuango até além do 6.º grau e é sabido que a missão baptista do Alto Zaire tambem conseguiu fazer chegar o seu vapor Peace até 4º 35′. O embaraço da navegação para uns e outros foi a queda dagua apontada por Mechow e pela missão confirmadas.

Era pois uma questão de 50 kilometros de estrada inclusive para uma via de Decauville o aproveitar-se a linha fluvial do Cuango desde as immediações de Malanje pelo grande Zaire ao Oceano, e o que se nós não fizermos será feito por qualquer missão estrangeira quando não pelo Estado Livre do Congo.

Estou informado tambem que a missão americana de Bishop Taylor que tem estações no Zaire, Dondo, Pungo Andongo e Malanje se prepara estabelecer estações intermedias nas margens do Cuango e anteriormente já eu sabia que pretendiam internar-se até aos Quiocos no Quicapa.

O Sr. Ministro R. Garcia por vezes me honrou consultando-me sobre a missão do Rev. Campana que já deve estar na Villa de Malanje em preparativos para ir além do Cuango, occupar algumas das Estações das que levantei e por mim indicadas como as que se affiguravam de melhor partido á sua missão; e tambem sobre a navegação do Cuango, chegando a determinar ao Ex.^{mo} Sr. Secretario Geral Costa e Silva para que se tratasse da acquisição dos barcos especiaes para aquella navegação que entendeu ser de toda a conveniencia assegurar já por parte do Governo portuguez.

Hoje affigura-se-me de toda a importancia, fazer-se já occupar o Muene Puto Cassongo antes que os estrangeiros disso se lembrem, por que decerto já devem ter conhecimento que durante o anno de 1889 as comitivas portuguezas tanto de Bangalas como dos concelhos sertanejos da Districto de Loanda deixaram de ir ao Lubuco por não poderem concorrer nas permutações com os agentes do Estado Livre e encaminharam-se seguindo com o Cuango até entre o 6º e 7º graus onde encontram borracha em quantidade e povos por explorar.

Em circumstancias economicas, nos podemos já anticipar ao Bishop Taylor que por subscripção entre os seus mais dedicados amigos espera façam construir um barco a vapor para levar por deante o seu intento e mesmo a qualquer outra missão do Alto Zaire que tantas são hoje na concorrencia, as que procuram quebrar a influencia portugueza nas suas visinhanças.

Occorre-me que o ajudante que foi da minha expedição pode-

ria bem desempenhar-se da missão de ir a Muene Puto Cassongo por Malanje ou mesmo por S. Salvador do Congo e sem grandes difficuldades preparar a occupação fazendo construir logo uma casa para receber dois ou tres missionarios da nossa Missão de S. Salvador sob o titulo de filial desta e ao mesmo tempo em pequenas lanchas como as de Mechow por emquanto aproveitar já a linha fluvial para o commercio de Muene Puto Cassongo e povos visinhos até ao ponto do Cuango mais proximo de Malanje onde qualquer negociante portuguez ou mais, estabeleceriam filiaes.

Pelo que exponho nos ultimos capitulos do 1.º volume da Discripção da minha viagem ao Muatiânvua faço bem sentir o bom partido que se pode alcançar dos povos entre os rios Cambo e Cuango muito principalmente na agricultura e aqui eu consigno, no que insisto é de uma grande responsabilidade esquecer que em Africa o elemento natural do trabalho é o seu indigena e a colonisação europeia torna-se utopia em quanto não fôr preparada pelo indigena e nos pontos em que ella possa vingar.

Infelizmente ainda na actualidade, faltam todas as bases para se tomar a responsabilidade de se fazer encaminhar a emigração de Portugal e ilhas para determinados pontos de Africa.

Copiar do estrangeiro neste caso, que é o que se tem feito, é um erro dos maiores que podemos commetter na actualidade.

S. Ex.ª o Sr. Ministro da Marinha já deu uma prova cabal de que aprecia o elemento indigena como uma necessidade até para intervir na superior administração das nossas colonias e para sentir foi que encontrasse má vontade na execução o seu bem elaborado codigo que attendia a essa necessidade; portanto não deixará de apreciar as nossas intenções com respeito a colonisação europeia.

Ha e tambem no nosso paiz quem professse a theoria que

nada de bom se alcança do indigena africano e isto é desconhecer que se elle mais não adeantou foi porque nós os civilisados entendemos fazel-o progredir dum vôo de seculos.

Se nós lá não tivessemos ido levar-lhes o que nos sobrava de nossas industrias, elles de certo não teriam paralysado. Assim fomos alimentar-lhes vicios e os que tem podido manter-se na lucta, gozaram-os na occiosidade que é o peor de todos.

Como podemos mandar emigrantes para os pontos de Africa que se nos fignram bons, se esses pontos quer pela meteorologia quer pela medicina não estão estudados, como no continente e ilhas, identicamente não estão estudadas as localidades donde se pretende emigrar e tudo se ignora da vida do emigrante e inclusive se não inspecionam e nem ha bases para se lhes indicar as regiões de Africa a que mais se adaptariam as diversas circumstancias que se dão no emigrante?

Tanto em Africa como na America já temos bons exemplos de imprevidencias para que se repitam e se algumas localidades a estas devem o abandono como reconhecidos matadouros, poupemos aquellas que ainda não passaram por esse flagello e em que se fundam boas esperanças que a concorrencia para as desinvolver não será infructifera.

É este porém um assumpto que de certo merecerá toda a consideração de S. Ex.ª o Sr. Conselheiro Julio de Vilhena e por isso apenas agora chamamos a attenção de S. Ex.ª para a occupação de Muene Puto Cassongo e como um dever entendemos suggerir-lhes os alvitres que ficam expostos. — Lisboa 16 de abril de 1890. — (a) *Henrique de Carvalho.*

INDICAÇÕES

PARA A OCCUPAÇÃO DOS TERRITORIOS DE MUENE PUTO CASSONGO

A região portugueza de Muene Puto Cassongo é limitada: a oeste pelo rio Cuango, a norte pela fronteira do Estado Independente do Congo, que ficou determinada ser o parallelo que passa no 6° grau ao sul do Equador, a leste pelo rio Cuilu, que separa essa região daquella em que domina o Muata Cumbana, a sul as terras de Capenda da Mulemba, subdito de Portugal, onde domina Mona Samba Mahango, em cuja capital está estabelecida a Estação Costa e Silva.

A capital de Muene Puto Cassongo, na margem direita do Cuango, fica segundo os melhores dados no parallelo 6°28′ ao sul do Equador; a de Mona Samba tambem na margem direita do Cuango mais a sul, no parallelo 8° 28′, portanto daquella distante duzentos kilometros.

O major Mechow em 1880, seguindo em um pequeno barco daço desmontavel em cinco peças que foram transportadas ás costas de homens, seguiu de Malanje ao rio Cambo, um pouco a norte de Massango onde passou a Expedição Portugueza, e navegando por este rio, entrou no Cuango, em terras de Tembo Alumo, visitado pelos nossos benemeritos exploradores Capello e Ivens.

Mechow, seguiu no seu barco pelo rio Cuango, visitou Muene Puto Cassongo, e continuou depois a sua navegação até Quingunji na margem esquerda que determinou no parallelo 5° 5′.

Os nossos exploradores caminhando por terra margem occidental para as terras de Iacca, atravessaram o affluente es-

querdo do Cuango o Cugho, passaram nas terras de Quicongo, e attingiram o parallelo 6° 30′ na baixa das terras de Quiteca Ambungo, proximo do porto do Cuango que dava passagem para a capital de Muene Puto Cassongo, a norte do affluente direito do mesmo Cuango, o Anganga, de que se fornece dagua, aquella capital.

O major Mechow interrompeu a sua navegação por causa duma queda dagua importante e porque os seus carregadores se temeram de conduzir o barco por terra com medo dos Iaccas a norte no Lunda-luanquidiji, que consideravam de anthropophagos, mas de que só se fala por indicios e já depois ha noticias que mesmo sacrificios humanos se ali se pratica é muito em segredo.

Esta queda dagua em extensão não póde ser grande por quanto o dr. Mense com o rev.° Grenfeel da Estação dos Missionarios baptistas em dezembro de 1886 no vapor Peace desta Estação, fizeram uma viagem de Stanley Pool pelo Zaire, Cua e Cuango até ao 4° 50′ isto é, até á altura de Muene Cundi, na margem esquerda, e não seguiram por causa da referida queda, constando-lhes que o barco de Mechow, não estava já em Quingunji, na margem esquerda onde o deixára, mas sim, na margem direita em Candinga sobre o alto rochedo.

Ha pois pelos parallelos que foram terminus das navegações de um e outro lado, uma differença de 15′ ou 25 kilometros, portanto facil nos será pela margem esquerda fazer um bom caminho de quarenta kilometros, o muito, de extensão para que se possa estabelecer uma navegação regular, e aprovei-

tar as linhas fluviaes se pode dizer de Malanje para o Oceano Atlantico.

A occupação tal como a comprehendi, não se faz por meio de força e sim pelo da persuasão, da verdadeira cathechese e debaixo deste ponto de vista julguei acertado que esse encargo devia recahir sobre um official que praticamente conhecesse senão todos, parte dos povos por onde tem de transitar, que não ignorasse de seus usos e costumes e não fosse extranho á linguagem desses povos, além de outras condições de vantagens para uma missão desta ordem.

O chefe desta missão na parte pratica, tem de preparar-se para immediatamente se dirigir á capital de Muene Puto Cassongo, estabelecer relações de amizade com este potentado e em bom local proximo do rio Cuango, fabricar uma casa nas melhores condições possiveis aproveitando dos recursos da localidade para poder receber dois missionarios religiosos da nossa missão de S. Salvador do Congo e ao mesmo tempo tratará aproveitando o rio Cuango de garantir as communicações com Malanje por meio de lanchas, aproveitando-se do affluente Cambo.

Procederá á sondagem deste rio e do Cuango até Quigunji, onde encontrará a queda dagua que o impossibilita de continuar a navegação e desse seu trabalho que deve ser um dos primeiros, dará immediato conhecimento á Direcção Geral do Ultramar, para por elle, se fôr possivel, se proceder ao fabrico de pequenos barcos a vapor.

Na margem esquerda procurará entabolar relações com os Macundis e outros povos alguns dos quaes se dizem ainda

Maiaccas, não só para abrir um caminho ao longo da margem esquerda que se calcula de 25 a 30 kilometros, de modo a salvar-se a queda dagua, e outro em direcção a S. Salvador do Congo.

É de toda a conveniencia que se faça uma excursão pelo rio Cuango da parte não estudada entre Tembo Alumo e o porto de Muêto Auguimbo nos Haris onde a Expedição ao Muatiânvua passou o Cuango para a Estação Costa e Silva, em Mona Samba Malango, subdita de Capenda da Mulemba.

Estabelecidas boas relações com Muene Puto Cassongo e logo que na Estação levantada esteja pelo menos um missionario religioso, deverá fabricar de accordo com aquelle potentado mais duas ou tres casas no caminho que com segurança se deve preferir attendendo ao commercio, para a capital de Muata Cumbana.

Para os fins desta missão, terá de organisar o chefe, o seu pessoal de carregadores na villa de Malanje, porque existem aqui senão todos parte dos carregadores que acompanharam Von Mechow, outros que tem feito parte de caravanas portuguezas que teem percorrido o centro do continente e alguns que nos ultimos tempos se dirigem com commercio para as terras que marginam o Cugho affluente esquerdo do Cuango.

Este pessoal além da bagagem e rancho do chefe, tem a transportar artigos de commercio para a sua manutenção, negocio nas Estações e presentes para alguns potentados e o equivalente a um ordenado mensal para o potentado Muene

Puto Cassongo que não deve ser inferior ao que o Governador de Angola estabeleceu para os potentados além Cuango correspondente a 100$000 réis semestraes.

Sendo enorme a differença, mesmo entre os artigos de commercio comprados em Lisboa dos equivalentes que se podem obter em Malanje, muito principalmente desonerando-os de direitos na alfandega de Loanda, é de toda a conveniencia que o chefe da expedição a quem não deve ser alheio os artigos mais procurados pelos indigenas, se forneça em Lisboa desses artigos.

É indispensavel que o chefe da missão, siga o mais breve possivel para Malanje afim de aproveitar a epocha da interrupção das chuvas para emprehender a sua viagem tendo a vantagem de encontrar os rios Cambo e Cuango já com bastante agua e corrente que lhe facilita a navegação e emquanto prepara a sua expedição a tempo receberá enviado pela Direcção Geral do Ultramar duas lanchas apropriadas para a sua navegação.

Pela Direcção do Ultramar se encommendará um ou dois barcos a vapor do typo do Peace da missão baptista do Alto-Congo para a navegação do Zaire e Cuango até ao Mune Cundi na margem esquerda do Cuango que deve ficar a cargo da nossa missão em S. Salvador que deve ter uma Estação na margem do Zaire em ponto mais conveniente.

Tendo reconhecido a Expedição Portugueza ao Muatiânvua ser de toda a conveniencia aproveitar o potentado Muene Canje

na margem esquerda do Luí e das terras do qual, tem de começar a navegação do rio Cambo; deve ahi o chefe da missão, installar uma patrulha ou Estação, que deve ficar a cargo dum official duma das companhias moveis do concelho de Malanje pago na mesma forma e com as vantagens que foram concedidas pelo Governador Geral de Angola a identicos encarregados das Estações que ha de fazer occupar a expedição Sarmento.

Sendo a região que se vai occupar uma dependencia da provincia de Angola deve ficar ao arbitrio do Governador geral desta Provincia, segundo as bases estabelecidas compenetrando-se do pensamento do Governo, elaborar as Instrucções particulares por onde se deve guiar o chefe da missão.

Occupação dos territorios dos Ca pendas

Não estranhe V. Ex.ª que eu me torne impertinente, insistindo por tornar praticos os resultados da minha Expedição ás terras da Lunda, procurando fazer valer os meus trabalhos e as minhas promessas aos chefes indigenas com quem mantive as mais cordeaes relações e confiaram ser eu na verdade um enviado de Muene Puto que curava de conhecer do seu modo de existir para melhorar as suas circumstancias e fazel-os progredir.

Depois que regressei, não tenho feito conferencias publicas, não tenho mesmo dado logar a réclames na Imprensa periodica, porque entendi, emquanto o Governo de Sua Magestade não tornar publicos os meus livros, que me devia limitar a inteirar V. Ex.ª Secretario Geral do Ministerio dos Negocios de Marinha e do Ultramar do que acredito indispensavel fazer-se

já para não sermos surprehendidos com occupações de estrangeiros na região em que trabalhei e venham a limitar a nossa expansão no Occidente como o pretendem agora fazer no Oriente.

Ha pouco tomei a liberdade de justificar a V. Ex.ª a necessidade immediata de se occupar as terras de Muene Puto Cassongo e hoje vou lembrar a occupação dum outro paiz, tambem na margem direita do Cuango, fronteiro á feira de Cassanje e duzentos e tantos kilometros a sul do primeiro.

Mas antes de entrar no que é assumpto propriamente da actualidade, mas ainda não do dominio publico, permitta V. Ex.ª que eu recorde o que é muito conhecido de V. Ex.ª porque data de ha quarenta annos; da Expedição do fallecido major Francisco de Salles Ferreira em 1850.

No Diario desta Expedição, mez de março, dia 18, lê-se:

O Capenda da Mulemba participou ter em campo a sua força para prender o rebelde (Jaga de Cassanje).

No dia 21: sentiu-se na margem direita do Cuango entre os Xinjes, um tiroteio de madrugada até ao meio dia das forças de Capenda, perseguindo os rebeldes.

No dia 25: apresentou-se Quinguri com um macota de Capenda, acompanhando trinta e dois prisioneiros, escravos do rebelde.

No dia 27: soube-se que as insignies do Estado lançadas fóra pelo Bumba (Jaga) foram salvas pelos filhos de Capenda que as entregaram a este.

No dia 28: vieram os Xinjes entregar as insignies e jámais se viu nos Bangalas tão grande jubilo pela salvação de tão importantes reliquias (ferros velhos, dentes e outras similhantes cousas) com que julgaram desde logo Cassanje salvo; pois diziam e mostravam crer, que perdidos os attributos do Estado, elle estava perdido.

Todos os macotas vieram espojar-se deante do sr. comman-

dante geral em signal de agradecimento. O sr. commandante, em attenção aos serviços prestados pelo Capenda da Mulemba mandou-lhe em nome do Governo uma espada, uma banda e a nomeação que elle havia pedido de capitão dos portos do Cuango,

No dia 26 de abril d'aquelle anno, com a maior pompa possivel, foi baptisado o Jaga, que substituiu o rebelde Bumba, com o nome de D. Fernando Accacio Ferreira.

Recordando estes factos, devo lembrar ainda que até 1861 os partidarios de Bumba nos incommodaram bastante e foram causa de varios desastres para as nossas forças militares que ali mandámos, e no entanto Capenda da Mulemba e os seus sem ter o nosso apoio se conservaram fieis á nossa sujeição, embora soffressem bastante das gazivas dos Bangalas.

Não ignora tambem V. Ex.ª, pelo que respeita á minha Expedição, que querendo eu evitar difficuldades ao chefe do concelho de Tala Mugongo, residente na feira de Cassanje, que recentemente havia sido nomeado pelo estimado governador Ferreira do Amaral, o primeiro depois daquella data, pois já corriam boatos que a minha Expedição ia vingar a morte do tenente-coronel Casal, a que ligavam grande importancia, porque pelo facto de eu ser major, julgavam ter em mim o espirito do fallecido major Salles Ferreira, nome que entre elles é ainda pronunciado com respeito de terror; marginei sempre a esquerda do Luí e fui passal-o, bem como o Cuango, pouco acima da confluencia dos dois, mas muito a norte das terras do jagado e na margem direita do Cuango já em terras de Mona Samba Mahango (mulher) fui estabelecer a nossa Estação Costa e Silva.

Com esta e sua irmã Mona Cafunfo e filhos de ambas e seus velhos macotas (conselheiros dos Estados dellas) consegui fazer um Tratado que foi publicado no Boletim official da Pro-

vincia de Angola em agosto de 1885 por ordem do benemerito Governador Ferreira do Amaral.

São estas duas mulheres que dão os herdeiros para o Estado Capenda da Mulemba, porém na occasião estava neste Estado sem ter as insignies o que corresponde entre nós a interinidade, um tio de Mucanzo filho de Mona Samba com quem convivi tres mezes, por este ser menor.

A pedido daquellas mulheres não fui visitar Quilelo que era o Capenda por ellas entenderem ser já tempo de entregar o Estado a Mucanzo; porém no meu regresso procurou elle vir a meu encontro e como o não o conseguisse escreveu-me, por intermedio do seu secretario, Diogo Fernandes de Souza e Silva; e já depois de estar em Lisboa delle recebi mais duas cartas de que publiquei a ultima no 1.º volume da Discripção da minha viagem paginas 556, 557 que insiste em todas pedir a protecção do Governo de Sua Magestade; estar promto a prestar o juramento de vassallagem desejando sejam declarados os seus dominios territorios portuguezes e devidamente occupados pelas nossas auctoridades.

Estendem-se estes dominios para leste até ao rio Cuêngo, e aproximadamente a capital tem por coordenadas latitude S. do Eqr. 9.º 20′ e long. E de Green 18º 40′.

Foi Quilelo quem succedeu a Pire e este foi o Capenda que mereceu do fallecido major S. Ferreira a nomeação de Capitão dos portos do Cuango a que me referi.

As fundadas esperanças que aquelle potentado tem que ficando as suas terras debaixo da protecção portugueza não serão mais os seus subditos incommodados pelos visinhos Bangalas e Quiocos que com elles defrontam; e a insistencia em me pedir a resposta dos seus pedidos a Sua Magestade, faz-me recear que ou a missão do Bishop Taylor já espalhada na nossa provincia até Malanje e no Zaire até á confluen-

cia com o Cuango por um ou outro lado ali convergindo; ou uma das missões baptistas do Congo que tentam a navegação dos confluentes esquerdos do Zaire; ou o Estado Livre do Congo que de certo pelo sul não se contentará com o limite no 6º grau; qualquer destas instituições se aproveitará da nossa attenção forçada pelas circumstancias actuaes para os nossos dominios no Oriente e uma vez que reconheçam o nosso desprendimento pelas terras que se nos offerecem na margem direita do Cuango, nos antecedam e arvorem a bandeira que lhes é nacional.

Como nos diz Capenda no seu officio n.º 2: «Sua Magestade mandando para as minhas terras um chefe, soldados, negociantes e mestres, satisfaz aos nossos desejos e esta occupação não lhe custa vidas nem despezas de polvora porque o nosso povo é que reclama a sua valiosa protecção.

«Não é uma conquista de terras de inimigos e sim rectificar a vassallagem prestada pelo defuncto Capenda Pire meu tio e antecessor».

Ora com Mona Mahango e Mona Cafunfo e seus filhos, que podiam ser os unicos a contestar, se conseguissem o que não conseguem fazer substituir em vida Quilelo por um dos filhos de Mona Mahango, temos nós a certeza pelo tratado que celebraram com a Expedição a meu cargo que tambem querem a protecção de Portugal.

Além d'isto o Capenda da Mulemba seja qual fôr o que estiver no poder reconhecido pela sua côrte para todos os effeitos é considerado o superior aos Capendas (que se dizem descendentes de irmãos) Mulundo e Massongo, cujos dominios são limitrophes marginando o Cuango para sul terminando nos Miningos de Quimbundo, onde existe o grande e antigo estabelecimento portuguez de Carneiro e Saturnino, hoje de Saturnino Machado nos garante a posse daquelle vasto paiz;

e portanto é de toda a conveniencia e mesmo urgente que o Governo de Sua Magestade, tendo em vista fazer valer os seus direitos ás terras do Estado do Muatiânvua, auctorisando como auctorisou o estabelecimento das missões romanas do Rev. Campana a quem concede subsidio onde possa em toda aquella vastissima região, annuindo, assim o creio, á occupação das terras de Muene Puto Cassongo como lembrei aproveitando-se da nossa missão de S. Salvador do Congo do Rev. Barroso e fazendo navegar o Cuango por pequenos barcos a vapor, faça sem perda de tempo, aproveitando das boas circumstancias que se dão na actualidade, occupar tambem os dominios do Capenda da Mulemba, ficando nós deste modo garantidos do predominio do rio Cuango e seus affluentes e ainda de todo o commercio que se faz nas terras da Lunda; — ao mesmo tempo que se prepara sobre boas bases um governo interior, no planalto, nas melhores condicções de salubridade, aguas e terras para a colonisação europeia; pois aqui reune-se pelo trabalho agricola. vantagens que não ha talvez em outro qualquer ponto da provincia de Angola a producção indigena chamada rica: café, algodão, sacharina, borracha, gommas, tabacos, bons azeites; a par do bom arroz, explendido trigo (do qual uma amostra enviei em tempo a V. Ex.ª) batatas europeias, beterraba, inhame, centeio, bons gados e das nossas mais estimadas fructas e hortaliças europeias e americanas.

Desculpe V. Ex.ª se me torno enfadonho alongando-me nas minhas communicações e queira levar á conta de quanto desejo que minha observação e estudos com que o paiz despendeu alguns contos de reis sejam aproveitados em trabalhos praticos. — Deus Guarde a V. Ex.ª — 26 de Abril de 1890. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Secretario Geral do Ministerio dos Negocios da Marinha e Ultramar. — (ass) *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

Localidades de urgencia a occupar desde já

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr.—A' medida que estou revendo os meus *Diarios* e *Originaes* das communicações que das terras da Lunda, dirigia a Sua Excellencia o sr. Ministro dos Negocios de Marinha e Ultramar como me fôra determinado, os quaes V. Ex.^{a} me dispensou para delles extractar o que fosse conveniente para as publicações dos meus trabalhos, vejo que já eu attendia a todas as condições vantajosas indispensaveis para encorporarmos na nossa provincia de Angola as terras do Muatiânvua obedecendo a um plano que se me affigurava sensato e de facil execução, de que devia provir com o tempo, boas collocações para as correntes de emigração de diversos pontos da nossa metropole e ilhas adjacentes.

Já no fim do vol. II da Descripção da minha viagem, de que me estou agora occupando, se vê que em terras de Caungula, primeiro Muata dos de maior grandeza dos Estados do Muatiânvua, se déram factos e effectuaram trabalhos da maior importancia ao fim que tinha em vista; e provam não só a grande influencia de Portugal sobre os povos do vasto paiz do Caungula e visinhanças, mas ainda as boas disposições deste potentado a moldar-se ás exigencias da civilisação.

Foi tão longa a correspondencia que da capital daquelle potentado, onde estabeleci a Estação Luciano Cordeiro, dirigi a S. Ex.^{a} o sr. Ministro que a V. Ex.^{a} apenas recordarei neste momento, os mais salientes factos a que se referia.

O chefe da Expedição em sessão magna, usando por vezes da palavra, conseguiu salvar um grande quilolo que praticára o crime de matar a sua companheira em terra estranha, de ser castigado com a pena de morte (degolado);

Salvou ainda da mesma pena, uma mulher nova que se refugiou na Estação Portugueza, depois que foi julgada feiticeira da Muari (1.ª mulher) do Muatiânvua eleito;

Protegendo trinta rapazes duma comitiva de commercio do Rei do Congo que fôra á Mussumba e encontrou abandonados, nús e esfomeados por causa de expoliações que soffreram no regresso, aproveitou-os para o serviço das cargas da Expedição conseguindo que se lhes fosse reparando alguns damnos, principiando logo naquella localidade;

Por vezes a seis diversas e grandes comitivas de Bangalas e de alguns portuguezes de Angola que se queixavam de arrestos e gasivas mandadas fazer sob pretextos futeis pelos potentados, alcançou que lhes fossem restituidas as expoliações e algumas na totalidade;

Interveiu e conseguiu que se fizessem as pazes entre os Quiocos de Muxico e Mucanjanga com Caungula;

Tres mezes que esteve na localidade cathechisou os filhos da terra de modo que a par do pessoal da Expedição e dos rapazes do Congo, trabalharam nas construcções da Estação e prestaram-se ao serviço das cargas até á margem do Chicapa limite das terras do seu potentado;

Instituiu na Estação uma eschola de instrucção primaria onde creanças da Lunda, carregadores da Expedição de terras diversas, aproveitaram, lendo e escrevendo rasoavelmente e alguns fazendo as quatro rudimentares operações;

Celebrou emfim com Caungula e as auctoridades do seu conselho e com a assistencia do Muatiânvua eleito, um Tratado de protecção, cujo original foi para a conferencia de Bruxellas, escripto em portugez e Lunda, de que junto a copia da parte portugueza; o qual foi assignado por testemunhas conscientes do acto que praticou, soldados, empregados menores da Expedição, contractados de Loanda, Portuguezes de Ambaca e de Ma-

lanje extranhos á Expedição, rapazes do Congo, Bangalas avassallados e não avassallados e diversos interpretes.

Este Tratado foi lido e assignado em seguida ao acto da inauguração da Estação no dia 31 de Outubro de 1885 e pelas copias juntas se conhece bem como se procedeu áquellas cerimonias e o cuidado e lealdade que houve nos trabalhos preparatorios.

As copias conservam a originalidade da redacção por ser a forma da melhor intelligencia para povos gentios.

Da copia da parte especial da communicação que se refere ao Tratado, notará V. Ex.ª que tive sempre em vista aproveitar-me da protecção que estava dispensando aos rapazes da comitiva do Rei do Congo; e este é já um dos pontos para que chamo a attenção de V. Ex.ª devendo antes, dizer que por circumstancias que se deram e soube no meu regresso a Malanje, as cartas que primeiro enviei por uma diligencia daquelles rapazes ao seu Rei, não lhe tinham sido ainda entregues, porém este por intermedio do chefe da missão em S. Salvador, o nosso benemerito Barroso respondeu-me a uma terceira que lhe enviara pelo correio de Angola, e elle estava disposto a obrar de accordo comigo ao fim que eu tinha em vista.

Elle pela sua parte trataria de abrir e assegurar um caminho o mais directo possivel de S. Salvador a Muene Puto Cassongo e nós entre este e o Caungula.

Para V. Ex,ª conhecer as vantagens deste caminho para a Mussumba do Muatiânvua, basta tendo presente uma carta de Africa, saber que as comitivas do Congo estão fazendo o seu trajecto para as terras da Lunda, passando pelos Hungos na nossa provincia para virem a Malanje e dahi atravessando os Bondos vão cortar o rio Cuango entre o 8.º e o 9.º quasi sempre pouco mais ou menos a meio e seguem então para o Caungula, podendo considerar-se o NE, como rumo medio, o

que pelo menos duplica a viagem que faria, se o projectado caminho se realisasse.

Estas comitivas do Congo apezar de passarem por Malanje tanto na ida como no regresso nada influem no seu commercio e comprehende-se bem que assim deve ser quando recordemos que em S. Salvador e immediações, são vendidos por menor custo os artigos europeus e se pagam melhor os productos gentios dalém do Cuango do que em Malanje e o que nisso influe é geralmente sabido.

Aquelle caminho seria pois, de muita vantagem tanto para o commercio do nosso Congo como do Ambrizette e do Ambriz porque facilitaria as sua relações com os povos de Muata Cumbana, visinho a norte do Caungula, onde se encontra por explorar, marfim e borracha.

Creio que, ainda hoje, a realisar-se o que eu então desejava fazer no meu regresso, como mostra a copia da carta que dirigi ao Rei do Congo, nos anteciparemos a que o Estado Livre do Congo ou as diversas missões do Alto Congo, se lembrassem de desligar os dominios do Muata Cumbana do Estado do Muatiânvua e tomal-os sob seu protectorado. E é occasião de dizer a V. Ex.ª que um representante daquelle Muata, esteve comigo durante um anno e uma força de 30 armas, que de proposito por ordem do Muata Cumbâna vieram encorporar-se no Caungula ao cortejo que acompanhava o Muatiânvua eleito, para a Mussumba.

O principal negocio para os povos de Muata Cumbana é o sal e preferem-no das salinas entre Luí e Cuango e do Cuanza, que existem em territorios portuguezes, e uma exploração feita de modo acertado, pode dar um grande lucro ao commercio e por consequencia para a provincia de Angola.

Sendo um dos fins do Rev.º Campana, estabelecer uma delegacia no Caungula e seguindo para ali a expedição Sarmento

que acompanha os representantes do Muatiânvua eleito e do Caungula que vieram a Loanda comigo, estão dados os primeiros passos para de accordo com a missão de S. Salvador do Congo, a de Campana em Malanje, sua delegacia no Cuangula e os chefes das occupações que ultimamente lembrei de Muene Puto Cassongo e de Capênda da Mulêmba, nos fixarmos com segurança no norte do Estado do Muatiânvua em regiões não exploradas por estrangeiros e evitarmos que estes pelo Estado Livre do Congo, ultrapassem os limites que os representantes desse Estado para si tomaram na conferencia de Berlim.

Por outro lado sendo politico não perderemos Quimbundo que é um bom ponto estrategico e onde existem os estabelecimentos de Saturnino Machado que soube sempre sustentar as relações do seu antecessor e socio Carneiro com o Muata, subdito de Muatiânvua e Quiocos visinhos de grande importancia Congolo, Muxico (Quiniâma) Ambumba e Quissèngue, deve aqui collocar-se tambem uma delegacia da missão de Campâna em Malanje e assim teremos até ao rio Chicapa tomados os pontos principaes donde irradiará a influencia portugueza exercendo acção prompta até ao Cassai e sem receio de contestação nem dos povos naturaes nem de europeus estrangeiros. E ligados os pontos principaes por caminhos o mais directo possivel, essa nova area além do Cuango fica garantida á acção do nosso commercio de Angola.

Mas além do Chicapa entre os rios Luembe e Cassai e depois deste até ao Lubilaxi, ha tres estados seguidos ainda ao norte, importantes, que não devemos perder de vista, *Mataba*, *Uanda* e *Canhíuca*, que são cubiçados pelos agentes do Estado Independente do Congo. N'estes estados ha vasto campo para explorações e por emquanto de *brancos*, os Portuguezes, são os unicos que os seus povos conhecem.

Em *Mataba* a população é densissima e por isso poude resistir, sujeita aos seus recursos, ás gazivas dos Lundas e dos Quiocos.

Avassallado o paiz ao dominio do Muatiânvua, admittiram o governador que este lhe impoz, mas considera-se o paiz indepedente na sua administração.

Do 8.º grau para a confluencia dos rios que limitam o paiz pelo *E* e *W*, pode dizer-se que as florestas são virgens e as alterosas arvores estão ainda enredadas pelas grossas trepadeiras de que se extrahe a borracha, processo que por ora não conhecem.

Ainda ha oito annos nem as caravanas indigenas ali penetravam, apenas lhes era permittido, pelo sul, dirigirem-se ao Anguvo Mucanza, governador na margem do Cassai, potentado que tinha honras do Muatiânvua, com quem negociavam.

Com este estiveram os Allemães o fallecido dr. Pogge e o meu amigo dr. Buchner, mas foram acompanhados até á passagem do rio Luêmbe por homens de confiança do governador para não terem contacto com os Calambas, chefes das povoações dos naturaes.

Havendo abundancia de caça, os indigenas por imitação do que se fazia na capital em que vivia o governador com o seu estado lunda, dedicaram-se á agricultura principalmente na região a sul entre o 8.º 20′ e 8.º 40′, e quando ali passei em dezembro de 1886 eram muito florescentes as grandes extensões de terreno lavradas.

Nas margens do Luêmbe obteem com difficuldade sal, mas devo dizer que foi neste paiz, onde encontrei fabricado pelos processos rudimentares, o melhor sal e tabaco, mesmo de gosto agradavel ao paladar europeu ; e tambem as melhores mabellas que vestem e os melhores artefactos de ferro e cobre, metaes que existem em abundancia.

Os Calambas e os de maior consideração que já negociavam com as comitivas quando ali estive e o que elles mais procuravam, pode dizer-se porque se sacrificavam, era pelas armas lazzarinas e polvora. Tratavam de se armar para se defenderem de Lundas da Côrte e dos Quiocos, pois contavam terem soffrido muito até 1875 dessas guerras de roubos de gente.

Promette este povo desinvolver-se e fal-o-hia em pouco tempo quando em contacto com a civilisação.

Os *Uandas* podem considerar-se divididos em dois grandes grupos como elles os distinguem, em povos que vestem pelles de animaes e povos que se servem da propria pelle barriga para cobrirem as partes genitaes. São estes ainda os antropophagos.

O seu paiz está por explorar, salvo parte das populações a sul sujeitas ao Muatiânvua e das quaes os chefes teem assento e voto na côrte deste, tendo eu mantido com alguns, boas relações. Fabricam as suas armas brancas cujos fios envenenam, adresses de ferro e de cobre e mabellas finas e grossas. Destes artefactos vi bastantes na Mussumba, que passando de povoações em povoações, chegam ali para negocio.

Pelo exemplar que me apresentaram daquelles povos, um rapaz menor dos taes pelles-barrigas (interpretação do seu nome vulgar) obtivemos informações curiosas do modo de existir dos seus, de que dou conta nas minhas publicações.

Caçam o elephante que vive entre elles, mas como são de baixa estatura e muito ageis fazem-no aos saltos munidos de harpões, luctando com o animal e não o deixando, emquanto elle não caiu para nunca mais se levantar. Só matam o elephante para comer e dos dentes de marfim fazem cercas nos recintos em que vivem para se defenderem das féras.

São os do sul, os pelles-animaes, que inconscientemente teem obstado que os Quiócos e mesmo os Ampuedis (pôvo da

Côrte) do Muatiânvua, hajam devassado a região em que vivem aquelles, por que quando tentam fazer gasivas a elles pelles-animaes, estes adoptaram para se defenderem, collocar nos caminhos entre o capim, flechas envenenadas e a mortandade já tem sido tão grande que os desanimam a novas tentativas.

Marginando o Lulua pela esquerda e servindo-nos de *Tambu ua Cabongo* potentado com quem tambem convivi tres mezes, em pouco tempo, uma missão religiosa decerto encontra naquelle paiz, vasto campo para a sua catechese e ha de obter bons resultados porque ainda ali não chegaram os vicios de uma mal orientada civilisação.

Pelo norte, tentaram os agentes do Estado Livre explorar o paiz, mas encontraram povos Chilangues que não lhes foi possivel domar e se não registarám resultados funestos, devem-no ao negociante portuguez Antonio Lopes de Carvalho, socio de Saturnino Machado, que os acompanhava nessa tentativa.

De *Canhíuca*, basta que eu diga a V. Ex.ª que é o paiz onde o Muatiânvua manda buscar marfim para dar em pagamento aos negociantes que vão á Mussumba e lhes entregam a sua factura : é o paiz que sempre foi cubiçado pelos Allemães e hoje pelo Estado Independente ; V. Ex.ª reparando em qualquer carta de Africa estrangeira depois da Conferencia de Berlim, verá este paiz já separado dos Estados do Muatiânvua, quando o Canhíuca é quilolo tributario delle.

Esta separação, não offerece duvida quanto a mim que ouvi todos os exploradores allemães que depois de 1877 fôram pela nossa provincia de Angola para o centro de Africa, que tem o fim reservado, de com o tempo o involverem nos dominios do Estado Livre.

Tanto este paiz como o *Samba* a leste da Mussumba, parte

do qual já foi cortado pelos limites daquelle Estado, marcados na Conferencia, são aquelles donde provinha o marfim para o Lunda até 1880. Perdel-os de todo Muatiânvua, pode dizer-se que é perder o nosso commercio de Angola, o importante interesse do marfim.

Assegurarmos pois a nossa occupação, quando mais não seja por emquanto, nos pontos a norte indicados a evitar sob qualquer pretexto, a expansão do Estado Independente além dos seus limites a sul e convidal-o a uma rectificação de limites, não só da parte a norte da nossa provincia de Angola até ao Cuango, como os seus pedem, mas dahi em deante até ao meridiano 24° que ficou designado na conferencia de Berlim como seu limite a sul no 6.° a S. do Eqr.; é indispensavel que por parte do nosso governo se faça, embora custe alguns sacrificios.

Eu creio que V. Ex.ª deve estar ao facto do que se está passando no Barotze.

Depois das grandes difficuldades com que luctou a familia Coillard (a de que nos falou o benemerito explorador Serpa Pinto) lá conseguiu desinvolver seus estabelecimentos e a elle se foram reunir a familia Jeanmairet e ultimamente diversos missionarios, os quaes ali como perdidos no meio de Africa, lançaram os fundamentos de uma obra que se acredita ha de ser muito superior á que as missões envangelicas de Paris conseguiram nos Sutos (Basoutos).

O missionario Theophilo Jousse já este anno publicou um livro sobre os trabalhos daquella missão, que estou esperando de Paris afim de melhor me esclarecer a tal respeito, mas da critica que eu conheço deste livro, acredito que muito teem conseguido já daquelles povos e parece-me que tarde será para nós lá irmos agora.

Evitar pois, que esta ou novas missões da mesma ou de

differentes seitas, se espalhem para norte, é de uma grande vantagem para a nossa espansão, sobre tudo em terrenos que não nos foram por agora contestados e o *Xinde*, região que atravessou Livingstone para ir a Loanda e onde, elle mesmo o confessou, iam commerciar e ainda lá vão, comitivas de Benguella e dos sertões do Districto de Loanda, que demais é no 12.º grau e o potentado sujeito ao Muatiânvua, na fronteira do seu Estado a sul, affigura se-me bom logar para uma missão ou Estação intermediaria entre as nossas provincias do litoral.

Acceites que sejam estas occupações não pode addiar-se por mais tempo a creação do governo districtal em Malanje que ousei lembrar no meu livro de Loanda ao Cuango e segundo o projecto e orçamento que apresentei a V. Ex.ª E este governo é tão necessario como dentro em pouco será um analogo ou já com mais desinvolvimento no Bié, pois quer por Mossamedes quer por Benguella o caminho de ferro ha de realisar-se até lá ; e tão longe do litoral aquelle interposto do commercio que se tornará da maxima importancia, precisa duma administração especial e efficaz e que influa nos povos limitrophes.

Eu tenho por habito desejar apresentar testemunhos do que avanço com respeito ao que falo sobre Africa porque não desconheço que as descrenças são muitas e custar-me-hia fosse tomado á conta de visionario e mesmo de facciosismo o que se me afigura de bom.

Ora com respeito a Malanje em Portugal actualmente, pode dizer-se afora os meus collegas, ha apenas dois homens, mas auctoridades que todos respeitamos, que de sciencia muito podem dizer porque atravessaram aquella rigião; são os nossos benemeritos exploradores Capello e Ivens.

Poderão elles informar V. Ex.ª se exagero mostrando a ne-

cessidade daquelle governo e muito melhor ainda do que tambem lembro, tendo por capital o Bié.

Serão estes dois governos as sentinellas mais a leste donde devem partir delegacias ou intendencias, que vão ligar-se com as do Oriente e garantirem seguras as nossas communicações de costa a costa.

Não justifico a necessidade dum residente politico na Mussumba junto ao Muatiânvua e de um outro junto ao Quissengue (potentado quioco) na margem direita do Chicapa porque V. Ex.ª bem a conhece pelas minhas communicações escriptas durante a minha missão.

Os dois governos nas regiões planalticas de Malanje e do Bié, cujas capitaes ficam em altitudes acima do nivel do mar, a primeira variando de 1150 a 1200 e a segunda entre 1700 e 1800 metros, a V. Ex.ª que conhece bem a viagem de Rodrigues Graça marginando o Cuanza de Malanje á Bella Vista, direi eu: não será conveniente estudar a parte daquelle rio entre estes dois pontos?

R. Graça se bem me recordo, accompanhando carga e seguindo de povoação em povoação fez aquella viagem em vinte jornadas, de quinze a vinte kilometros. Se esta linha fluvial pudesse ser aproveitada, que alta importancia teria para as capitaes de dois governos interiores que demais vão ser ligados ao litoral por vias ferreas, o encurtar-se a distancia entre ellas, talvez reduzir-se a tres ou dois dias de viagem?

E depois que vantagem não seria em geral para a nossa provincia de Angola, se a navegação daquella parte do rio fosse possivel, para emfim sujeitarmos os povos das margens do Cuanza entre outros, os Bailundos, os Songos, os Quiocos, os Libollos e os Quissâmas, cujo abandono em que os temos deixado vejetar, nada provam a nosso favor?

Quem podia esperar que o Lulua, o Cassai, o Sancuru e

outros affluentes direitos do Zaire, já em parte estejam sendo navegados a vapor?

Hoje que barcos especiaes demandando pouca agua facilmente se montam e se desmontam com as suas machinas e se transportam mesmo ás costas de homens; é uma necessidade que se estude as condicções daquella parte do Cuanza, mesmo porque Ladislau Magyar nos disse em 1853 que este rio era já caudaloso proximo das suas nascentes onde o passara.

Affigura-se-me sendo assim e havendo uma differença de nivel consideravel talvez mais de quinhentos metros no percurso do rio entre os pontos em questão, que o seu volume dagua permittirá a navegação e não me parece que possa haver difficuldades em verifical-o.

Acreditando que o projecto que em tempo o Sr. Ministro Ressano Garcia bem accolhêra, possa merecer a attenção de S. Ex.ª o actual Sr. Ministro, sem mais preambulos, sem entrar em considerações de vantagens que estão na mente de todos e muito mais quando sei que V. Ex.ª e Sua Exellencia o Sr. Ministro estão animados dos melhores desejos de aproveitar o movimento, que mais do que em tempo algum, se está manifestando em todo o paiz para que se dê a nossa Africa o desensolvimento de que é susceptivel, sobre tudo onde pode vingar a colonisação europeia; e empenhando-me em provar praticamente que não são utopias o que escrevi sobre Malanje e de Malanje ao Cuango, no meu livro já impresso, lembro o que não tenho duvida de me comprometter a executar, a conveniencia de se preparar immediatamente em diversas localidades na região de Malanje ao Cuango, com pessoal indigena dartistas e trabalhadores, os necessarios abrigos e terrenos em devidas condicções para quarenta casaes europeus das ilhas ou de qualquer provincia do reino que principalmente se dedi-

quem á lavoura, os quaes só devem partir de suas terras, á medida que se fôr dando por promptas as installações para grupos de dez.

Embarcados estes seguirão directamente ao Dondo com bagagens, utensilios, ferramentas e armamento indispensavel; e aqui tudo estará prevenido para se transportarem com commodidade até Malanje.

Do fundo da colonisação da provincia de Angola, se poderá abonar o custo das installações, sendo contractados em Loanda na sua administração do Conselho, operarios indigenas para mestres que ali os ha bons, e algum degradado de crime simples e melhor comportamento para auxiliarem os trabalhos; e tambem desse fundo deve sahir o importe das machinas, arados, moinhos de agua, carros para bois, viação Decauville (portatil) para sete kilometros e sementes; o que tenho calculado custar vinte contos de réis. Mas sendo estes artigos adquiridos em Lisboa pela Direcção do Ultramar na fabrica Collares alguns e outros nas casas agentes americanas, é de querer que montem a uma importancia menor.

E indispensavel que um medico, homem pratico no sertão de Angola, accompanhe os primeiros trabalhos, munido pelo menos do que é mais essencial para uma exploração de sua especialidade e não faltem os necessarios soccorros clinicos e possa mesmo aconselhar sobre a disposição e risco das installações e ainda outras condições a que se deve attender.

Tambem do collegio das missões no Reino, se deve requisitar um ou dois padres e muito conveniente seria algumas irmãs para cuidarem da educação de creanças e das mulheres doentes.

Se a titulo de emprestimo, o Governo no primeiro anno estipular *um quantum*, para alimentação dos cazaes europeus, por exemplo quatro centos réis diarios por casal, eu estou

certo que no anno seguinte amortisarão parte da sua divida e no quarto, já podem contribuir sem difficuldade para os impostos municipaes e do governo provincial.

Os homens devidamente armados, em caso de necessidade serão um elemento de força para a auctoridade do Districto contra o gentio, o que espero nunca se dará.

Teem os casaes europeus, a titulo de colonos tutelados pelo Governo, em quanto não liquidam os seus debitos de satisfazer a um certo numero de condições que devem constituir um regulamento approvado pelo mesmo Governo e que se formulará no campo pratico, em attenção aos diversos fins em vista e antes de se convidarem os primeiros cazaes a aproveitarem-se das vantagens que o Governo lhes offerece naquella região.

As primeiras installações feitas com os recursos naturaes do paiz, material e pessoal, não demandam grandes despesas e nellas faço comprehender já, o preparo da terra e plantações mais instantes para alimentação do futuro proprietario.

E' este o meio de evitar as maiores difficuldades com que depara o europeu que quer estabelecer-se na agricultura em Africa, pois está provado que encontrando elle alguns commodos e observando as prescripções que a pratica aconselha se devem observar, domando os seus habitos ás exigencias do clima, pode trabalhar mesmo, um certo numero de horas do dia nas regiões altas, principalmente acima de mil metros; e o resultado do seu trabalho não é inferior ao do indigena, embora este no dia trabalhe em tempo, um terço mais do que aquelle. Isto é uma questão de pratica e de consciencia no trabalho.

Eu tenho já dito a V. Ex.ª que uma das boas condições de Malanje para o europeu é a barateza da carne de vacca e quando áquelle lhe faltem as posses necessarias para fabricar o pão de trigo, tem em abundancia a mandioca e tanto na sua fari-

nha como no amido de que os naturaes fazem o infunde, obtem elle, um conducto que não é menos salutar que o trigo. Devo neste logar fazer sentir a V. Ex.ª que eu ainda fui do tempo que em S. Thomé se fazia uso da banana torrada em logar de pão, e estou convencido que a falta deste com o tempo deixará de existir porque ha regiões em Malanje em que o trigo fructifica.

Deve attender-se nas plantações a fazer ao que é indispensavel para consumo dos proprietarios e ao que se destina para os mercados que lhes offereçam lucros e talvez, a não ser na região que se estende de Malanje ao Bié, isto é as regiões do Cuanza, talvez, não se encontre outra na Provincia, que satisfaça ao mesmo tempo a estas condições.

Aqui o cafê, a canna, o algodão, o tabaco, o amendoim, o coconote, as gommas elasticas, etc., em bruto mesmo que seja e o gado vaccum em abundancia, serão levados para o litoral pelos caminhos de ferro; os milhos, o trigo, o arroz, as batatas, o inhame, as mandiocas, etc., gados miudos, creações, hortaliças e fructas abastecerão a região e visinhanças.

As machinas, moinhos, etc. serão collocados num estabelecimento ceutral para serviço de todos os agricultores que não poderem pelas suas circumstancias adquirir analogos e os serviços taxados por preços regulares, podem pagar o pessoal de sua administração e conservação e quaesquer reparos e concertos a fazer.

Creio que os quarenta cazaes attrahirão mais tarde seus parentes e patricios e que a emigração do nosso paiz ha de depois voluntariamente para ali encaminhar-se tanto mais depressa quanto mais promptamente as vias ferreas em projecto tomem o necessario incremento. E' mesmo para acreditar que para lá affluirão a maior parte dos europeus que hoje no litoral estão empregados em diversas casas e estabelecimentos a

quem a ambição estimule a procurar vida que lhes proporcione um melhor futuro.

Ter-se-ha notado certamente, e isto não é só particular aos Portuguezes, que todos os exploradores africanos, quando regressam aos seus paizes, com enthusiasmo falam pelo menos duma região que visitaram; mas não deve ser para extranhar por que na verdade o Continente africano é riquissimo de prodigalidades da natureza e necessita só de pessoal dirigente com os recursos já conhecidos da civilisação para bem os aproveitar em beneficio da humanidade.

Os indigenas mantiveram-se até agora, mal, pela devastação dos elephantes, das abelhas, dessas cordas das florestas que gotejavam os succos gommosos e da gente que a escravidão, como modo de ser, lhes proporcionou vender e era procurada para pelo trabalho irem dar vida a terras extranhas, o que não souberam fazer nas suas. E como as devastações não demandam intelligencias cultivadas nem grandes esforços, habituaram-se á vida nomade, sem olhar ao que deixavam de bom, que nem mesmo conheciam, para proseguir sempre no seu fadario.

Não admira pois que um europeu que devassa essas regiões educado em um outro meio se extasie perante as riquezas naturaes despresadas e que elle conhece podem ser muito bem aproveitadas.

E nos sertões da nossa provincia de Angola que se ressentiu dessa vida nomade e suas consequencias, ainda em muitos pontos está no mesmo cazo; e em alguns como em Malanje onde um pequeno grupo de europeus ha pouco mais de trinta annos ousaram voluntariamente expôr-se para aproveitar em de suas boas condições de clima, commerciaes e agricolas; não admira chamasse a nossa attenção os ensaios de seus constantes esforços.

Os exemplares de salubridade e de bons resultados da agricultura para europeus lá existem; hoje que se presiste na conveniencia da colonisação europeia na nossa Africa seria um crime, permitta-se-me a expressão, de lesa-explorador, se a respeito de Malanje, nesta occasião eu guardasse para mim o que vi e estudei.

A Africa central está chamando a attenção da Europa para a sua partilha politica, não consintamos pois, nós que já lá estamos ha muito tempo que os que lhe são extranhos, ultrapassem as nossas barreiras para nos repellirem para o litoral.

Nunca elles, que chegaram agora, podem allegar mais direitos que nós á conquista de terrenos que ficaram por partilhar na conferencia de Berlim, mas é preciso que trabalhemos pertinazmente para não perdermos essa vantagem.

No que tenho submettido á sabia apreciação de V. Ex,ª demanda é certo algumas despesas, mas são estas insignificantes para o grande incremento que em poucos annos terá o districto de Loanda, o central de Angola, pois V. Ex.ª bem sabe Encoje e o Duque de Bragança offerecem vastissimo campo a explorações e na senda do progresso hão-de seguir-se a Malanje.

Se a longa pratica e trabalhos meus e de Victor Cordon, merecem a V. Ex.ª confiança ficam desde já os nossos serviços á disposição do Governo de Sua Magestade, para darmos execução ao vasto plano em todos os seus detalhes que deixo exposto.

Deus Guarde a V. Ex.ª. Lisboa, 27 de maio de 1890. — Ill.mo e Ex.mo Sr. Secretario Geral do Ministerio dos Negocios de Marinha e Ultramar. — (a) *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

*
* *

Ill.^mo^ Ex.^mo^ Sr.—Em additamento á communicação que hontem 27 de maio tomei a liberdade de enviar a V. Ex.ª, longe estava das noticias que se propalaram sobre os acontecimentos do Bié e foram confirmadas no Parlamento, por S. Ex.ª o Sr. Ministro dos Negocios do Ultramar.

Parece pois que eu previra a necessidade dos governos interiores, de Malanje e do Bié com bons fundamentos.

S. Ex.ª o Sr. Ministro, vejo pelo que disse na Camara dos Senhores Deputados que reconhece a necessidade duma occupação séria no Bié e como Cassanje tem uma triste historia que V. Ex.ª não desconhece, não é demais que eu insista para com V. Ex.ª se interesse ao mesmo tempo que se trata do Bié se attenda a Malauje; pois V. Ex.ª sabe as difficuldades com que se lucta sempre quando se pretende passar o rio Cuango.

Ex.^mo^ Senhor, a questão do Bié é daquellas que pede providencias energicas e rapidas da parte do nosso Governo, pois gloriar-se o gentio duma derrota sobre as armas de Muene Puto, na occasião é-nos muito prejudicial; — o boato corre de povoação para povoação, de tribu para tribu, anima os povos do sul a norte, Quiocos, Bangalas, Lundas e quem sabe mesmo se os da margem esquerda do Cuanza a seguirem o exemplo dos rebeldes do Bié, agora sabe Deus aconselhado por quem e porque futeis protestos.

Se o governo num dos nossos transportes de guerra, ou vapor afretado á Companhia mandasse marchar immediatamente um regimento completo para Benguella e aqui tudo preparado para comboiar esse regimento dos mantimentos indispensaveis em direcção ao Bié, creia V. Ex.ª que bastava a presença de seiscentos homens brancos bem armados para todos os pretos do Bié e immediações fugirem.

Ha mais dum mez que o facto se deu e contar com os recursos da Provincia receio que além de poucos sejam tardios.

Disse o explorador Serpa Pinto que grande é o numero de tropas irregulares em Africa e facilmente se mobilisam Isto tem logar na provinca de Moçambique, pelas circunstancias muito especiaes do modo de ser daquella provincia; mas não se dá o mesmo em Angola, como V. Ex.ª muito bem sabe e ocioso seria demonstrar.

Se o Cuanza se aproveitasse como eu lembro para viação entre Malanje e o Bié, repare V. Ex.ª que vantagens não teriamos nós já sobre os povos que tentassem sustentar uma lucta a favor dos rebeldes contra as nossas armas.

É tão vasto o que eu proponho e não tendo a pretenção que não possa soffrer modificações que sejam convenientes ao fim, que eu insto para que sobre o meu trabalho seja consultado o esclarecido o benemerito explorador Roberto Ivens.

Deus Guarde a V. Ex.ª, — Lisboa 28 de Maio de 1890. — Ill.ᵐᵒ e Ex.ᵐᵒ Sr. Secretario do Ministerio dos Negocios de Marinha e Ultramar. — (as) *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

Ill.ᵐᵒ Ex.ᵐᵒ Sr.—Em additamento á minha communicação de 27 de maio ultimo, julgo fornecer a V. Ex.ª neste momento alguns esclarecimentos de importancia com respeito ás missões estrangeiras evangelicas no Barotze e tambem auxiliado com umas vagas noticias que hontem tive de Benguella fazer alguma luz sobre os motivos que originaram o triste fim do nosso velho sertanejo Silva Porto, salvando a missão americana ao contrario do que em principio se propalou, ser a causa, não obstante poder ter sido o pretexto, mas por suggestões do joven missionario escocez M. Stanley Arnot—e não Arnold como diz o *Diario de Noticias* de hoje.

O acaso leva-me a esta conclusão, cujas deducções passo a explicar.

Recebendo hontem de Paris a moderna obra do antigo missionario Theopbilo Jousse de que fallava a V. Ex.ª na citada communicação sobre as referidas missões no Barotze—«*A missão no Zambeze*». Vejo que o missionario Coillard já proximo do Lialui Capital de Barotze, teve de suspender a sua marcha por causa da guerra contra o potentado Robosi (Liuanica) do qual esperava receber como resposta a uma carta que em tempo lhe enviara, esperando os mensageiros que deviam acompanhal-o á sua presença.

Escrevera-lhe Coillard, convencido que junto delle estaria o missionario escocez Arnot que annos antes se estebelecera ali a seu convite para instruir os seus filhos; porém este estava soffrendo muito de febre e porque não chegavam os recursos que esperava havia muito tempo, vivia já numa grande miseria.

Prevenido com antecedencia e muito em segredo que a revolução premeditada contra o Rei estava prestes a rebentar, a todo o custo tratou de se affastar do theatro dos successos onde sua vida corria risco sem beneficio para pessoa alguma. O estado de sua saude era tão mau e a falta de medicamentos tão completa que todos acharam natural que elle pedisse para retirar pelo Bié para a Costa-Occidental. É assim diz-nos Jousse que este corajoso servidor de Deus escapou a todos os riscos duma situação que não podia ser mais perigosa.

É preciso que V. Ex.ª saiba que no paiz dos Barotzes está estabelecido um commerciante inglez Westbeach. O principal estabelecimento deste, é em Patamatenga e proximo deste o missionario Coillard com grande desgosto, foi encontrar um florescente estabelecimento agricola dos padres jesuitas que se dividiam em campos de verdejante trigo e jardins horticolas. O chefe destes missionarios era o padre hollandez Kroot.

A descripção feita por Coillard dos estabelecimentos e pessoal compteto desta missão é na verdade para causar admiração; mas em extremo obsequiados por ella tanto Coillard como Jeanmairet que casou com a sobrinha delle que o acompanhava, quer V. Ex.ª conhecer como elle olhava aquella missão com respeito aos interesses da sua? transcrevo as proprias palavras:

«A partida definitiva dos padres jesuitas não é para contristar os nossos missionarios. O paiz é bastante grande para permittir as duas fracções da Egreja Christã trabalhar na civilisação dos Barotzes, todavia os attrictos são inevitaveis e sempre peniveis. Nós procedemol-os no Zambeze; já contavamos duas sepulturas quando elles chegaram a este paiz; não podemos deixar de louval-os pela resolução de nos deixar sós no campo do trabalho sobre o qual, tinhamos adquirido direitos de anterioridade.

Mais.

Fazendo analyse aos trabalhos daquelles missionarios que considerava de importantes e de invejar pelas commodidades de que se souberam rodear, commenta: seria uma explendida Estação se elles tivessem alguma obra a fazer aqui... mas que obra se pode fazer onde não ha população.

Estes senhores aprehendiam pelo roubo alguns conductores de caravanas e os creados que seguem seus amos nestas paragens, o que de certo é muito pouco.

Para nos mostrar a pouca importancia destes missionarios e o mal que o Rei dos Barotzes lhes queria basta ler este trecho de Jousse em que se conhece que no animo do Rei influira, o que este considera de bemquisto Arnot, o tal joven missionario escocez.

«Na ausencia de M. Arnot ninguem podia ler as cartas de M. Coillard que foram devolvidas, porem o mensageiro do Rei que as trouxera, deste trouxe as seguintes determinações: —

Se os jesuitas são os auctores da carta, o Rei permitte-lhes que vão buscar a bagagem que o anno passado deixaram na sua capital mas declara que não lhes prestará soccorros nem de homem nem de canôas, que vão lá com os carros. Se a carta é de M. Coillard então Mussala fica encarregado de o conduzir immediatamente á sua capital.

Note agora V. Ex.ª.

Na carta que hontem li de Benguella, affirma-se que este senhor Arnot que se estabeleceu ultimamente no Bié, estava junto do regulo e o havia presenteado por vezes sendo a ultima pouco antes dos factos que nós lamentamos se dessem no Bié, muito principalmente por causa da irreparavel perda daquelle esteio Silva Porto, que era na verdade um grande elemento de força que ali tinhamos.

Não ignora V. Ex.ª que a missão americana que sob a protecção de Silva Porto se mantinha no Bié, que préga contra as bebidas alcoolicas, como um dos principaes fins da sua seita, por fórma alguma podia convir aos interesses do missionario escocez Arnot que retirando do Lialui no Barotze, trabalhava de accordo com as missões evangelistas de Coillard, e pela sua influencia intrigante, fez retirar dali a missão jesuita de Kroot preparando o terreno para a entrada daquelle, o que se prova com as primeiras palavras de cumprimento do tal commerciante inglez Westbeach a Coillard: — «Todos os chefes no Barotze vos esperavam; eu procurando convencel-os que não estivessem impacientes tinha já perdido a esperança de vos vêr chegar por não comprehender a que attribuir tanta demora»,

Tambem não ignora V. Ex.ª que a missão americana no Bié, instruia os povos na lingua portugueza e mais radicava a nossa influencia entre elles ensinando-lhes a estimar os nossos Reis, as nossas auctoridades e a apreciar as nossas beneficas leis.

Decerto esta educação não podia convir á influencia do missionario escocez.

Conhecendo este por ultimo, dos preparativos da Expedição Couceiro para o Barotze, com receio de que a nossa influencia fosse destruir a dos missionarios de Coillard, facilmente frustrou a marcha dessa Expedição conseguindo que o regulo do Bié não fornecesse os carregadores que lhes eram necessarios, ou revogasse as ordens que nesse sentido tivesse dado. Por outro lado, uma vez em rebellião contra Silva Porto a quem fôra sempre submisso, a exigencia logo em seguida, para retirar o capitão Teixeira da Silva do Bailundo e a missão americana.

Creio pois justificar bem a origem dos desastres no Bié.

Agora as minhas aprehensões com respeito ao que disse na communicação de Maio, sobre as missões no Barotze.

O rei Liuanica desinvolve-se dum modo notavel; deixou de beber as medidas fermentadas pelo chá e café. [1] A eschola quotidiana conta setenta discipulos; dez jovens princezas a titulo de pensionistas são educadas a esperar-se no futuro resultado de bom exito.

Os missionarios occupam os pontos mais importantes e são estes missionarios além das familias Coillard e Jeanmairet, a familia Jalla, Dardier, Gay, Levi e Aron e ainda outros irmãos devotados á causa do Evangelho.

E quer V. Ex.ª saber como termina o missionario Jousse a sua narração sobre aquella missão no Alto-Zambeze?

---

[1] Em 1851 já Livingstone disse que do commercio portuguez de Benguella recebia o potentado dos Barotzes—cavallos, café, chá e biscoitos de que elle fazia uso frequente; portanto não é devido á missão que as bebidas de café e chá são adoptadas entre os Barotzes.

«O que a missão precisa são luctadores como Jacob, Moyses, Daniel e Jeremias!

«Humanamente falando a obra nos Barotzes é uma obra impossivel sem o sério concurso de orações. Que todos aquelles que contribuem com os seus dons para sustentar esta obra contribuam para o seu bom exito com ferventes orações feitas em commum ou em particular. Precisêmos nossos pedidos ao Senhor; lembremos-lhe suas promessas pedindo-lhe a força para cumprirmos as nossas; não lhe pedimos milagres para nos dispensar de cumprirmos com os nossos deveres.

«E como podemos nós duvidar da bondade de Deus e da sua fidelidade? Não tem Elle já correspondido ás nossas ferventes orações attrahindo a si esse Anguana Angombe, que espontaneamente depois duma predica sobre o Deus desconhecido pronunciou entre outras estas palavras: — *Sim eu sou o servidor do missionario, mas sou outra cousa ainda, sou eu crente. Eu estava perdido, Deus me salvou.* Orêmos para que este primogenito engrandeça e se fortifique e que bem depréssa novas conversões juntando-se a esta, possamos apontar nas margens do Zambeze uma Egreja do Senhor.»

Vé-se pois a persistencia com que estão trabalhando aquelles missionarios embora as muitas difficuldades num paiz em que os seus povos se encontram em guerras por causa do poder.

Póde V. Ex.ª agora avaliar se razão tinha quando disse que a nossa expansão pelo Barotze se vae tornando de dia para dia, ma s difficil.

Deus Guarde a V. Ex.ª Lisboa 11 de Junho de 1890. Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr. Secretario Geral do Ministerio dos Negocios da Marinha e Ultramar (as.) *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

*

* *

Logo que se me proporcionou o ensejo, officialmente, mostrei a inconveniencia de nas cartas de Africa nacionaes se ver excluida das possesões portuguezas no occidente a região da Lunda depois de eu ter em nome do Governo de Sua Magestado feito construir Estações de occupação portugueza entre o 7.º e 9.º graus de lat. a Sul do Eqr. do Cuango ao Lubilachi, segundo o nosso antigo uso de patrulhas na provincia de Angola e estar em Malanje esperando pelas auctoridades e forças que o Governo mandasse para essas Estações, uma embaixada dos diversos potentados da Lunda que as desejavam por reconhecerem a Soberania de Portugal e nesta confiarem para cessarem as gazivas dos Quiocos ás povoações do Muatiânvua, gazivas animadas pelos traficantes dos mercados de escravatura nos territorios do Estado Livre do Congo que compravam por bom preço de marfim a gente que os mesmos Quiocos (os do sul) lhes levavam pelo paiz do Samba a leste do Muatiânvua.

Attenderam os Srs. Ministros da Marinha e dos Estrangeiros de 1889, aos meus argumentos e reclamações judiciosas providenciando para que regressasse aquella embaixada devidamente acompanhada por uma nova expedição portugueza cujas instrucções ao chefe o Sr. Simão Candido Sarmento, ministradas pelo Governador Geral, como não podiam deixar de ser na parte politica, eram as mesmas que me foram confiadas pelo Governo de Sua Magestade em 1884; e ainda mais determinando que na nova carta de Angola que estava sendo confeccionada na repartição competente, respeitando-se os limites da possessão do Estado Livre do Congo reconhecido pe-

las potencias signatarias do Acto Geral da Conferencia de Berlim fosse até ahi considerada a grandeza territorial da nossa provincia, o que nunca nos fôra contestado.

Quando em janeiro do corrente anno, appareceu a publica o grande mappa de Africa da benemerita e muito patriotico commissão da defeza do paiz, pedi á mesma commissão para que fizesse corrigir aquelle mappa encorporando na provincia de Angola os territorios do Muatiânvua que eram portuguezes de facto depois dos meus trabalhos pelos quaes de 1885 em deante, deixaram de ser considerados apenas como territorios da nossa espanção.

Como se suscitassem duvidas no seio da commissão em tomar tal responsabilidade porque as Cartas officiaes até então, ainda não haviam considerado esses territorios senão sob nossa influencia; protestei na imprensa periodica contra aquella exclusão porquanto já cartas estrangeiras modernas e auctorisadas os reconheciam como fazendo parte da nossa provincia de Angola.

O que eu esperava, como provam os documentos que constituem a ultima parte desta minha memoria que são as consultas e propostas que durante o tempo que tenho estado em Lisboa, tenho appresentado aos diversos Ministros que teem dirigido os negocios coloniaes, deu-se agora; appareceu o Estado livre depois de conhecidas as bazes do ultimo tratado de limites das nossas possessões com a Grã-Bretanha a *querer apossar-se* daquelles territorios sem que possa allegar sequer que os seus agentes passassem para o sul do 6.° grau, nem para áquem do meridiano 24.°

E hoje suprehende-me que tal incidente já chegasse ao ponto de notificações e que os administradores do novo Estado africano, não queiram desistir do intento da encorporação da Lunda como 12.° districto da sua possessão e levem as

suas pretenções a submetter este assumpto á arbitragem do conselho da Confederação helvetica.

Como na questão da partilha politica do Continente africano, as potencias que nella procuram interessar tudo procurem confundir e barulhar, destruindo-se os bons titulos de posse para os substituir por uns que se imaginam e forjam no momento preciso; cumpre-me nesta minha Memoria deixar registada a mensagem que em maio deste anno enviei á benemerita Sociedade de Geographia de Lisboa, sollicitando-lhe um logar nas suas salas para o testemunho de todos os meus trabalhos nos Estados do Muatiânvua:— a bandeira de Portugal — que sempre me guiou em todos os meus passos naquelles Estados e sempre procurei honrar e não viu sequer uma de outra nação; — antes á sua sombra deu ella passagem franca e livrecomo já disse, a um missionario estrangeiro o fallecido dr. Summers pelas terras do Muatiânvua para a possessão do Estado Livre, que além de a hastear, se naturalisou portuguez, como provam os documentos que se seguem á mensagem e com que findo esta Memoria.

A Sociedade de Geographia de Lisboa

Ill.mo Ex.mo Sr. Presidente — Representa a Sociedade de Geographia de Lisboa para todo o paiz, como para todas as Sociedades e Academias estrangeiras, a perpetuadora das nossas conquistas passadas, a mantenedora dos nossos triumphos e das nossas glorias de seculos, a citadora dos nossos direitos e a incitadora no proseguimento da grande obra de civilisação começada por Portuguezes ha tantos seculos e tão gloriosamente affirmada nos tempos modernos pelo seu influxo.

Ha na sua grandiosa e elevada missão, sempre sincera e

sempre portugueza, a consubstanciação da divisa do grande navegador de Sagres; —*talent de bien faire.*

Mas para nós os africanistas, para nós os que temos crenças firmes e enthusiastas pelo engrandecimento da patria, representa a nossa Sociedade mais alguma cousa ainda do que isso: representa para nós e resume em si, o grande, o sublime ideal da—patria! e da familia!

Nas horas acerbas da lucta, em que mais fundo cava entre nós o desanimo;—nas agruras do trabalho, longe da civilisação e da luz; nas asperezas que a cada passo se levantam, em meio da nossa tarefa, sem o affecto dos nossos, sem noticias da patria, sem crenças pelo dia de ámanhã, sem o apêrto de mão dos amigos, sem o sorriso dos filhos, cujo nome procuramos legar-lhes honrado e honroso; quando minados pela febre que nos devora e pela desesperança que nos intibia as forças e tenta prostrar-nos e quiçá inutilisar-nos as crenças e as ambições;—nestes momentos tremendos e angustiosos está ella comnosco! temos a certeza de que ella tem os olhos volvidos para o filho que vai perdido por entre mattas selvagens, onde parece que a vida tem de terminar para nós! e tanto basta para que o desanimo desappareça! e tanto basta emfim, para que nos lembremos de que alguem de longe nos diz—caminha Portuguez! levas comtigo a honra do paiz e a honra desta sociedade que nem um minuto te abandona e que, com os olhos fitos no mappa d'Africa sente a tua agonia e a busca minorar!

Está pois na benemerita Sociedade, que vós, ex.^mo^ sr. presidis com tanta distincção e tanta hombridade, tudo o que para nós é grandioso, sublime e incitador!

Sois como que a mãe que sentada á cabeceira do filho estremecido, não sente as fadigas proprias, não pensa nas dores que a cada minuto lhe esphacellam a alma, e cuja ambição

unica é salvar, é vêr esboçar em um sorriso os labios daquelle por quem ella pulsa, vive e crê.

Não ha então esforço que custe! sacrificio que não seja facil! esperança que não sorria! desconforto que nos desalente!

Sou eu, ex.^{mo} sr., um dos trabalhadores, decerto o mais modesto, de quantos a nossa sociedade tem acompanhado por Africa; mas sou decerto tambem aquelle que se sentia sempre seguido e vigiado por ella, e em quem a gratidão e admiração pelos seus valiosos serviços, tem sido sempre uma ideia fixa, nem um momento affrouxada!

Trago-vos hoje, ex.^{mo} sr. um penhor dessa gratidão, o mais grandioso para vós e para corações portuguezes. Trago-vos ex.^{mo} sr. e na vossa honrada mão o entrego para que vos digneis conceder-me a honra de o confiar á guarda da nossa benemerita sociedade, um farrapo, e nesse farrapo, não polluido por uma deslealdade, não manchado por uma aggressão torpe, não abatido nunca deante de ninguem, a bandeira da querida patria que levou a minha Expedição á Mussumba do Muatiânvua, que foi nossa companheira e nosso guia em territorios seus, onde se arvorou sempre pela causa do bem e da civilisação; o farrapo que seria a minha mortalha, como foi o alvo a que visaram todos os meus trabalhos e estudos.

Esta bandeira á sombra da qual foram salvos milhares de Lundas de serem vendidos como escravos pelos Quiocos ás hordas do Tippo-Tib que os buscam pelos confins a leste dos territorios do Muatiânvua, pela primeira vez fluctuou na Mussumba do Calânhi durante o mez de Junho de 1866,—dahi regressou á Estação Portugueza Conde de Ficalho na margem do Chiumbue protegendo a marcha de 180 homens da côrte do Muatiânvua com suas familias por entre povoações de Quiocos hostis e ahi, volveu comigo, protegendo essa mesma comitiva e outras tambem de Lundas que para lá queriam se-

guir, então pelas terras de Mataba não devassadas por europeus, cujos povos estavam em guerra declarada com os de além do Cassai—e tornou a fluctuar naquella e na Mussumba visinha do Luambata, desde 30 de Dezembro desse anno, até 13 de Junho de 1887.

Só vós, só a benemerita Sociedade avalia quanta recordação ella póde ter para mim; quantas vezes me pareceu lêr nella, de commum com a ideia da patria, o lemma da Sociedade de Geographia de Lisboa; só vos sabeis e eu vol-o asseguro aqui, que vol-a entrego immaculada, e, apenas esfarrapada pelas asperezas do caminho percorrido e intensas inclemencias meteorologicas a que esteve sempre exposta nos quarenta e dois mezes que ella velou por mim e pelos meus companheiros e nos guiou.

Deixai, ex.mo sr., que eu aspire e sollicite o vosso influxo, para que me não seja negada essa honra.

Deixai que, embora não ensarilhasse ainda as armas do trabalhador africano, eu tenha a certeza de que um dia poderá meu filho vir reverente e respeitoso a esta Sociedade, vêr esse pendão que lhe seja exemplo ao mesmo tempo da honra e do trabalho e o incite a respeitar e servir a Sociedade de Geographia de Lisboa com a lealdade, com a admiração e com o respeito e honra, com que tenho procurado até hoje servir a nossa Sociedade que o mesmo é, servir a nação!

Quando de todo se perder a memoria do soldado,—fique para a patria o testemunho vivo de que elle implantou essa gloriosa bandeira em terras portuguezas lá no centro do continente africano e que dahi a trouxe como a levou — honrada.

Sala das Sessões da Sociedade, 9 de Junho de 1890. — O Socio, *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

CARTAS DO DR. SUMMERS

June-24-1888.

My dear Marcos.

The flag to hand. Thanks for this and for all your kindnesses. Please to remember me to all the friends whom I had not time to call upon before I left Malange on account of my call to poor Manoel.

In friendship and respect
I remain
Yours truly

Marcos Zagury Esq.

W. R. Summers.

Catalla June 29 1888.

My dear Marcos.

Still at this place. My carriers who had my maps, papers etc got «Stuck» on the road, so gave no opportunity of writing that paper for the Geographical Society of Lisbon, but I'll arrange it in time for yon to send it next post.

My health is good, and spirits good, I am in need of one thing, and that is one or two carriers more.

Germano has not arrived yet. His carriers are here withont rations.

Will you kindly to go at the residence of chief for my letters, and also at the mission for letters etc and whatever there is give it to the portador Antonio to bring back here.

Remember that coat?
Yours for Africa

Marcos Zagury Esq.

W, R. Summers.

INDICE-SUMMARIO

Argumentos que refutam a asserção do jornal *L'Indépendence Belge* de Bruxellas no seu artigo *Affaires du Congo* em 10 de Agosto de 1890........................... 1 a 10

Limites fixados na Conferencia de Berlim em 14 de fevereiro de 1885 para o Estado Livre do Congo, que se creou nessa conferencia.............................. 10 a 15

Os territorios do Muatiânvua tornaram-se duma effectiva expansão dos Portuguezes desde 1843 até esta data, os exploradores allemães de 1877 a 1884 o confirmam...... 15 a 25

Os dominios do Estado do Muatiânvua já indevidamente foram cortados pelos limites que se fixaram na Conferencia de Berlim para o Estado Livre............. ..... 25 a 29

A Expedição Portugueza ao Muatiânvua 1884-1888 nas terras dos Capendas, margem direita do Cuango, estabelece a sua Estação e celebra o seu 1.º Tratado com os potentados, nomeia delegado do Governo de Angola naquella região a José Antonio de Vasconcellos. ..... 28 a 43

Communicação a S. Ex.ª o Sr. Ministro sobre o modo de ver do chefe da Expedição com respeito ao valle de Camau e suggerindo como tornar já effectiva a occupação por parte de Portugal sobre os dominios dos Capendas 2 de Julho de 1855................................. 43 a 56

Nacessidade de fazer occupar as Estações que a Expedição ia deixando levantadas entre os povos e a seu contento. 56 a 57

Communicação a S. Ex.ª o sr. Ministro, mostrando esta necessidade e a resolução tomada pelo chefe de se demorar, assumindo o encargo de Residente politico tomando posse dos territorios cujos potentados reconhecem a Soberania de Portugal, aguardando as determinações do Governo, 6 de agosto de 1885..................... 57 a 61

Officios de Capenda Camulemba ao Chefe da Expedição insistindo para que o governo de Sua Magestade Fidelissima tome posse dos seus dominios sujeitos á Soberania de Portugal reconhecida entre os Capendas desde 1852 61 a 69

Na margem do Cuilu, Estação Cidade do Porto, encontra a Expedição em viagem para a Mussumba, o Muatiânvua eleito...... .... 69 a 71
No Caungula, Estação Luciano Cordeiro, sua inauguração, reconhecimento da Soberania de Portugal, sua antiga influencia entre os povos de Caungula, 31 de outubro de 1885.. 69 a 94
A Expedição protege filhos do Congo que encontra nús e esfomeados e exerce a necessaria influencia para que se lhes faça a justiça que pedem....... .... 94 a 99
Communicação a S. Ex.ª o sr. Ministro, em que se prova a influencia de Portugal, salvando da pena de morte um assassino, 3 de dezembro de 1885.................. 99 a 113
Communicação a S. Ex.ª o sr. Ministro em que se manifesta a influencia de Portugal, conseguindo que se fizessem as pazes entre os povos de Cuangula e os Quiocos que cercavam os seus dominios, 18 de dezembro de 1885 . 113 a 131
Correspondencia trocada com o rei do Congo, cujo fim principal era a garantia dum bom caminho ao commercio do norte da provincia de Angola para o Cuangula por Muene Puto Cassongo.................................... 131 a 135
Communicação a S. Ex.ª o sr. Ministro, a Expedição salva duas victimas da pena de morte, circumstancias anormaes alem do Cassai, guerra.......................... 135 a 139
Na margem do Chicapa, gréves dos carregadores, convenções com os Quiocos a que se sujeita o Muatiânvua eleito por influencia do chefe da expedição em vista do mau resultado daquellas guerras para os seus dominios, 10 de janeiro de 1886.......................... 139 a 147
Na margem do Chiumbue, communicação a S. Ex.ª o sr. Ministro, a influencia portugueza faz-se sentir em todas as questões entre os Quiocos e os povos do Muatiânvua, commercio, o chefe da Expedição consegue fazer indemnisar os negociantes de differentes proveniencias de roubos e expoliações, 28 de fevereiro de 1886..... 147 a 166
Communicação a S. Ex.ª o sr. Ministro, os bons resultados de diversas diligencias da Expedição a grandes distancias da sua Estação Conde de Ficalho, embaixadas de differentes potentados quiocos...................... 166 a 185
Carta ao potentado Quissengue, 6 de abril de 1886...... . 185 a 186
Communicação a S. Ex.ª o sr. Ministro, embaixada de Lundas a Loanda, o que pertende o Muatiânvua eleito e a côrte, auto de noticia do pedido da embaixada para que o Governo de Sua Magestade faça occupar os territorios do Muatiânvua considerando-os portuguezes, nota dos pedidos que faz o Muatiânvua e os potentados que o acompanham, resposta do Governador Geral de Angola....... .... 186 a 304
Resgate da faca do poder de Quissengue................ 204 a 208
Nomeação do potentado quiôco Mona Congolo, honras de Capitão, das companhias moveis de Angola, 9 de junho de 1886.. 208 a 210

Idem do Camba Canzari, alferes, 9 de junho de 1886...... 210 a 211
Idem do Ambaquista João da Silva, tenente e delegado do governo de Angola na margem do Chiumbue povoação de seu sogro Quipoco, 19 de junho de 1886.......... 211 a 215
Idem do Muanangana Xa Cumba, Capitão, 20 de junho de 1886.. 212 a 213
Resposta de Quissengue á carta do chefe da Expedição.... 213 a 214
Na margem do Cachimi affluente esquerdo do Luembe, Estação Serpa Pinto, Capello e Ivens, Communicação a S. Ex.ª o sr. Ministro, os negocios dos Matabas, os da Côrte (Mussumba) mandam accompanhar a diligencia da Expedição que lá foi, com 60 homens armados e familias, carta de Manuel Correia da Rocha, asseverando que os da Côrte esperam anciosos o Muatiânvua eleito, chegada do potentado Quissengue com o seu sequito para convencionar com o Chefe da Expedição sobre o resgate da faca e os negocios do Muatiânvua, 20 de agosto de 1866.................................. 214 a 224
Auto do pedido de Quissengue para firmar um Tratado, reconhecendo a Soberania de Portugal e Tratado, anctorisação para usar da bandeira portugueza, 20 de setembro de 1886.. 224 a 230
Auto da declaração de Caungula de Mataba para ser incluido no Tratado feito por seu irmão o Caungula Xa Muteba (margem do Lôvua) 10 de setembro de 1886..... 230 a 231
Communicação a S. Ex.ª o sr. Ministro, resultado das convenções entre os Quiôcos e o Muatiânvua eleito, resgate da faca, a Lunda aquem do Cassai recobra a sua independencia dos Quiôcos no 1.º de Setembro de 1886, convenções com os potentados de Mataba, retirada dos Quiôcos, preparativos de proseguir a viagem por terras dos Matabas, 1 de outubro de 1886....... 231 a 252
Incidente que obriga o Muatiânvua eleito a suspender a viagem para a Mussumba, regresso a Malanje do grosso da Expedição, avança o chefe com um pequeno pessoal e sem recursos, 17 de novembro de 1886.. 252 a 274
Em Mataba, Estação Julio de Vilhena, Tratado com o potentado.. 274 a 281
Nomeação de Muanangana Chibeu, honras de Capitão das companhias moveis de Angola, 8 de dezembro de 1886 281 a 282
No Luambata, junto á Mussumba do Calanhi, communicação a S. Ex.ª o sr. Ministro, convenções com o Muatiânvua interino e côrte, entrega dos presentes, Tratado, circumstancias anormaes, retirada dos Lundas perante os Quiôcos, influencia da bandeira portugueza protegendo milhares de Lundas das gazivas dos Quiôcos, 1 de fevereiro de 1887.... .... 283 a 321
Communicação a S. Ex.ª o sr. Ministro, voltam os Lundas, entrevistas, propostas, novo Muatiânvua interino que ratifica o Tratado com a Côrte, motivo imperioso da demora da Expedição, 28 de fevereiro de 1886....... 321 a 334

A epidemia da variola ainda foi motivo de demora, principia a viagem de regresso em 13 de junho de 1887..... 333 a 335
Communicação a S. Ex.ª sr. Ministro, ultimos pedidos do Muatiânvua e da Côrte, novas tentativas para o Chefe da Expedição assumir o encargo de governar o Estado do Muatiânvua em nome do governo de Sua Magestade, aguardando as suas resoluções, emissarios que accompanham o chefe para se encorporarem a uma embaixada de Ianvo Muatiânvua eleito a Loanda pedindo ao Governador geral que mandasse occupar os territorios do Estado, Muene Casse, chegada ao Cassai. 1 de julho de 1887.................................... 335 a 339
Do rio Cassai ao Caungula (Estação Luciano Cordeiro) convenções com o potentado de Mataba e o potentado quiôco Caromanho, novos emissarios, embaixada que accompanha a Expedição a Loanda, chegada a Malanje. 340 a 343
Auto da apresentação na administração do Concelho de Malanje dos Ambaquistas, suas familias e Lundas que vieram com a Expedição, 3 de novembro de 1887.... 343 a 347
Nomeação dos Ambanzas Quinguiri, honras de Capitão das companhias moveis de Angola, e do Angonga, alferes 347 a 349
Officio do Governo Geral de Angola a S. Ex.ª o sr. Ministro sobre o pedido da embaixada do Muatiânvua......... 349 a 350
Apendice, sua justificação.............................. 353 a 354
Communicação a S. Ex.ª o sr. Ministro, mostrando a urgencia de serem aproveitados os trabalhos da Expedição, ambições do Estado Estado Livre, risco que corre a provincia de Angola, não procurarmos manter a integridade dos territorios do Muatiânvua, 15 de junho de 1888. 354 a 361
Communicação a S. Ex.ª o sr. Ministro, necessidade de um governo districtal no planalto de Malanje e de missões além do Cuango, 19 de junho de 1888............... 361 a 368
Á Direcção dos Negocios do Ultramar, indicações para as missões do Rev. Padre Campana nos territorios do Muatiânvua, 4 de maio de 1889.................... 368 a 371
Proposta, occupação dos territorios de Muene Puto Cassongo e indicações praticas para immediatamente se fazer essa occupação, 18 de abril de 1890....... ...... 371 a 382
Proposta, occupação dos territorios dos Capendas (Xinjes). 382 a 000
Localidade de urgencia a occupar desde já, varios alvitres para o desenvolvimento da colonisação europea em Malanje...... .... 387 a 404
Informações sobre o Bié e Barotze, additamentos a communicação anterior....... .... 404 a 411
Reclamações contra a excluzão dos territorios do Muatiânvua dos nossos dominios nas cartas portuguezas da Africa .... 411 a 414
Mensagem á Sociedade de Geographia de Lisboa.......... 414 a 417
Cartas do fallecido dr. Summers, a bandeira a que se refere é a portugueza, e os papeis, os documentos para o pedido da nua naturalisação em cidadão portuguez...... 418